

BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN  
FOLLETT

O VALE DOS  
CINCO LEÕES



 EDITORIAL PRESENÇA



BESTSELLER INTERNACIONAL

KEN  
FOLLETT

O VALE DOS  
CINCO LEÕES



 EDITORIAL PRESENÇA

# KEN FOLLETT

## O VALE DOS CINCO LEÕES

Tradução de  
Luís Silva dos Santos

 EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA **TÍTULO ORIGINAL: *LIE DOWN WITH  
LIONS* AUTOR: *KEN FOLLETT***

Copyright © 1985 by Ken Follett

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Luís Silva dos Santos* Revisão: *Florabela Barreto/Editorial Presença* Imagem da capa: *Karina Vegas/Arcangel* Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença* Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição em papel, Lisboa, julho, 2017

Reservados todos os direitos

para a língua portuguesa (exceto Brasil) à EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

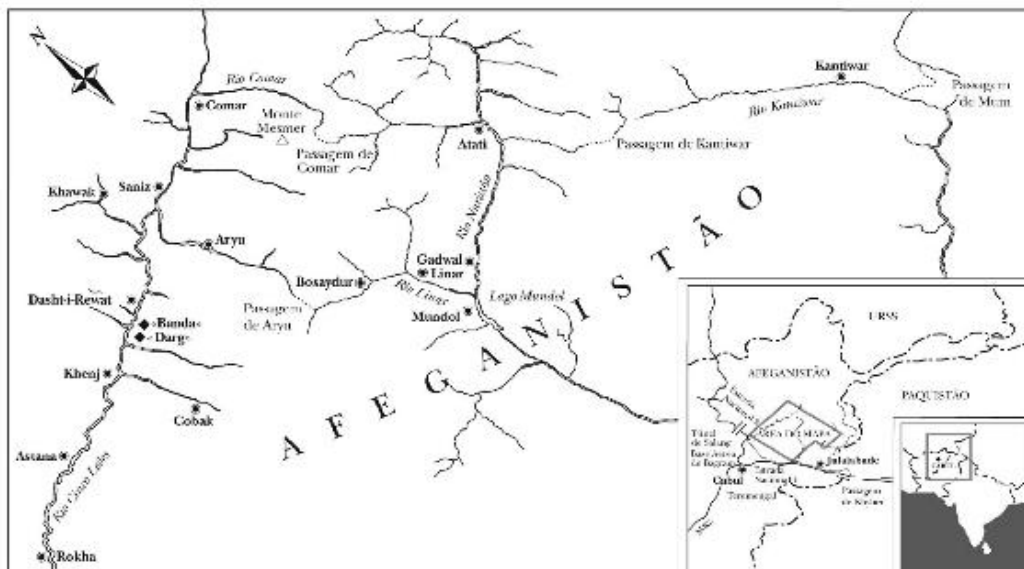
Queluz de Baixo

**2730-132 Barcarena**

[info@presenca.pt](mailto:info@presenca.pt)

[www.presenca.pt](http://www.presenca.pt)

*Para a Barbara*



# PRIMEIRA PARTE

1981



# CAPÍTULO 1

Os homens que queriam matar Ahmed Yilmaz eram pessoas determinadas. Estudantes turcos exilados, a viver em Paris, já tinham assassinado um adido da embaixada turca e tinham colocado uma bomba incendiária na casa de um alto executivo da Turkish Airlines. Escolheram Yilmaz como próximo alvo porque ele era um abastado apoiante da ditadura militar e porque, muito convenientemente, vivia em Paris.

A sua casa e escritório estavam bem guardados e a limusina *Mercedes* era blindada, mas os estudantes estavam convencidos de que todos os homens têm alguma fraqueza, e essa geralmente é o sexo. No caso de Yilmaz estavam certos. Duas semanas de vigilância discreta revelaram que Yilmaz saía de casa duas ou três noites por semana, ao volante da carrinha *Renault* que os empregados usavam para ir às compras, e se dirigia a uma rua secundária no Décimo Quinto Bairro para visitar uma bela e jovem turca que estava apaixonada por ele.

Os estudantes resolveram colocar uma bomba no *Renault* enquanto Yilmaz estava na cama com a amante.

Sabiam onde conseguir os explosivos: através de Pepe Gozzi, um dos muitos filhos do padrinho corso Meme Gozzi. Pepe era traficante de armas. Estava disposto a vendê-las a qualquer um, mas preferia clientes do tipo político, porque, como ele mesmo admitia alegremente, «os idealistas pagam melhor». Já ajudara os turcos nos seus dois anteriores atentados.

Havia um senão no plano de instalar a bomba no carro. Geralmente, Yilmaz saía sozinho do apartamento da rapariga... mas nem sempre. Às vezes levava-a a jantar fora. Com frequência, ela pegava no carro e voltava meia hora depois com pão, fruta, queijo e vinho, obviamente para um jantar íntimo. Noutras ocasiões, Yilmaz voltava para casa de táxi e deixava o carro com a rapariga um dia ou dois. Os estudantes eram românticos, como todos os terroristas, e estavam relutantes em correr o risco de matar uma bela mulher cujo único crime, facilmente perdoável, era o de amar um homem que não a merecia.

Discutiram o problema de forma democrática. Tomavam todas as decisões mediante votação e não reconheciam nenhum líder; mesmo assim, havia entre eles um cuja forte personalidade o tornava dominante. Chamava-se Rahmi Coskun e era um jovem bonito e fegoso, com um grande bigode e o brilho nos olhos de quem estava destinado à glória.

Graças à sua energia e determinação levaram-se a cabo os dois projetos anteriores, apesar dos problemas e riscos que acarretavam. Rahmi propôs consultarem um especialista em bombas.

De início, os outros não gostaram da ideia. Em quem poderiam confiar?, perguntaram. Rahmi sugeriu Ellis Thaler. Era um americano que se considerava poeta, mas que na verdade ganhava a vida a dar aulas de inglês e aprendera tudo sobre explosivos enquanto soldado no Vietname. Rahmi conhecia-o há cerca de um ano; os dois tinham trabalhado juntos num jornal revolucionário de vida curta, chamado *Chaos*, e organizado uma noite de poesia com a finalidade de angariar fundos em benefício da Organização para a Libertação da Palestina. Ellis parecia compreender a fúria de Rahmi em relação ao que se estava a fazer à Turquia e o seu ódio pelos bárbaros responsáveis. Alguns dos outros estudantes também conheciam Ellis superficialmente; ele participara em diversas manifestações e supunham-no um estudante ou um jovem professor. Ainda assim, estavam relutantes em admitir na conspiração alguém que não era turco; mas Rahmi insistiu e por fim os outros consentiram.

Ellis ofereceu prontamente uma solução para o problema: a bomba seria acionada via rádio. Rahmi sentar-se-ia a uma janela em frente do prédio da rapariga ou num carro estacionado, de olho no *Renault*. Teria na mão um pequeno transmissor de rádio, do tamanho de um maço de tabaco — semelhante aos usados para abrir portas automáticas de garagem. Se Yilmaz entrasse sozinho no carro, como quase sempre acontecia, Rahmi premiria o botão do transmissor, e um sinal de rádio ativaria um interruptor na bomba, que seria então armada e que explodiria assim que Yilmaz ligasse o motor. Mas se fosse a rapariga a entrar no carro, Rahmi não premiria o botão e ela poderia afastar-se numa abençoada ignorância. A bomba não ofereceria qualquer perigo enquanto não fosse armada.

— Se ninguém mexer no transmissor, não há explosão — garantiu Ellis.

Rahmi gostou da ideia e perguntou se Ellis estaria disposto a colaborar com Pepe Gozzi no fabrico da bomba.

— Claro — respondeu Ellis.

Havia, porém, mais um senão.

— Tenho um amigo que quer conhecer-vos aos dois, Ellis e Pepe — disse Rahmi. — Para ser franco, ele *tem* de vos conhecer, caso contrário a operação está cancelada; é esse amigo que nos dá o dinheiro para os explosivos, os carros, os subornos, as armas e tudo o resto.

— Porque quer ele conhecer-nos? — indagaram Ellis e Pepe.

— Quer ter a certeza de que a bomba vai funcionar e quer saber se pode confiar em vocês — explicou Rahmi, em tom de desculpa. — Só precisam de lhe mostrar a bomba e de lhe explicar como funciona, apertar-lhe a mão, deixá-lo olhar-vos nos olhos. É pedir de mais, tratando-se do homem que torna tudo possível?

— Por mim pode ser — disse Ellis.

Pepe hesitou. Queria o dinheiro que ganharia na operação — queria sempre dinheiro, como os porcos querem sempre a gamela —, mas detestava conhecer pessoas novas.

Ellis argumentou.

— Ouve, estes grupos de estudantes florescem e morrem como mimosas na primavera, e não tarda muito para que Rahmi saia de cena. Mas, se conheceres o «amigo», então poderás continuar a fazer negócios mesmo depois de Rahmi desaparecer.

— Tens razão — concordou Pepe, que não era um génio mas conseguia compreender os princípios gerais das coisas, se lhe fossem explicados com simplicidade.

Ellis comunicou a Rahmi que Pepe aceitara, e Rahmi marcou o encontro entre os três para o domingo seguinte.

Ellis acordou naquela manhã na cama de Jane. Acordou abruptamente, sentindo-se assustado, como se saísse de um pesadelo. Lembrou-se um momento depois do motivo por que estava tão tenso.

Olhou para o relógio. Ainda era cedo. Reviu mentalmente o plano. Se tudo corresse bem, aquele dia seria a conclusão triunfante de mais um ano de trabalho paciente e cuidadoso, e poderia partilhar o triunfo com Jane, se ainda estivesse vivo ao fim do dia.

Virou a cabeça para a observar, mexendo-se devagar para não a despertar. O seu coração bateu mais depressa, como sempre acontecia quando lhe via o rosto. Ela estava deitada de barriga para cima, o nariz arrebitado a apontar para o teto, o cabelo escuro espalhado pela almofada como as asas abertas de um pássaro. Ellis contemplou a boca generosa, os lábios cheios que o beijavam com tanta frequência e com tanto ardor. O sol da primavera revelava a penugem loura nas suas faces — a sua barba, dizia ele, quando queria provocá-la.

Era um deleite excecional vê-la assim, em repouso, o rosto descontraído e sem qualquer expressão. Normalmente era animada — ria, franzia a

testa, fazia caretas, demonstrando surpresa, ceticismo ou compaixão. A expressão mais comum era um sorriso malicioso, como o de um rapazinho travesso que acaba de pregar uma partida particularmente marota. Só quando dormia ou se concentrava em algum pensamento é que ficava assim; contudo, era como ele mais a amava, pois agora, quando se mostrava indefesa e desinibida, a sua aparência insinuava a sensualidade lânguida que ardia logo abaixo da superfície, como um fogo subterrâneo, lento e quente. Quando a via assim, as suas mãos ansiavam tocá-la.

Isso surpreendera-o. Quando a conhecera, pouco depois de chegar a Paris, Jane parecera-lhe a ativista típica que se encontrava sempre entre os jovens e os radicais nas grandes cidades, a presidir a comités e a organizar campanhas contra o *apartheid* e a favor do desarmamento nuclear, a liderar marchas de protesto por El Salvador e pela contaminação das águas, a angariar dinheiro para a população faminta do Chade e a tentar promover um jovem e talentoso cineasta. As pessoas sentiam-se atraídas pela sua beleza, cativadas pelo seu encanto e contagiadas pelo seu entusiasmo. Ellis saíra com ela algumas vezes, apenas pelo prazer de ver uma mulher bonita devorar um bife; e depois — nunca conseguia lembrar-se exatamente de como acontecera — descobrira que dentro daquela rapariga excitante havia uma mulher ardente, e apaixonara-se por ela.

Os seus olhos percorreram o pequeno apartamento. Contemplou com satisfação os objetos pessoais familiares de Jane que marcavam o lugar como seu: um belo candeeiro feito com uma pequena jarra chinesa; uma estante com livros sobre economia e pobreza mundial; um sofá grande e macio, onde uma pessoa podia afundar-se; uma fotografia do pai, um homem bonito num jaquetão, provavelmente tirada no início dos anos sessenta; uma pequena taça de prata que conquistara com o seu pônei *Dandelion*, dez anos antes. *Ela tinha então treze anos*, pensou Ellis, *e eu, vinte e três; enquanto ela ganhava provas com o pônei em Hampshire, eu estava no Laos, a instalar minas antipessoais no Trilho de Ho Chi Minh.*

Quando conhecera o apartamento, quase um ano antes, Jane acabara de se mudar para lá, vinda dos subúrbios, e aquele era então bastante espartano: uma pequena assoalhada num sótão, com uma cozinha enfiada numa alcova, um chuveiro num roupeiro e uma sanita do outro lado do vestíbulo. Aos poucos, ela transformara uma mansarda sombria num ninho aconchegante. Ganhava um bom ordenado como intérprete, traduzindo do francês e do russo para inglês. Porém, a renda também era alta — o

apartamento ficava perto do Boulevard St. Michel —, por isso tivera cuidado com as compras, poupando o dinheiro para a mesa de mogno certa, a cama antiga e o tapete de Tabriz. Era aquilo a que o pai de Ellis chamaria «uma mulher de classe». *Vais gostar dela, pai*, pensou Ellis. *Vais ficar louco por ela*.

Virou-se de lado, ficando de frente para ela, e o movimento despertou-a, como ele sabia que aconteceria. Os enormes olhos azuis de Jane contemplaram o teto por uma fração de segundo, depois ela fitou-o, sorriu e aninhou-se nos seus braços.

— Olá — murmurou Jane, e ele beijou-a.

Sentiu uma ereção no mesmo instante. Continuaram assim, como estavam, enlaçados, meio adormecidos, beijando-se de vez em quando; depois, Jane passou uma perna por cima das ancas de Ellis e começaram a fazer amor, languidamente, sem falar.

Quando se tinham tornado amantes e começaram a fazer amor de manhã e à noite, e muitas vezes a meio da tarde também, Ellis partira do princípio de que aquela paixão não duraria muito e que, ao fim de alguns dias, talvez umas poucas semanas, a coisa deixaria de ser novidade e passariam para a média estatística de duas vezes e meia por semana ou coisa do género. Mas enganara-se. Um ano depois, ainda faziam amor como se estivessem em lua de mel.

Jane estendeu-se por cima de Ellis, deixando que todo o seu peso repousasse no corpo dele. A sua pele húmida colava-se à dele. Ellis abraçou o seu corpo pequeno enquanto a penetrava ainda mais fundo. Ela sentiu que o orgasmo de Ellis se aproximava, levantou a cabeça e fitou-o, depois beijou-o com a boca aberta, enquanto ele se vinha dentro dela. No instante seguinte, ela soltou um gemido baixo e estridente, e Ellis sentiu-a a vir-se, um orgasmo prolongado, suave e ondulado digno de uma manhã de domingo. Ela continuou por cima dele, ainda meio adormecida. Ellis afagou-lhe os cabelos.

Ao fim de algum tempo, ela mexeu-se.

— Sabes que dia é hoje?

— Domingo.

— É o teu domingo de fazer o almoço.

— Não me esqueci.

— Ótimo. — Houve uma pausa. — O que vais fazer?

— Bife, batatas, ervilhas, queijo de cabra, morangos com *chantilly*.

Jane levantou a cabeça, a rir.

— Fazes sempre isso!

— Nem sempre. Da última vez comemos feijão-verde.

— E na vez anterior esqueceste-te, e por isso fomos comer fora. Não achas que devias variar um pouco?

— Ei, espera aí. O combinado foi que cada um faria o almoço em domingos alternados. Ninguém disse coisa alguma sobre fazer um almoço *diferente* de cada vez.

Ela tornou a tombar para cima dele, simulando derrota.

O trabalho daquele dia estivera sempre num canto da mente de Ellis. Precisaria da ajuda inconsciente de Jane, e aquele era o momento de a pedir.

— Tenho de me encontrar com o Rahmi esta manhã — começou ele.

— Está bem. Encontro-me contigo depois, no teu apartamento.

— Há uma coisa que podias fazer por mim, se não te importares de chegar lá um pouco mais cedo.

— O que é?

— O almoço. Não! Não! Estava a brincar. Quero a tua ajuda numa pequena conspiração.

— Continua.

— O Rahmi faz anos hoje e o seu irmão Mustafa está em Paris, mas ele não sabe. — *Se tudo correr bem*, pensou Ellis, *nunca mais te minto*. — Quero que o Mustafa apareça de surpresa na festa de anos do Rahmi, mas vou precisar de uma cúmplice.

— Conta comigo. — Jane saiu de cima dele e sentou-se na cama, cruzando as pernas. Os seus seios eram como maçãs, macios, redondos e firmes. As pontas dos cabelos roçavam nos mamilos. — O que tenho de fazer?

— É simples. Preciso de dizer ao Mustafa aonde ir, mas o Rahmi ainda não decidiu onde quer comer. Por isso, só poderei dar o recado ao Mustafa no último minuto. O Rahmi provavelmente estará ao meu lado quando eu telefonar.

— Qual é a solução?

— Eu ligo-*te*. Vou dizer disparates. Ignora tudo, menos a morada. Depois liga ao Mustafa, dá-lhe a morada e explica-lhe como lá chegar.

Tudo soara perfeito quando Ellis concebera o plano, mas agora parecia muito pouco plausível.

Jane, no entanto, não desconfiou de nada.

— Parece bastante simples.

— Ótimo — disse Ellis bruscamente, disfarçando o seu alívio.

— Depois de telefonares, quanto tempo levarás a chegar?

— Menos de uma hora. Quero esperar para ver a surpresa, mas não vou almoçar com eles.

A expressão de Jane era pensativa.

— Eles convidaram-te, mas não a mim.

Ellis encolheu os ombros.

— Suponho que é uma comemoração masculina.

Tirou o bloco da mesa de cabeceira e escreveu «Mustafa» e o número de telefone.

Jane saiu da cama e foi até ao cubículo do chuveiro. Abriu a porta e a torneira. A sua disposição mudara. Já não sorria.

— Porque estás zangada? — perguntou Ellis.

— Não estou zangada, mas às vezes não gosto da maneira como os teus amigos me tratam.

— Sabes como são os turcos com as raparigas.

— Exatamente... *raparigas*. Não se importam com mulheres respeitáveis, mas eu sou uma *rapariga*.

Ellis suspirou.

— Nem parece teu incomodares-te com atitudes pré-históricas de alguns chauvinistas. O que estás *realmente* a tentar dizer-me?

Ela refletiu por um momento, nua, ao lado do chuveiro, e era tão deslumbrante que Ellis sentiu vontade de fazer amor outra vez.

— Acho que estou a querer dizer que não gosto do meu estatuto. Estou comprometida contigo, todos sabem isso... não durmo com mais ninguém, nem sequer saio com outros homens... mas tu não estás comprometido comigo. Não vivemos juntos, não sei onde vais ou o que fazes na maior parte do tempo, não conhecemos os pais um do outro... e as pessoas sabem de tudo isso e tratam-me como uma pega.

— Estás a exagerar.

— É o que dizes sempre.

Jane entrou na cabina e bateu com a porta. Ellis tirou a máquina de barbear da gaveta onde guardara o seu estojo e foi barbear-se no lava-louça. Já haviam tido aquela discussão antes, muito mais prolongada, ele sabia o que havia por trás: Jane queria que vivessem juntos.

Ele também queria, claro; queria casar-se com ela, viver ao seu lado o resto da vida, mas tinha de esperar até aquela operação terminar e não podia dizer-lhe isso, portanto murmurava coisas como «não estou pronto» e «preciso de mais tempo», e as evasivas enfureciam Jane. Ela achava que um ano era muito tempo para amar um homem sem lhe arrancar qualquer tipo de compromisso. E estava certa, claro. Contudo, se tudo corresse bem naquele dia, Ellis poderia resolver o problema de uma vez por todas.

Acabou de fazer a barba, enrolou a máquina numa toalha e guardou-a de novo na gaveta.

Jane saiu do chuveiro e ele tomou o seu lugar. *Não estamos a falar*, pensou Ellis, *isto é uma tolice*.

Enquanto ele tomava duche, Jane fez café. Ellis enfiou rapidamente umas calças de ganga desbotadas e uma *T-shirt* preta e sentou-se em frente dela na mesa de mogno. Jane serviu-lhe café.

— Quero ter uma conversa séria contigo — anunciou.

— Está bem — apressou-se Ellis a responder. — Deixemos isso para a hora do almoço.

— Porque não agora?

— Não tenho tempo.

— O aniversário do Rahmi é mais importante do que o nosso relacionamento?

— Claro que não. — Ellis percebeu o seu tom de irritação e uma voz advertiu-o: *sê meigo ou podes perdê-la*. — Mas prometi que iria, e cumprir as promessas é importante, ao passo que não parece tão importante termos esta conversa agora ou mais tarde.

O rosto de Jane assumiu uma expressão determinada, obstinada, que Ellis já conhecia: ela exibia-a quando tomava uma decisão e alguém tentava desviá-la do seu caminho.

— É importante para *mim* termos esta conversa *agora*.

Por um momento, Ellis sentiu-se tentado a contar-lhe imediatamente toda a verdade. Mas não fora assim que planeara as coisas. Dispunha de pouco tempo, estava concentrado noutra coisa, não se encontrava preparado. Seria muito melhor deixar a conversa para depois, quando ambos estivessem descontraídos e ele pudesse dizer-lhe que o seu trabalho em Paris já fora concluído.

— Acho que estás a ser tola e não me deixarei intimidar, Jane. Peço-te que conversemos depois. Agora tenho de ir.



Ele levantou-se. Enquanto se encaminhava para a porta, Jane disse:

— O Jean-Pierre convidou-me para o acompanhar ao Afeganistão.

Era algo tão inesperado que Ellis teve de pensar por um instante, antes de poder absorver a informação.

— Estás a falar a sério? — perguntou, incrédulo.

— Estou, sim.

Ellis sabia que Jean-Pierre estava apaixonado por Jane. O mesmo acontecia com meia dúzia de outros homens; essas coisas eram inevitáveis com uma mulher como ela. No entanto, nenhum dos homens era um rival sério; ou pelo menos ele pensara que não, até àquele momento. Ellis começou a recuperar o controlo.

— Porque haverias de querer visitar uma zona de guerra com um tipo fraco e insípido?

— Isto não é uma brincadeira! — protestou Jane, com veemência. — Estou a falar da minha *vida*!

Ele abanou a cabeça, ainda incrédulo.

— Não podes ir para o Afeganistão.

— Porque não?

— Porque me amas.

— Isso não significa que tenho de estar à tua disposição.

Pelo menos ela não dissera «Não amo, não». Ellis olhou para o relógio. Era uma situação absurda: dentro de poucas horas iria dizer-lhe tudo o que ela queria ouvir.

— Não estou disposto a fazer isto, Jane. Estamos a falar do nosso futuro e não é uma conversa que possa ser precipitada.

— Não vou esperar eternamente.

— Nem estou a pedir-te que esperes eternamente. Só te peço mais algumas horas. — Afagou-lhe o rosto. — Não vamos discutir por causa de algumas horas.

Jane levantou-se e beijou-o na boca, com força.

— Não vais ao Afeganistão, pois não? — perguntou ele.

— Não sei.

Ele tentou um sorriso.

— Pelo menos não antes do almoço.

Ela retribuiu o sorriso e assentiu.

— Muito bem, não antes do almoço.

Ellis fitou-a por mais um momento e depois saiu.

Os passeios amplos dos Campos Elísios estavam cheios de turistas e parisienses no seu passeio matinal, movendo-se como ovelhas num cercado ao sol quente da primavera, e todos os cafés com esplanada se encontravam repletos. Ellis parou perto do sítio combinado, carregando uma mochila que comprara numa loja de malas baratas. Parecia um americano à boleia pela Europa.

Gostaria que Jane não tivesse escolhido aquela manhã para um confronto. Ela devia estar a remoer naquilo agora e mostrar-se irritada quando ele voltasse.

Muito bem, teria de a amansar durante algum tempo.

Afastou Jane dos pensamentos e concentrou-se na tarefa que o aguardava.

Havia duas possibilidades para a identidade do «amigo» de Rahmi, o homem que financiava o pequeno grupo terrorista. A primeira era que fosse um turco rico, amante da liberdade, que decidira, por motivos políticos ou pessoais, que a violência contra a ditadura militar e os seus apoiantes era justificada. Se fosse esse o caso, então Ellis ficaria desapontado.

A segunda possibilidade era tratar-se de Boris.

«Boris» era uma personagem lendária nos círculos em que Ellis se movia — entre os estudantes revolucionários, os exilados palestinianos, os conferencistas políticos ocasionais, os editores de jornais extremistas mal impressos, os anarquistas, os maoístas e os arménios, os vegetarianos militantes. Dizia-se que era um russo, um homem do KGB disposto a financiar qualquer ato de violência esquerdista no Ocidente. Muitos duvidavam da sua existência, especialmente os que tinham tentado e falhado obter fundos dos russos. Mas Ellis reparara, de vez em quando, que um grupo que passara meses sem fazer nada a não ser queixar-se de que não tinha dinheiro sequer para comprar uma máquina de fotocópias deixava de repente de falar em dinheiro e ficava muito preocupado com a segurança; e, pouco depois, havia um rapto, um tiroteio ou uma bomba.

Era certo, pensou Ellis, que os russos davam dinheiro a grupos como o dos dissidentes turcos: não podiam resistir a aproveitar uma possibilidade tão barata e tão pouco arriscada de causar problemas. Além disso, os Estados Unidos financiavam raptos e assassinios na América Central, e não imaginava que a União Soviética fosse mais escrupulosa do que o seu próprio país. Como o dinheiro naquele ramo não era guardado em contas

bancárias ou transferido, alguém precisava de entregar as notas pessoalmente; logo, tinha de haver um Boris.

Ellis queria muito conhecê-lo.

Rahmi apareceu às dez e meia em ponto, com um polo *Lacoste* cor-de-rosa e calças castanho-claras muito bem engomadas. Parecia nervoso. Lançou um olhar penetrante a Ellis e depois desviou a cabeça.

Ellis seguiu-o, mantendo-se dez ou quinze metros atrás, como tinham combinado.

Na esplanada seguinte estava sentado a uma mesa o vulto gordo e musculoso de Pepe Gozzi, com um fato de seda preta, como se tivesse saído da missa, o que provavelmente era verdade. Tinha no colo uma pasta grande. Levantou-se e começou a andar mais ou menos ao lado de Ellis, de tal forma que um observador casual não saberia se estavam juntos ou não.

Rahmi começou a subir a rua em direção ao Arco do Triunfo.

Ellis observou Pepe pelo canto do olho. O corso possuía um instinto animal para a autopreservação: discretamente, verificou se estavam a ser seguidos — uma vez quando atravessou a estrada e pôde olhar naturalmente para a avenida, enquanto esperava que o sinal mudasse, a outra ao passar por uma loja de esquina, onde podia ver as pessoas que vinham atrás dele refletidas na montra diagonal.

Ellis gostava de Rahmi, mas não de Pepe. Rahmi era sincero, um homem de princípios, e as pessoas que matava provavelmente mereciam morrer. Pepe era muito diferente. Fazia aquilo por dinheiro e porque era muito grosseiro e estúpido para sobreviver no mundo dos negócios legais.

Três quarteirões a leste do Arco do Triunfo, Rahmi entrou numa rua secundária. Ellis e Pepe seguiram-no. Rahmi atravessou a rua e entrou no Hotel Lancaster.

Então era aquele o ponto de encontro. Ellis esperava que a reunião ocorresse no bar ou no restaurante do hotel: sentir-se-ia mais seguro num local público.

O átrio de mármore do hotel estava bastante fresco, depois do calor da rua. Ellis estremeceu. Um empregado de *smoking* olhou de soslaio para as suas calças de ganga. Rahmi ia a entrar num elevador pequeno, na extremidade do átrio em forma de L. Seria então num quarto do hotel. Muito bem. Ellis entrou no elevador a seguir a Rahmi, e Pepe espremeu-se atrás dele. Ellis estava tenso enquanto subiam. Saíram no quarto andar e Rahmi levou-os até ao Quarto 41, onde bateu à porta.

Ellis tentou manter uma expressão calma e impassível.

A porta foi aberta devagar.

Era Boris. Ellis teve a certeza assim que fitou o homem; experimentou uma sensação de triunfo e, ao mesmo tempo, um calafrio de medo. Tinha o ar típico de um moscovita, desde o corte de cabelo barato aos sapatos práticos e robustos, e havia o estilo inconfundível do KGB no duro olhar avaliador e na expressão brutal da boca. Aquele homem não era como Rahmi ou Pepe: não era um idealista impetuoso nem um mafioso grosseiro. Boris era um terrorista profissional implacável que não hesitaria em rebentar os miolos a qualquer um dos três homens que estavam naquele momento à sua frente.

*Há muito que ando à tua procura*, pensou Ellis.

Boris manteve a porta entreaberta por um momento, protegendo parcialmente o corpo enquanto os examinava, depois deu um passo atrás.

— Entrem — disse em francês.

Entraram para a sala de uma suíte. Era bastante requintada, mobilada com cadeiras, mesas e um armário que pareciam antiguidades do século XVIII. Sobre uma mesa delicada com pernas curvas encontrava-se um volume de *Marlboro* e um litro de *brandy* do *duty-free*. Uma porta entreaberta no canto oposto levava ao quarto.

As apresentações de Rahmi foram nervosamente superficiais.

— Pepe. Ellis. O meu amigo.

Boris era um homem de ombros largos, que vestia uma camisa branca de mangas arregaçadas, deixando à mostra os antebraços musculosos e peludos. As calças de sarja azul eram demasiado grossas para aquela temperatura. Nas costas de uma cadeira estava pendurado um casaco axadrezado, preto e castanho-claro, que não combinava com as calças azuis.

Ellis largou a mochila no tapete e sentou-se.

Boris apontou para a garrafa de *brandy*.

— Bebem alguma coisa?

Ellis não queria beber *brandy* às onze da manhã.

— Quero, sim, por favor... um café.

Boris lançou-lhe um olhar duro e hostil.

— Bebemos todos café — disse então, encaminhando-se para o telefone.

*Está habituado a que todos tenham medo de si, pensou Ellis, não gosta que eu o trate como um igual.*

Rahmi sentia-se visivelmente intimidado por Boris e agitava-se ansioso, abotoando e desabotoando o botão de cima do polo cor-de-rosa, enquanto o russo ligava para o serviço de quartos.

Boris desligou e dirigiu-se a Pepe.

— Tenho muito prazer em conhecê-lo — disse em francês. — Creio que podemos ajudar-nos mutuamente.

Pepe assentiu com a cabeça, sem falar. Encontrava-se sentado na cadeira de veludo inclinado para a frente, o poderoso corpo no fato preto a parecer estranhamente vulnerável em contraste com o móvel delicado, como se *este* pudesse parti-lo, e não o contrário. *Pepe tem muito em comum com Boris*, pensou Ellis. *Ambos são fortes e cruéis, sem qualquer decência ou compaixão. Se Pepe fosse russo, estaria no KGB; e se Boris fosse francês, estaria na Máfia.*

— Mostrem-me a bomba — ordenou Boris.

Pepe abriu a pasta. Continha blocos, com cerca de trinta centímetros de comprimento, de uma substância amarelada. Boris ajoelhou-se no tapete ao lado e tocou num dos blocos com o indicador. A substância cedeu como plasticina. Boris cheirou-a.

— Presumo que isto é C3 — disse a Pepe.

Este assentiu.

— Onde está o detonador?

— Na mochila de Ellis — respondeu Rahmi.

— Não está, não — declarou Ellis.

Fez-se silêncio na sala por um momento. Uma expressão de pânico insinuou-se no rosto bonito e jovem de Rahmi.

— O que queres dizer? — balbuciou ele muito agitado. Os olhos assustados deslocavam-se entre Ellis e Boris. — Disseste... eu disse-lhe que trarias...

— Cala-te! — disse Boris, asperamente.

Rahmi ficou em silêncio. Boris olhou para Ellis, expectante.

— Receei que isto pudesse ser uma armadilha e deixei o detonador em casa — respondeu Ellis, com uma indiferença que não sentia. — Mas pode estar aqui dentro de poucos minutos. Só preciso de ligar à minha namorada.

Boris fitou-o fixamente, sem dizer nada, durante vários segundos. Ellis sustentou o olhar com toda a frieza de que era capaz.

— Porque pensou que podia ser uma armadilha? — perguntou o russo por fim.

Ellis decidiu que qualquer tentativa de justificação pareceria defensiva. De qualquer forma, era uma pergunta estúpida. Lançou um olhar arrogante a Boris, encolheu os ombros e permaneceu calado. Boris continuou a fitá-lo atentamente.

— Eu faço o telefonema — anunciou por fim.

Um protesto chegou a aflorar os lábios de Ellis, mas ele reprimiu-o. Era algo que não previra. Esforçou-se por manter um ar indiferente, enquanto a sua cabeça raciocinava a mil à hora. Como reagiria Jane à voz de um desconhecido? E se ela não estivesse em casa, se decidira quebrar a promessa? Lamentou a decisão de a usar como intermediária, mas agora era demasiado tarde.

— É um homem cauteloso — disse ele a Boris.

— E você também. Qual é o número?

Ellis disse-lhe. Boris escreveu-o no bloco ao lado do telefone e depois começou a marcá-lo.

Os outros esperaram, em silêncio.

— Está lá? Estou a ligar a pedido de Ellis.

*Talvez a voz desconhecida não a assuste*, pensou Ellis; afinal, Jane estivera à espera de um telefonema esquisito. «Ignora tudo, menos a morada», recomendara ele.

— Como? — disse Boris, irritado, e Ellis pensou: *Mas que merda! O que será que ela disse?* — Sou, sim, mas isso não interessa agora. Ellis quer que traga o mecanismo ao Quarto 41, no Hotel Lancaster, Rue de Berri.

Houve outra pausa.

*Entra no jogo, Jane*, pensou Ellis.

— Tem razão, é um hotel muito simpático.

*Para com as brincadeiras! Diz apenas que farás o que o homem te pediu... por favor!*

— Obrigado. — Uma pausa e Boris acrescentou, sarcástico: — É muito amável. — E desligou.

Ellis tentou dar a impressão de que não esperara qualquer dificuldade.

— Ela sabia que eu era russo — disse Boris. — Como descobriu?

Ellis ficou perplexo por um momento e depois compreendeu.

— Ela é linguista. Conhece os sotaques.

Pepe falou pela primeira vez.

— Enquanto esperamos a chegada da gaja, vamos ver o dinheiro.

— Muito bem.

Boris foi ao quarto. Enquanto ele estava ausente, Rahmi dirigiu-se a Ellis.

— Não imaginava que farias uma coisa destas! — sussurrou ele.

— Claro que não — respondeu Ellis num tom de tédio simulado. — Se soubesses o que tencionava fazer, não seria uma salvaguarda, pois não?

Boris voltou com um grande envelope castanho e entregou-o a Pepe. O curso abriu-o e começou a contar as notas de cem francos.

Boris tirou um maço do volume de *Marlboro*, abriu-o e acendeu um cigarro.

*Espero que a Jane não demore a ligar para o «Mustafa». Devia ter-lhe dito que era importante transmitir o recado imediatamente*, pensou Ellis.

— Está tudo aqui — informou Pepe ao fim de algum tempo.

Tornou a guardar o dinheiro no envelope, passou a língua pela aba, fechou-o e pô-lo numa mesinha lateral.

Os quatro homens permaneceram sentados em silêncio por vários minutos.

— A que distância fica o seu apartamento? — perguntou Boris a Ellis.

— A quinze minutos de lambreta.

Bateram à porta. Ellis ficou tenso.

— Ela veio depressa. — Boris abriu a porta e acrescentou, com uma expressão de desagrado, antes de voltar para o seu lugar: — É o café.

Dois empregados de casaco branco empurraram um carrinho para o interior da sala. Endireitaram-se e viraram-se, cada um empunhando uma pistola *MAB* modelo D, usada pelos detetives franceses.

— Que ninguém se mexa! — ordenou um deles.

Ellis sentiu Boris preparar-se para entrar em ação. Porque eram apenas dois detetives? Se Rahmi fizesse algum disparate e levasse um tiro, isso criaria diversão suficiente para que Pepe e Boris dominassem os homens armados...

A porta do quarto abriu-se e mais dois homens vestidos de empregados entraram, armados como os colegas.

Boris descontraiu-se, arvorando uma expressão de resignação.

Ellis percebeu que estivera a sustentar a respiração. Deixou-a escapar, num longo suspiro.

Estava tudo acabado.

Um agente fardado entrou na sala.

— Uma armadilha! — explodiu Rahmi. — Isto é uma armadilha!

— Cala-te! — ordenou Boris, a voz áspera tornando a silenciar Rahmi. Virou-se para o agente. — Protesto com veemência contra esta afronta. Por favor, tome nota de que...

O agente deu-lhe um soco na boca com a mão enfiada numa luva de couro.

Boris tocou nos lábios, depois olhou para o sangue na mão. A sua atitude mudou completamente ao compreender que a situação era demasiado séria para tentar solucioná-la com palavras.

— Não se esqueça da minha cara — disse ele ao agente num tom gélido. — Tornará a vê-la.

— Mas quem é o traidor? — bradou Rahmi. — Quem nos traiu?

— Ele — respondeu Boris, apontando para Ellis.

— Ellis? — balbuciou Rahmi, incrédulo.

— O telefonema — explicou Boris. — A morada.

Rahmi olhou para Ellis. Parecia profundamente magoado.

Mais agentes fardados entraram. Um apontou para Pepe.

— Aquele é o Gozzi.

Dois homens algemaram Pepe e levaram-no. O homem olhou para Boris:

— Quem é você?

Boris exibiu uma expressão entediada.

— Chamo-me Jan Hocht. Sou cidadão argentino e...

— Não se dê ao trabalho de continuar. Podem levá-lo. — O agente virou-se para Rahmi. — E você?

— Não tenho nada a dizer! — gritou Rahmi, conseguindo soar heroico.

O agente abanou a cabeça e Rahmi também foi algemado. O jovem turco lançou um olhar furioso a Ellis ao ser levado.

Os prisioneiros desceram no elevador, um de cada vez. A pasta de Pepe e o envelope com as notas de cem francos foram metidos em sacos de plástico. Um fotógrafo da polícia entrou na sala e armou o tripé.

— Há um *Citroën DS* preto estacionado em frente do hotel — disse o agente a Ellis. Hesitante, acrescentou: — Senhor.



*Estou de volta ao lado da lei, pensou Ellis, mas é uma pena Rahmi ser muito mais interessante do que este agente.*

Desceu no elevador. No átrio do hotel, o gerente, de casaco preto e calças às riscas, exibia uma expressão angustiada ao ver mais agentes entrarem.

Ellis saiu para o sol. O *Citroën* preto estava no outro lado da rua. Havia um homem ao volante e outro sentado no banco de trás. Ellis entrou para trás. O carro partiu, acelerando.

O passageiro virou-se para Ellis.

— Olá, John.

Ellis sorriu. Era estranho ouvir o seu nome outra vez, depois de mais de um ano.

— Como estás, Bill?

— Aliviado! Durante treze meses não tivemos qualquer notícia tua, além dos pedidos de dinheiro. De repente recebemos um telefonema a dizer que tínhamos vinte e quatro horas para efetuar uma prisão local. Imagina o que tivemos de fazer para persuadir os franceses a colaborarem sem lhes explicar porquê. A brigada devia estar a postos perto dos Campos Elísios, mas para chegar ao endereço correto tínhamos de esperar pelo telefonema de uma desconhecida, que perguntaria por Mustafa. Era tudo o que sabíamos!

— Não podia ser de outra forma — murmurou Ellis, desculpando-se.

— Não foi fácil... e agora devo alguns grandes favores nesta cidade... mas conseguimos. Quero agora saber se valeu a pena. Quem apanhámos?

— O russo é o Boris — explicou Ellis.

O rosto de Bill abriu-se num largo sorriso.

— Raios me partam! — exclamou ele. — Prendeste o Boris. A sério?

— Claro.

— Caramba, é melhor arrancá-lo das mãos dos franceses antes que eles descubram quem é.

Ellis encolheu os ombros.

— Ninguém vai conseguir arrancar-lhe muitas informações. O homem é dedicado. O importante é que o tirámos de circulação. Vão levar alguns anos a arranjar um substituto à altura e para que o novo Boris desenvolva os seus contactos. Enquanto isso, atrasámos consideravelmente as operações.

— Tens toda a razão. Isto é sensacional!

— O curso é Pepe Gozzi, um traficante de armas — continuou Ellis. — Foi ele quem forneceu o material para praticamente todas as ações terroristas em França durante os últimos dois anos, assim como em vários outros países. Ele é que deve ser interrogado. Manda um detetive francês falar com o pai, Meme Gozzi, em Marselha. Tenho a impressão de que vais descobrir que o velho nunca gostou da ideia de a família se envolver em crimes políticos. Propõe-lhe um acordo: imunidade para Pepe, se Pepe testemunhar contra todos os terroristas políticos a quem vendeu armas e explosivos... nenhum dos criminosos comuns. Meme aceitará, porque não será considerado uma traição aos amigos. Se Meme concordar, Pepe também o fará. Os franceses terão julgamentos por muitos anos.

— Incrível... — Bill parecia aturdido. — Em apenas um dia agarraste aqueles que são provavelmente os dois maiores instigadores do terrorismo no mundo.

— Um dia? — Ellis sorriu. — Levei um ano.

— Valeu a pena.

— O jovem chama-se Rahmi Coskun — continuou Ellis. Queria despachar-se, porque havia outra pessoa a quem desejava contar toda a história. — Rahmi e o seu grupo são responsáveis pelo atentado à bomba contra a Turkish Airlines há cerca de dois meses e antes disso mataram um adido da embaixada. Se capturares o grupo inteiro, vais com certeza encontrar provas forenses concretas.

— Ou a polícia francesa irá persuadi-los a confessar.

— Sim. Dá-me um lápis para eu escrever os nomes e moradas.

— Não há necessidade, John. Vamos para a embaixada e lá irás dar-me todas as informações.

— Não vou voltar à embaixada.

— Não levantes problemas, John.

— Vou dar-te os nomes e terás então todas as informações essenciais, mesmo que eu seja atropelado por um taxista francês louco esta tarde. Se eu sobreviver, encontramo-nos amanhã de manhã e dou-te todos os pormenores.

— Porquê esperar?

— Tenho um compromisso para o almoço.

Bill revirou os olhos.

— Creio que te devemos isso — disse ele, relutante.

— Foi o que calculei.

— Com quem vais encontrar-te?

— Jane Lambert. Foi um dos nomes que me deste logo no início.

— Já me lembro. Disse-te que se conseguisses cair nas graças de Jane ela te apresentaria todos os esquerdistas malucos, terroristas árabes, seguidores dos Baader-Meinhof e poetas *avant-garde* em Paris.

— Foi precisamente o que aconteceu, só que me apaixonei por ela.

Bill parecia um banqueiro do Connecticut a ser informado de que o filho ia casar-se com a filha de um milionário negro: não sabia se devia ficar emocionado ou consternado.

— Ah... como é ela realmente?

— Não é maluca, embora tenha alguns amigos malucos. O que posso dizer-te? É linda, inteligente e insaciável. É maravilhosa. A mulher que procurei durante toda a minha vida.

— Posso compreender porque preferes comemorar com ela e não comigo. O que pretendes fazer?

Ellis sorriu.

— Vou abrir uma garrafa de vinho, fritar dois bifes, contar-lhe que apanho terroristas para ganhar a vida e pedi-la em casamento.

## CAPÍTULO 2

Jean-Pierre inclinou-se sobre a mesa da cantina e fitou a morena com uma expressão compadecida.

— Creio que sei como te sentes — disse ele, afetuosamente. — Lembro-me de que fiquei muito deprimido no final do primeiro ano na Faculdade de Medicina. Parece que o cérebro recebeu mais informação do que é capaz de absorver e não sabemos dominar tudo a tempo dos exames.

— É *exatamente* isso — murmurou ela, assentindo com vigor. Estava quase em lágrimas.

— É bom sinal — tranquilizou-a Jean-Pierre. — Significa que estás bem encaminhada. As pessoas que não estão preocupadas são as que chumbam.

Os olhos castanhos da rapariga ficaram húmidos devido à gratidão.

— Achas mesmo?

— Tenho a certeza.

Ela fitou-o com adoração. *Preferias comer-me do que ao teu almoço, não é?*, pensou Jean-Pierre. Ela mudou de posição, a gola da camisola entreabriu-se, deixando à mostra a renda da parte superior do sutiã. Ele sentiu-se tentado por um momento. Na ala leste do hospital havia um cubículo onde guardavam os lençóis e a roupa branca, que nunca era usado depois das nove e meia da manhã. Jean-Pierre já usara o sítio mais de uma vez. Uma pessoa podia trancar a porta por dentro e deitar-se numa pilha macia de lençóis lavados...

A morena suspirou, espetou o garfo num pedaço de carne e levou-o à boca; e quando ela começou a mastigar, Jean-Pierre perdeu o interesse. Detestava ver pessoas a comer. De qualquer forma, estivera apenas a exercitar os músculos, a fim de provar que ainda era capaz: não queria realmente seduzi-la. Era muito bonita, cabelo encaracolado e pele morena mediterrânica, e possuía um corpo maravilhoso, mas ultimamente Jean-Pierre não sentia qualquer entusiasmo por conquistas casuais. A única mulher que podia fasciná-lo por mais de alguns minutos era Jane Lambert... e ela recusava-se até a beijá-lo.

Desviou os olhos da morena e passou-os, inquieto, pela cantina do hospital. Não viu ninguém conhecido. O lugar estava quase vazio: ele almoçava cedo porque estava no primeiro turno.

Já tinham decorrido seis meses desde que vira pela primeira vez o rosto incrivelmente belo de Jane, do outro lado de uma sala apinhada, durante a festa de lançamento de um novo livro sobre ginecologia feminista. Jean-Pierre sugerira-lhe que medicina feminista era coisa que não existia, apenas boa e má medicina. Ela respondera que a matemática cristã não existia, mas que apesar disso fora preciso um herege como Galileu para provar que a Terra girava em torno do Sol.

— Tens toda a razão! — exclamara Jean-Pierre de forma desarmante, e os dois tinham-se tornado amigos.

No entanto, Jane era resistente aos seus encantos, se calhar até imune. Gostava dele, mas parecia dedicada ao americano, apesar de Ellis ser muito mais velho do que ela. De certa forma, isso tornava-a ainda mais desejável aos olhos de Jean-Pierre. Se ao menos Ellis saísse de cena... fosse atropelado por um autocarro ou algo parecido... Ultimamente, a resistência de Jane parecia estar a enfraquecer... ou seria apenas o seu desejo de que isso estivesse a acontecer?

— É verdade que vais passar dois anos no Afeganistão? — perguntou a morena.

— É, sim.

— Porquê?

— Porque acredito na liberdade, creio, e porque não estudei tantos anos só para me dedicar a cuidar das coronárias de empresários gordos. — As mentiras saíam-lhe automaticamente.

— Mas porquê dois anos? As pessoas que fazem isso geralmente ficam entre três e seis meses, um ano no máximo. Dois anos parecem uma eternidade.

— Ai sim? — Jean-Pierre esboçou um vago sorriso. — O problema é que é difícil realizar qualquer coisa de valor num período mais curto. A ideia de enviar médicos para lá numa visita breve é extremamente ineficaz. Os rebeldes precisam de uma assistência médica constante, de um hospital que permaneça no mesmo sítio e que tenha pelo menos alguns médicos constantes de um ano para outro. Tal como está a situação, metade das pessoas não sabe para onde levar os seus doentes e feridos, não segue as ordens do médico porque nunca chega a conhecê-lo o suficiente para confiar nele, e ninguém tem tempo para transmitir as noções sanitárias mais básicas. O custo de transportar os voluntários para o país e trazê-los de volta torna os seus serviços «gratuitos» bastante dispendiosos.

Jean-Pierre empenhara-se tanto naquele discurso que quase acreditou nele, e teve de se recordar então do verdadeiro motivo para ir ao Afeganistão e lá permanecer por dois anos.

— Quem vai ceder gratuitamente os seus serviços? — perguntou uma voz atrás de si.

Ele virou-se e viu outro casal com tabuleiros de comida: Valerie, uma interna como ele, e o namorado, um radiologista. Sentaram-se com Jean-Pierre e a morena.

A morena respondeu à pergunta de Valerie.

— O Jean-Pierre vai para o Afeganistão trabalhar com os rebeldes.

— A sério? — Valerie ficou admirada. — Ouvi dizer que recebeste um convite maravilhoso de Houston.

— Recusei.

Ela ficou ainda mais impressionada.

— Porquê?

— Acho que vale a pena salvar a vida dos que lutam pela liberdade, mas uns quantos milionários texanos a mais ou a menos não farão qualquer diferença para nada.

O radiologista não se sentia tão fascinado por Jean-Pierre como a namorada.

— Não te preocupes — disse depois de engolir uma garfada de batatas.

— Quando voltares, não terás qualquer dificuldade em receber o mesmo convite... além de médico, serás um herói.

— Achas mesmo? — perguntou Jean-Pierre com frieza. Não estava a gostar do rumo da conversa.

— Duas pessoas deste hospital foram para o Afeganistão no ano passado — continuou o radiologista. — Arranjaram ótimos empregos quando voltaram.

Jean-Pierre esboçou um sorriso condescendente.

— É bom saber que arranjarei facilmente emprego se sobreviver.

— É o mínimo que se pode esperar! — protestou a morena, indignada. — Depois de tamanho sacrifício!

— O que acham os teus pais da ideia? — quis saber Valerie.

— A minha mãe aprova.

Claro que aprovava: adorava heróis. Jean-Pierre imaginava o que o pai teria dito a respeito de jovens médicos idealistas que iam trabalhar para os rebeldes afegãos. «O socialismo não significa que todos podem fazer o que

querem!», teria ele afirmado, a voz rouca e urgente, o rosto a corar um pouco. «O que pensas que são aqueles rebeldes? Não passam de bandidos a saquear os camponeses que respeitam a lei. As instituições feudais precisam de ser extirpadas antes que o socialismo possa entrar.» Teria batido na mesa com o punho enorme. «Para fazer uma omeleta é preciso partir os ovos... para fazer socialismo é preciso partir cabeças!» *Não te preocupes, pai, já sei isso tudo.*

— O meu pai já morreu — disse Jean-Pierre —, mas também lutou pela liberdade. Combateu na resistência durante a guerra.

— O que fazia ele? — indagou o cético radiologista.

Mas Jean-Pierre não respondeu, porque vira, do outro lado da cantina, Raoul Clermont, o editor do *La Révolte*, transpirado no seu fato de domingo. Que raio estaria o gordo jornalista a fazer na cantina do hospital?

— Preciso de falar contigo — disse Raoul, sem qualquer preâmbulo, esbaforido.

Jean-Pierre apontou para uma cadeira.

— Raoul...

— É urgente — interrompeu Raoul, quase como se não quisesse que os outros ouvissem o seu nome.

— Porque não nos fazes companhia ao almoço? Assim podemos falar à vontade.

— Lamento, mas não posso.

Jean-Pierre apercebeu-se do pânico na voz do gordo. Fitando-o nos olhos, compreendeu que lhe suplicavam para que não perdesse tempo. Surpreendido, Jean-Pierre levantou-se.

— Está bem. — A fim de disfarçar o inesperado da situação, acrescentou para os outros, jovialmente: — Não comam o meu almoço... volto já.

Pegou no braço de Raoul e saíram da cantina.

Jean-Pierre tencionava parar logo a seguir à porta e conversar, mas Raoul continuou a andar pelo corredor: — Monsieur Leblond mandou-me cá.

— Já começara a desconfiar de que ele estava por detrás disto.

Um mês antes, Raoul levava-o a conhecer Leblond, que o convidara a ir para o Afeganistão, aparentemente para ajudar os rebeldes, como faziam muitos jovens médicos franceses, mas na verdade com a missão de espiar

para os russos. Jean-Pierre sentira-se orgulhoso, apreensivo e, acima de tudo, emocionado com a oportunidade de fazer alguma coisa realmente espetacular pela causa. O seu único receio fora o de ser rejeitado pelas organizações que enviavam médicos ao Afeganistão por ser comunista. Não tinham como saber que ele era membro do Partido, e Jean-Pierre certamente não lhes diria, mas podiam saber que simpatizava com o comunismo. Contudo, havia muitos comunistas franceses que se opunham à invasão do Afeganistão. Havia também a possibilidade de que uma organização cautelosa pudesse sugerir que Jean-Pierre se sentiria mais feliz a trabalhar para outro grupo de lutadores da liberdade; também mandavam gente para ajudar os rebeldes de El Salvador, por exemplo. No final, porém, isso não acontecera: Jean-Pierre fora aceite prontamente pela Médecins pour la Liberté. Dera a boa notícia a Raoul, que lhe dissera que haveria outra reunião com Leblond. Talvez fosse aquela.

— Mas porquê o pânico?

— Ele quer falar contigo agora.

— *Agora?* — Jean-Pierre ficou aborrecido. — Estou a trabalhar. Tenho doentes...

— Outro médico pode tratar deles.

— Mas porquê a urgência? Só vou partir daqui a dois meses.

— Não é sobre o Afeganistão.

— O que é então?

— Não sei.

*Então o que te assustou?*, pensou Jean-Pierre.

— Não fazes ideia?

— Só sei que o Rahmi Coskun foi preso.

— O estudante turco?

— Esse mesmo.

— Porquê?

— Não sei.

— E o que tem isso que ver comigo? Mal o conheço.

— Monsieur Leblond explicará tudo.

Jean-Pierre levantou as mãos.

— Não posso sair do hospital assim sem mais nem menos.

— O que aconteceria se adoecesses? — perguntou Raoul.

— Comunicaria à enfermeira-chefe, que chamaria um substituto. Mas...

— Pois então fala com ela.



Tinham chegado à entrada do hospital e havia uma fila de telefones internos numa parede.

*Isto pode ser um teste*, pensou Jean-Pierre, *um teste de lealdade, a fim de verificar se estou a levar a sério a missão*. Resolveu sujeitar-se à ira da direção do hospital. Pegou no telefone.

— Surgiu um problema de família urgente e vou ter de me ausentar — disse. — Tem de entrar imediatamente em contacto com o doutor Roche.

— Com certeza, doutor — respondeu a enfermeira, calmamente. — Espero que não sejam notícias tristes.

— Depois lhe direi — apressou-se a dizer. — Até breve. Oh... só mais uma coisa. — Tinha uma paciente em pós-operatório que sofrera uma hemorragia durante a noite. — Como está a senhora Ferier?

— Muito bem. A hemorragia foi estancada.

— Ótimo. Mantenham-na bem vigiada.

— Sim, doutor.

Jean-Pierre desligou.

— Já podemos ir — disse ele a Raoul.

Saíram para o estacionamento e entraram no *Renault 5* de Raoul. O interior do carro estava quente do sol do meio-dia. Raoul conduzia depressa por ruas secundárias e Jean-Pierre sentia-se nervoso. Não sabia *exatamente* quem era Leblond, mas calculava que o homem devia ser *alguma coisa* no KGB. Jean-Pierre deu por si a perguntar-se se teria feito algo para ofender a tão temida organização; e, se era esse o caso, qual seria a punição.

Não podiam certamente ter descoberto qualquer coisa sobre Jane.

O facto de a ter convidado para o acompanhar ao Afeganistão não era da conta de mais ninguém. De qualquer forma, haveria outros no grupo, talvez uma enfermeira para ajudar Jean-Pierre no destino, talvez outros médicos rumo a regiões diferentes do país: porque não poderia Jane estar entre eles? Não era enfermeira, mas podia fazer um curso intensivo e tinha a grande vantagem de falar farsi, a língua persa, que também era falada na região para onde Jean-Pierre ia.

Esperava que Jane o acompanhasse por idealismo e pelo sentido de aventura. Esperava que ela esquecesse Ellis no Afeganistão e se apaixonasse pelo europeu mais próximo, no caso, é claro, Jean-Pierre.

Também esperava que o Partido nunca descobrisse que ele a encorajara a viajar por motivos pessoais. Não havia necessidade de saberem, não

havia possibilidade de descobrirem, em circunstâncias normais — ou pelo menos assim pensava, mas talvez estivesse enganado. Talvez eles estivessem zangados.

*Isto é um disparate*, refletiu Jean-Pierre. *Não fiz nada de errado: e mesmo que tivesse feito, não haveria punição. Isto é o verdadeiro KGB, não a instituição mística que incute o medo nos corações dos assinantes do Reader's Digest.*

Raoul parou o carro. Estavam diante de um luxuoso prédio residencial na Rue de l'Université. Era o mesmo sítio onde Jean-Pierre se encontrara com Leblond da última vez. Desceram e entraram no prédio.

O átrio estava escuro. Subiram a escada em curva para o primeiro andar e tocaram a uma campainha. *A minha vida mudou tanto desde a última vez que esperei diante desta porta!*, pensou Jean-Pierre.

Monsieur Leblond abriu-a. Era um homem baixo e franzino, calvo, de óculos, e no seu fato cinzento-escuro e gravata prateada parecia um mordomo. Conduziu-os a uma sala ao fundo do apartamento onde Jean-Pierre fora entrevistado. As janelas altas e as sancas requintadas indicavam que fora outrora uma sala elegante, mas agora tinha um tapete de *nylon*, uma secretária baratucha e algumas cadeiras de plástico laranja.

— Esperem aqui um momento — disse Leblond.

A sua voz era bastante calma, incisiva e seca. Um sotaque ligeiro, mas inconfundível, sugeria que o seu nome verdadeiro não era Leblond. Saiu por uma outra porta.

Jean-Pierre sentou-se numa das cadeiras de plástico. Raoul continuou de pé. *Foi nesta sala*, pensou Jean-Pierre, *que a voz seca me disse: «Tens sido um comunista discreto e leal desde o início. O teu caráter e os teus antecedentes familiares indicam que servirias bem o Partido numa missão secreta.» Espero não ter estragado tudo por causa da Jane*, refletiu.

Leblond voltou com outro homem. Os dois ficaram à entrada e Leblond apontou para Jean-Pierre. O segundo homem observou-o atentamente, como se gravasse o rosto na memória. Jean-Pierre sustentou o seu olhar. O homem era enorme, de ombros largos como um jogador de futebol americano. Tinha o cabelo comprido dos lados, mas ralo em cima, e um bigode de pontas caídas. Usava um casaco verde de bombazina com um rasgão na manga. Depois de alguns segundos, assentiu e saiu.

Leblond fechou a porta e foi sentar-se atrás da secretária.

— Houve um problema — anunciou.

*Não tem nada que ver com a Jane*, pensou Jean-Pierre. *Graças a Deus.*

— Há um agente da CIA no seu círculo de amigos — continuou Leblond.

— Meu Deus! — exclamou Jean-Pierre.

— Não é esse o problema — disse Leblond, irritado. — Não é de surpreender que houvesse um espião americano entre os seus amigos. Com certeza há também espiões israelitas, sul-africanos e franceses. O que teriam essas pessoas para fazer se não se infiltrassem nos grupos de jovens ativistas políticos? Nós também temos o nosso homem, claro.

— Quem?

— Você.

— Hã... — Jean-Pierre ficou consternado: nunca se considerara um *espião*, mas que mais significava «servir o Partido numa missão secreta»?

— Quem é o agente da CIA? — perguntou bastante curioso.

— Um homem chamado Ellis Thaler.

Jean-Pierre ficou tão chocado que se levantou.

— Ellis?

— Sempre o *conhece*. Ótimo.

— O Ellis é agente da CIA?

— Sente-se — disse Leblond, calmamente. — O nosso problema não é quem ele é, mas sim o que fez.

Jean-Pierre pensava: *Se a Jane descobrir isso, vai largar o Ellis como uma batata quente. Irão deixar-me contar-lhe? Senão, descobrirá ela de outra forma? E irá acreditar? Ellis tentará negar?*

Leblond continuava a falar. Jean-Pierre fez um esforço para se concentrar no que estava a ser dito.

— O problema é que Ellis montou uma armadilha e capturou alguém muito importante para nós.

Jean-Pierre lembrou-se de que Raoul comentara que Rahmi Coskun fora preso.

— Rahmi é importante para nós?

— Não é Rahmi.

— Então quem?

— Não precisa de saber.

— Então porque me trouxeram até aqui?

— Cale-se e ouça — ordenou Leblond com aspereza, e pela primeira vez Jean-Pierre sentiu medo dele. — Nunca conheci o seu amigo Ellis. Infelizmente, Raoul também não. Portanto, não sabemos como ele é fisicamente. Mas o senhor sabe. Foi por isso que o chamámos aqui. Sabe também onde Ellis mora?

— Sei, sim. Tem um quarto por cima de um restaurante na Rue de l’Ancienne Comédie.

— O quarto dá para a rua?

Jean-Pierre franziu a testa. Só lá estivera uma vez: Ellis não tinha o hábito de convidar as pessoas para casa.

— Acho que sim.

— Não tem a certeza?

— Deixe-me pensar um pouco... — Estivera lá de madrugada, na companhia de Jane e de outras pessoas, depois de uma sessão de cinema na Sorbonne. Ellis servira-lhes café. Era um quarto pequeno. Jane sentara-se no chão, ao lado da janela... — Dá, sim. A janela dá para a rua. Mas porque é isso importante?

— Significa que o senhor pode fazer sinal.

— Eu? Porquê? A quem?

Leblond lançou-lhe um olhar ameaçador.

— Desculpe — murmurou Jean-Pierre.

Leblond hesitou. Quando tornou a falar, o seu tom era um pouco mais suave, embora a expressão permanecesse impassível.

— O senhor vai passar pelo batismo de fogo. Lamento ter de o usar numa *ação* como esta, quando ainda nada fez para nós. Mas conhece Ellis e está aqui, e neste momento não dispomos de mais ninguém que o conheça; e o que queremos perderá o impacto se não for realizado imediatamente. Portanto, preste atenção, pois é muito importante. Vá ao quarto de Ellis. Se ele lá estiver, deve entrar... invente uma desculpa. Vá à janela, incline-se para fora, certifique-se de que é visto por Raoul, que estará à espera na rua.

Raoul agitou-se como um cão que ouve alguém mencionar o seu nome numa conversa.

— E se Ellis não estiver? — perguntou Jean-Pierre.

— Fale com os vizinhos. Tente descobrir para onde foi e quando voltará. Se tudo indicar que ele se ausentou apenas por alguns minutos ou mesmo por uma hora, espere por ele. Quando voltar, faça como antes: entre, vá até

à janela e certifique-se de que Raoul o vê. O seu aparecimento na janela é o sinal de que Ellis está no quarto... portanto, faça o que fizer, não vá à janela se ele não estiver. Entendido?

— Sei o que quer que eu faça — respondeu Jean-Pierre. — Só não entendo qual é o propósito.

— Identificar Ellis.

— E depois de eu o identificar?

Leblond deu a resposta que Jean-Pierre mal se atrevera a esperar e que o deixou emocionado: — Vamos matá-lo, claro.

## CAPÍTULO 3

Jane estendeu uma toalha branca remendada sobre a pequena mesa de Ellis e pôs nela dois pratos, com um sortido de talheres amassados. Encontrou uma garrafa de *Fleurie* no armário sob o lava-louça e abriu-a. Sentiu-se tentada a prová-lo, mas depois resolveu esperar por Ellis. Pôs os copos na mesa, sal e pimenta, mostarda, guardanapos de papel. Perguntou-se se deveria começar a cozinhar. Não, era melhor deixar isso para Ellis.

Não gostava daquele quarto. Era despojado, acanhado e impessoal. Ficara bastante chocada ao vê-lo pela primeira vez. Andava a sair com aquele homem maduro, afetuoso e descontraído, e imaginara que ele morava num sítio que expressasse a sua personalidade, um apartamento atraente e confortável, com recordações de um passado rico em experiências. Mas nunca se imaginaria que o homem que ali vivia fora casado, lutara numa guerra, tomara LSD e se destacara como capitão da equipa de futebol americano na escola. As paredes brancas e frias estavam decoradas com alguns *posters* escolhidos à pressa. A louça vinha de lojas que vendiam coisas em segunda mão, e os tachos eram dos mais ordinários. Não havia dedicatórias nos livros de poesia na estante. Guardava as calças de ganga e camisolas numa mala de plástico, sob a cama, que rangia muito. Onde estavam os velhos boletins escolares, as fotografias dos sobrinhos, o exemplar tão querido de *Heartbreak Hotel*, o canivete comprado como recordação em Bolonha ou nas cataratas do Niágara, a saladeira de teca que toda a gente recebe dos pais, mais tarde ou mais cedo? O quarto nada continha de realmente importante, nenhuma das coisas que se guardam não pelo que são mas pelo que representam, nenhum pedaço da sua alma.

Era o quarto de um homem introvertido, um homem reservado, um homem que nunca partilharia os seus pensamentos mais íntimos com outra pessoa. Aos poucos, com uma terrível tristeza, Jane chegara à conclusão de que Ellis era mesmo assim, como o seu quarto, frio e retraído.

Parecia incrível. Afinal, ele era um homem extremamente confiante. Andava de cabeça erguida, como se nunca tivesse sentido medo de qualquer coisa na vida. Na cama era desinibido, completamente à vontade com a sua sensualidade. Faria qualquer coisa e diria qualquer coisa, sem ansiedade, hesitação ou vergonha. Jane nunca conhecera um homem assim. Mas houvera muitas ocasiões — na cama, em restaurantes ou

apenas a andar pela rua —, enquanto se rira com ele ou o ouvira falar, ou vira a pele em torno dos olhos contrair-se enquanto ele se concentrava num pensamento, ou quando abraçara o seu corpo quente, em que descobrira que ele subitamente se desligara. Nesses instantes de ausência, ele deixava de ser amoroso, divertido, cortês, atencioso, meigo ou compassivo. Fazia-a sentir-se excluída, uma estranha, uma intrusa no seu mundo particular. Era como o sol a esconder-se atrás de uma nuvem.

Jane sabia que teria de o deixar. Amava-o loucamente, mas parecia que Ellis não era capaz de a amar da mesma forma. Ele tinha trinta e três anos, e se não aprendera até agora a viver em intimidade, nunca mais aprenderia.

Sentou-se no sofá e começou a ler *The Observer*, que comprara pelo caminho numa banca de publicações internacionais do Boulevard Raspail. Havia uma notícia sobre o Afeganistão na primeira página. Parecia um bom sítio para esquecer Ellis.

A perspectiva atraía-a de imediato. Embora adorasse Paris e o seu trabalho fosse no mínimo variado, queria mais: experiência, aventura e uma oportunidade de lutar pela liberdade. Não tinha medo. Jean-Pierre explicara que os médicos eram considerados demasiado valiosos para serem enviados até às zonas de combate. Havia sempre o risco de serem atingidos por uma bomba extraviada ou apanhados numa escaramuça, mas provavelmente não era pior do que o perigo de ser atropelado por um automobilista parisiense. Ela sentia-se curiosa a respeito do estilo de vida dos rebeldes afegãos.

— O que comem por lá? — perguntara a Jean-Pierre. — O que vestem? Vivem em tendas? Há casas de banho?

— Não há casas de banho — respondera ele. — Nem eletricidade. Nem estradas. Nem vinho. Nem carros. Nem aquecimento central. Nem dentistas. Nem carteiros. Nem telefones. Nem restaurantes. Nem anúncios. Nem *Coca-Cola*. Nem previsão meteorológica, bolsa de valores, decoradores, assistentes sociais, batom, tampões, desfiles de moda, jantares festivos, praças de táxi, filas para o autocarro...

— Para! — interrompera-o Jane, pois ele era capaz de continuar assim durante horas a fio. — Devem ter autocarros e táxis.

— Não nas zonas rurais. Vou para uma região chamada vale dos Cinco Leões, um reduto rebelde nos contrafortes dos Himalaias. Já era primitivo antes mesmo de ser bombardeado pelos russos.

Jane estava absolutamente convencida de que poderia viver feliz sem canalização, batom ou previsões meteorológicas. Desconfiava de que Jean-Pierre subestimava o perigo, mesmo fora da zona de combate, mas isso não era suficiente para a dissuadir. A mãe ficaria histérica, claro. O pai, se ainda estivesse vivo, teria dito: «Boa sorte, Janey.» Ele compreendia a importância de fazer alguma coisa que valesse *a pena* na vida. Embora tivesse sido um bom médico, nunca ganhara dinheiro, porque onde quer que vivessem — Nassau, Cairo, Singapura, mas principalmente na Rodésia — tratava sempre os pobres de graça, portanto eles tinham-no procurado em grande número, afugentando os clientes que podiam pagar.

O devaneio de Jane foi interrompido por passos na escada. Compreendeu que não lera mais do que umas poucas linhas do jornal. Inclinou a cabeça, à escuta. Não pareciam os passos de Ellis. Mesmo assim, bateram à porta.

Jane largou o jornal e foi abri-la. Deparou com Jean-Pierre. Ele pareceu quase tão admirado como ela. Olharam-se em silêncio durante um momento.

— Tens cara de culpado. Eu também? — perguntou Jane por fim.

— Também — respondeu Jean-Pierre, sorrindo.

— Estava a pensar em ti. Entra.

Ele entrou, olhou em volta.

— O Ellis não está?

— Estou à espera dele a qualquer momento. Senta-te.

Jean-Pierre instalou o corpo comprido no sofá. Jane pensou, não pela primeira vez, que ele era provavelmente o homem mais bonito que já conhecera. Tinha um rosto regular, a testa alta, nariz forte e um tanto aristocrático, olhos castanhos, uma boca sensual parcialmente oculta por uma barba cheia, castanho-escura, com alguns fios castanho-avermelhados no bigode. As roupas eram baratas, mas escolhidas com extremo cuidado, e ele usava-as com uma elegância despreocupada que Jane invejava.

Gostava muito dele. O seu maior defeito era ter-se em demasiado boa conta; mas era tão ingênuo nisso a ponto de ser desarmante, como uma criança vaidosa. Jane apreciava o seu idealismo e a sua dedicação à medicina. Tinha um grande encanto. E também uma imaginação prodigiosa que podia às vezes ser muito engraçada: impelido por algo absurdo, talvez um mero deslize linguístico, ele podia lançar-se num monólogo excêntrico que se prolongava por dez ou quinze minutos.



Quando alguém citara um comentário de Jean-Paul Sartre sobre futebol, Jean-Pierre fizera espontaneamente o relato de um jogo de futebol como o poderia ter feito um filósofo existencialista. Jane rira até às lágrimas. As pessoas diziam que a alegria de Jean-Pierre tinha o seu reverso, os momentos de sombria depressão, mas Jane nunca testemunhara qualquer um desses momentos.

— Bebe um pouco de vinho do Ellis — disse ela, levantando a garrafa da mesa.

— Não, obrigado.

— Estás a treinar-te para viver num país muçulmano?

— Nem por isso.

Ele parecia muito solene.

— O que se passa? — perguntou Jane.

— Preciso de ter uma conversa séria contigo.

— Tivemo-la há três dias. Já te esqueceste? — retorquiu Jane com ligeireza. — Pediste-me para deixar o meu namorado e ir contigo para o Afeganistão... um convite a que poucas mulheres poderiam resistir.

— Vê se falas a sério.

— Está bem. Ainda não me decidi.

— Descobri uma coisa terrível sobre o Ellis, Jane.

Ela fitou-o com uma expressão especulativa. O que viria ali? Jean-Pierre inventaria uma história, contaria uma mentira, a fim de a persuadir a acompanhá-lo? Ela achava que não.

— O que é?

— Ele não é quem finge ser.

Estava a ser muito melodramático.

— Não precisas de falar como um cangalheiro. O que queres dizer?

— Ele não é um poeta sem dinheiro. Trabalha para o Governo americano.

Jane franziu a testa.

— Para o Governo americano? — O seu primeiro pensamento foi o de que Jean-Pierre percebera tudo ao contrário. — Ele dá aulas de inglês a alguns franceses que trabalham para o Governo americano, mas...

— Não me refiro a isso. Ele espia os grupos radicais. É um agente. Trabalha para a CIA.

Jane desatou a rir.

— Mas que absurdo! Pensaste que podias convencer-me a deixá-lo com uma história dessas?

— É verdade, Jane.

— Não é, não. O Ellis não podia ser um espião. Achas que eu não saberia? Estou praticamente a viver com ele há um ano.

— Mas não vives mesmo com ele, pois não?

— Isso não faz diferença. *Conheço-o* bem. — Ainda enquanto falava, Jane pensou que aquilo podia explicar muita coisa. Não conhecia Ellis a fundo, mas conhecia-o o suficiente para ter a certeza de que não era vil, mesquinho, traiçoeiro ou simplesmente *mau*.

— Já se sabe por toda a cidade — dizia Jean-Pierre. — O Rahmi Coskun foi preso esta manhã e todos dizem que o Ellis é o responsável.

— Porque foi o Rahmi preso?

Jean-Pierre encolheu os ombros.

— Subversão, sem dúvida. Seja como for, o Raoul Clermont anda por aí à procura do Ellis e *alguém* quer vingar-se.

— Ora, Jean-Pierre, isso é ridículo — disse Jane.

De repente sentiu imenso calor. Foi até à janela e abriu-a. Ao olhar para a rua, viu a cabeça loura de Ellis passar pela porta do prédio.

— Bem — continuou —, ele vem aí. Terás de repetir essa história ridícula diante dele.

Ouviu os passos de Ellis na escada.

— É o que tenciono fazer — disse Jean-Pierre. — Porque pensas que estou aqui? Vim avisá-lo de que andam à procura dele.

Jane percebeu que Jean-Pierre estava a ser sincero; acreditava mesmo naquela história. Pois muito bem, Ellis esclareceria tudo em breve.

A porta abriu-se e Ellis entrou.

Parecia muito feliz, como se transbordasse de boas notícias, e quando viu o seu rosto redondo e sorridente com o nariz partido e os olhos azuis penetrantes, Jane sentiu um aperto no coração ao pensar que estivera a namoriscar com Jean-Pierre.

Ellis parou à porta, admirado por ver o outro. O seu sorriso desvaneceu-se um pouco.

— Olá — disse.

Fechou a porta e trancou-a, como era seu hábito. Jane sempre pensara que era uma excentricidade, mas agora ocorreu-lhe que era a atitude que um espião adotaria. Tratou de afastar o pensamento.

Jean-Pierre foi o primeiro a falar.

— Andam atrás de ti, Ellis. Já sabem. E querem apanhar-te.

Jane olhou de um para o outro. Jean-Pierre era mais alto do que Ellis, mas Ellis tinha os ombros largos e um peito mais musculado. Os dois ficaram imóveis como gatos a avaliarem-se.

Jane abraçou Ellis e beijou-o com um sentimento de culpa.

— O Jean-Pierre acabou de me contar uma história absurda acerca de seres um espião da CIA.

Jean-Pierre estava debruçado na janela, a observar a rua lá em baixo. Virou-se para os encarar.

— Conta-lhe, Ellis.

— De onde tiraste essa ideia? — perguntou Ellis.

— Circula pela cidade.

— E de quem exatamente a ouviste? — insistiu Ellis num tom de aço.

— Raoul Clermont.

Ellis assentiu.

— Sentas-te por favor, Jane? — pediu ele em inglês.

— Não quero sentar-me — disse ela, irritada.

— Tenho uma coisa para te contar.

Não podia ser verdade, *não podia*. Jane sentiu o pânico subir-lhe pela garganta.

— Então conta e não me peças para me sentar!

Ellis olhou para Jean-Pierre.

— Importas-te de nos deixar? — pediu ele em francês.

Jane começou a ficar zangada.

— O que vais contar-me? Porque não dizes simplesmente que o Jean-Pierre está errado? Diz-me que não és um espião, Ellis, antes que eu enlouqueça!

— Não é assim tão simples.

— É muito simples! — Jane já não podia evitar o tom histérico na sua voz. — Ele diz que és um espião, que trabalhas para o Governo americano, que me tens mentido, de forma contínua, descarada e traiçoeira, desde que nos conhecemos. Isso é verdade? É ou não? Vá, responde!

Ellis suspirou.

— Acho que é verdade.

Jane sentiu-se prestes a explodir.

— Seu estupor! Seu estupor de merda!

A expressão de Ellis era impassível.

— Ia contar-te hoje.

Bateram à porta. Os dois ignoraram.

— Tens-me espiado e a todos os meus amigos! — gritou Jane. — Sinto-me tão *envergonhada*.

— O meu trabalho aqui está concluído — declarou Ellis. — Já não preciso de te mentir.

— Não terás essa oportunidade! Nunca mais quero ver-te!

Tornaram a bater à porta.

— Está alguém à porta — disse Jean-Pierre em francês.

— Não estás a falar a sério... acerca de nunca mais queres ver-me — disse Ellis.

— Não percebes o que me fizeste, pois não?

— Abram a maldita porta, pelo amor de Deus! — exclamou Jean-Pierre.

— Santo Deus! — resmungou Jane, aproximando-se da porta. Destrancou-a e abriu-a. Deparou com um homem enorme, de ombros largos, vestindo um casaco verde de bombazina com um rasgão na manga. Jane nunca o vira antes. — Que diabo quer? — A seguir viu a arma na mão dele.

Os poucos segundos subsequentes pareceram passar muito devagar.

Jane compreendeu, de repente, que se Jean-Pierre estivera certo ao dizer que Ellis era um espião, então provavelmente também tinha razão quando afirmara que alguém queria vingar-se; e que, no mundo em que Ellis habitava secretamente, a palavra «vingança» podia significar uma batida na porta e um homem com uma arma na mão.

Ela abriu a boca para gritar.

O homem hesitou por uma fração de segundo. Parecia admirado, como se não esperasse ver ali uma mulher. Os seus olhos foram de Jane para Jean-Pierre e voltaram: sabia que Jean-Pierre não era o seu alvo, mas estava confuso porque não conseguia ver Ellis, escondido pela porta entreaberta.

Em vez de gritar, Jane tentou fechar a porta.

Quando a empurrou, o homem percebeu o que ela estava a fazer e encostou o pé à ombreira. A porta bateu no sapato e voltou para trás. Porém, ao esticar a perna, ele abriu os braços, a fim de manter o equilíbrio, e a arma apontava agora para o canto do teto.

*Ele vai matar o Ellis*, pensou Jane. *Ele vai matar o Ellis*.

Lançou-se para cima do homem, batendo-lhe na cara com os punhos, pois subitamente, embora odiasse Ellis, não queria que ele morresse.

O homem deixou-se distrair apenas por uma fração de segundo. Com um braço forte, empurrou Jane para o lado. Ela aterrou sentada, magoando o cóccix.

E viu o que aconteceu em seguida com terrível clareza.

O braço que a empurrara para o lado escancarou a porta. Enquanto o homem virava a mão com a arma, Ellis avançou para ele, a garrafa de vinho erguida acima da cabeça. A arma disparou no momento em que a garrafa descia, e o barulho do tiro coincidiu com o barulho de vidro a partir-se.

Jane olhou horrorizada para os dois homens.

A seguir o homem caiu, Ellis continuou de pé e ela percebeu que o tiro não acertara.

Ellis inclinou-se e arrancou a arma da mão do homem.

Jane levantou-se com esforço.

— Estás bem? — perguntou Ellis.

— Viva.

Ele virou-se para Jean-Pierre.

— Quantos há na rua?

Jean-Pierre olhou pela janela.

— Nenhum.

Ellis pareceu admirado.

— Devem estar escondidos. — Guardou a arma no bolso e foi até à estante. — Afastem-se — ordenou, e tombou a estante no chão. Atrás havia uma porta.

Ellis abriu-a.

Fitou Jane por um longo momento, como se tivesse alguma coisa para lhe dizer mas não conseguisse encontrar as palavras. Depois, passou pela porta e desapareceu.

Jane hesitou por um instante, depois avançou devagar até à porta secreta e olhou para o outro lado. Havia ali um estúdio, escassamente mobilado e cheio de pó, como se não fosse ocupado há muito tempo. Uma porta estava aberta na outra ponta e, a seguir, havia uma escada.

Ela virou-se e olhou para o quarto de Ellis. O homem estava caído no chão, desmaiado no meio de um charco de vinho. Tentara matar Ellis, ali mesmo naquele quarto, e isso já parecia irreal. Tudo parecia irreal: Ellis

ser um espião; Jean-Pierre saber disso; Rahmi ser preso; a rota de fuga de Ellis.

Ele partira. «Nunca mais quero ver-te», dissera-lhe Jane, poucos segundos antes. Parecia que o seu desejo seria atendido.

Ela ouviu passos na escada.

Levantou os olhos do homem e fitou Jean-Pierre. Ele também parecia aturdido. Depois de um momento, Jean-Pierre atravessou o aposento e abraçou-a. Jane encostou a cabeça ao seu ombro e desatou a chorar.

# SEGUNDA PARTE

1982

## CAPÍTULO 4

O rio descia da linha do gelo, frio e cristalino, sempre impetuoso, e enchia o vale com o seu barulho, enquanto borbulhava pelas ravinas e passava pelos trigais, numa corrida precipitada para as distantes terras baixas. Durante quase um ano, o som estivera constantemente nos ouvidos de Jane: às vezes alto, quando ela ia banhar-se ou quando percorria os trilhos sinuosos entre as aldeias; outras vezes suave, como agora, quando se encontrava no cimo da colina e o rio dos Cinco Leões era apenas um brilho e um murmúrio à distância. Quando por fim deixasse o vale, acharia o silêncio enervante, como os cidadãos de férias no campo que não conseguem dormir por causa da ausência de barulho. Prestando atenção, ouviu outra coisa e compreendeu que o novo som a fizera tomar consciência do anterior. Sobrepondo-se ao coro do rio, surgia o barulho de um avião de hélice.

Jane abriu os olhos. Era um *Antonov*, o lento e predatório avião de reconhecimento, cujo rugido incessante era o arauto habitual dos jatos mais velozes e mais ruidosos numa incursão de bombardeamento. Sentou-se e olhou ansiosa para o vale.

Estava no seu refúgio secreto, uma saliência larga e plana no meio de um penhasco. Por cima, as rochas salientes escondiam-na sem tapar o sol, e dissuadiriam qualquer um que não fosse alpinista a descer. Por baixo, o acesso ao refúgio era íngreme e pedregoso, desprovido de vegetação: ninguém podia subir sem ser ouvido e visto por Jane. De qualquer forma, não havia motivo para alguém ir até ali. Jane só encontrara o lugar ao sair do trilho e perder-se. A privacidade era importante porque ela ia até ali para se despir e deitar ao sol, e os afegãos eram recatados como freiras: ela seria linchada se a vissem nua.

À direita, a colina poeirenta descia abruptamente. Quase no sopé, onde a encosta começava a tornar-se plana, perto do rio, ficava a aldeia de Banda, cinquenta ou sessenta casas num terreno irregular e rochoso que ninguém podia cultivar. As casas eram feitas de pedras cinzentas e tijolos de lama, e cada uma tinha um terraço de terra compactada. Ao lado da pequena mesquita de madeira havia um grupo de casas em ruínas: um dos bombardeiros russos largara ali uma bomba poucos meses antes. Jane podia ver a aldeia com clareza, embora fosse uma descida de vinte minutos até lá abaixo. Correu os olhos pelos terraços e pátios murados, os



caminhos de terra, à procura de crianças extraviadas. Mas, felizmente, não havia nenhuma. Banda estava deserta sob o céu quente e azul.

À esquerda, o vale alargava-se. Os pequenos campos pedregosos estavam pontilhados de crateras de bombas, e nas encostas inferiores da montanha muitos dos antigos socacos tinham desabado. O trigo estava maduro, mas ninguém o ceifava.

Além dos campos, na base da muralha rochosa que constituía o outro lado do vale, corria o rio dos Cinco Leões: profundo em algumas zonas, raso noutras, ora largo, ora estreito, sempre rápido e sempre rochoso. Jane analisou toda a sua extensão, até onde conseguia ver. Não havia mulheres a tomar banho ou a lavar roupa, não havia crianças a brincar, não havia homens a levar cavalos ou burros pela água.

Jane pensou vestir-se, deixar o refúgio e subir mais um pouco pela encosta, até às grutas. Era onde estavam os aldeões, os homens a dormir depois de uma noite de trabalho no campo, as mulheres a cozinhar e a tentar evitar que as crianças se afastassem, as vacas nos currais e as cabras amarradas, os cães a lutarem por restos de comida. Provavelmente, ela estava bastante segura ali, pois os russos bombardeavam as aldeias, não as encostas nuas; mas havia sempre a possibilidade de uma bomba extraviada, e uma gruta protegê-la-ia de tudo, exceto de um tiro certo.

Antes de ter tomado uma decisão, ouviu o rugido dos jatos. Estreitou os olhos contra o sol para os observar. O barulho encheu o vale, sobrepondo-se ao troar do rio, enquanto eles passavam por cima, seguindo para nordeste, ainda muito altos, mas a descer, um, dois, três, quatro assassinos prateados, o máximo engenho do homem usado para matar e mutilar camponeses analfabetos, derrubar casas de tijolos de lama e regressar à base a uma velocidade superior a mil quilómetros por hora.

Desapareceram num minuto. Banda seria poupada naquele dia. Pouco a pouco, Jane descontraiu-se. Os aviões apavoravam-na. Banda escapara completamente aos bombardeamentos no último verão e todo o vale tivera uma trégua durante o inverno; mas recomeçara com intensidade naquela primavera e Banda já fora atingida várias vezes, uma bomba caindo mesmo no centro da aldeia. Desde então, Jane odiava os aviões.

A coragem dos aldeões era espantosa. Cada família fizera um segundo lar nas grutas lá em cima e subiam a encosta todas as manhãs, passando ali o dia, para voltarem ao crepúsculo, pois não havia bombardeamentos à noite. Como era inseguro trabalhar nos campos durante o dia, os homens

faziam-no à noite — ou melhor, os mais velhos faziam-no, já que os jovens estavam ausentes na maior parte do tempo, a disparar contra os russos na extremidade meridional do vale ou mais além. Naquele verão, os bombardeamentos estavam a ser mais intensos do que nunca em *todas* as áreas rebeldes, segundo as informações que Jean-Pierre colhera entre os guerrilheiros. Se os afegãos de outras partes do país eram como os daquele vale, seriam capazes de se adaptar e sobreviver: salvando alguns bens preciosos dos escombros de uma casa bombardeada, replantando incansavelmente as hortas destruídas, cuidando dos feridos e enterrando os mortos, enviando adolescentes cada vez mais jovens para os líderes das guerrilhas. Jane estava convencida de que os russos nunca conseguiriam derrotar aquela gente, a menos que transformassem toda a região num deserto radioativo.

Já era outra questão se os rebeldes conseguiriam algum dia derrotar os russos. Eram corajosos e persistentes, controlavam os campos, mas as tribos rivais odiavam-se quase tanto como aos invasores, e as suas espingardas eram inúteis contra os bombardeiros a jato e os helicópteros blindados.

Jane afastou da mente os pensamentos de guerra. Era o auge do calor do dia, a hora da sesta, quando gostava de estar sozinha e descontraí-la. Enfiou a mão numa bolsa de pele de cabra com manteiga clarificada e começou a passá-la pela pele esticada da enorme barriga, perguntando-se como pudera ser tão tola a ponto de engravidar no Afeganistão.

Chegara com uma reserva de pílulas contraceptivas para dois anos, um diafragma e uma caixa inteira de espermicida; contudo, apenas poucas semanas depois, esquecera-se de recommençar a tomar a pílula após a menstruação e depois esquecera-se várias vezes de colocar o diafragma.

— Como pudeste cometer um erro desses? — gritara Jean-Pierre, e ela não pudera responder.

Naquele momento, deitada ao sol, alegremente grávida, com os belos seios intumescidos e uma dor permanente nas costas, percebia que fora um erro deliberado, uma espécie de armadilha montada pelo seu inconsciente. Quisera um filho, sabia que Jean-Pierre não queria, e por isso tornara-o possível por acidente.

*Porque queria eu tanto ter um filho?*, perguntou a si mesma. A resposta surgiu no mesmo instante: *porque me sentia sozinha*.

— Será verdade? — perguntou em voz alta.

Seria irónico. Nunca se sentira sozinha em Paris, a viver só, a fazer compras para si e a falar com a sua imagem no espelho; mas agora, casada, a passar todas as noites com o marido e a trabalhar a seu lado durante a maior parte de cada dia, sentia-se isolada, assustada e sozinha.

Casaram-se em Paris pouco antes de viajarem. Parecera de certa forma um elemento natural da aventura: outro desafio, outro risco, outra emoção. Todos tinham comentado que eles eram felizes, lindos, corajosos e apaixonados, o que fora verdade.

Não podia haver dúvida de que ela esperara demasiado. Ansiara por um amor e uma intimidade sempre crescentes com Jean-Pierre. Pensara que descobriria tudo sobre a infância do seu querido, do que ele tinha *realmente* medo, se era verdade que os homens sacudiam o pénis depois de urinarem; por sua vez, contar-lhe-ia que o pai fora um alcoólico, que tinha a fantasia de ser violada por um negro e que às vezes chupava o polegar quando se sentia ansiosa. Contudo, Jean-Pierre parecia pensar que a relação depois do casamento devia continuar exatamente como antes. Tratava-a com extrema cortesia, fazia-a rir com os seus acessos cómicos, aconchegava-se desamparado nos seus braços quando estava deprimido, discutia política e guerra, fazia amor com eficiência uma vez por semana, com o seu corpo esguio e jovem, as mãos fortes e sensíveis de cirurgião, comportava-se sob todos os aspetos como um namorado, e não como um marido. Jane ainda se sentia incapaz de conversar com ele sobre coisas tolas e embaraçosas, como se um chapéu fazia o seu nariz parecer mais comprido, e como ainda se sentia furiosa pela tarefa que levava por ter entornado tinta vermelha no tapete da sala, quando na verdade a culpada fora a sua irmã Pauline. Queria perguntar a alguém «É assim que deve ser, ou vai melhorar?», mas as amigas e a família estavam muito longe, e as mulheres afegãs achariam as suas expectativas ultrajantes. Ela resistira à tentação de confrontar Jean-Pierre com o seu desapontamento, em parte porque as queixas eram muito vagas, em parte porque tinha medo da sua resposta.

Olhando para trás, percebia que a ideia de um filho se insinuara na sua mente ainda antes, quando andava com Ellis Thaler. Naquele ano voara de Paris para Londres para assistir ao batizado do terceiro filho da sua irmã Pauline, algo que normalmente não faria, pois detestava as reuniões formais de família. Também começara a tomar conta do bebé de um casal do seu prédio, um histérico negociante de antiguidades e a sua

aristocrática mulher. Gostara principalmente quando o bebé chorara e ela tivera de lhe pegar ao colo e de o confortar.

Depois, ali no vale, onde o seu dever era orientar as mulheres a planearem os filhos para terem crianças mais saudáveis, descobrira-se a partilhar a alegria com que cada nova gravidez era saudada, mesmo nas casas mais pobres e mais apinhadas. Assim, a solidão e o instinto maternal conspiraram contra o bom senso.

Teria havido um tempo — mesmo que apenas um instante fugaz — em que compreendera que o seu inconsciente estava a querer engravidá-la? Teria pensado *Posso ter um filho* no momento em que Jean-Pierre a penetrara, deslizando lenta e graciosamente como um navio para o porto, enquanto os seus braços apertavam o corpo dele; ou no segundo de hesitação, imediatamente antes do clímax de Jean-Pierre, quando ele fechava os olhos com força e parecia retirar-se das profundezas dela para si mesmo, uma nave espacial a cair no centro do Sol; ou depois, enquanto resvalava feliz para o sono, com o sémen quente dentro de si?

— Será que compreendi? — perguntou em voz alta.

Porém, pensar em fazer amor deixara-a excitada, e começou a acariciar-se lascivamente, com as mãos escorregadias da manteiga, esquecendo a pergunta e deixando que a sua mente se enchesse de imagens de paixão.

O barulho dos aviões a jato trouxe-a de volta ao mundo real. Olhou, apavorada, enquanto outros quatro bombardeiros passavam pelo vale e desapareciam. Depois de o barulho cessar, recomeçou a acariciar-se, mas perdera a vontade. Ficou imóvel, ao sol, e pensou no filho.

Jean-Pierre reagira à gravidez como se tivesse sido premeditada. Ficara tão furioso que quisera realizar, ele próprio, um aborto no mesmo instante. Jane achara esse desejo terrivelmente macabro e de repente ele parecera-lhe um estranho. Mais difícil de suportar, no entanto, fora o sentimento de rejeição. Pensar que o marido não queria o filho deixara-a desolada. Jean-Pierre agravara ainda mais a situação ao recusar-se a tocar-lhe. Ela nunca se sentira tão infeliz na vida. Pela primeira vez, compreendera por que motivo as pessoas às vezes tentavam matar-se. O fim do contacto físico fora a pior de todas as torturas — ela chegara a desejar, com toda a sinceridade, que Jean-Pierre a espancasse em vez de se afastar, de tanto que precisava de ser tocada. Quando se lembrava daqueles dias, Jane ainda se sentia furiosa com o marido, embora tivesse sido ela própria quem provocara tudo.

Então, uma manhã, ele abraçara-a e pedira desculpa pelo seu comportamento; e embora parte de Jane tivesse querido dizer «Pedir *desculpa* não é suficiente, seu estupor», o resto dela estava desesperado pelo amor de Jean-Pierre, e por isso perdoara-lhe imediatamente. Ele explicara que já estava com medo de a perder; e se ela fosse a mãe do seu filho, então ficaria absolutamente apavorado, pois nesse caso poderia perder ambos. A confissão levava-a às lágrimas e ela compreendera que, ao engravidar, assumira o supremo compromisso com Jean-Pierre. Tomara então a decisão de fazer o casamento funcionar, independentemente do que pudesse acontecer.

Ele tornara-se mais afetuoso depois disso. Passara a interessar-se pelo bebê que crescia na sua barriga, preocupava-se com a saúde e segurança de Jane, como os pais ansiosos costumam fazer. O casamento seria uma união imperfeita mas feliz, pensou Jane, imaginando um futuro ideal, com Jean-Pierre como ministro da Saúde de França num governo socialista, ela própria eleita para o Parlamento Europeu, três filhos brilhantes, um na Sorbonne, outro na London School of Economics e o terceiro na School for the Performing Arts de Nova Iorque.

Nessa fantasia, a criança mais velha e mais inteligente era uma menina. Jane tocou na barriga, comprimindo-a ao de leve com as pontas dos dedos, sentindo os contornos do bebê. Segundo Rabia Gul, a velha parteira da aldeia, seria uma menina, pois podia ser sentida no lado esquerdo, enquanto os rapazes cresciam no lado direito. Por isso, Rabia prescrevera uma dieta de legumes. Para um rapaz, teria recomendado muita carne. No Afeganistão, os homens eram mais bem alimentados antes mesmo de nascerem.

Os pensamentos de Jane foram interrompidos por um estrondo alto. Ficou confusa por um momento, associando a explosão aos aviões a jato que tinham passado minutos antes, a caminho de bombardear outra aldeia; e depois ouviu, bastante perto, o grito alto e contínuo de uma criança, em dor e pânico.

Compreendeu no mesmo instante o que acontecera. Os russos, usando táticas que tinham aprendido com os americanos no Vietname, haviam enchido de minas as zonas em volta das aldeias. O alegado objetivo era bloquear as linhas de abastecimento dos guerrilheiros; mas como as «linhas de abastecimento dos guerrilheiros» eram os trilhos nas montanhas usados todos os dias por velhos, mulheres, crianças e animais, o

verdadeiro propósito era o de semear o terror. Aquele grito significava que uma criança fizera rebentar uma mina.

Jane levantou-se de um salto. O som parecia vir de algum sítio nas proximidades da casa do mulá, a menos de um quilómetro da aldeia, já no trilho que subia pela encosta. Jane podia vê-lo, à esquerda, um pouco mais abaixo. Calçou os sapatos, agarrou na roupa e correu nessa direção. O primeiro grito prolongado terminou, e começou uma série de guinchos curtos e aterrorizados. Jane calculou que a criança percebera os danos que a mina causara ao seu corpo e gritava agora de pavor. Correndo pela vegetação rasteira, Jane compreendeu que também estava em pânico, tão perentório era o chamamento da criança desesperada.

— Acalma-te — murmurou para si mesma, ofegante.

Se sofresse uma queda, haveria duas pessoas em dificuldades, e não apenas uma para socorrer. Além do mais, a pior coisa para uma criança assustada era um adulto assustado.

Agora estava perto. A criança devia encontrar-se escondida nos arbustos e não no trilho, pois todos os trilhos eram limpos pelos homens sempre que os russos os minavam, mas era impossível remover as minas de toda a encosta.

Jane parou, à escuta. Arquejava tão alto que teve de prender a respiração. Os gritos partiam de uma mata de citronelas e zimbros. Afastou os arbustos e vislumbrou parte de um casaco azul. A criança devia ser Mousa, o filho de nove anos de Mohammed Khan, um dos guerrilheiros. Um momento depois encontrava-se ao lado do rapazinho.

Mousa estava ajoelhado na terra. Era evidente que tentara pegar na mina, pois a explosão arrancara-lhe a mão e ele agora olhava para o coto ensanguentado, os olhos arregalados e desvairados, a gritar aterrorizado.

Jane vira muitos ferimentos durante o último ano, mas aquele comoveu-a.

— Oh, Deus — murmurou ela. — Pobrezinho! — Ajoelhando-se diante do menino, abraçou-o e murmurou sons tranquilizadores. Ele parou de gritar ao fim de um momento. Jane esperou que ele comesse a chorar, mas a criança estava demasiado chocada e permaneceu em silêncio. Enquanto o abraçava, ela procurou e encontrou a artéria debaixo do braço, detendo o jorro de sangue.

Ia precisar da sua ajuda. Tinha de o fazer falar.

— O que aconteceu, Mousa? — perguntou, em dari.

Ele não respondeu. Jane repetiu a pergunta.

— Pensei... — Os olhos arregalaram-se quando se lembrou, a voz transformando-se num grito quando acrescentou: — Pensei que era UMA BOLA!

— Calma, calma — murmurou Jane. — Conta-me o que fizeste.

— PEGUEI-LHE! PEGUEI-LHE!

Ela abraçou-o com força, procurando acalmá-lo.

— E o que aconteceu?

A voz do menino estava agora trémula, mas já não era histérica.

— Explodiu — respondeu. Estava a acalmar-se.

Jane pegou-lhe na mão direita e colocou-a sob o braço esquerdo.

— Pressiona onde estou a pressionar. — Guiou as pontas dos dedos de Mousa, enquanto retirava os seus. O sangue recomeçou a fluir do ferimento. — Carrega com força.

Ele obedeceu. A hemorragia cessou. Jane beijou-o na testa. Estava húmida e fria.

Ela largara a roupa no chão, ao lado de Mousa. Usava as roupas das mulheres afegãs: um vestido em forma de saco por cima de calças de algodão. Pegou no vestido e rasgou o tecido fino em várias tiras, depois começou a fazer um torniquete. Mousa observava-a, os olhos arregalados, em silêncio. Jane partiu um ramo seco de um zimbros e usou-o para apertar o torniquete.

Precisava agora de um penso, de um sedativo, de um antibiótico para evitar a infeção e da mãe para evitar o trauma.

Jane vestiu as calças e amarrou o cordão. Desejou não ter sido tão precipitada ao rasgar o vestido, pois poderia ter preservado o suficiente para cobrir a parte superior do corpo. Agora, teria de fazer figas para não encontrar um homem a caminho das grutas.

E como levaria Mousa até lá? Não queria tentar fazê-lo andar. Não podia carregá-lo às costas, pois ele provavelmente não conseguiria segurar-se. Suspirou: teria de o levar nos braços. Agachou-se, passou um braço pelos ombros do menino, outro por baixo das coxas. Levantou-o, fazendo força nos joelhos e não nas costas, como aprendera nas aulas de ginástica feminista. Aninhando o menino no colo, as costas a repousarem na elevação da sua barriga, começou a subir pela encosta, devagar. Só conseguia porque ele estava subnutrido: um rapaz europeu de nove anos teria sido demasiado pesado.

Não demorou a deixar os arbustos e a encontrar o trilho, mas sentiu-se exausta depois de quarenta ou cinquenta metros. Nas últimas semanas cansava-se muito depressa, o que a irritava, mas aprendera a não lutar contra isso. Pôs Mousa no chão e manteve-o de pé, abraçando-o gentilmente, enquanto descansava, encostada à parede do penhasco de um dos lados do trilho. Ele mergulhara num silêncio apático, que Jane achava mais preocupante do que os gritos. Assim que se sentiu melhor, tornou a pegá-lo ao colo e recomeçou a subida.

Descansava perto do topo da colina, quinze minutos depois, quando um homem apareceu no trilho à sua frente. Jane reconheceu-o.

— Oh, não! — murmurou ela, em inglês. — Com tanta gente... logo tinha de ser Abdullah!

Era um homem baixo, com cerca de cinquenta e cinco anos, um tanto anafado apesar da escassez de comida. Com o turbante castanho-amarelado e as calças pretas largas, usava uma camisola de losangos de várias cores e um jaquetão azul às riscas que parecia de ter sido vestido em tempos por um corretor londrino. A barba abundante estava pintada de vermelho. Abdullah era o mulá de Banda.

Desconfiava dos estrangeiros, desprezava as mulheres e odiava todos os praticantes de medicina estrangeira. Jane, sendo as três coisas, nunca tivera a menor possibilidade de conquistar o seu afeto. Para agravar ainda mais a situação, muitas pessoas no vale tinham chegado à conclusão de que tomar os antibióticos de Jane era um tratamento mais eficaz para as infecções do que inalar o fumo de um papel a arder em que Abdullah escrevera com tinta de açafrão; consequentemente, o mulá estava a perder dinheiro. A sua reação era referir-se a Jane como «puta ocidental», mas era difícil fazer mais do que isso, pois ela e Jean-Pierre gozavam da proteção de Ahmed Shah Masud, o líder guerrilheiro, e até um mulá hesitava em enfrentar um grande herói.

Ao vê-la, Abdullah estacou abruptamente, uma expressão de extrema incredulidade a transformar o seu rosto normalmente solene numa máscara cómica. Era a pior pessoa que Jane poderia encontrar. Qualquer outro homem da aldeia ficaria embaraçado e talvez ofendido ao vê-la seminua, mas Abdullah ficaria enfurecido.

Jane resolveu enfrentar a situação.

— A paz esteja contigo — disse em dari.



Este era o princípio de um intercâmbio formal de saudações, que poderia às vezes prolongar-se por vários minutos, mas Abdullah não respondeu com o habitual «E contigo». Em vez disso, abriu a boca e começou, a voz alta e estridente, a insultá-la, com um jorro de imprecações que incluíam as palavras em dari para *prostituta*, *perversa* e *sedutora de crianças*. O seu rosto ficou roxo de fúria, ele aproximou-se dela e levantou o cajado.

Aquilo estava a ir demasiado longe. Jane apontou para Mousa, que se encontrava ao seu lado, em silêncio, atordoado pela dor e fraco pela perda de sangue.

— Olha! — gritou ela a Abdullah. — Não vês...

Mas ele estava cego de raiva. Antes que Jane pudesse concluir o que estava a dizer, o mulá acertou-lhe com o cajado na cabeça. Jane soltou um grito de dor e fúria; ficou surpreendida pela *intensidade* da dor e *furiosa* porque Abdullah se atrevera a agredi-la.

Ele ainda não notara o ferimento de Mousa. Os olhos do mulá estavam focados no peito de Jane e ela compreendeu, de repente, que a visão dos seios nus de uma mulher branca ocidental, grávida, em plena luz do dia, estava tão carregada de diferentes tipos de ansiedade sexual que ele inevitavelmente perderia a cabeça. Não planeava puni-la com um ou dois golpes, como poderia castigar a mulher por desobediência. Havia morte no seu coração.

Subitamente, Jane sentiu-se apavorada — por si mesma, por Mousa, pelo filho que ainda não nascera. Cambaleou para trás, fora de alcance, mas Abdullah avançou, tornando a erguer o cajado. Numa repentina inspiração, ela saltou para cima dele, espetando-lhe os dedos nos olhos.

Ele rugiu como um touro ferido. Ficara mais indignado pelo facto de uma mulher que espancava se atrever a ripostar do que propriamente magoado. Enquanto ele estava momentaneamente cego, Jane agarrou-lhe na barba com as duas mãos e puxou. O mulá cambaleou para a frente, tropeçou e caiu. Rolou uns poucos metros pela encosta e foi parar num salgueiro-anão.

*Meus Deus, o que fiz?*, pensou Jane.

Olhando para o sacerdote pomposo e maligno na sua humilhação, Jane teve a certeza de que ele nunca mais lhe perdoaria. Poderia queixar-se aos «barbas brancas», os anciãos da aldeia. Poderia procurar Masud e exigir que os médicos estrangeiros se fossem embora. Poderia até tentar incitar

os homens de Banda a apedrejarem Jane, mas quase no mesmo instante em que tudo isso lhe ocorreu, ela pensou que, para apresentar qualquer queixa, Abdullah teria de contar a história em todos os seus pormenores ignominiosos, e os aldeões iriam certamente rir-se dele, pois os afegãos eram tudo menos cruéis. Assim, talvez ela pudesse escapar.

Jane virou-se. Tinha algo mais importante com que se preocupar. Mousa continuava parado onde ela o deixara, em silêncio, inexpressivo, demasiado chocado para compreender o que acontecera. Jane respirou fundo, tornou a pegá-lo ao colo e continuou a subir.

Chegou ao cimo da colina depois de mais alguns passos e pôde andar mais depressa quando o terreno ficou nivelado. Atravessou o planalto rochoso. Sentia-se cansada e doíam-lhe as costas, mas estava quase a chegar: as grutas ficavam logo abaixo de onde se encontrava. Alcançou o outro lado da planície e ouviu vozes de crianças ao começar a descer. Um instante depois viu um grupo de crianças de seis anos a brincar ao «céu e inferno». Neste jogo, duas crianças transportavam uma, que tinha de segurar os dedos dos pés enquanto a levavam para o Céu — quando não os largava —, ou para o Inferno, geralmente uma lixeira ou uma latrina — quando os largava. Compreendeu que Mousa nunca mais poderia participar naquela brincadeira e foi dominada de repente por uma sensação de tragédia. Nesse momento, as crianças viram-na, pararam de brincar e ficaram a observá-la enquanto ela passava.

— Mousa... — sussurrou uma delas.

Outra repetiu o nome e depois o encantamento foi quebrado, e todas foram a correr diante de Jane, gritando a notícia.

O esconderijo diurno dos aldeões de Banda parecia o acampamento de uma tribo de nómadas do deserto: o chão poeirento, o sol ardente do meio-dia, os restos das fogueiras, as mulheres veladas, as crianças sujas. Jane atravessou o pequeno quadrado de terreno plano em frente das grutas. As mulheres já se dirigiam para a gruta maior, que Jane e Jean-Pierre tinham transformado em clínica. Jean-Pierre ouviu o tumulto e saiu. Agradecida, Jane entregou-lhe Mousa, dizendo em francês:

— Foi uma mina. Ele perdeu a mão. Dá-me a tua camisa.

Jean-Pierre levou Mousa para o interior da gruta e estendeu-o no tapete que servia de mesa de exame. Antes de cuidar da criança, despiu a sua camisa caqui manchada e entregou-a a Jane. Ela vestiu-a.

Sentia-se um pouco tonta. Pensou sentar-se e descansar no fundo fresco da gruta, mas depois de dar dois ou três passos nessa direção, mudou de ideias e sentou-se de imediato.

— Passa-me as compressas — pediu Jean-Pierre.

Jane ignorou-o. A mãe de Mousa, Halima, entrou a correr na gruta e começou a gritar quando viu o filho. *Eu devia acalmá-la*, pensou Jane, *para ela poder consolar o filho; porque não consigo levantar-me? Acho que vou fechar os olhos. Só por um instante.*

Ao cair da noite, Jane soube que o bebé estava quase a nascer.

Quando voltou a si, depois de desmaiar na gruta, tinha o que pensou ser uma dor nas costas, causada por carregar Mousa. Jean-Pierre concordou com esse diagnóstico, deu-lhe uma aspirina e mandou-a ficar deitada. Rabia, a parteira, entrou na gruta para ver Mousa e olhou para Jane atentamente, que na ocasião não entendeu o significado desse olhar. Jean-Pierre limpou e fez um penso no coto de Mousa, deu-lhe penicilina e a vacina contra o tétano. A criança não morreria de infeção, como quase certamente aconteceria sem os medicamentos ocidentais. No entanto, Jane perguntou-se se a vida valeria a pena para ele. A sobrevivência ali já era difícil até para os mais capazes fisicamente, e as crianças aleijadas geralmente morriam cedo.

Ao final da tarde, Jean-Pierre preparou-se para sair. Tinha marcado uma visita para tratar dos doentes numa aldeia a vários quilómetros dali e — por algum motivo que Jane nunca compreendeu — nunca faltava a esses compromissos, mesmo sabendo que nenhum afegão ficaria admirado se ele se atrasasse um dia ou uma semana.

Quando deu um beijo de despedida a Jane, ela começava a perguntar-se se a dor nas costas não seria o início do trabalho de parto, provocado prematuramente pela provação com Mousa. No entanto, como nunca tivera um filho, não podia saber com certeza e achou que seria improvável. Perguntou a Jean-Pierre, que respondeu incisivamente:

— Não te preocupes. Ainda terás de esperar mais seis semanas.

Ela perguntou se não seria melhor ele ficar, de qualquer forma, mas Jean-Pierre afirmou que era totalmente desnecessário. Jane sentiu-se tola e deixou-o partir, o equipamento médico carregado numa égua esquelética, para poder chegar ao seu destino antes do anoitecer e começar a trabalhar bem cedo na manhã seguinte.

Quando o Sol começou a pôr-se atrás do penhasco a oeste e o vale foi invadido pelas sombras, Jane desceu a encosta com as mulheres e crianças até à aldeia às escuras, enquanto os homens se encaminhavam para os campos, a fim de realizar a colheita, enquanto os bombardeiros dormiam.

A casa em que Jane e Jean-Pierre estavam instalados pertencia ao comerciante da aldeia, que perdera a esperança de ganhar dinheiro em tempo de guerra — não havia quase nada para vender — e fora para o Paquistão com a família. A assoalhada da frente, anteriormente a loja, fora a clínica de Jean-Pierre até que a intensidade dos bombardeamentos do verão expulsara os aldeões para as grutas durante o dia. A casa tinha dois quartos atrás, um para os homens e os seus hóspedes, outro para as mulheres e crianças. Jane e Jean-Pierre usavam essas assoalhadas como quarto e sala de estar. Ao lado da casa havia um pátio murado, onde ficava o lume para cozinhar, e também um pequeno tanque, para lavar a roupa, a louça e as crianças. O comerciante deixara alguns móveis de fabrico doméstico, e os aldeões tinham emprestado a Jane alguns belos tapetes para o chão. Jane e Jean-Pierre dormiam sobre um colchão, como os afegãos, mas tinham um saco-cama de penas em vez de cobertores. Como os afegãos, enrolavam o colchão durante o dia ou estendiam-no no terraço para arejar com o tempo bom. Durante o verão, todos dormiam nos terraços.

Descer da gruta para a casa teve um efeito peculiar sobre Jane. A dor nas costas ficou muito pior e ela estava prestes a desabar de dor e exaustão quando chegou a casa. Sentia uma vontade desesperada de urinar, mas estava demasiado cansada para ir até à latrina lá fora, e por isso usou o bacio de emergência, por trás de um biombo, no quarto. Foi nessa ocasião que se apercebeu de uma pequena mancha de sangue nas calças de algodão.

Não tinha energia suficiente para subir a escada externa e ir buscar o colchão ao terraço, por isso deitou-se num tapete do quarto. A «dor nas costas» vinha em ondas sucessivas. Ela pôs as mãos na barriga durante a onda seguinte e sentiu o volume mexer-se, projetando-se para a frente enquanto a dor aumentava, depois recuando quando a dor diminuía. Não teve mais qualquer dúvida de que estava com contrações.

Ficou apavorada. Recordou a conversa com a sua irmã Pauline sobre partos. Depois do primeiro filho de Pauline, Jane visitara-a, levando uma garrafa de champanhe e um pouco de marijuana. Quando estavam bastante

descontraídas, Jane perguntara como era realmente, ao que Pauline respondera:

— Como cagar um melão.

Tinham rido durante o que pareceram horas. No entanto, Pauline dera à luz no hospital da universidade, no centro de Londres, não numa casa de tijolos de lama no vale dos Cinco Leões.

*O que vou fazer? Não posso entrar em pânico. Tenho de me lavar com água quente e sabão; arranjar uma tesoura afiada e deixá-la em água a ferver durante quinze minutos; arranjar lençóis limpos para me deitar, ingerir líquidos; e descontrair-me.*

Mas outra contração começou antes de ela poder fazer qualquer coisa, e esta doeu *mesmo*. Fechou os olhos e tentou fazer respirações lentas, profundas e regulares, como Jean-Pierre lhe ensinara, mas era difícil controlar-se quando tudo o que queria era gritar de medo e de dor.

O espasmo deixou-a esgotada. Ficou imóvel, a recuperar. Compreendeu que não poderia fazer qualquer uma das coisas que enumerara: não conseguiria realizar nada sozinha. Assim que se sentisse com forças, levantar-se-ia e iria à casa mais próxima, onde pediria às mulheres que fossem chamar a parteira.

A contração seguinte veio mais cedo do que esperara, depois de um intervalo que pareceu apenas de um ou dois minutos. Enquanto a tensão alcançava o auge, Jane perguntou em voz alta:

— Porque nunca nos dizem o quanto *dói*?

Depois de o pior ter passado, forçou-se a levantar-se. O terror de dar à luz sozinha proporcionou-lhe as forças necessárias. Cambaleou do quarto para a sala. Sentia-se um pouco mais forte a cada passo. Saiu para o pátio, onde de repente um jorro de líquido quente lhe escorreu pelas coxas, deixando as calças encharcadas: as águas tinham rebentado.

— Oh, não! — gemeu Jane. Encostou-se à ombreira da porta. Não sabia se poderia andar sequer uns metros, com as calças naquele estado. Sentia-se humilhada. — Tenho de andar... — murmurou, mas uma nova contração começou e ela deitou-se no chão, pensando: *Terei de fazer tudo sozinha.*

Quando abriu os olhos de novo, viu o rosto de um homem perto do seu. Parecia um xequê árabe: pele castanho-escura, olhos pretos e bigode preto. As suas feições aristocráticas: maçãs do rosto salientes, nariz aquilino, dentes brancos, queixo comprido. Era Mohammed Khan, o pai de Mousa.

— Graças a Deus — murmurou Jane com dificuldade.

— Vim agradecer-te por salvars a vida do meu filho — disse Mohammed, em dari. — Estás doente?

— Estou a ter um filho.

— Agora? — perguntou ele, aturdido.

— Daqui a pouco. Ajuda-me a entrar em casa.

Mohammed hesitou — o parto, como todas as coisas exclusivamente femininas, era considerado impuro —, mas felizmente a hesitação foi apenas momentânea. Ajudou Jane a levantar-se e amparou-a através da sala até chegar ao quarto. Ela tornou a deitar-se no tapete.

— Vai buscar ajuda — balbuciou.

Ele franziu a testa, sem saber o que fazer, parecendo muito arrapazado e bonito.

— Onde está o Jean-Pierre?

— Foi a Khawak. Preciso da Rabia.

— Está bem. Mandarei a minha mulher.

— Antes de ires...

— Sim?

— Por favor, dá-me um pouco de água.

Mohammed parecia chocado. Era inaudito um homem servir uma mulher, mesmo um simples copo de água.

— Do jarro especial — acrescentou Jane.

Tinham um jarro com água filtrada e fervida para beber: era a única maneira de evitar os numerosos parasitas intestinais de que quase todos os habitantes locais padeciam durante toda a vida.

Mohammed decidiu ignorar a convenção.

— Com certeza.

Foi à sala e voltou um momento depois com um copo de água. Jane agradeceu e bebeu um gole.

— Vou mandar a Halima chamar a parteira — disse ele. Halima era a sua mulher.

— Obrigada — murmurou Jane. — Diz-lhe para se despachar.

Mohammed retirou-se. Jane tivera sorte por ser ele e não um dos outros homens. Qualquer outro se recusaria a tocar numa mulher doente, mas Mohammed era diferente. Era um dos guerrilheiros mais importantes, e na prática o representante local do líder rebelde, Masud. Mohammed tinha apenas vinte e quatro anos, mas naquele país não era uma idade muito precoce para se ser um líder guerrilheiro nem ter um filho de nove anos.

Ele estudara em Cabul, falava um pouco de francês, e sabia que os costumes no vale não eram as únicas formas de comportamento no mundo. A sua principal responsabilidade era organizar as caravanas de camiões para o Paquistão, com os seus carregamentos vitais de armas e munições para os rebeldes. Fora uma caravana dessas que trouxera Jane e Jean-Pierre para o vale.

À espera da contração seguinte, Jane recordou a terrível viagem. Julgara-se uma pessoa saudável, ativa e forte, capaz de andar durante o dia inteiro com relativa facilidade, mas não previra a escassez de comida, as subidas íngremes, os trilhos pedregosos e a diarreia debilitante. Em partes do percurso tinham-se deslocado apenas à noite, com medo dos helicópteros russos. Também tiveram de enfrentar aldeões hostis em alguns lugares: temendo que a caravana atraísse um ataque russo, recusavam-se a vender comida aos guerrilheiros, escondiam-se por trás de portas trancadas, ou dirigiam a caravana para um prado ou um pomar a alguns quilómetros de distância, um local perfeito para acampamento, mas que logo se descobria não existir.

Por causa dos ataques russos, Mohammed mudava constantemente os percursos. Jean-Pierre trouxera de Paris mapas americanos do Afeganistão, que eram melhores do que qualquer coisa que os rebeldes possuíam. Por isso, Mohammed visitava a casa com frequência, a fim de os consultar, antes de enviar uma nova caravana.

Na verdade, Mohammed aparecia com mais frequência do que era realmente necessário. Também falava com Jane mais do que os homens afegãos por norma fariam, fazia contacto visual um pouco além da conta e não deixava de contemplar furtivamente o seu corpo. Jane achava que ele estava apaixonado por ela ou pelo menos estivera até a gravidez se tornar visível.

Jane, por sua vez, sentira-se atraída por ele quando estivera triste por causa de Jean-Pierre. Mohammed era esguio, moreno, forte e poderoso, e pela primeira vez na vida sentira-se atraída por um porco chauvinista.

Podia ter tido um caso com ele. Mohammed era um muçulmano devoto, como todos os guerrilheiros, mas ela duvidava de que isso fizesse alguma diferença. Acreditava no que o pai costumava dizer: «A convicção religiosa pode frustrar um desejo tímido, mas nada pode deter a luxúria genuína.» Esse comentário em particular enfurecera a mãe. A verdade é que havia tanto adultério naquela puritana comunidade camponesa como

em qualquer outro lado, como Jane compreendera ao ouvir as conversas das mulheres à beira do rio, enquanto iam buscar água ou tomavam banho. Jane também sabia como se fazia. Mohammed dissera-lhe:

— Podem ver-se os peixes a saltar ao crepúsculo sob a cascata a seguir ao último moinho. Vou até lá algumas noites pescá-los.

Ao anoitecer, as mulheres cozinhavam, e os homens sentavam-se no pátio da mesquita, a conversar e a fumar: os amantes não seriam descobertos tão longe da aldeia e ninguém daria pela falta de Jane ou Mohammed.

A perspectiva de fazer amor junto a uma cascata com aquele homem tribal bonito e primitivo tentara Jane; mas depois engravidara, Jean-Pierre confessara que tinha medo de a perder e Jane decidira então dedicar todas as suas energias a fazer com que o casamento funcionasse, desse por onde desse. Portanto, nunca fora à cascata, e Mohammed deixou de admirar o seu corpo depois de a gravidez se tornar patente.

Talvez fosse a intimidade latente que encorajara Mohammed a entrar e ajudá-la, quando outros homens teriam recusado e poderiam até desviar-se da sua porta. Ou talvez fosse por causa de Mousa. Mohammed tinha apenas um filho — e três filhas — e provavelmente sentia-se agora em dívida para com Jane. *Hoje fiz um amigo e um inimigo*, pensou ela. *Mohammed e Abdullah*.

A dor começou outra vez, e ela reparou que gozara de uma trégua mais longa do que o habitual. As contrações estariam a tornar-se irregulares? Porquê? Jean-Pierre nada dissera a esse respeito, mas ele esquecera uma boa parte da ginecologia que estudara três ou quatro anos antes.

Aquela contração foi a pior até então e deixou-a trémula e nauseada. O que acontecera à parteira? Mohammed *devia* ter mandado a mulher buscá-la — não se esqueceria nem mudaria de ideias. Mas obedeceria ela ao marido? Claro. As mulheres afegãs obedeciam sempre. Porém, ela podia andar devagar, conversar pelo caminho ou até parar noutra casa para beber chá. Se havia adultério no vale dos Cinco Leões, também havia ciúmes, e Halima certamente saberia ou pelo menos adivinharia os sentimentos do marido por Jane — as mulheres intuíam sempre. Ela podia estar agora ressentida por lhe pedirem que corresse em ajuda da rival, a estrangeira exótica, de pele branca, culta, que tanto fascinava o marido. De repente Jane sentiu-se furiosa com Mohammed e também com Halima. *Não fiz*



*nada de mal, pensou. Porque me abandonaram todos? Porque não está aqui o meu marido?*

Quando outra contração começou, ela desatou a chorar. Era demasiado.

— Não posso continuar — disse em voz alta. Tremia de forma descontrolada. Queria morrer antes que a dor piorasse. — Mãe, ajuda-me...

De repente sentiu um braço forte em torno dos seus ombros e uma voz de mulher ao ouvido a murmurar algo incompreensível, mas tranquilizador, em dari. Sem abrir os olhos, Jane agarrou a outra mulher, a chorar e a gritar, enquanto a contração se tornava mais intensa. Finalmente começou a desvanecer-se, muito devagar, mas com uma sensação de alívio e finalidade, como se pudesse ser a última ou pelo menos a última dolorosa.

Jane levantou os olhos e deparou com os serenos olhos castanhos e o rosto enrugado da velha Rabia, a parteira.

— Que Deus esteja contigo, Jane Debout.

Jane sentiu-se aliviada, como se se tivesse libertado de um fardo esmagador.

— E contigo, Rabia Gul — sussurrou ela, agradecida.

— As dores estão a vir depressa?

— A cada um ou dois minutos.

— O bebé chega antes do tempo — disse outra mulher.

Jane virou a cabeça e viu Zahara Gul, a nora de Rabia, uma mulher voluptuosa da sua idade, cabelo ondulado quase preto, a boca larga e risonha. De todas as mulheres da aldeia, Zahara era com quem Jane sentia alguma afinidade.

— Ainda bem que estás aqui — balbuciou ela.

— O parto foi provocado por teres subido a colina com Mousa ao colo — disse Rabia.

— Só isso? — indagou Jane.

— É suficiente.

*Então não sabem da discussão com Abdullah, pensou Jane. Ele resolveu não contar a ninguém.*

— Devo preparar tudo para a chegada do bebé? — perguntou Rabia.

— Sim, por favor.

*Sabe Deus a que espécie de ginecologia primitiva estou a entregar-me, pensou Jane, mas não consigo fazer isto sozinha, é impossível.*

— Queres que a Zahara faça um chá? — indagou Rabia.

— Sim, por favor.

Pelo menos não havia nada de supersticioso nisso. As duas mulheres deitaram mãos à obra. A sua simples presença já fazia Jane sentir-se melhor. Fora simpático, pensou ela, Rabia ter pedido autorização para ajudar — um médico ocidental teria entrado e assumido o comando como se fosse dono do sítio. Rabia lavou as mãos ritualmente, pedindo aos profetas que lhe deixassem a «cara vermelha» — o que significava pedir que tudo corresse bem —, depois tornou a lavá-las meticulosamente, com sabão e muita água. Zahara trouxe um frasco com arruda-brava e Rabia ateou algumas sementes com um pouco de carvão. Jane recordou que os maus espíritos eram afugentados pelo cheiro da arruda a arder. Consolou-se com o pensamento de que o fumo acre afugentaria as moscas.

Rabia era mais do que uma simples parteira. Trazer crianças ao mundo era a sua atividade principal, mas também preparava medicamentos à base de ervas dotados de poderes mágicos para aumentar a fertilidade das mulheres que tinham dificuldade em engravidar. Conhecía igualmente métodos para evitar a concepção e provocar o aborto, mas havia muito menos procura desses serviços: as mulheres afegãs geralmente queriam ter muitos filhos. Rabia também era consultada sobre qualquer doença «feminina». E quase sempre lhe pediam para lavar os mortos — tarefa considerada impura, da mesma forma que realizar partos.

Jane observou-a mover-se pelo quarto. Provavelmente era a mulher mais velha da aldeia, com cerca de sessenta anos. Era baixa — não devia ter mais do que metro e meio de altura — e muito magra, como a maioria das pessoas dali. O rosto moreno engelhado estava emoldurado por cabelos brancos. Movia-se sem fazer barulho, as mãos ossudas precisas e eficientes.

A relação de Jane com ela começara com desconfiança e hostilidade. Quando Jane lhe perguntara a quem recorria no caso de partos difíceis, Rabia respondera bruscamente:

— Que o diabo seja surdo, nunca tive um parto difícil e nunca perdi uma mãe ou uma criança.

No entanto, mais tarde, quando as mulheres da aldeia começaram a procurar Jane por causa de pequenos problemas menstruais ou gravidezes de rotina, ela encaminhava-as para Rabia, em vez de lhes receitar placebos; fora o começo de uma relação profissional. Rabia pedira a opinião de Jane a respeito de uma parturiente com uma infeção vaginal.

Jane dera-lhe alguma penicilina e ensinara-a a receitá-la. O prestígio de Rabia subira ainda mais quando se espalhou a notícia de que lhe haviam sido confiados medicamentos ocidentais; e Jane pudera dizer-lhe, sem a ofender, que ela fora a causadora provável da infecção, pelo hábito de lubrificar manualmente o canal de nascimento durante o parto.

Daí em diante, Rabia começara a aparecer na clínica uma ou duas vezes por semana, a fim de conversar com Jane e observá-la a trabalhar. Jane aproveitara essas ocasiões para explicar, de maneira casual, porque lavava as mãos com tanta frequência, porque punha todos os seus instrumentos em água a ferver depois de os usar, porque dava bastantes líquidos às crianças com diarreia.

Rabia, por sua vez, revelara alguns dos seus segredos a Jane, que se mostrara interessada em saber o que havia nas poções. Era fácil imaginar como algumas funcionavam: as poções para promover a gravidez continham cérebro de coelho ou baço de gato, que podiam proporcionar as hormonas que faltavam ao metabolismo da paciente; a hortelã e a erva-gateira ajudavam provavelmente a acabar com as infeções que impediam a concepção. Rabia também tinha uma poção para as mulheres darem aos maridos impotentes, e não havia qualquer dúvida quanto ao seu funcionamento: continha ópio.

A desconfiança fora substituída por um cauteloso respeito recíproco, mas Jane não consultara Rabia sobre a sua própria gravidez. Uma coisa era admitir que a mistura de folclore e feitiçaria de Rabia podia funcionar em mulheres afegãs, outra muito diferente era submeter-se a isso. Além do mais, Jane esperara que Jean-Pierre fizesse o parto. Assim, quando Rabia perguntara qual era a posição da criança e receitara uma dieta de legumes para uma menina, Jane deixara bem claro que a sua gravidez seria à maneira ocidental. Rabia ficara magoada, mas aceitara a decisão com dignidade. Agora Jean-Pierre encontrava-se em Khawak e Rabia estava ali, e Jane sentia-se contente por contar com a ajuda de uma velha que já trouxera ao mundo centenas de bebés e dera pessoalmente à luz onze filhos.

Não houvera dores durante algum tempo, mas nos últimos minutos, enquanto via Rabia a movimentar-se pelo quarto, Jane experimentara novas sensações na barriga: uma clara pressão, acompanhada por uma crescente vontade de *fazer força*. O impulso tornou-se irresistível;

enquanto fazia força começou a gemer, não porque sentisse dor, mas apenas pelo esforço.

— Está a começar — disse a voz de Rabia, como se viesse de muito longe. — Isso é bom.

O impulso desapareceu ao fim de algum tempo. Zahara trouxe uma chávena de chá verde. Jane sentou-se e bebeu, agradecida. Estava morno e muito doce. *Zahara é da minha idade*, pensou Jane, *e já teve quatro filhos, sem contar com os abortos espontâneos e com os nados-mortos*. Mas ela era uma daquelas mulheres que pareciam transbordar de vitalidade, como uma jovem leoa saudável. Provavelmente teria muitos outros filhos. Recebera Jane com uma curiosidade franca, quando a maioria das mulheres se mostrara desconfiada e hostil nos primeiros dias; Jane descobrira que Zahara se irritava com os costumes e tradições mais tolos do vale e que estava ansiosa por aprender o que podia das ideias estrangeiras sobre saúde, cuidados com as crianças e nutrição. Assim, Zahara tornara-se não apenas amiga de Jane, mas também a cabecilha do seu programa de educação sanitária.

Agora, no entanto, Jane aprendia os métodos afegãos. Viu Rabia estender um plástico sobre o chão (o que usariam antes de terem todo aquele plástico?) e cobri-lo com uma camada de areia que Zahara trouxera num balde. Rabia pusera algumas coisas sobre um pano no chão e Jane ficou satisfeita ao ver trapos de algodão limpos e uma lâmina de barbear nova ainda no invólucro.

A necessidade de fazer força ressurgiu, e Jane fechou os olhos para se concentrar. Não *doía* propriamente; era mais como se tivesse uma prisão de ventre incrível, impossível. Descobriu que gemer ajudava quando fazia força e quis explicar a Rabia que não era um gemido de agonia, mas estava demasiado ocupada a fazer força para falar.

Na pausa seguinte, Rabia ajoelhou-se, desatou o cordão das calças de Jane e tirou-lhas.

— Queres ir à casa de banho antes de eu te lavar?

— Sim.

Ajudou Jane a levantar-se e a ir para trás do biombo, segurando-a pelos ombros enquanto ela se sentava no bacio.

Zahara trouxe uma tigela com água morna e levou o bacio. Rabia lavou a barriga de Jane, as coxas, as partes íntimas, assumindo pela primeira vez um ar enérgico ao fazê-lo. Depois, Jane tornou a deitar-se. Rabia lavou as

próprias mãos e secou-as. Mostrou um frasco pequeno com um pó azul — sulfato de cobre, adivinhou Jane.

— Esta cor afugenta os maus espíritos — disse ela.

— O que queres fazer com isso?

— Pôr um pouco na tua testa.

— Está bem. — Uma pausa e Jane acrescentou: — Obrigada.

Rabia aplicou um pouco do pó na testa de Jane. *Não me importo com a magia quando é inofensiva*, pensou Jane, *mas o que fará ela se houver um autêntico problema médico? E o bebé é prematuro de quantas semanas?*

Ainda pensava nisso quando a contração seguinte começou, e portanto não estava concentrada em deixar-se ir com a onda de pressão, que em consequência foi muito dolorosa. *Não devo preocupar-me*, pensou ela, *preciso de me obrigar a descontrair*.

Depois, sentiu-se exausta e um tanto sonolenta. Fechou os olhos. Sentiu Rabia desabotoar-lhe a camisa — a que pedira emprestada a Jean-Pierre naquela tarde, um século antes. Rabia começou a massajar a barriga de Jane com uma espécie de lubrificante, provavelmente manteiga clarificada. Fez força com os dedos.

Jane abriu os olhos e disse:

— Não tentes deslocar o bebé.

Rabia assentiu, mas continuou a massajar, uma das mãos na protuberância da barriga, a outra na base.

— A cabeça está para baixo — disse por fim. — Tudo bem. Mas o bebé vai nascer muito em breve. Tens de te levantar agora.

Zahara e Rabia ajudaram Jane a pôr-se em pé e a dar dois passos para o plástico coberto de areia. Rabia postou-se atrás dela.

— Põe-te em cima dos meus pés.

Jane obedeceu, embora não entendesse a lógica daquilo. Rabia ajudou-a a agachar-se, assumindo a mesma posição por trás. Então aquela era a posição de parto local.

— Senta-te em cima de mim — disse Rabia. — Aguento contigo.

Jane depositou o seu peso nas coxas da velha. A posição era surpreendentemente cómoda e tranquilizadora.

Jane sentiu os seus músculos começarem a contrair-se outra vez. Rangeu os dentes e fez força, gemendo. Zahara agachou-se à sua frente. Por algum tempo não houve coisa alguma na mente de Jane além do

impulso de fazer força. A contração acabou por diminuir e ela tombou, exausta e meio a dormir, deixando Rabia suportar todo o seu peso.

Quando recomeçou, havia uma dor nova e uma sensação de ardor lá em baixo.

— Vem aí — disse Zahara de repente.

— Não faças força agora — instruiu Rabia. — Deixa que o bebé saia a nadar.

A pressão diminuiu. Rabia e Zahara trocaram de lugar. Rabia agachou-se entre as pernas de Jane, observando atentamente. A pressão recomeçou. Jane rangeu os dentes.

— Não faças força. Fica calma.

Rabia fitou-a e levantou a mão para lhe tocar no rosto.

— Não ranjas os dentes. Descontrai a boca.

Jane deixou o queixo pender e descobriu que isso ajudava.

A sensação de ardor voltou, pior do que nunca, e Jane soube que o bebé estava quase a nascer: sentia a cabeça a abrir caminho, a alargar a abertura a um ponto impossível. Gritou com a dor... que de repente diminuiu, e por um momento não sentiu nada. Olhou para baixo. Rabia estendia as mãos entre as suas coxas, dizendo os nomes dos profetas. Através de um nevoeiro de lágrimas, Jane viu uma coisa redonda e escura nas mãos da parteira.

— Não puxes — balbuciou Jane. — Não puxes a cabeça.

— Não — murmurou Rabia.

Jane tornou a sentir a pressão.

— Mais um pouco de força para o ombro — disse Rabia.

Jane fechou os olhos e fez força, devagar.

— Agora para o outro ombro.

Jane fez força de novo e depois houve um enorme alívio da tensão; soube que o bebé já nascera. Olhou para baixo e viu o corpo mínimo aninhado nos braços de Rabia. Tinha pele engelhada e molhada, a cabeça coberta por cabelos escuros. O cordão umbilical parecia estranho, um grosso cordão azul a pulsar como uma veia.

— Está tudo bem? — perguntou Jane.

Rabia não respondeu. Contraiu os lábios e soprou no rosto achatado e imóvel da criança.

*Meu Deus, está morta,* pensou Jane.

— Está tudo bem? — repetiu ela.

Rabia soprou outra vez, a criança abriu a boquinha e gritou.

— Graças a Deus... está viva! — exclamou Jane.

Rabia pegou num pano de algodão lavado e limpou o rosto da criança.

— É normal? — indagou Jane.

Rabia fitou Jane nos olhos e sorriu.

— Sim. Ela é normal — disse por fim.

*É normal*, pensou Jane. *Ela. Fiz uma menina.*

De repente sentiu-se totalmente esgotada. Não conseguia continuar direita mais tempo.

— Quero deitar-me.

Zahara ajudou-a a recuar para o colchão e pôs algumas almofadas sob as suas costas, a fim de ficar sentada, enquanto Rabia segurava a criança, ainda ligada à mãe pelo cordão umbilical. Depois de Jane estar instalada, Rabia começou a secar a menina com os panos de algodão. Jane viu o cordão parar de pulsar, murchar, ficar branco.

— Podes cortar o cordão — disse ela a Rabia.

— Esperamos sempre pela placenta.

— Corta-o agora, por favor.

Rabia pareceu hesitar, mas fez-lhe a vontade. Tirou um cordel branco da mesa e amarrou-o em volta do cordão, alguns centímetros afastado do umbigo da criança. *Devia ter sido mais perto*, pensou Jane, *mas não importa.*

Rabia desembrolhou a lâmina nova.

— Em nome de Alá — disse ela, cortando o cordão.

— Dá-me a criança — pediu Jane.

Rabia entregou-lhe a menina, recomendando:

— Não a deixes mamar.

Jane sabia que Rabia estava errada nisso.

— Ajuda a placenta.

Rabia encolheu os ombros.

Jane encostou o rosto da criança ao seio. Os mamilos estavam enormes e deliciosamente sensíveis, como acontecia quando Jean-Pierre os beijava. Quando o mamilo tocou no seu rosto, a menina virou a cabeça num reflexo e abriu a boca. Assim que o mamilo entrou, ela começou a mamar. Jane ficou atónita ao descobrir que a sensação era sensual. Por um momento, sentiu-se chocada e embaraçada, mas depois pensou: *Que se lixe!*

Sentiu mais movimentos na barriga. Obedeceu ao impulso de fazer força e sentiu a placenta sair, uma coisa pequena e escorregadia. Rabia envolveu-a com extremo cuidado num pano.

A criança parou de mamar e pareceu adormecer.

Zahara entregou a Jane um copo com água. Ela bebeu-o de um trago. Sabia maravilhosamente. Pediu mais.

Sentia-se dorida, exausta e excepcionalmente feliz. Olhou para a menina a dormir serenamente junto ao seu seio. Estava pronta para dormir também.

— Temos de embrulhar a pequena — disse Rabia.

Jane levantou a criança — tão leve como uma boneca — e entregou-a à velha.

— Chantal — disse ela, quando Rabia lhe pegou. — Ela chama-se Chantal.

Depois, fechou os olhos.



## CAPÍTULO 5

Ellis Thaler embarcou na ponte aérea da Eastern Airlines de Washington para Nova Iorque. No aeroporto de La Guardia apanhou um táxi para o Plaza Hotel. O táxi deixou-o à entrada do hotel na Quinta Avenida. Ellis entrou. No átrio, virou à esquerda e foi para os elevadores da Rua 58. Um homem de fato e uma mulher com um saco de compras do Saks entraram com ele. O homem saiu no sétimo andar. Ellis, no oitavo, a mulher continuou a subir. Ellis avançou pelo enorme corredor do hotel, sozinho, até chegar aos elevadores da Rua 59. Desceu para o rés do chão e deixou o hotel pela entrada da Rua 59.

Convencido de que ninguém o seguia, parou um táxi no Central Park, seguiu para Penn Station e apanhou o comboio para Douglaston, Queens.

Alguns versos do poema «Lullaby» de Auden não lhe saíam da cabeça, enquanto o comboio rodava: *A beleza das crianças pensativas*

*Tempo e febres consomem lentamente  
E cabe à tumba mostrar quão efêmeras  
Essas mesmas crianças vêm a ser.*<sup>1</sup>

Já passara mais de um ano que representara o papel de poeta americano em Paris, mas ainda não perdera o gosto pela poesia.

Continuou a manter-se atento à possibilidade de alguém o seguir, pois aquela era uma missão de que os inimigos nunca deveriam tomar conhecimento. Saiu do comboio em Flushing e esperou na plataforma pelo seguinte. Ninguém esperou com ele.

Devido à precaução meticulosa, já eram cinco horas quando chegou a Douglaston. Deixou a estação e caminhou a passo rápido durante cerca de meia hora, pensando na abordagem que estava prestes a tomar, nas palavras que empregaria, nas possíveis reações que poderia esperar.

Chegou a uma rua suburbana, com vista para o estreito de Long Island, parou diante de uma casa pequena e bem cuidada, com empenas que imitavam o estilo Tudor, um vitral colorido numa parede. Havia um pequeno carro japonês ao lado da casa. Quando ele subia pelo caminho de acesso, a porta da frente foi aberta por uma rapariga loura de treze anos.

— Olá, Petal.

— Olá, pai.

Inclinou-se para a beijar, sentindo como sempre uma grande sensação de orgulho e ao mesmo tempo uma pontada de culpa.

Contemplou a filha de alto a baixo. Ela usava sutiã por baixo da *T-shirt* de Michael Jackson. Tinha a certeza de que aquilo era novidade. *Está a ficar uma mulherzinha*, pensou.

— Queres entrar? — perguntou ela, educadamente.

— Claro.

Ellis seguiu-a para o interior da casa. Por trás, a filha parecia ainda mais mulher. Lembrou-se da primeira namorada. Ele tinha quinze anos, e a rapariga não era muito mais velha que Petal... *Não, espera*, pensou, *a rapariga era mais nova, tinha doze anos, e eu costumava enfiar a mão por baixo da blusa dela. Que Deus proteja a minha filha dos rapazes de quinze anos.*

Entraram numa sala de estar pequena e muito arrumada.

— Queres sentar-te? — convidou Petal.

Ellis sentou-se.

— Posso servir-te alguma coisa?

— Descontrai-te — disse Ellis. — Não precisas de ser tão formal. Sou o teu pai.

Ela pareceu intrigada e indecisa, como se tivesse sido admoestada por alguma coisa que não sabia ser errada.

— Tenho de me ir pentear — anunciou após um momento. — Depois podemos ir. Com licença.

Ele vira-a pelo menos uma vez por mês durante o último ano, desde que voltara de Paris. Às vezes passavam o dia inteiro juntos, mas com mais frequência ele levava-a apenas a jantar fora, como faria naquela tarde. Para estar com ela durante essa hora, Ellis tinha de fazer uma viagem de cinco horas com o máximo de segurança, mas é claro que Petal não sabia disso. O seu objetivo era modesto: sem muita agitação ou drama, queria ocupar um lugar pequeno mas permanente na vida da filha.

Isso significara mudar o tipo de trabalho que fazia. Renunciara ao trabalho de campo. Os seus superiores tinham ficado bastante descontentes: afinal, havia poucos agentes infiltrados bons (e centenas de maus). Ele também estivera relutante, sentindo que tinha o dever de usar o seu talento. No entanto, não podia conquistar o afeto da filha se tivesse de desaparecer todos os anos em algum canto remoto do mundo, incapaz de lhe dizer para onde ia ou porquê, nem sequer por quanto tempo. E não podia correr o risco de ser morto precisamente no momento em que Petal estava a aprender a amá-lo.

Sentia falta da excitação, do perigo, da emoção da caçada e da sensação de que realizava um trabalho importante que ninguém mais conseguia fazer tão bem. Porém, durante muito tempo as suas ligações emocionais haviam sido passageiras, e depois de perder Jane sentira a necessidade de ter pelo menos uma pessoa cujo amor fosse permanente.

Enquanto esperava, Gill entrou na sala. Ellis levantou-se. A ex-mulher estava muito fresca e elegante num vestido branco de verão. Ele beijou a face que ela lhe oferecia.

— Como estás? — perguntou ela.

— Na mesma. E tu?

— *Muitíssimo* ocupada.

Começou a contar-lhe, com algum pormenor, as coisas que tinha para fazer, e Ellis desligou, como sempre. Gostava de Gill, embora ela o aborresse de morte. Era estranho pensar que fora em tempos casado com aquela mulher, mas ela fora a rapariga mais bonita do Departamento de

Inglês e ele o rapaz mais inteligente, e estavam em 1967, quando todos viviam pedrados e qualquer coisa podia acontecer, especialmente na Califórnia. Casaram-se com túnicas brancas, no fim do primeiro ano, e alguém tocou a *Marcha Nupcial* numa cítara. Então Ellis chumbara nos exames e fora expulso da universidade, sendo por isso alistado. Em vez de fugir para o Canadá ou para a Suécia, dirigira-se ao centro de recrutamento como um cordeiro a caminho do matadouro, surpreendendo todos, menos Gill, que por aquela altura já sabia que o casamento não ia resultar e só estava à espera de ver como Ellis se escaparia.

Ele estava no hospital em Saigão, com um ferimento de bala na barriga da perna — a lesão mais comum do piloto de helicóptero, porque o assento é blindado, mas o chão, não —, quando o divórcio fora decretado. Alguém largara a notificação na sua cama, quando ele estava na casa de banho, e ele encontrara-a ao voltar, juntamente com outra medalha «folha de carvalho», a sua vigésima quinta (na altura distribuíam condecorações com prodigalidade). «Acabo de me divorciar», dissera ele. Ao que o soldado na cama ao lado respondera: «Não me digas. Queres jogar às cartas?»

Ela não lhe falara da criança. Ellis descobrira alguns anos depois, quando já se tornara espião e seguira a pista de Gill como exercício. Soubera então que ela tinha uma filha com o inconfundível nome do final dos anos sessenta, Petal, e um marido, Bernard, que andava a consultar um especialista em fertilidade. Não lhe falar da existência de Petal fora a única coisa realmente mesquinha que Gill lhe fizera, pensou Ellis, embora ela ainda alegasse que fora para o seu próprio bem.

Ele insistira em ver Petal de vez em quando e levara-a a que deixasse de chamar «pai» a Bernard, mas não procurara fazer parte da vida familiar até ao ano anterior.

— Queres levar o meu carro? — perguntava Gill.

— Se for possível.

— Claro que é.

— Obrigado.

Era embaraçoso ter de levar o carro de Gill emprestado, mas a viagem desde Washington era demasiado longa, e Ellis não queria alugar carros com frequência naquela área, pois um dia os seus inimigos poderiam descobrir, através dos registos das agências de aluguer ou das companhias de cartões de crédito, e viriam até ali saber mais coisas sobre Petal. A

alternativa seria usar uma identidade diferente de cada vez que alugasse um carro, mas as identidades falsas eram dispendiosas e a agência não as proporcionaria a um burocrata. Por isso, ele usava o *Honda* de Gill ou usava um táxi local.

Petal voltou, o cabelo louro a flutuar em torno dos ombros.

Ellis levantou-se.

— As chaves estão no carro — disse Gill.

— Vai entrando — disse Ellis à filha. — Eu vou já. — Petal saiu. Ele virou-se para Gill. — Gostava de a convidar a passar um fim de semana em Washington.

Gill foi simpática, mas firme:

— Se ela quiser ir, claro que pode. Se não quiser, não vou obrigá-la.

Ellis assentiu.

— É justo. Até logo.

Levou Petal a um restaurante chinês em Little Neck. Ela gostava de comida chinesa e descontraíu-se um pouco assim que saiu de casa. Agradeceu a Ellis por lhe ter enviado um poema no dia de anos.

— Não conheço ninguém que tenha recebido um poema pelos anos.

Ellis não sabia se isso era bom ou mau.

— Espero que seja melhor do que um postal com a fotografia de um gatinho bonito.

— Tens razão. — Petal soltou uma risada. — Todas as minhas amigas acham que és muito romântico. O professor de Inglês perguntou se já tinhas publicado alguma coisa.

— Nunca escrevi nada suficientemente bom para ser publicado. Ainda gostas das aulas de Inglês?

— Gosto muito *mais* do que das de Matemática. Sou *péssima* a matemática.

— O que estás a estudar? Alguma peça?

— Não, mas de vez em quando lemos poemas.

— Gostas de algum?

Petal pensou por um momento.

— Gosto daquele sobre os narcisos.

Ellis assentiu.

— Eu também.

— Esqueci-me de quem o escreveu.

— William Wordsworth.

— Ah, isso mesmo.

— Mais algum?

— Não especialmente. Gosto mais de música. Gostas de Michael Jackson?

— Não sei. Acho que ainda não ouvi os discos dele.

— É muito giro. — Petal soltou uma risada. — Todas as minhas amigas são doidas por ele.

Era a segunda vez que ela dizia «todas as minhas amigas». Naquele momento, o grupo de raparigas da sua idade era a coisa mais importante na vida.

— Gostava de conhecer algumas das tuas amigas.

— Ora, *pai* — respondeu ela, em tom de censura. — Não gostarias nada. São apenas *raparigas*.

Sentindo-se um pouco rejeitado, Ellis concentrou-se na comida durante algum tempo. Bebeu vinho branco a acompanhar a refeição: não perdera os hábitos franceses.

— Estive a pensar — disse quando acabou de comer. — Porque não vens a Washington passar um fim de semana em minha casa? Fica a apenas uma hora de avião e podíamos divertir-nos muito.

Ela ficou espantada.

— O que há em Washington?

— Bem, podíamos visitar a Casa Branca, onde vive o Presidente dos Estados Unidos, e Washington tem alguns dos melhores museus do mundo. E ainda não conheces o meu apartamento. Tenho um quarto de hóspedes e...

Ellis parou de falar. Podia ver que a filha não estava interessada.

— Não sei, pai... Tenho muita coisa para fazer aos fins de semana... trabalhos de casa, festas, compras, as aulas de dança e tudo...

Ellis disfarçou o desapontamento.

— Não te preocupes. Talvez possas ir noutra ocasião, quando não estiveres tão ocupada.

— Sim, está bem — disse ela, visivelmente aliviada.

— Posso arranjar o quarto de hóspedes para poderes ir quando quiseres.

— Ótimo.

— De que cor devo pintá-lo?

— Não sei.

— Qual é a tua cor preferida?

— Cor-de-rosa, acho.

— Então será cor-de-rosa. — Ellis forçou um sorriso. — Vamos embora.

No carro a caminho de casa, Petal perguntou se ele se importava que ela furasse as orelhas.

— Não sei — respondeu, cauteloso. — O que pensa a tua mãe a respeito disso?

— Disse que por ela está bem, se tu concordares.

Estaria Gill cortesmente a incluí-lo na decisão ou apenas a passar-lhe a batata quente?

— A ideia não me agrada — disse Ellis. — Talvez ainda sejas um pouco jovem para começar a fazer furos no corpo para te enfeitares.

— Achas que sou demasiado nova para ter um namorado?

Ellis queria dizer que sim. Ela parecia demasiado jovem, mas não podia impedi-la de crescer.

— Já tens idade para sair com rapazes, mas não para te comprometeres.

Observou-a para avaliar a sua reação. Petal parecia divertida. *Talvez já não digam* «comprometer-se», pensou Ellis.

O *Ford* de Bernard estava estacionado no caminho de acesso quando chegaram a casa. Ellis parou o *Honda* atrás e entrou com Petal. Bernard encontrava-se na sala de estar. Era um homem pequeno com cabelo muito curto, bem-humorado e totalmente desprovido de imaginação. Petal cumprimentou-o com grande entusiasmo, abraçando-o e beijando-o. Ele pareceu um pouco atrapalhado. Apertou a mão a Ellis com firmeza.

— O Governo ainda está a funcionar bem lá por Washington?

— Como sempre — respondeu Ellis.

Todos pensavam que ele trabalhava para o Departamento de Estado e que a sua função era ler jornais e revistas franceses, e preparar um resumo diário para os encarregados das relações com França.

— Queres uma cerveja?

Não lhe apetecia, mas aceitou para ser simpático. Bernard foi à cozinha buscá-la. Era gerente de crédito de uns grandes armazéns em Nova Iorque. Petal parecia gostar dele e respeitá-lo, e ele tratava-a de forma afetuosa. Ele e Gill não tinham mais filhos: o especialista em fertilidade de nada adiantara.

Bernard voltou com dois copos de cerveja e entregou um a Ellis.

— Vai fazer os teus trabalhos de casa — disse ele a Petal. — O teu pai irá despedir-se antes de se ir embora.

Ela tornou a beijá-lo e saiu.

— Ela não costuma ser tão carinhosa — comentou ele. — Parece exagerar quando estás presente. Não percebo.

Ellis percebia perfeitamente, mas ainda não queria pensar nisso.

— Não te preocupes — disse ele. — Como vão os negócios?

— Por acaso vão bem. Os juroos altos não nos afetaram tanto como receámos. Parece que as pessoas ainda estão dispostas a pedir dinheiro emprestado para comprar coisas... pelo menos em Nova Iorque. — Bernard sentou-se, e bebeu um gole de cerveja.

Ellis sempre achara que Bernard tinha medo dele fisicamente. Isso transparecia na maneira como ele andava, parecendo o cão de estimação que não está autorizado a entrar em casa e tem o cuidado de se manter fora do alcance de um pontapé.

Conversaram sobre a economia durante alguns minutos e Ellis bebeu a cerveja o mais depressa que pôde, depois levantou-se para ir embora. Foi até ao fundo das escadas e gritou: — Adeus, Petal!

Ela apareceu lá em cima.

— Sempre posso furar as orelhas?

— Não me queres dar algum tempo para pensar nisso?

— Claro. Adeus.

Gill desceu as escadas.

— Eu levo-te ao aeroporto.

Ellis ficou admirado.

— Está bem. Obrigado.

— Ela contou-me que não queria passar um fim de semana contigo — disse Gill quando já iam a caminho.

— Pois.

— Estás chateado, não estás?

— É assim tão evidente?

— Para mim, é, sim. Já fui casada contigo. — Fez uma pausa. — Lamento muito, John.

— A culpa é minha. Não pensei bem. Antes de eu aparecer, ela tinha uma mãe, um pai e um lar... tudo o que qualquer criança quer. Mas não sou *apenas* supérfluo. A minha presença ameaça a felicidade da Petal. Sou um intruso, um fator de desestabilização. É por isso que ela abraça o Bernard



na minha presença. Não faz isso para me magoar, mas sim porque tem medo de *o perder*. Sou eu quem lhe incute esse medo.

— Há de passar-lhe, John. O país está cheio de crianças com dois pais.

— Isso não é desculpa. Fui um idiota e devo assumi-lo.

Gill tornou a surpreendê-lo com uma festa no joelho.

— Não sejas tão duro contigo mesmo. Apenas não foste feito para isto. Compreendi um mês depois de nos casarmos. Não queres uma casa, um emprego, uma comunidade suburbana, filhos. És um pouco estranho. Foi por isso que me apaixonei por ti e foi por isso que te deixei partir tão facilmente. Amei-te porque eras diferente, louco, original, excitante. Capaz de fazer *qualquer coisa*. Mas não és um homem de família.

Ellis permaneceu em silêncio, pensando no que Gill acabara de dizer, enquanto ela conduzia. A sua intenção era a melhor possível e por isso ele sentia-se grato, mas seria verdade? Ele achava que não. *Não quero uma casa nos subúrbios, mas gostaria de ter um lar: talvez uma villa em Marrocos ou um loft em Greenwich Village, ou uma penthouse em Roma. Não quero uma mulher para ser minha empregada, cozinhar, lavar, ir às compras e que escreva as atas das reuniões de pais e professores, mas gostaria de uma companheira, alguém com quem partilhar livros, filmes e poesia, alguém com quem conversar à noite. Gostaria até de ter filhos, criá-los de maneira que conheçam mais do que o Michael Jackson.*

Mas não disse nada disso a Gill.

Ela parou o carro e Ellis percebeu que estavam diante do terminal da Eastern. Olhou para o relógio: oito e cinquenta. Se se apressasse, apanharia o voo das nove horas.

— Obrigado pela boleia, Gill.

— Do que precisas é de uma mulher igual a ti.

Ellis pensou em Jane.

— Conheci uma.

— E o que aconteceu?

— Ela casou-se com um médico bonito.

— O médico é louco como tu?

— Acho que não.

— Então não vai durar. Quando foi o casamento?

— Há cerca de um ano.

— Ah. — Gill provavelmente reparava que fora por essa altura que Ellis voltara à vida de Petal com regularidade, mas teve a generosidade de não o

dizer. — Aceita o meu conselho, John. Procura-a.

Ellis saiu do carro.

— Falamos em breve.

— Adeus.

Ellis fechou a porta do carro e ela arrancou.

Entrou apressadamente no terminal. Conseguiu apanhar o voo por um ou dois minutos. Enquanto o avião descolava, encontrou uma revista na bolsa do banco da frente e procurou uma reportagem sobre o Afeganistão.

Acompanhava a guerra atentamente desde que soubera por Bill, em Paris, que Jane dera seguimento à sua intenção de ir para lá com Jean-Pierre. A guerra já não era uma notícia de primeira página. Muitas vezes uma ou duas semanas passavam sem que houvesse qualquer notícia a seu respeito. Contudo, agora as tréguas do inverno tinham acabado e aparecia sempre alguma coisa na imprensa pelo menos uma vez por semana.

Aquela revista apresentava uma análise da situação russa no Afeganistão. Ellis começou a ler desconfiado, pois sabia que muitos artigos emanavam da CIA: um jornalista qualquer conseguia um relatório exclusivo sobre determinada situação, mas estava de facto a ser, inconscientemente, um canal para um artigo de contrainformação destinada aos serviços secretos de outro país. O seu artigo tinha tanta relação com a verdade como um artigo do *Pravda*.

No entanto, aquele artigo parecia objetivo. Dizia que os russos estavam a preparar tropas e armamento para uma grande ofensiva de verão. Moscovo considerava aquele verão crucial: *tinham* de esmagar a resistência naquele ano ou seriam forçados a algum acordo com os rebeldes. Aquilo fazia sentido para Ellis: iria ver o que os agentes da CIA em Moscovo andavam a dizer, mas tinha a impressão de que as informações corresponderiam.

Entre os alvos principais, o artigo incluía o vale de Panisher.

Ellis lembrou-se de Jean-Pierre falar a respeito do vale dos Cinco Leões. O artigo também mencionava Masud, o líder rebelde, igualmente referido por Jean-Pierre.

Olhou pela janela, contemplando o sol poente. Não havia a menor dúvida, pensou, com uma pontada de medo, de que Jane correria grande perigo naquele verão.

Mas não era da sua conta. Ela agora estava casada com outro homem. De qualquer forma, Ellis não poderia fazer nada.

Baixou os olhos para a revista, virou a página e começou a ler sobre El Salvador. O avião rumava a Washington. A oeste, o Sol pôs-se e a noite caiu.

Allen Winderman levou Ellis Thaler a almoçar a um restaurante de peixe e marisco com vista para o rio Potomac. Winderman chegou meia hora atrasado. Era o típico funcionário de Washington: casaco cinzento-escuro, camisa branca, gravata às riscas, e a elegância de um tubarão. Como era a Casa Branca que pagava, Ellis pediu lagosta e um copo vinho branco. Winderman pediu *Perrier* e uma salada. Tudo em Winderman parecia demasiado severo: a gravata, os sapatos, os horários e o autodomínio.

Ellis não baixou a guarda. Não podia recusar um convite de um assessor presidencial, mas não gostava de almoços discretos e oficiosos e não gostava de Allen Winderman.

Este foi direto assunto.

— Quero a tua opinião.

Ellis interrompeu-o.

— Em primeiro lugar, preciso de saber se falaste à agência da nossa reunião.

Se a Casa Branca queria montar uma operação secreta sem o conhecimento da CIA, Ellis não se envolveria.

— Claro — respondeu Winderman. — O que sabes sobre o Afeganistão?

Ellis sentiu um súbito calafrio. *Mais cedo ou mais tarde isto vai envolver a Jane*, pensou. *Sabem tudo a seu respeito, claro: não fiz segredo da nossa relação. Conteí a Bill em Paris que ia pedi-la em casamento. Depois liguei-lhe a fim de verificar se ela fora mesmo para o Afeganistão. Tudo isso foi registado no meu dossiê. Agora este filho da mãe tem conhecimento dela e vai usar a informação.*

— Alguma coisa — respondeu cautelosamente. Recordou então alguns versos de Kipling e recitou-os: *Quando estiveres ferido e abandonado nas planícies do Afeganistão E as mulheres chegarem para retalhar o que restar de ti, Vira a espingarda e rebenta com os miolos E vai ao encontro do teu Deus como um soldado.*

Winderman mostrou-se contrafeito, pela primeira vez.

— Depois de dois anos a passar por poeta, deves saber muito dessas coisas.

— E os afegãos também — comentou Ellis. — São todos poetas, da mesma forma que todos os franceses são *gourmets*, e todos os galeses são cantores.

— Ai sim?

— É porque não sabem ler nem escrever. A poesia é uma forma de arte falada.

Winderman estava a ficar visivelmente impaciente: na sua agenda não havia tempo para poesia.

— Os afegãos são montanheses tribais selvagens, miseráveis e impetuosos, mal saídos da Idade Média — prosseguiu Ellis. — Dizem que são exceccionalmente delicados, corajosos como leões e implacavelmente cruéis. O país em que vivem é árido e difícil. Mas o que sabes *tu* a seu respeito?

— O afegão não existe — disse Winderman. — Há seis milhões de pastós no Sul, três milhões de tajiques no Oeste, um milhão de usbeques no Norte e mais uma dúzia de nacionalidades com menos de um milhão de pessoas. As fronteiras modernas pouco significam para eles: há tajiques na União Soviética e pastós no Paquistão. Alguns estão divididos em tribos. São como os nossos índios, que nunca se consideraram americanos, mas sim apaches, *crow* ou *sioux*. Tanto lutam entre si como lutam contra os russos. O nosso problema é promover a união dos apaches e dos *sioux* na luta contra os caras-pálidas.

— Estou a ver. — Ellis assentiu. Perguntou-se: *Quando entrará a Jane nesta história?* — Nesse caso, a grande pergunta é: quem será o Grande Chefe?

— Isso é fácil. O mais promissor dos líderes guerrilheiros é, de longe, Ahmed Shah Masud, do vale de Panisher.

*O vale dos Cinco Leões. O que andas a tramar, seu filho da mãe insidioso?* Ellis estudou atentamente o rosto bem barbeado de Winderman. O homem estava imperturbável.

— O que torna Masud tão especial? — perguntou Ellis.

— A maioria dos líderes rebeldes contenta-se em controlar as suas tribos, recolher impostos e negar ao Governo acesso ao seu território. Masud faz mais do que isso. Sai do seu baluarte nas montanhas e ataca. Está a pouca distância de três alvos estratégicos: a capital, Cabul; o túnel

de Salang, na única estrada de Cabul para a União Soviética; e Bagram, a principal base aérea militar. Encontra-se em posição de infligir grandes estragos, e é o que faz. Estudou a arte da guerra de guerrilhas, leu Mao. É incontestavelmente o melhor cérebro militar do país, e dispõe de recursos. Extraem-se esmeraldas no seu vale que são vendidas no Paquistão: Masud cobra uma taxa de dez por cento sobre todas as vendas e usa o dinheiro para financiar o seu exército. Tem vinte e oito anos e é carismático... o povo idolatra-o. Finalmente, é um tajique. O grupo maior são os pastós e todos os outros *os* odeiam, portanto, o líder não pode ser um pastó. Os tajiques formam o segundo maior grupo. Há a possibilidade de que todos se unam sob o comando de um tajique.

— E queremos criar as condições para que isso aconteça?

— Exatamente. Quanto mais fortes forem os rebeldes, mais danos causarão aos russos. Além disso, um triunfo para os serviços secretos americanos seria muito importante este ano.

Não tinha a menor importância para Winderman e para a sua laia que os afegãos estivessem a lutar pela liberdade contra um invasor brutal, pensou Ellis. A moralidade andava fora de moda em Washington: só o jogo do poder importava. Se Winderman tivesse nascido em Leninegrado, em vez de em Los Angeles, seria igualmente feliz, bem-sucedido e poderoso, e teria usado as mesmas táticas a lutar para o outro lado.

— E o que queres de mim? — perguntou Ellis.

— Quero que penses comigo. Há alguma forma de um agente secreto promover uma aliança entre as diferentes tribos afegãs?

— Acho que sim.

A comida chegou, interrompendo Ellis e proporcionando-lhe alguns momentos para refletir.

— Deve ser possível, desde que haja alguma coisa que *eles* queiram de *nós*... e imagino que sejam armas — disse quando o empregado se afastou.

— Certo. — Winderman começou a comer, hesitante, como um homem que sofre de uma úlcera. Foi falando entre pequenas garfadas. — Neste momento compram as suas armas do outro lado da fronteira, no Paquistão. Tudo o que lá conseguem obter são cópias de espingardas britânicas vitorianas... ou, quando não cópias, então os artigos genuínos, com um século de existência e ainda a funcionar. Também roubam *Kalashnikovs* aos soldados russos mortos, mas precisam desesperadamente de artilharia

ligeira, armas antiaéreas e mísseis manuais terra-ar, a fim de poderem derrubar aviões e helicópteros.

— Estamos dispostos a entregar-lhes essas armas?

— Estamos. Não diretamente... teríamos de encobrir o nosso envolvimento, enviando-as através de intermediários, mas isso não é problema. Poderíamos usar os sauditas.

— Muito bem. — Ellis engoliu um pouco de lagosta. Estava deliciosa.

— Deixa-me dizer-te qual acho que deve ser o primeiro passo. Cada grupo de guerrilha irá precisar de um núcleo de homens que conheçam, compreendam e confiem em Masud. Esse núcleo torna-se então o elemento de ligação para toda a comunicação com Masud. Vão aumentando gradualmente o seu papel: intercâmbio de informações no início, depois cooperação mútua e finalmente planos de batalha coordenados.

— Parece-me bem — comentou Winderman. — Como se poderia desenvolvê-lo?

— Eu faria Masud promover um programa de treino no vale dos Cinco Leões. Cada grupo rebelde enviaria alguns jovens para lutar ao lado de Masud durante algum tempo e aprender os métodos que o tornam tão bem-sucedido. Esses jovens aprenderiam também a respeitá-lo e a confiar nele, se é tão bom líder como disseste.

Winderman assentiu, pensativo.

— É o tipo de proposta que pode ser aceite pelos líderes tribais, que rejeitariam qualquer plano que os obrigasse a aceitar ordens de Masud.

— Há algum líder rival em particular cuja cooperação seja essencial a qualquer aliança?

— Há, sim. Na verdade, há dois: Jahan Kamil e Amai Azizi, ambos pastós.

— Nesse caso, enviaria um agente infiltrado com a missão de sentar os dois à mesa com Masud. Quando ele voltasse com as três assinaturas num documento, mandaríamos a primeira remessa de mísseis. As remessas adicionais dependeriam do progresso do programa de treino.

Winderman pousou o garfo e acendeu um cigarro. *Ele tem mesmo uma úlcera*, pensou Ellis.

— É precisamente o tipo de coisa que eu tinha em mente — disse Winderman.

Ellis percebeu que ele já estava a pensar numa maneira de ficar com os louros pela ideia. No dia seguinte estaria a dizer «Elaborámos um plano durante o almoço» e escreveria no seu relatório: «Especialistas em ações clandestinas consideraram o meu plano viável.»

— Quais são os riscos?

Ellis refletiu por um momento.

— Se os russos apanharem o agente, poderão obter bastante propaganda com a operação. De momento, têm no Afeganistão aquilo que a Casa Branca classificaria como «problema de imagem». Os seus aliados do Terceiro Mundo não gostam de os ver a atacar um país pequeno e primitivo. Os seus amigos muçulmanos, em particular, tendem a simpatizar com os rebeldes. O argumento soviético é que os alegados rebeldes não passam de bandidos, financiados e armados pela CIA. Adorariam poder provar isso, capturando vivo um agente da CIA no país e levando-o a julgamento. Em relação à política global, imagino que isso poderia causar-nos muitos prejuízos.

— Quais são as possibilidades de os russos capturarem o nosso homem?

— Mínimas. Se não conseguem apanhar Masud, porque seriam capazes de capturar um agente secreto enviado para se encontrar com Masud?

— Ótimo. — Winderman apagou o cigarro. — Quero que sejas esse agente.

Ellis foi apanhado de surpresa. Devia ter previsto aquilo, pensou, mas deixara-se absorver pelo problema.

— Já não faço essas coisas — disse, mas a sua voz não era muito firme e não pôde deixar de pensar: *Veria a Jane. Veria a Jane!*

— Falei com o teu chefe ao telefone — informou Winderman. — A sua opinião foi de que uma missão no Afeganistão poderia tentar-te a regressar ao trabalho de campo.

Então tratava-se de uma armadilha. A Casa Branca queria obter um triunfo ressonante no Afeganistão e por isso pedia à CIA o empréstimo de um agente. A CIA queria que Ellis voltasse ao trabalho de campo e por isso sugerira à Casa Branca que a missão lhe fosse oferecida, sabendo ou desconfiando de que a perspectiva de se encontrar outra vez com Jane era quase irresistível.

Ellis detestava ser manipulado.

No entanto, queria ir ao vale dos Cinco Leões.

Houve um silêncio prolongado.

— Aceitas? — perguntou Winderman, impaciente.

— Vou pensar nisso.

O pai de Ellis arrotou discretamente e pediu desculpa:

— Estava bom — disse.

Ellis empurrou para o lado o seu prato com tarte de cereja e natas. Era forçado a vigiar o peso pela primeira vez na vida.

— Uma delícia, mãe, mas não consigo comer mais.

— Já ninguém come como dantes — comentou ela, pondo-se em pé e começando a levantar a mesa. — É porque se vai de carro para todo o lado.

O pai empurrou a cadeira para trás.

— Tenho de olhar para uns números.

— *Ainda* não tens um contabilista? — perguntou Ellis.

— Ninguém olha pelo nosso dinheiro tão bem como nós. Irás descobrir isso se um dia ganhares algum.

Saiu da sala, encaminhando-se para o escritório.

Ellis ajudou a mãe a levantar a mesa. A família mudara-se para aquela casa de quatro quartos em Tea Neck, Nova Jérсия, quando Ellis tinha treze anos, mas ele ainda se lembrava da mudança como se tivesse sido na véspera. Fora protelada durante anos. O pai construía a casa, sozinho a princípio, depois usando os empregados da sua florescente empresa de construção, mas sempre a realizar o trabalho nos períodos de pouco movimento e abandonando-o quando o negócio corria bem. Quando se mudaram, a casa ainda não se encontrava realmente acabada: o aquecimento não funcionava, não havia armários na cozinha e nada fora pintado. Só tiveram água quente no dia seguinte porque a mãe o ameaçara com o divórcio. Mas a casa ficara finalmente pronta, e Ellis e os irmãos tiveram espaço para crescer. Era maior do que os pais precisavam agora, mas ele esperava que a conservassem. Sabia bem estar ali.

— Mãe, lembras-te daquela mala que deixei aqui quando voltei da Ásia? — perguntou ele, depois de porem a louça na máquina.

— Claro. Está no roupeiro do quarto pequeno.

— Obrigado. Quero dar-lhe uma olhadela.

— Vai lá, eu acabo isto.

Ellis subiu a escada e entrou no quarto pequeno no cimo da casa. Raramente era usado, e a cama de solteiro tinha em volta duas cadeiras partidas, um sofá velho, quatro ou cinco caixas de cartão com livros infantis e brinquedos. Ellis abriu o roupeiro e tirou uma pequena mala



preta de plástico. Pousou-a na cama, fez girar os fechos de combinação e abriu-a. Sentiu um cheiro a mofo: há uma década que não era aberta. Estava ali tudo: as medalhas; as duas balas que lhe tinham extraído; o Manual de Campo do Exército FM 5-31, intitulado *Armadilhas Pessoais*; uma fotografia de Ellis ao lado de um helicóptero, o seu primeiro *Huey*, a sorrir, parecendo jovem e (*oh, porra!*) magro; um bilhete de Frankie Amalfi que dizia «Para o filho da mãe que me roubou a perna» — uma piada corajosa, pois Ellis desatara cuidadosamente o atacador e depois puxara a bota, levando juntamente o pé e a metade da perna, cortada no joelho pela hélice de um motor; o relógio de Jimmy Jones, parado eternamente nas cinco e meia — «Fica com ele, filho», dissera o pai de Jimmy a Ellis através de uma névoa alcoólica, «porque eras amigo dele e isso é mais do que eu alguma vez fui»; e o diário.

Folheou-o. Bastava-lhe ler algumas palavras para recordar um dia inteiro, uma semana, uma batalha. O diário começava animado, com um sentido de aventura, alguma inibição; aos poucos, tornava-se desencantado, sombrio, desolado, desesperado e até suicida. As frases mais lúgubres despertavam imagens nítidas na sua mente: «Malditos vietnamitas não saíam do helicóptero, se estão tão desejosos de serem salvos do comunismo, porque não lutam?» e depois «O capitão Johnson sempre foi um idiota, mas que maneira de morrer, receber uma granada de um dos seus próprios homens» e mais adiante «As mulheres têm espingardas por baixo das saias e os miúdos têm granadas nas camisas, então que porra devemos fazer, render-nos?». A última entrada dizia: «O problema desta guerra é que estamos no lado errado. Somos os maus da fita. É por isso que os rapazes fogem à mobilização; é por isso que os vietnamitas não lutam; é por isso que matamos mulheres e crianças; é por isso que os generais mentem aos políticos, os políticos mentem aos jornalistas e a imprensa mente ao público.» Depois disso, os seus pensamentos tinham ficado demasiado subversivos para serem registados no papel, o seu sentimento de culpa demasiado grande para ser expiado por meras palavras. Parecia-lhe que teria de passar o resto da vida a corrigir os erros que cometera na guerra. Depois de tantos anos, ainda parecia assim. Quando somava os assassinos que prendera desde então, os raptos e os terroristas que capturara, eles nada representavam em comparação com as toneladas de explosivos que lançara e os milhares de munições que disparara no Vietname, Laos e Camboja.

Era irracional, sabia-o. Compreendera isso ao voltar de Paris e refletir a fundo sobre a maneira como o trabalho dera cabo da sua vida. Decidira parar de tentar redimir os pecados dos Estados Unidos. Mas aquilo... aquilo era diferente. Ali estava uma oportunidade de lutar pelo homem comum, contra os generais mentirosos, os manipuladores do poder e os jornalistas que fechavam os olhos; uma oportunidade não apenas de lutar, não apenas de oferecer uma pequena contribuição, mas de fazer uma diferença real, mudar o curso de uma guerra, alterar o destino de um país, desferir um golpe pela liberdade em grande escala.

Depois havia Jane.

A mera possibilidade de tornar a vê-la reacendera a sua paixão. Apenas poucos dias antes conseguira pensar em Jane e no perigo que ela corria, afastar o pensamento da mente e virar a página da revista. Agora, mal conseguia parar de pensar nela. Perguntou-se se o seu cabelo estaria comprido ou curto, se estaria mais gorda ou mais magra, se estaria contente com o que fazia na vida, se os afegãos gostavam dela e, acima de tudo, se ainda amava Jean-Pierre. «Aceita o meu conselho», dissera Gill. «Procura-a.» Talvez Gill estivesse certa.

Por fim, pensou em Petal. *Tentei*, disse a si próprio. *Tentei mesmo e acho que não me saí muito mal. Mas era um projeto destinado ao fracasso. A Gill e o Bernard dão-lhe tudo aquilo de que ela precisa. Não há lugar para mim na sua vida. É feliz sem mim.*

Ellis fechou o diário e tornou a guardá-lo. A seguir pegou numa caixa de joias, pequena e barata. Lá dentro havia um par de pequenos brincos de ouro, cada um com uma pérola no centro. A mulher para quem os comprara, uma rapariga de olhos amendoados e seios pequenos que lhe ensinara que nada é tabu, morrera antes que pudesse oferecer-lhos... assassinada por um soldado bêbedo num bar de Saigão. Ele não a amara; apenas gostara dela e sentira-se grato. Os brincos teriam sido um presente de despedida.

Tirou do bolso da camisa um cartão em branco e uma caneta. Pensou por um instante e depois escreveu: *Para a Petal,*

*Sim, podes furar as orelhas.*

*Com amor do  
pai.*

- [1](#) W. H. Auden, poema «Acalanto», in *Poemas — W. H. Auden*. [Seleção João Moura Jr.; tradução e introdução José Paulo Paes, João Moura Jr.; ensaio Joseph Brodsky]. Edição bilingue. 1.<sup>a</sup> ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

## CAPÍTULO 6

O rio dos Cinco Leões nunca era quente, mas parecia um pouco menos frio agora, no ameno ar da tarde ao fim de um dia seco, quando as mulheres desceram para a sua zona exclusiva da margem, a fim de se lavarem. Jane rangeu os dentes contra o frio e entrou na água com as outras, levantando o vestido devagar, à medida que avançava mais para o fundo, até a água lhe dar pela cintura. Começou então a lavar-se: depois de muita prática, dominara a peculiar técnica afegã de se lavar toda sem tirar a roupa.

Saiu do rio assim que acabou, a tremer, e parou perto de Zahara, que lavava o cabelo num charco com muito estardalhaço, ao mesmo tempo que mantinha uma conversa animada. Zahara mergulhou a cabeça na água mais uma vez e depois estendeu a mão para a toalha. Tateou a depressão na areia, mas não a encontrou.

— Onde está a minha toalha? — gritou ela. — Deixei-a neste buraco. Quem a roubou?

Jane apanhou a toalha que estava atrás de Zahara.

— Está aqui. Meteste-a no buraco errado.

— Foi o que disse a mulher do mulá! — exclamou Zahara, arrancando gargalhadas às outras.

Jane era agora aceite pelas mulheres da aldeia. Os últimos resquícios de reserva ou cautela haviam desaparecido depois do nascimento de Chantal, que parecia ter confirmado que Jane era uma mulher como qualquer outra. A conversa à beira do rio era surpreendentemente franca — talvez porque as crianças ficavam sob os cuidados das irmãs mais velhas e avós, mas mais provavelmente por causa de Zahara. A sua voz alta, os olhos faiscantes e o riso profundo e gutural dominavam a cena. Não havia dúvida de que ela era mais extrovertida ali por ter de reprimir a sua personalidade durante o resto do dia. Possuía um sentido de humor ordinário, que Jane não encontrara em qualquer outro afegão, homem ou mulher. Os comentários irreverentes de Zahara e as suas piadas ambíguas muitas vezes abriam o caminho para conversas sérias. Assim, Jane podia às vezes transformar o banho vespertino numa aula improvisada sobre educação sanitária. O controlo da natalidade era o tópico mais popular, embora as mulheres de Banda estivessem mais interessadas em garantir a gravidez do que em evitá-la. Contudo, havia alguma aceitação da ideia,

que Jane tentava promover, de que uma mulher tinha melhores condições para alimentar e cuidar dos filhos se eles nascessem com intervalos de dois anos, em vez de separados por apenas doze ou quinze meses. No dia anterior tinham conversado sobre o ciclo menstrual e soubera-se que as mulheres afegãs estavam convencidas de que o período fértil era pouco antes e pouco depois da menstruação. Jane dissera-lhes que era do décimo segundo ao décimo sexto dia e elas pareceram aceitar, mas desconfiava de que as mulheres pensavam que ela estava enganada e eram demasiado bem-educadas para o dizer.

Havia no ar um clima de expectativa. A última caravana de camiões proveniente do Paquistão era esperada a qualquer momento. Os homens trariam pequenos luxos — um xaile, algumas laranjas, pulseiras de plástico —, além de armas, munições e explosivos tão importantes para a guerra.

O marido de Zahara, Ahmed Gul, um dos filhos da parteira Rabia, era o chefe da caravana. Zahara mostrava-se visivelmente animada com a perspectiva de o rever. Quando estavam juntos, eram como todos os casais afegãos: ela, silenciosa e subserviente; ele, autoritário. Mas Jane percebia, pela forma como os dois se olhavam, que estavam apaixonados; e era evidente, pela maneira como Zahara falava, que o amor era intensamente físico. Hoje, ela estava quase fora de si de desejo, secando o cabelo com uma energia profunda e frenética. Jane podia compreendê-la; também já se sentira assim algumas vezes. Era indubitável que ela e Zahara se tinham tornado amigas porque reconheciam uma na outra um espírito semelhante.

A pele de Jane secou quase imediatamente no ar quente e seco. Estavam no pico do verão, os dias eram compridos, secos e quentes. O bom tempo duraria mais um ou dois meses e depois, durante o resto do ano, seria terrivelmente frio.

Zahara ainda estava interessada no tema da conversa no dia anterior, e parou de esfregar o cabelo por um momento para falar.

— Digam o que disserem, a maneira de engravidar é *fazê-lo todos os dias*.

Houve concordância de Halima, a mulher de Mohammed Khan, mal-humorada, de olhos escuros.

— E a única maneira de não engravidar é *nunca* o fazer.

Tinha quatro crianças, mas só um menino, Mousa. Ficara desapontada ao saber que Jane não conhecia nenhum meio de aumentar as suas

possibilidades de ter outro rapaz.

— Mas então o que se pode dizer ao marido quando ele volta para casa depois de seis semanas numa caravana? — perguntou Zahara.

— Há que ser como a mulher do mulá e metê-lo no buraco errado — sugeriu Jane.

Zahara desatou às gargalhadas. Jane sorriu. Essa era uma técnica de controlo da natalidade que não fora mencionada no curso intensivo que ela fizera em Paris, mas era evidente que os métodos modernos não chegariam ao vale dos Cinco Leões por muitos anos. Assim, os métodos tradicionais teriam de servir... auxiliados, talvez, por alguma educação.

A conversa desviou-se para as colheitas. O vale era um mar de trigo dourado e cevada, mas o grosso iria apodrecer no campo, porque os jovens estavam longe, a lutar, durante a maior parte do tempo, e os mais velhos trabalhavam devagar na colheita ao luar. No fim do verão, todas as famílias contariam as suas sacas de farinha de trigo e cestas de frutos secos, verificariam as galinhas e as cabras, reuniriam os seus parques recursos; pensariam na iminente escassez de ovos e carne, arriscariam um palpite sobre os preços de inverno para o arroz e iogurte; algumas famílias embalariam uns poucos bens preciosos e empreenderiam a longa viagem pelas montanhas até aos campos de refugiados no Paquistão, como fizeram o comerciante da aldeia e milhões de outros afegãos.

Jane temia que os russos convertessem essa evacuação numa política oficial: que, incapazes de derrotar os guerrilheiros, tentassem destruir as suas comunidades, como os americanos tinham feito no Vietname, com o bombardeamento intensivo de extensas áreas do interior. O vale dos Cinco Leões transformar-se-ia num deserto desabitado, e Mohammed, Zahara e Rabia juntar-se-iam às pessoas sem lar, sem país e sem ocupação que viviam nos campos de refugiados. Os rebeldes não poderiam resistir a um ataque total, pois não dispunham de armas antiaéreas.

Estava a escurecer. As mulheres começaram a voltar à aldeia, Jane foi com Zahara, ouvindo sem prestar muita atenção o que ela dizia e pensando em Chantal. Os seus sentimentos em relação à filha tinham passado por várias fases. Logo depois do nascimento, sentira-se exultante devido ao alívio, ao triunfo e à alegria por ter gerado uma criança viva e perfeita. Depois de essa reação passar, sentira-se muito angustiada. Não sabia cuidar de uma criança e, ao contrário do que as pessoas diziam, não possuía um conhecimento instintivo. Tivera medo da criança. Não houvera

um ímpeto de amor maternal. Em vez disso, tivera sonhos e fantasias estranhos e assustadores em que a criança morria — caindo ao rio, morta por uma bomba ou roubada à noite pelo leopardo-da-neve. Não contara esses pensamentos a Jean-Pierre, com receio de que ele a julgasse louca.

Houvera conflitos com a parteira, Rabia Gul. Ela dissera que as mulheres não deviam amamentar durante os três primeiros dias porque o que saía não era leite. Jane decidira que era absurdo acreditar que a natureza pudesse fazer os seios das mulheres produzirem alguma coisa que fosse prejudicial aos recém-nascidos. Ignorara o conselho da velha. Rabia também dissera que a criança não devia ser lavada durante quarenta dias, mas Chantal tomava banho todos os dias, como qualquer bebê ocidental. Depois Jane surpreendera Rabia a dar a Chantal manteiga misturada com açúcar na ponta do seu dedo engelhado. Jane ficara furiosa. No dia seguinte, Rabia fora tratar de outro parto e mandara uma das suas muitas netas, uma rapariga de treze anos chamada Fara, ajudar Jane. Fora uma grande melhoria. Fara não tinha ideias preconcebidas sobre os cuidados neonatais e simplesmente fazia o que lhe mandavam. Não exigia pagamento: trabalhava pela comida, que era melhor em casa de Jane do que em casa dos pais, e pelo privilégio de aprender tudo sobre bebês, como preparação para o seu próprio casamento, que provavelmente ocorreria dentro de um ou dois anos. Jane achava que Rabia podia estar também a preparar Fara para se tornar uma futura parteira; nesse caso, a rapariga ganharia renome por ter ajudado a enfermeira ocidental a cuidar da filha.

Com Rabia fora do caminho, Jean-Pierre assumira o seu papel. Era meigo mas confiante com Chantal, atencioso e amoroso com Jane. Fora ele quem sugerira, com uma certa firmeza, que Chantal podia beber leite de cabra fervido quando acordava a meio da noite e improvisara um biberão com um dos frascos de remédios, a fim de poder levantar-se para alimentar a filha. É claro que Jane acordava sempre quando Chantal chorava e ficava desperta enquanto Jean-Pierre a alimentava, mas era muito menos cansativo e por fim conseguira libertar-se da tal sensação de exaustão que a deixara tão deprimida.

Por fim, embora ainda se sentisse ansiosa e insegura, descobrira em si um grau de paciência que nunca antes possuía; e isso, embora pudesse não ser o conhecimento instintivo profundo e a segurança que esperara, permitia-lhe pelo menos enfrentar as crises diárias com serenidade.

Naquele momento percebeu que estava longe de Chantal há quase uma hora sem se preocupar.

As mulheres chegaram às casas que formavam o núcleo da aldeia e, uma a uma, desapareceram por trás dos muros dos seus pátios. Jane afugentou algumas galinhas e empurrou uma vaca escanzelada para poder entrar em casa. Lá dentro estava Fara, a cantar para Chantal, à luz da lanterna. A bebé estava desperta, de olhos arregalados, e aparentemente fascinada com o canto de Fara. Era uma canção de embalar de palavras simples e uma melodia complexa, tipicamente oriental. *É uma bebé tão bonita, pensou Jane, com as faces rechonchudas, o nariz pequeno e os olhos muito azuis.*

Pedi a Fara que fizesse chá. A rapariga era muito tímida e chegara amedrontada e a tremer por ir trabalhar para os estrangeiros, mas o seu nervosismo diminuía e o temor inicial por Jane convertia-se gradualmente numa lealdade cheia de adoração.

Jean-Pierre apareceu poucos minutos depois. A camisa e as calças largas de algodão estavam sujas e manchadas de sangue, e tinha pó no cabelo castanho comprido e na barba escura. Parecia cansado. Estivera em Khenj, uma aldeia no vale a quinze quilómetros de distância, a tratar os sobreviventes de um bombardeamento.

Jane ergueu-se na ponta dos pés para o beijar.

— Como foi? — perguntou ela, em francês.

— Mau. — Jean-Pierre retribuiu o beijo e foi debruçar-se sobre Chantal.

— Olá, pequenina. — Sorriu, e Chantal gorgolejou.

— O que aconteceu? — perguntou Jane.

— A casa da família ficava a alguma distância do resto da aldeia e por causa disso pensaram que estavam seguros. — Jean-Pierre encolheu os ombros. — Depois levaram para lá alguns guerrilheiros feridos numa escaramuça mais a sul. É por isso que vim tão tarde. — Sentou-se numa pilha de almofadas: — Há chá?

— Vem a caminho — respondeu Jane. — Que espécie de escaramuça?

Jean-Pierre fechou os olhos.

— A mesma coisa de sempre. O exército chegou em helicópteros e ocupou uma aldeia por motivos que só eles conhecem. Os aldeões fugiram. Os homens reagruparam-se, receberam reforços e começaram a atacar os russos das encostas. Houve baixas nos dois lados. Os guerrilheiros finalmente ficaram sem munições e bateram em retirada.



Jane assentiu. Sentia pena de Jean-Pierre: era deprimente cuidar das vítimas de uma batalha inútil. Banda nunca fora atacada, mas ela vivia com o temor constante de que isso pudesse acontecer. Tinha uma visão de pesadelo em que corria e corria, com Chantal ao colo, enquanto os helicópteros circulavam por cima e as balas das metralhadoras se cravavam no terreno poeirento a seus pés.

Fara entrou na sala com chá verde quente, um pouco do pão sem levedura a que chamavam *nan* e uma vasilha de pedra com manteiga fresca. Jane e Jean-Pierre começaram a comer. A manteiga era uma iguaria rara. O *nan* da noite era geralmente mergulhado em iogurte, leite coalhado ou óleo. Ao meio-dia normalmente comiam arroz com um molho com gosto a carne, que podia ter ou não carne. Uma vez por semana comiam galinha ou cabra. Jane, ainda a alimentar-se por dois, dava-se ao luxo de um ovo por dia. Naquela época do ano havia bastante fruta fresca — damascos, ameixas, maçãs e amoras — para sobremesa. Jane sentia-se muito saudável com aquela dieta, embora a maioria das pessoas de origem inglesa pudesse considerar que eram rações de fome e alguns franceses julgassem que era motivo para suicídio. Ela sorriu ao marido.

— Queres mais um pouco de molho *béarnaise* com o bife?

— Não, obrigado. — Ele estendeu a chávena. — Talvez mais um pouco desse *Château Cheval Blanc*. — Jane serviu-lhe mais chá e ele fingiu prová-lo como se fosse vinho. — A colheita de sessenta e dois é de qualidade inferior, por ter sucedido à inesquecível de sessenta e um, mas sempre achei que a sua relativa suavidade proporciona quase tanto prazer como a elegância perfeita que é a característica austera da sua predecessora.

Jane sorriu. Ele voltava à normalidade.

Chantal choramingou e Jane experimentou no mesmo instante uma comichão nos seios em resposta. Pegou na filha ao colo e começou a amamentá-la. Jean-Pierre continuou a comer.

— Deixa um pouco de manteiga para a Fara — disse Jane.

— Está bem.

Ele levou o resto da refeição e regressou com uma tigela cheia de amoras. Jane comeu enquanto Chantal mamava. Ela não demorou a adormecer, mas Jane sabia que despertaria dali a poucos minutos e que queria mais.

Jean-Pierre afastou a tigela para o lado.

— Ouvi hoje outra queixa de ti — disse ele.

— De quem? — perguntou Jane bruscamente.

Jean-Pierre parecia estar à defesa, mas obstinado.

— Mohammed Khan.

— Mas não falava por si mesmo.

— Talvez não.

— O que disse?

— Que tens ensinado as mulheres da aldeia a serem estéreis.

Jane suspirou. Não era apenas a estupidez dos homens da aldeia que a irritava, mas também a atitude acomodaticia de Jean-Pierre às suas queixas. Ela queria que o marido a defendesse, e não que se submetesse aos seus acusadores.

— O Abdullah Karim está por trás disso, claro — murmurou ela.

A mulher do mulá estava muitas vezes à beira do rio e sem dúvida comunicava ao marido tudo o que ouvia.

— Talvez tenhas de parar — observou Jean-Pierre.

— Parar o quê? — Jane notou um tom perigoso na sua própria voz.

— De lhes dizer como evitar a gravidez.

Não era uma descrição justa do que Jane ensinara às mulheres, mas não estava disposta a defender-se ou a pedir desculpa.

— Porque deveria eu parar?

— Estás a criar dificuldades — respondeu Jean-Pierre, com um ar paciente que irritou Jane. — Se ofendermos demasiado o mulá, talvez tenhamos de deixar o Afeganistão. E o que é mais importante, isso deixaria a Médecins pour la Liberté com péssima reputação e os rebeldes poderiam recusar-se a aceitar outros médicos. Isto é uma guerra santa, sabes... a saúde espiritual é mais importante do que a física. Eles podem chegar à conclusão de que estão melhor sem nós.

Havia outras organizações que enviavam jovens médicos franceses idealistas para o Afeganistão, mas Jane não comentou isso.

— Teremos de correr esse risco — respondeu num tom incisivo.

— Teremos? — repetiu Jean-Pierre, e Jane percebeu que estava cada vez mais irritado. — Porquê?

— Porque só há uma coisa de valor permanente que podemos dar a esta gente: *informação*. Está muito bem tratar das suas feridas e dar-lhes medicamentos para matar os germes, mas eles nunca terão médicos e medicamentos em quantidade suficiente. Podemos melhorar a sua saúde

*permanentemente* se lhes ensinarmos noções básicas de nutrição, higiene e cuidados sanitários. É melhor ofender Abdullah do que deixar de fazer isso.

— Mesmo assim, gostaria que não tivesses tornado esse homem teu inimigo.

— Ele bateu-me com um cajado! — gritou Jane, furiosa.

Chantal começou a chorar. Jane forçou-se a manter a calma. Embalou a filha por um momento e depois recomeçou a amamentá-la. Por que motivo não percebia Jean-Pierre como a sua atitude era covarde? Como podia deixar-se intimidar pela ameaça de expulsão daquele país desolado? Jane suspirou. Chantal afastou o rosto do seio da mãe e deixou escapar alguns ruídos insatisfeitos, e antes de a discussão poder continuar ouviram gritos distantes.

Jean-Pierre franziu a testa, apurando o ouvido, e depois levantou-se. Do pátio vinha uma voz de homem. Jean-Pierre pegou num xaile e cobriu com ele os ombros de Jane. Ela apertou-o à frente. Era um acordo entre os dois: o xaile não chegava a cobri-la o suficiente pelos padrões afegãos, mas ela recusava-se terminantemente a retirar-se da sala como uma cidadã de segunda se um homem entrava em sua casa quando amamentava a filha; e se alguém objetasse, anunciara ela, era melhor não procurar o médico.

— Entre — gritou Jean-Pierre em dari.

Era Mohammed Khan. Jane estava com vontade de lhe dizer o que pensava dele e do resto dos homens da aldeia, mas hesitou quando viu a tensão no seu rosto bonito. Para variar, Mohammed mal olhou para ela.

— A caravana sofreu uma emboscada — disse ele, sem qualquer preâmbulo. — Perdemos vinte e sete homens... e todos os mantimentos.

Jane fechou os olhos angustiada. Viajara numa caravana assim ao chegar ao vale dos Cinco Leões e não podia deixar de imaginar a emboscada: a linha de homens de pele escura e cavalos esqueléticos iluminada pelo luar, estendendo-se de maneira irregular por um trilho rochoso, ao longo de um vale estreito e cheio de sombras; o barulho dos helicópteros num súbito crescendo; os foguetes luminosos, as granadas, os disparos das metralhadoras; o pânico, enquanto os homens tentavam abrigar-se na encosta nua; os tiros inúteis disparados contra os invulneráveis helicópteros; e, finalmente, os gritos dos feridos, os estertores dos moribundos.

Pensou abruptamente em Zahara; o marido estava na caravana.

— O que... o que aconteceu a Ahmed Gul?

— Ele voltou.

— Graças a Deus!

— Mas está ferido.

— Quem morreu desta aldeia?

— Ninguém. Banda teve sorte. O meu irmão Matullah está bem e o mesmo acontece com Alishan Karim, o irmão do mulá. Há três outros sobreviventes... dois deles feridos.

— Irei vê-los imediatamente — disse Jean-Pierre.

Dirigiu-se à assoalhada na frente da casa, que fora outrora a loja, depois se transformara em clínica e agora era o armazém do material médico.

Jane pôs Chantal no berço improvisado ao canto e ajeitou-se à pressa. Jean-Pierre iria provavelmente precisar da sua ajuda e, se não fosse necessária, poderia dar apoio moral a Zahara.

— Já quase não temos munições — comentou Mohammed.

Jane não sentiu muito pesar por isso. Estava revoltada com a guerra e não derramaria lágrimas se os rebeldes fossem obrigados durante algum tempo a parar de matar os pobres soldados russos, miúdos de dezassete anos cheios de saudades de casa.

— Perdemos quatro caravanas num ano — prosseguiu Mohammed. — Apenas três conseguiram passar.

— Como é que os russos as descobriram? — perguntou Jane.

Jean-Pierre, que os ouvia na outra assoalhada, falou através da porta aberta:

— Devem ter aumentado a vigilância nos desfiladeiros com helicópteros em voo baixo... ou talvez com fotografias de satélite.

Mohammed abanou a cabeça.

— Os pastós traem-nos.

Jane refletiu que era possível. Nas aldeias por que passavam, as caravanas eram às vezes consideradas um íman para os ataques russos e era de supor que alguns aldeões pudessem comprar a sua segurança dando ao inimigo informações sobre as suas posições... embora Jane não fizesse ideia de como transmitiriam as informações aos russos.

Pensou no que esperara receber com a chegada da caravana emboscada. Pedira mais antibióticos, algumas seringas hipodérmicas e ligaduras esterilizadas. Jean-Pierre elaborara uma longa lista de medicamentos. A organização Médecins pour la Liberté tinha um contacto em Peshawar, a

cidade no Noroeste do Paquistão onde os guerrilheiros compravam as suas armas. Ele conseguia encontrar lá as coisas básicas, mas tinha de importar os medicamentos por avião da Europa Ocidental. Que desperdício. Podiam passar-se meses antes de chegar um novo carregamento. Para Jane, era uma perda muito maior do que a das munições.

Jean-Pierre voltou, carregando a sua mala de médico. Saíram os três para o pátio. Estava escuro. Jane parou por um instante, dando instruções a Fara sobre a troca de fraldas de Chantal, e depois seguiu depressa atrás dos dois homens.

Apanhou-os quando se aproximavam da mesquita. Não era um edifício majestoso. Não possuía as cores deslumbrantes ou os ornamentos requintados que se encontram nos livros ilustrados sobre a arte islâmica. Era aberto de um lado, o terraço sustentado por colunas de pedra. Jane achava que parecia uma paragem de autocarros ou talvez o alpendre de uma mansão colonial em ruínas. Um arco no meio levava a um pátio murado. Os aldeões tratavam o local com pouca reverência. Rezavam ali, mas também o usavam como sala de reuniões, mercado, sala de aulas e casa de hóspedes. Naquela noite seria um hospital.

Candeeiros a óleo pendiam de ganchos nas colunas de pedra e iluminavam agora a mesquita parecida com um alpendre. Os aldeões encontravam-se agrupados à esquerda da arcada. Estavam abatidos; várias mulheres choravam baixinho, e ouviam-se as vozes de dois homens, um deles a fazer perguntas, o outro a responder. A multidão dividiu-se para dar passagem a Jean-Pierre, Mohammed e Jane.

Os seis sobreviventes da emboscada tinham sido postos no chão de terra batida. Os três ilesos estavam acorados, ainda usando os chapéus *chitrals* redondos, com um ar sujo, desolado e exausto. Jane reconheceu Matullah Khan, uma versão mais jovem do irmão Mohammed, e Alishan Karim, mais magro do que o irmão mulá, mas com a mesma expressão perversa. Dois dos feridos estavam sentados no chão, encostados à parede, um deles com uma ligadura ensanguentada em torno da cabeça, o outro com o braço numa charpa improvisada. Jane não conhecia nenhum e avaliou automaticamente os seus ferimentos: à primeira vista, não pareciam graves.

Ahmed Gul, o terceiro ferido, jazia numa maca feita com dois paus e um cobertor. Tinha os olhos fechados, a pele cinzenta. A mulher, Zahara, estava agachada atrás dele com a sua cabeça no colo, afagando-lhe os

cabelos, chorando em silêncio. Jane não conseguia ver os ferimentos, mas calculava que deviam ser graves.

Jean-Pierre pediu uma mesa, água quente e toalhas, depois ajoelhou-se ao lado de Ahmed. Segundos depois olhou para os outros guerrilheiros.

— Ele foi apanhado por uma explosão? — perguntou, em dari.

— Os helicópteros tinham foguetes — respondeu um dos homens ilesos. — Um rebentou ao lado de Ahmed.

Jean-Pierre virou-se para Jane.

— Ele está muito mal. É um milagre ter sobrevivido à viagem — disse em francês.

Jane viu as manchas de sangue no queixo de Ahmed: ele estivera a tossir sangue, um sinal de lesões internas.

Zahara olhou para Jane com ar de súplica.

— Como está ele? — perguntou em dari.

— Lamento, amiga — respondeu Jane, num tom meigo —, mas está mal.

Zahara assentiu, resignada: já o soubera, mas a confirmação trouxe novas lágrimas ao seu rosto bonito.

— Trata dos outros — pediu Jean-Pierre a Jane. — Não quero perder nem um minuto.

Jane examinou os outros dois feridos.

— O ferimento na cabeça é apenas um arranhão — disse ela, pouco depois.

— Trata isso — murmurou Jean-Pierre. Supervisionava a colocação de Ahmed em cima de uma mesa.

Jane examinou o homem com o braço ao peito. O ferimento era mais grave: parecia que uma bala despedaçara o osso.

— Deve ter doído bastante — disse ela ao guerrilheiro, em dari. Ele sorriu e anuiu. Aqueles homens eram feitos de ferro. — A bala partiu o osso — informou Jane.

Jean-Pierre não levantou os olhos de Ahmed.

— Aplica anestesia local, limpa a ferida, tira os fragmentos e faz-lhe uma charpa limpa. Tratamos do osso depois.

Ela começou a preparar a injeção. Jean-Pierre chamá-la-ia quando precisasse da sua ajuda. Tudo indicava que seria uma noite longa.

Ahmed morreu alguns minutos depois da meia-noite, e Jean-Pierre sentiu vontade de chorar — não de tristeza, pois mal conhecia Ahmed,

mas de pura frustração, pois sabia que poderia salvar a vida do homem se dispusesse de um anestesista, eletricidade e de uma sala de operações.

Cobriu o rosto do morto e olhou para a mulher, que estivera imóvel durante horas, a assistir a tudo.

— Lamento muito.

Ela anuiu. Ainda bem que estava calma. Às vezes acusavam-no de não tentar tudo; pareciam pensar que ele sabia tanto que não havia nada que não pudesse curar, deixando-o com vontade de lhes gritar «Não sou Deus»; mas aquela mulher dava a impressão de compreender.

Jean-Pierre afastou-se do cadáver. Estava esgotado. Passara o dia inteiro a tratar de corpos mutilados, mas aquele era o primeiro doente que perdia. As pessoas que assistiam, quase todas parentes do morto, adiantaram-se agora para cuidar do corpo. A viúva começou a chorar e Jane levou-a dali.

Jean-Pierre sentiu uma mão no ombro. Virou-se e viu Mohammed, o guerrilheiro que organizava as caravanas. Sentiu-se culpado.

— É a vontade de Alá — disse Mohammed.

Jean-Pierre assentiu. Mohammed tirou do bolso um maço de cigarros paquistaneses e acendeu um. Jean-Pierre começou a recolher os instrumentos e a guardá-los na sua mala de médico.

— O que vais fazer agora? — perguntou, sem olhar para Mohammed.

— Enviar outra caravana imediatamente. Precisamos de munições.

Jean-Pierre ficou de imediato alerta, apesar da fadiga.

— Queres dar uma olhadela aos mapas?

— Sim.

Jean-Pierre fechou a mala e os dois homens deixaram a mesquita. As estrelas iluminaram o caminho pela aldeia até à casa do comerciante. Fara dormia na sala, num tapete, ao lado do berço de Chantal. Acordou de imediato e levantou-se.

— Podes ir para casa — disse-lhe Jean-Pierre.

Ela partiu sem dizer nada.

Jean-Pierre pousou a mala no chão, depois pegou no berço com extremo cuidado e levou-o para o quarto. Chantal continuou adormecida até ele pousar o berço no chão, então desatou a chorar.

— O que foi? — murmurou Jean-Pierre. Olhou para o relógio de pulso e percebeu que a bebé devia estar com fome. — A mamã já vem.

Não serviu de nada. Tirou-a do berço e começou a embalá-la. Chantal acalmou-se e ele levou-a para a sala.

Mohammed ainda estava de pé, à espera.

— Sabes onde estão os mapas — disse Jean-Pierre.

Mohammed anuiu e abriu uma arca de madeira pintada. Tirou um grosso maço de mapas dobrados, selecionou vários, abriu-os no chão. Jean-Pierre, sempre a embalar Chantal, espreitou por cima do ombro de Mohammed.

— Onde foi a emboscada?

Mohammed apontou para um ponto próximo da cidade de Jalalabade.

Os caminhos seguidos pelas caravanas de Mohammed não eram indicados naqueles ou em quaisquer outros mapas. Contudo, os mapas de Jean-Pierre mostravam alguns vales, planaltos e riachos sazonais em que *podia* haver caminhos. Às vezes Mohammed sabia de cor o que lá havia. Noutras ocasiões tinha de adivinhar e discutia com Jean-Pierre a interpretação exata das linhas de contorno ou as características mais obscuras do terreno, como as morenas.

— Podia passar mais para norte, contornando Jalalabade. — Por cima da planície em que ficava a cidade havia um labirinto de vales, como uma teia de aranha, estendendo-se entre os rios Konar e Nuristão.

Mohammed acendeu outro cigarro — como a maioria dos guerrilheiros, era um fumador inveterado — e abanou a cabeça em dúvida, enquanto exalava.

— Houve demasiadas emboscadas nessa área — disse ele. — Se ainda não estão a trair-nos, certamente o farão em breve. Não, a próxima caravana passará a *sul* de Jalalabade.

Jean-Pierre franziu a testa.

— Não sei como isso será possível. Não há nada além de campo aberto a sul, desde o desfiladeiro de Khyber. Serias visto.

— Não iremos pelo desfiladeiro de Khyber — declarou Mohammed. Pôs o dedo no mapa e acompanhou a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão para sul. — Atravessaremos a fronteira em Teremengal. — O dedo chegou à cidade indicada, depois traçou um percurso de lá até ao vale dos Cinco Leões.

Jean-Pierre assentiu, disfarçando o seu júbilo.

— Faz sentido. Quando sairá daqui a próxima caravana?

Mohammed começou a dobrar os mapas.

— Depois de amanhã. Não há tempo a perder.



Guardou os mapas na arca pintada e encaminhou-se para a porta. Jane entrou no instante em que ele saía. Mohammed desejou-lhe as boas-noites distraidamente. Jean-Pierre estava satisfeito por o belo guerrilheiro já não se sentir atraído por Jane desde que ela engravidara. Jane era demasiado ardente, na opinião de Jean-Pierre, e bem capaz de se deixar seduzir; e ter um caso com um afegão causaria problemas intermináveis.

A mala de Jean-Pierre estava no chão, onde ele a deixara. Jane baixou-se para a apanhar. O coração dele quase parou, e apressou-se a tirar-lha das mãos. Ela olhou-o um pouco admirada.

— Vou guardar isto — disse ele. — E tu trata da Chantal. Ela está com fome — acrescentou entregando-lhe a bebé.

Levou a mala e um candeeiro para a sala na frente, enquanto Jane se instalava para dar de mamar a Chantal. Havia caixas de cartão com material médico empilhadas no chão de terra. Caixas já abertas estavam arrumadas nas toscas prateleiras de madeira da antiga loja. Jean-Pierre pôs a sua mala de médico no balcão de azulejos azuis e tirou um objeto preto de plástico, mais ou menos do tamanho e do formato de um telefone portátil. Guardou-o no bolso das calças.

Esvaziou a mala, pondo de lado os instrumentos que precisavam de ser esterilizados e arrumando nas prateleiras o que não usara. Voltou à sala de estar.

— Vou até ao rio tomar banho. Estou demasiado sujo para ir para a cama.

Jane esboçou o sorriso sonhador e satisfeito que muitas vezes exibia quando amamentava a filha.

— Não te demores.

Ele saiu.

A aldeia estava finalmente a adormecer. Ainda havia luz em algumas casas e ele ouviu por uma janela o som de um choro desesperado de mulher, mas a maioria das casas estava silenciosa e escura. Ao passar pela última casa da aldeia ouviu uma voz de mulher elevada num canto triste de lamento; por um momento, sentiu o peso opressivo das mortes que causara, mas tratou de afastar o pensamento.

Seguiu por um trilho pedregoso entre dois campos de cevada, olhando constantemente em volta e ouvindo com atenção: os homens da aldeia deviam estar agora a trabalhar. Ouviu num campo o barulho das foices e

num socorro estreito avistou dois homens a arrancar as ervas daninhas à luz de uma lanterna. Não falou com eles.

Chegou ao rio, atravessou-o, subiu o trilho sinuoso no penhasco do outro lado. Sabia que estava perfeitamente seguro, mas mesmo assim sentia-se cada vez mais tenso ao subir pelo caminho íngreme na tênue claridade.

Ao fim de dez minutos alcançou o ponto elevado que procurava. Tirou o rádio do bolso das calças e esticou a antena telescópica. Era o mais moderno e sofisticado transmissor pequeno que o KGB possuía, mas mesmo assim o terreno era tão adverso às transmissões de rádio que os russos tinham montado uma antena especial no alto de uma colina dentro do território que controlavam, a fim de captar os seus sinais e passá-los a outros.

Jean-Pierre premiu o botão e falou em inglês e em código.

— Aqui Simplex. Comunique, por favor.

Esperou um instante, tornou a chamar. Depois da terceira tentativa recebeu uma resposta cheia de estática, com forte sotaque:

— Aqui Butler. Pode falar, Simplex.

— A sua festa foi um grande êxito.

— Repito: a festa foi um grande êxito.

— Vinte e sete pessoas compareceram e mais uma apareceu depois.

— Repito: vinte e sete pessoas compareceram e mais uma apareceu depois.

— Em preparação para a próxima, preciso de três camelos.

No código, isso significava: «Encontre-se comigo daqui a três dias.»

— Repito: precisa de três camelos.

— Vejo-o na mesquita.

Isso também era código: «a mesquita» era um local a alguns quilómetros de distância em que três vales se encontravam.

— Repito: na mesquita.

— Hoje é domingo.

Aquilo não era código, mas sim uma precaução em relação à possibilidade de o idiota que estivesse a receber a mensagem não compreender que já passava de meia-noite, tendo como consequência a chegada do contacto de Jean-Pierre ao ponto de encontro um dia antes.

— Repito: hoje é domingo.

— Terminado.

Jean-Pierre baixou a antena e tornou a guardar o rádio no bolso das calças, descendo em seguida o penhasco até ao rio.

Despiu-se depressa. Tirou do bolso da camisa uma escova de unhas e um bocado de sabão. O sabão escasseava, mas ele tinha prioridade, como médico.

Entrou cautelosamente no rio dos Cinco Leões, ajoelhou-se e molhou-se com a água gelada. Ensaboou a pele e o cabelo, depois pegou na escova e começou a esfregar-se: pernas, barriga, peito, rosto, braços e mãos. Trabalhou especialmente as mãos, ensaboando-as várias vezes. Ajoelhando-se na água rasa, nu e a tremer sob a luz das estrelas, esfregou-se e tornou a esfregar-se como se nunca mais fosse parar.

## CAPÍTULO 7

— A criança tem sarampo, gastroenterite e lombrigas — disse Jean-Pierre. — Está também suja e subnutrida.

— Não estão todas? — murmurou Jane.

Falavam em francês, como normalmente faziam ao conversar entre si, e a mãe da criança olhava de um para outro, perguntando-se o que estariam a dizer. Jean-Pierre apercebeu-se da sua ansiedade e falou-lhe em dari:

— O seu filho vai ficar bom.

Foi para o outro lado da gruta e abriu a caixa dos medicamentos. Todas as crianças levadas à clínica eram automaticamente vacinadas contra a tuberculose. Enquanto preparava a injeção de BCG, observou Jane pelo canto do olho. Ela estava a dar ao menino pequenos goles de uma bebida para combater a desidratação — uma mistura de glicose, sal, bicarbonato de sódio e cloreto de potássio, tudo dissolvido em água destilada — e entre os goles lavava delicadamente o rosto sujo da criança. Os seus movimentos eram rápidos e graciosos, como os de um artífice — talvez um oleiro a moldar o barro ou um pedreiro a mover a sua trolha. Jean-Pierre viu as mãos estreitas dela tocarem de leve na criança assustada com carícias tranquilizadoras. Ele gostava daquelas mãos.

Jean-Pierre virou-se ao preparar a agulha, a fim de que a criança não visse, depois escondeu-a na manga e tornou a virar-se, esperando por Jane. Contemplou-lhe o rosto, enquanto ela limpava a pele no ombro direito do menino, esfregando uma zona com algodão embebido em álcool. Era um rosto travesso, com olhos grandes, nariz arrebitado, uma boca larga que sorria com frequência, mas agora a expressão era séria e deslocava o queixo de um lado para outro, como se rangesse os dentes, um sinal de que estava concentrado. Jean-Pierre conhecia todas as suas expressões, mas nenhum dos seus pensamentos.

Perguntava-se muitas vezes — quase continuamente — o que estaria Jane a pensar, mas tinha receio de perguntar, pois tais conversas poderiam facilmente desviar-se para território proibido. Ele precisava de manter a guarda constantemente, como um marido infiel, com receio de que alguma coisa que dissesse — ou mesmo a sua expressão — pudesse traí-lo. Era tabu qualquer conversa sobre verdade e desonestidade, confiança e traição ou liberdade e tirania; e o mesmo acontecia com os temas que podiam levar a isso, como amor, guerra e política. Jean-Pierre era cauteloso até

quando falava de tópicos inocentes. Em consequência, havia uma estranha falta de intimidade no seu casamento. Fazer amor era estranho. Ele descobrira que não conseguia atingir o orgasmo se não fechasse os olhos e imaginasse que se encontrava noutro lado. Fora um alívio para ele não ter de fazer sexo durante as últimas semanas, por causa do nascimento de Chantal.

— Estou pronta quando estiveres — anunciou Jane.

Jean-Pierre viu que ela lhe sorria. Pegou no braço do menino.

— Quantos anos tens? — perguntou em dari.

— Cinco.

Enquanto o menino falava, Jean-Pierre espetou a agulha. A criança começou imediatamente a chorar. O som da sua voz levou Jean-Pierre a pensar em si mesmo quando tinha cinco anos, a andar na sua primeira bicicleta e a cair, chorando daquela mesma forma, um estridente uivo de protesto pela dor inesperada. Fitou atentamente o rosto contraído do doente de cinco anos, lembrando-se do quanto doera e de como se sentira furioso, e deu por si a pensar: *Como vim de lá até aqui?*

Jean-Pierre soltou o menino que foi a correr para a mãe. Contou trinta cápsulas de duzentos e cinquenta miligramas de griseofulvina e entregou-as à mãe.

— Ele tem de tomar uma por dia até se acabarem — disse Jean-Pierre, no dari mais simples. — Não as dês a mais ninguém... ele precisa de todas.

Aquilo cuidaria das lombrigas. O sarampo e a gastroenterite seguiriam o seu curso normal até ao fim.

— Mantém-no na cama até as manchas desaparecerem — acrescentou Jean-Pierre. — E dá-lhe muita água.

A mulher assentiu.

— Ele tem irmãos?

— Cinco irmãos e duas irmãs — respondeu a mulher, orgulhosa.

— Ele deve dormir sozinho ou os outros também ficarão doentes.

A mulher parecia indecisa: provavelmente só tinha uma cama para todos os filhos. Não havia nada que Jean-Pierre pudesse fazer a respeito disso.

— Se ele não melhorar até as cápsulas acabarem, trá-lo de volta à clínica.

Do que a criança realmente precisava era de uma coisa que nem Jean-Pierre nem a mãe podiam proporcionar: bastante comida boa e nutritiva.

Os dois deixaram a gruta, o menino magro e doente, a mãe frágil e cansada. Era provável que tivessem percorrido vários quilómetros, a mãe a carregar o filho durante a maior parte do caminho, e agora voltariam a pé. A criança poderia morrer de qualquer maneira, mas não de tuberculose.

Havia mais um paciente: o *malang*. Era o homem santo de Banda. Meio louco, quase sempre seminu, vagueava pelo vale dos Cinco Leões desde Comar, a cerca de quarenta quilómetros de Banda, rio acima, até Charikar, na planície controlada pelos russos, cem quilómetros a sudoeste. Falava de maneira incoerente e tinha visões. Os afegãos acreditavam que os *malangs* davam sorte e não só toleravam o seu comportamento como também lhes davam comida, bebida e roupas.

Ele entrou, usando trapos a cobrir as virilhas e um boné de oficial russo. Levou as mãos à barriga, simulando dor. Jean-Pierre tirou de um frasco um punhado de comprimidos de diamorfina e entregou-lhos. O louco saiu a correr com os seus comprimidos de heroína sintética.

— Já deve estar viciado naquilo — comentou Jane. Havia um tom de desaprovação na sua voz.

— E está — admitiu Jean-Pierre.

— Então porque continuas a dar-lhos?

— O homem tem uma úlcera. O que mais posso fazer... operar?

— Tu é que és o médico.

Jean-Pierre começou a arrumar a sua mala de médico. De manhã veria os doentes em Cobak, a dez ou doze quilómetros de distância, através das montanhas... e no caminho tinha um encontro marcado.

O choro do menino de cinco anos trouxera alguma coisa do passado para a gruta, como um cheiro a brinquedos velhos ou uma luz estranha que nos leva a esfregar os olhos. Jean-Pierre sentia-se um pouco desorientado. Não parava de ver as pessoas da sua infância, os rostos a sobreporem-se às coisas em redor, como cenas de um filme projetado por um aparelho desalinhado nas costas do público e não no ecrã. Viu a sua primeira professora com óculos de armações de aço, Mademoiselle Médecin; Jacques Lafontaine, que o fizera sangrar do nariz por lhe ter chamado cabrão; a mãe, magra, mal vestida e sempre atormentada; e principalmente o pai, um homem enorme, zangado, do outro lado das grades.

Fez um esforço para se concentrar no equipamento e nos medicamentos de que precisaria em Cobak. Encheu uma garrafa com água fervida para beber enquanto lá estivesse. Os aldeões dar-lhe-iam comida.

Saiu com a bagagem e ajeitou-a no lombo da velha égua mal-humorada que usava nessas viagens. A égua podia andar o dia inteiro em linha reta, mas teimava obstinadamente em não virar esquinas; por causa disso, Jane dera-lhe o nome de *Maggie*, em homenagem a Margaret Thatcher, a primeira-ministra britânica.

Jean-Pierre estava pronto. Voltou ao interior da gruta e deu um beijo leve na boca macia de Jane. Quando se virava para partir, Fara entrou com Chantal. A bebé chorava. Jane desabotoou a camisa e deu de imediato a mama a Chantal. Jean-Pierre acariciou a face rosada da filha.

— *Bon appétit* — murmurou, e depois saiu.

Desceu com *Maggie* para a aldeia deserta e seguiu para sudoeste, acompanhando a margem do rio. Andava depressa, incansável, sob o sol quente; estava habituado.

Ao deixar a personalidade de médico para trás e ao pensar no encontro iminente, começou a sentir-se ansioso. Anatoly estaria lá? Podia ter-se atrasado. Podia até ter sido capturado. Se fora capturado, teria falado? Denunciara Jean-Pierre sob tortura? Haveria um grupo de guerrilheiros à espera de Jean-Pierre, implacável e sádico, sedento de vingança?

Apesar de toda a sua poesia e de toda a sua piedade, aqueles afegãos eram bárbaros. O desporto nacional era o *buzkashi*, um jogo perigoso e sangrento: o corpo decapitado de um bezerro era colocado no centro de um campo e duas equipas rivais alinhavam-se a cavalo, em lados opostos. A um tiro de espingarda, todos corriam para a carcaça. O objetivo era apanhar o corpo do bezerro, levá-lo a um determinado ponto a cerca de quilómetro e meio de distância, depois trazê-lo de volta ao círculo, sem permitir que qualquer um dos adversários lho arrancasse. Quando o macabro objeto era esquartejado, como acontecia com frequência, um juiz decidia qual a equipa que controlava o remanescente maior. Jean-Pierre assistira a uma partida no inverno anterior, nos arredores da vila de Rokha, no fundo do vale; assistia havia alguns minutos quando percebera que não estavam a usar um bezerro, mas sim um homem, e que *o homem ainda estava vivo*. Repugnado, ele tentara interromper a partida, mas alguém lhe dissera que o homem era um oficial russo, como se isso fosse explicação suficiente. Os jogadores simplesmente ignoraram Jean-Pierre e não houve nada que ele pudesse fazer para atrair a atenção dos cinquenta cavaleiros muito excitados, empenhados no seu jogo selvagem. Não ficara para assistir à morte do homem, mas talvez devesse ter ficado, pois a imagem

que permanecera na sua mente e lhe voltava de cada vez que se preocupava em ser descoberto era a do russo, desamparado e a sangrar, a ser dilacerado vivo.

As imagens do passado ainda persistiam e, enquanto olhava para as paredes da ravina por que passava, viu cenas da sua infância a alternarem com pesadelos da sua descoberta pelos guerrilheiros. A recordação mais antiga era a do julgamento, a sensação opressiva de indignação e injustiça que experimentara quando mandaram o pai para a prisão. Não sabia ler, mas pôde reconhecer o nome do pai nos cabeçalhos dos jornais. Naquela idade — devia ter quatro anos — não sabia o que significava ser um herói da resistência. Sabia que o pai era comunista, assim como também o eram os amigos do pai, o padre, o sapateiro e o homem dos correios da aldeia, mas pensava que lhe chamavam Roland Vermelho por causa da sua compleição avermelhada. Quando o pai fora considerado culpado de traição e condenado a cinco anos de prisão, disseram a Jean-Pierre que era por causa do tio Abdul, um homem assustado de pele castanha que passara várias semanas em sua casa e que era da FLN. Mas Jean-Pierre não sabia o que era a FLN e pensara que estavam a referir-se ao elefante do jardim zoológico. A única coisa que compreendera claramente, em que sempre acreditara, fora que a polícia era cruel, os juízes desonestos, e o povo enganado pelos jornais.

À medida que os anos passavam, ele compreendia mais, sofria mais, a indignação aumentava. Quando fora para a escola, os colegas disseram que o seu pai era um traidor. Jean-Pierre declarara que, pelo contrário, o pai lutara corajosamente e arriscara a vida na guerra, mas os outros não acreditaram. Ele e a mãe foram viver para outra aldeia durante algum tempo, mas os vizinhos acabaram por descobrir quem eram e disseram aos filhos para não brincarem com Jean-Pierre. Porém, o pior eram as visitas à prisão. O pai mudara visivelmente, tornando-se pálido, magro e adoentado; e pior do que isso era vê-lo confinado, usando um uniforme miserável, intimidado, assustado, tratando por «senhor» guardas arrogantes, armados de cassetetes. Ao fim de algum tempo, o cheiro da prisão começou a deixar Jean-Pierre nauseado e ele vomitava assim que passava pelas portas; a mãe deixara de o levar às visitas.

Só depois de o pai sair da prisão é que Jean-Pierre pudera conversar com ele à vontade, compreendendo tudo então. Percebera que a injustiça do que acontecera era ainda pior do que imaginara. Depois de os alemães



invadirem a França, os comunistas franceses, já organizados em células, tinham desempenhado um papel da maior importância na resistência. Terminada a guerra, o pai continuara a luta contra a tirania da extrema-direita. A Argélia era na altura uma colónia francesa. O seu povo era oprimido e explorado, mas lutava corajosamente pela liberdade. Jovens franceses eram recrutados para o exército e obrigados a combater os argelinos, numa guerra cruel, em que as atrocidades cometidas pelo exército francês lembravam a muitas pessoas o trabalho dos nazis. A FLN, que para Jean-Pierre estaria sempre associada à imagem de um velho elefante sarnento num jardim zoológico de província, era a Frente de Libertação Nacional do povo argelino.

O pai de Jean-Pierre fora uma das cento e vinte e uma pessoas conhecidas que tinham assinado uma petição a favor da liberdade para os argelinos. A França estava em guerra e a petição fora considerado subversiva, pois podia ser interpretada como um encorajamento à deserção dos soldados franceses. Contudo, o pai fizera mais do que isso: levara uma mala cheia de dinheiro recolhido entre o povo francês para a FLN, atravessando a fronteira para a Suíça e depositando-o num banco; e acolhera o tio Abdul, que não era um tio, mas sim um argelino procurado pela polícia secreta francesa.

Ele explicara a Jean-Pierre que eram exatamente as mesmas coisas que fizera na guerra contra os nazis. Continuava a travar a mesma luta. O inimigo nunca fora o povo alemão, assim como não era agora o povo francês: eram os capitalistas, os donos das terras, os ricos e privilegiados, a classe dominante, que recorreria a todos os meios para defender a sua posição, por mais brutais que fossem. Eram tão poderosos que controlavam metade do mundo — mas mesmo assim havia esperança para os pobres, os indefesos e oprimidos, pois em Moscovo o povo predominava e no resto do mundo as classes trabalhadoras voltavam-se para a União Soviética em busca de ajuda, orientação e inspiração, na sua luta pela liberdade.

À medida que Jean-Pierre foi ficando mais velho, a imagem tornou-se menos nítida e ele descobriu que a União Soviética não era o paraíso dos trabalhadores, mas nada aprendeu para alterar a sua convicção básica de que o movimento comunista, orientado por Moscovo, era a única esperança para as pessoas oprimidas do mundo e o único meio de destruir

a polícia, os juízes e os jornais que haviam traído o seu pai de maneira tão brutal.

O pai conseguira passar a tocha ao filho e, como se soubesse disso, entrara em declínio. Jamais recuperara o rosto vermelho. Nunca mais comparecera a manifestações, organizara bailes de angariação de fundos ou escrevera cartas aos jornais locais. Tivera uma série de empregos burocráticos simples. Continuara a pertencer ao Partido, como não podia deixar de ser, e a um sindicato, mas não retomara a presidência de comités, a elaboração de atas, a preparação de agendas de trabalho. Ainda jogava xadrez e bebia licor de anis com o padre, o sapateiro e o homem dos correios, mas as suas discussões políticas outrora veementes careciam agora de qualquer brilho, como se a revolução pela qual se tinham empenhado estivesse indefinidamente adiada. O pai morrera poucos anos depois. Só então Jean-Pierre descobriu que ele contraíra tuberculose na prisão e que nunca recuperara. Haviam-no privado da liberdade, destruído o seu espírito e arruinado a sua saúde. O pior fora o facto de o marcarem como traidor. Ele era um herói que arriscara a vida pelos seus semelhantes, mas morrera condenado por traição.

*Iriam arrepender-se agora, pai, se soubessem da minha vingança,* pensou Jean-Pierre, enquanto conduzia a égua esquelética pelo trilho íngreme nas montanhas do Afeganistão. *Graças às minhas informações, os comunistas daqui foram capazes de estrangular as linhas de abastecimento de Masud. No inverno passado, ele não conseguiu acumular munições. Este verão, em vez de lançar ataques a bases aéreas, centrais hidroelétricas e caravanas de camiões nas estradas, Masud está a lutar para se defender da ofensiva do Governo no seu território. Sozinho, pai, já quase destruí esse bárbaro que quer levar o seu país de volta à idade das trevas da selvajaria, subdesenvolvimento e superstição islâmica.*

Claro que estrangular as linhas de abastecimento de Masud não era suficiente. O homem já possuía projeção nacional. Além disso, tinha inteligência e força de carácter para passar de líder rebelde a Presidente legítimo. Era um Tito, um De Gaulle, um Mugabe. Tinha de ser não apenas neutralizado, mas destruído — capturado pelos russos, vivo ou morto.

A dificuldade era que Masud se deslocava depressa e em silêncio, como um veado na floresta, surgindo de repente do mato e desaparecendo no instante seguinte. Mas Jean-Pierre era paciente, e os russos também.

Chegaria o momento, mais tarde ou mais cedo, em que Jean-Pierre saberia com certeza o local exato em que Masud iria estar durante as vinte e quatro horas seguintes — talvez ferido ou a planejar ir a um funeral. Jean-Pierre usaria então o rádio para transmitir um código especial e o falcão atacaria.

Gostaria de poder contar a Jane o que estava realmente a fazer ali. Podia até convencê-la de que era certo. Salientaria que o seu trabalho médico era inútil, pois ajudar os rebeldes servia apenas para perpetuar a miséria e ignorância em que o povo vivia, atrasando o momento em que a União Soviética agarraria aquele país pelo cachaço e o levaria a espedaçar e aos gritos para o século xx. Ela podia muito bem compreender. Contudo, Jean-Pierre sabia instintivamente que ela não lhe perdoaria por enganá-la durante tanto tempo. Aliás, ficaria furiosa. Podia imaginá-la, inflexível, implacável, orgulhosa. Jane abandoná-lo-ia de imediato, tal como abandonara Ellis Thaler, e sentir-se-ia ainda mais furiosa por ter sido enganada da mesma forma sucessivamente por dois homens.

Assim, no terror de a perder, ele continuava a enganá-la, como um homem à beira de um abismo paralisado pelo medo.

Claro que Jane sabia que *alguma coisa* estava errada; ele percebia-o pela maneira como ela o observava às vezes, mas Jean-Pierre tinha a certeza de que ela achava que era um problema na relação; não lhe ocorria que toda a vida do marido era uma farsa monumental.

A segurança absoluta não era possível, mas Jean-Pierre adotava todas as precauções para evitar ser descoberto por ela ou por qualquer outra pessoa. Quando usava o rádio, falava sempre em código, não porque os rebeldes pudessem estar à escuta — não tinham rádios — mas porque o exército afegão poderia captar a transmissão e estava tão infiltrado por traidores que não tinha segredos para Masud. O rádio de Jean-Pierre era suficientemente pequeno para ser escondido no fundo falso da mala de médico ou no bolso da camisa ou do colete, quando não tinha a mala. A desvantagem era que a potência só permitia conversas curtas com o posto avançado russo mais próximo. Haveria necessidade de uma transmissão mais demorada para dar informação sobre todos os pormenores do percurso e horário das caravanas — especialmente em código —, o que exigiria um rádio e uma bateria bastante maiores. Jean-Pierre e Monsieur Leblond tinham chegado à conclusão de que isso não era aconselhável. Em

consequência, Jean-Pierre precisava de se encontrar pessoalmente com o contacto para passar as informações.

Subiu uma elevação e olhou para baixo. Estava no cimo de um pequeno vale. O trilho em que se encontrava descia para outro vale, que formava um ângulo reto com aquele e se bifurcava junto a um impetuoso riacho da montanha que brilhava ao sol da tarde. No outro lado do riacho, mais um vale subia pelas montanhas, na direção de Cobak, o seu destino final. No ponto em que os três vales se encontravam, neste lado do rio, havia uma pequena cabana de pedra. A região estava pontilhada por tais construções primitivas. Jean-Pierre calculava que tinham sido erigidas por nómadas e mercadores ambulantes, que as usavam como abrigo à noite.

Ele desceu a encosta, puxando *Maggie*. Era provável que Anatoly já estivesse ali. Jean-Pierre não conhecia o seu verdadeiro nome ou patente, mas partia do princípio de que ele era do KGB e calculava, por uma coisa que ele dissera certa ocasião a respeito de generais, que era um coronel. No entanto, qualquer que fosse a sua patente, Anatoly certamente não era um burocrata. Entre aquele ponto e Bagram havia oitenta quilómetros de terreno montanhoso e Anatoly percorria-os a pé, sozinho, levando dia e meio. Era um russo oriental, com maçãs do rosto salientes e pele amarela, que, com roupas afegãs, passava por usbeque, o grupo étnico mongol do Norte do Afeganistão. Isso explicava o seu dari hesitante, pois os usbeques tinham uma língua própria. Anatoly era um homem corajoso. Como não falava usbeque, havia sempre a possibilidade de ser desmascarado, e sabia também que os guerrilheiros jogavam *buzkashi* com os oficiais russos capturados.

O risco de Jean-Pierre nesses encontros era um pouco menor. As suas viagens constantes a aldeias remotas para tratar dos doentes não despertavam muita atenção. Porém, poderia haver suspeitas se alguém notasse que ele encontrava por acaso mais de uma ou duas vezes o usbeque errante. E, claro, se algum afegão que falasse francês ouvisse a conversa do médico com o usbeque, só restaria a Jean-Pierre rezar por uma morte rápida.

As sandálias não faziam barulho no trilho, e os cascos de *Maggie* afundavam-se silenciosamente na terra. Começou a assobiar ao aproximar-se da cabana, para o caso de outra pessoa que não Anatoly estar lá dentro. Tinha o cuidado especial de não sobressaltar os afegãos, sempre armados e nervosos. Jean-Pierre baixou a cabeça e entrou na cabana. Para sua

surpresa, o interior fresco estava vazio. Sentou-se encostado à parede de pedra, e instalou-se para esperar. Acabou por fechar os olhos ao fim de alguns minutos. Estava cansado, mas demasiado tenso para dormir. Era a parte pior do que fazia: o misto de medo e tédio que o dominava durante aquelas longas esperas. Aprendera a aceitar os atrasos naquele país sem relógios de pulso, mas nunca adquirira a paciência imperturbável dos afegãos, e não pôde deixar de pensar agora nos vários desastres que podiam ter ocorrido a Anatoly. Seria irónico se Anatoly tivesse pisado uma mina antipessoal russa e perdido o pé. Essas minas feriam mais os animais do que os seres humanos, mas nem por isso eram menos eficazes: a perda de uma vaca significaria, para uma família afegã, a mesma sorte se a sua casa fosse bombardeada com todos lá dentro. Jean-Pierre já não se ria quando encontrava uma vaca ou uma cabra com uma tosca perna de pau.

No seu devaneio, sentiu a presença de outra pessoa e abriu os olhos, deparando com o rosto oriental de Anatoly a poucos centímetros do seu.

— Podia tê-lo roubado — comentou Anatoly, num francês fluente.

— Não estava a dormir.

Anatoly sentou-se no chão de terra, cruzando as pernas. Era atarracado e musculoso com camisa e calças de algodão folgadas, turbante, lenço no pescoço e uma manta de lã castanha, chamada *pattu*, aos ombros. Baixou o lenço que cobria metade do rosto e sorriu, mostrando os dentes manchados do tabaco.

— Como vai, meu amigo?

— Muito bem.

— E a sua mulher?

Havia algo sinistro na maneira como Anatoly perguntava sempre por Jane. Os russos tinham sido contrários à ideia de a levar para o Afeganistão, alegando que iria interferir no seu trabalho. Jean-Pierre argumentara que de qualquer forma precisaria de levar uma enfermeira — era política da *Médecins pour la Liberté* enviar sempre duas pessoas — e provavelmente dormiria com qualquer mulher que o acompanhasse, a menos que ela se parecesse com o King Kong. Por fim, os russos tinham concordado, embora com relutância.

— A Jane está ótima — respondeu ele. — A criança nasceu há seis semanas. Uma menina.

— Os meus parabéns! — Anatoly parecia genuinamente satisfeito. — Mas não foi um pouco prematuro?

— Sim. Por sorte, não houve complicações. Foi a parteira da aldeia que tratou de tudo.

— Porque não você?

— Eu não estava lá. Tinha ido encontrar-me consigo.

— Oh, Deus! — Anatoly parecia horrorizado. — Mantive-o afastado num dia tão importante...

Jean-Pierre ficou satisfeito com a preocupação de Anatoly, mas não deixou isso transparecer.

— Não se podia prever. Além do mais, valeu a pena: vocês acertaram na caravana de que vos falei.

— É verdade. As suas informações foram preciosas. Parabéns outra vez.

Jean-Pierre experimentou um sentimento de orgulho, mas tentou parecer indiferente.

— O nosso sistema parece estar a funcionar muito bem.

Anatoly assentiu.

— Qual foi a reação deles à emboscada?

— De crescente desespero. — Ocorreu a Jean-Pierre, enquanto falava, que outra vantagem de se encontrar pessoalmente com o contacto era a possibilidade de lhe transmitir informações daquele tipo, sobre sentimentos e impressões, coisas que não eram bastante concretas para serem enviadas em código pelo rádio. — Estão constantemente a ficar sem munições.

— Quando vai partir a próxima caravana?

— Partiu ontem.

— Estão *mesmo* desesperados. Isso é ótimo.

Anatoly tirou um mapa do bolso da camisa. Desdobrou-o no chão. Mostrava a região entre o vale dos Cinco Leões e a fronteira do Paquistão.

Jean-Pierre concentrou-se, recordando os pormenores que memorizara durante a conversa com Mohammed, e indicou a Anatoly o percurso que a caravana seguiria ao voltar do Paquistão. Não sabia exatamente quando voltaria, pois Mohammed não podia prever quanto tempo teriam de passar em Peshawar, a comprar as coisas de que precisavam. No entanto, Anatoly tinha agentes em Peshawar que o informariam da partida da caravana do vale dos Cinco Leões e com isso poderia preparar a emboscada.

Anatoly não tomou notas, mas memorizou cada palavra que Jean-Pierre disse. Repetiram tudo outra vez, com Anatoly a enunciar os pormenores a

Jean-Pierre, a fim de conferir tudo. O russo dobrou finalmente o mapa e tornou a guardá-lo no bolso da camisa.

— E Masud? — perguntou ele.

— Não o vemos desde que falei consigo da última vez. Só me tenho encontrado com Mohammed... e ele nunca sabe onde Masud está ou quando vai aparecer.

— Masud é uma raposa — comentou Anatoly, com uma rara demonstração de emoção.

— Havemos de o apanhar.

— Claro que sim. Ele sabe que a caçada está no auge e por isso trata de esconder as suas pegadas, mas os perdigueiros já o farejaram e ele não pode esquivar-se para sempre; somos muitos e fortes, estamos desejosos de o encontrar.

Anatoly percebeu de repente que estava a revelar os seus sentimentos. Sorriu e voltou a ser prático.

— Pilhas — disse, tirando-as do bolso.

Jean-Pierre tirou o pequeno rádio do fundo falso da mala, e trocou as pilhas velhas pelas novas. Faziam isso de cada vez que se encontravam para evitar que Jean-Pierre perdesse o contacto simplesmente por falta de pilhas. Anatoly levava as velhas para Bagram, pois não fazia sentido correr o risco de deitar pilhas de fabrico russo fora ali, no vale dos Cinco Leões, onde não havia aparelhos elétricos.

Enquanto Jean-Pierre guardava o rádio, Anatoly perguntou:

— Tem alguma coisa aí para as bolhas? Os meus pés...

Calou-se abruptamente, franzindo a testa, e inclinou a cabeça para ouvir melhor.

Jean-Pierre ficou tenso. Até então, nunca haviam sido vistos juntos. Provavelmente aconteceria, mais tarde ou mais cedo, e já tinham planeado o que fariam, comportando-se como estranhos a partilhar um lugar de descanso, para continuar a conversa depois de o intruso se ir embora... ou, se o intruso desse a impressão de tencionar permanecer ali muito tempo, partiriam juntos, como se por acaso seguissem na mesma direção. Tudo fora combinado antes, mas mesmo assim Jean-Pierre sentia que tinha a culpa estampada no rosto.

No instante seguinte ouviu passos lá fora e o barulho de uma respiração ofegante; depois uma sombra escureceu a entrada iluminada pelo sol e Jane entrou na cabana.

— Jane! — exclamou ele.

Os dois homens levantaram-se bruscamente.

— O que se passa? Porque estás aqui?

— Graças a Deus consegui apanhar-te! — balbuciou ela.

Pelo canto do olho, Jean-Pierre viu Anatoly cobrir o rosto com o lenço e virar-se, como um afegão faria diante de uma mulher atrevida. O gesto ajudou Jean-Pierre a recuperar do choque da sua presença. Olhou em volta rapidamente. Por sorte, Anatoly guardara os mapas alguns minutos antes, mas o rádio... o rádio projetava-se dois ou três centímetros para fora da mala de médico. Jane não o vira... ainda.

— Senta-te — disse Jean-Pierre. — Recupera o fôlego.

Também se sentou e aproveitou o movimento como um pretexto para mudar a mala de posição, escondendo o rádio de Jane.

— O que aconteceu?

— Um problema médico que não consigo resolver.

A tensão de Jean-Pierre atenuou-se um pouco: receara que ela pudesse tê-lo seguido por desconfiar de alguma coisa.

— Bebe um pouco de água.

Puxou a mala com uma das mãos e com a outra empurrou o rádio, enquanto vasculhava lá dentro. Tirou a garrafa de água e entregou-a a Jane. Sentiu o bater do seu coração voltar ao normal. Começava a recuperar a presença de espírito. A prova incriminadora já não estava à vista. O que mais havia para a deixar desconfiada? Jane podia ter ouvido Anatoly falar em francês, mas isso não chegava a ser excepcional: se um afegão falava uma segunda língua, era quase sempre o francês. Além do mais, um usbeque podia falar francês melhor do que falava dari. O que dissera Anatoly quando ela entrara? Jean-Pierre lembrou-se: pedia-lhe um unguento para as bolhas nos pés. Perfeito. Os afegãos pediam sempre um medicamento quando encontravam um médico, mesmo que estivessem de ótima saúde.

Jane bebeu um pouco de água e começou a falar.

— Alguns minutos depois de saíres trouxeram um rapaz de dezoito anos com um grave ferimento na coxa. — Bebeu outro gole. Ignorava Anatoly e Jean-Pierre compreendeu que ela estava tão preocupada com a emergência médica que mal reparara na presença do outro homem. — Foi ferido na luta perto de Rokha e o pai carregou-o durante todo o caminho até ao vale... levou dois dias. O ferimento estava gangrenado quando chegaram.



Dei-lhe seiscentos miligramas de penicilina na nádega, e depois limpei o ferimento.

— Correto — disse Jean-Pierre.

— Alguns minutos depois ele começou com suores frios e a ficar tonto. Verifiquei o pulso: estava acelerado, mas fraco.

— Ele ficou pálido, com dificuldade em respirar?

— Isso mesmo.

— O que fizeste?

— Tratei-o como se estivesse em choque... levantei-lhe os pés, tapei-o com um cobertor, dei-lhe um chá... e depois vim atrás de ti. — Jane estava à beira das lágrimas. — O pai carregou-o durante dois dias... não posso deixá-lo morrer.

— Isso não tem de acontecer — disse Jean-Pierre. — O choque alérgico é uma reação rara mas bastante conhecida às injeções de penicilina. O tratamento é meio mililitro de adrenalina, injetado num músculo, seguido de uma de anti-histamínico... digamos seis mililitros de difenidramina. Queres que volte contigo?

Ao fazer a proposta, olhou para Anatoly, mas o russo não deixou transparecer qualquer reação.

Jane suspirou.

— Não. Deve haver mais alguém a morrer no outro lado da encosta. Vai para Cobak.

— Se tens a certeza...

— Tenho.

Um fósforo brilhou quando Anatoly acendeu um cigarro. Jane fitou-o por um instante e tornou a olhar para Jean-Pierre.

— Meio mililitro de adrenalina e depois seis mililitros de difenidramina.

Ela levantou-se.

— Exatamente. — Jean-Pierre imitou-a e deu-lhe um beijo. — Tens a certeza de que podes tratar de tudo sozinha?

— Claro.

— Tens de te apressar.

— Sim.

— Queres levar a *Maggie*?

Jane refletiu por um instante.

— É melhor não. Neste caminho vai-se mais depressa a andar.

— Como achares melhor.

— Adeus.

— Adeus, Jane.

Jean-Pierre viu-a sair. Ficou imóvel algum tempo. Nem ele nem Anatoly disseram nada. Depois de um ou dois minutos, Jean-Pierre foi até à entrada da cabana e olhou para fora. Avistou Jane a duzentos ou trezentos metros, subindo o vale com determinação, sozinha na paisagem escura e poeirenta. Continuou a olhar até ela desaparecer numa das colinas.

Tornou a entrar na cabana e sentou-se, encostado à parede. Ele e Anatoly entreolharam-se.

— Santo Deus, foi por pouco...

## CAPÍTULO 8

O rapaz morreu.

Estava morto há quase uma hora quando Jane chegou, suada e coberta de pó, exausta à beira do colapso. O pai esperava-a à entrada da gruta, com um olhar aturdido e acusador. Ela percebeu logo, pela sua postura resignada e olhos castanhos serenos, que estava tudo acabado. O homem não disse nada. Jane entrou na gruta e olhou para o rapaz. Demasiado cansada para ficar zangada, foi dominada pelo desapontamento. Jean-Pierre estava ausente e Zahara mergulhada na sua dor; assim, não tinha ninguém com quem partilhar a angústia.

Chorou depois, quando estava deitada na sua cama no terraço da casa, com Chantal ao lado, num pequeno colchão, a arrulhar de vez em quando num sono de feliz ignorância. Chorou tanto pelo pai como pelo rapaz morto. Como ela, o pai forçara-se a superar a exaustão na tentativa de salvar o filho. A tristeza dele seria muito maior. As lágrimas de Jane desfocaram as estrelas antes de ela adormecer.

Sonhou que Mohammed vinha para a sua cama e que fazia amor com ela, a aldeia inteira a assistir; e depois ele dizia-lhe que Jean-Pierre tinha um caso com Simone, a mulher do jornalista gordo Raoul Clermont, que os dois amantes se encontravam em Cobak, quando Jean-Pierre devia estar a cuidar dos doentes locais.

No dia seguinte, tinha o corpo todo dorido, em resultado de ter corrido durante a maior parte do percurso até à pequena cabana de pedra. Fora uma sorte, refletiu ela, enquanto cuidava das tarefas rotineiras, Jean-Pierre ter parado — presumivelmente para descansar — na pequena cabana de pedra, dando-lhe assim a oportunidade de o alcançar. Ficara profundamente aliviada ao ver *Maggie* amarrada do lado de fora e encontrar Jean-Pierre na cabana, na companhia daquele usbeque esquisito. Os dois tinham-se sobressaltado quando ela entrara. Fora quase cómico. Também foi a primeira vez que ela vira um afegão levantar-se à entrada de uma mulher.

Jane subiu a encosta com a caixa de medicamentos e abriu o consultório na gruta. Enquanto cuidava dos casos habituais de subnutrição, malária, feridas infetadas e parasitas intestinais, pensou na crise do dia anterior. Nunca antes ouvira falar do choque alérgico. Certamente as pessoas que tinham de aplicar injeções de penicilina aprendiam o que fazer nesses

casos, mas o seu treino fora tão apressado que muitas coisas tinham ficado de fora. Na verdade, os pormenores médicos haviam sido quase inteiramente omitidos, sob o pretexto de que Jean-Pierre era um médico qualificado e estaria por perto para lhe explicar o que fazer.

Fora um período cheio de ansiedade, sentada em salas de aula, às vezes com enfermeiras estagiárias, outras vezes sozinha, a tentar absorver as regras e os procedimentos da medicina e da educação sanitária, imaginando o que a aguardaria no Afeganistão. Algumas aulas não tinham sido nada tranquilizadoras. Haviam-lhe dito que a sua primeira tarefa seria construir uma fossa para lhe servir de retrete. Porquê? A maneira mais rápida de melhorar a saúde do povo em países subdesenvolvidos era levar a que deixassem de usar os rios e riachos como casas de banho, o que se podia conseguir dando o exemplo. A sua professora, Stephanie, uma quarentona de óculos de aspeto maternal, de jardineiras e sandálias, também enfatizara os perigos de se receitar medicamentos com generosidade exagerada. A maioria das doenças e lesões menores melhoraria sem ajuda médica, mas as pessoas primitivas (e não-tão-primitivas) queriam sempre comprimidos e poções. Jane lembrava-se de que o pequeno usbeque pedira a Jean-Pierre um unguento para bolhas nos pés. Devia ter passado toda a vida a percorrer longas distâncias a pé, mas dizia que os pés doíam só porque encontrara um médico. O problema do excesso de receituário — além do desperdício de medicamentos — era que uma droga aplicada por uma aflição trivial podia levar o paciente a desenvolver tolerância; assim, quando tivesse uma doença mais grave, o tratamento não teria efeito. Stephanie também aconselhara Jane a tentar trabalhar com, e não contra, os curandeiros tradicionais da comunidade. Ela tivera êxito com Rabia, a parteira, mas não com Abdullah, o mulá.

Aprender a língua fora a parte mais fácil. Em Paris, muito antes de sequer pensar ir para o Afeganistão, estudara farsi, a língua persa, a fim de aperfeiçoar a sua função como intérprete. O farsi e o dari eram dialetos da mesma língua. A outra língua importante no Afeganistão era o pastó, mas o dari era a língua dos tajiques, e o vale dos Cinco Leões encontrava-se em território tajique. Os poucos afegãos que viajavam — os nómadas, por exemplo — falavam geralmente tanto o pastó como o dari. Se conheciam uma língua europeia, era o inglês ou o francês. O usbeque na cabana de pedra estava a falar com Jean-Pierre em francês. Fora a primeira vez que

Jane ouvira o francês falado com um sotaque usbeque. Parecera igual ao sotaque russo.

Tornou a pensar no usbeque várias vezes durante o dia. O que a deixou irritada. Era uma sensação que tinha às vezes, quando sabia que havia algo importante que devia fazer mas não conseguia lembrar-se do que era. Talvez tivesse havido alguma coisa estranha no homem.

Ao meio-dia fechou a clínica, amamentou e mudou a fralda a Chantal, depois fez o almoço de arroz e molho de carne, partilhando-o com Fara. A rapariga tornara-se muito dedicada a Jane, ansiosa por fazer tudo para a agradar, e sentia relutância em voltar para casa à noite. Jane tentava tratá-la como uma igual, mas isso parecia servir apenas para aumentar ainda mais a adoração de Fara.

À hora de maior calor, Jane deixou Chantal com Fara e desceu a encosta para o seu lugar secreto, o parapeito ensolarado, protegido por uma projeção rochosa por cima. Fez ali os seus exercícios pós-natais, determinada a recuperar o corpo que tinha antes. Enquanto contraía os músculos pélvicos, visualizou o usbeque, levantando-se na pequena cabana de pedra, a expressão de espanto no seu rosto oriental. Por algum motivo, experimentou uma sensação de tragédia iminente.

Quando compreendeu a verdade, não foi num relance de compreensão, mas sim como numa avalanche, começando pequena, mas crescendo de maneira inexorável, até engolfar tudo.

Nenhum afegão se queixaria de bolhas nos pés, mesmo a fingir, pois não tinham conhecimento de tais coisas: era tão improvável como um agricultor do Gloucestershire dizer que tinha beribéri, e nenhum afegão, por mais surpreendido que ficasse, reagiria à entrada de uma mulher levantando-se. Se ele não era afegão, o que era então? O sotaque revelava-o, embora poucas pessoas tivessem sido capazes de o reconhecer: só porque era linguista, e falava tanto russo como francês, é que reconhecera que ele estivera a falar francês com sotaque russo.

Então Jean-Pierre encontrara-se com um russo disfarçado de usbeque numa cabana de pedra, num local deserto.

Teria sido por acaso? Era possível, claro, mas ela podia lembrar-se do rosto do marido quando entrara e agora era capaz de interpretar a expressão a que não ligara na ocasião: uma expressão de culpa.

Não, não fora um encontro accidental, mas sim um encontro marcado. Talvez não tivesse sido o primeiro. Jean-Pierre viajava constantemente até

aldeias remotas para tratar de pacientes locais. Era até desnecessariamente escrupuloso a cumprir as visitas programadas, uma insistência absurda num país sem calendários e agendas — mas não tão absurda se havia outros compromissos, uma série clandestina de encontros secretos.

E *porque* se encontrava ele com o russo? Isso também era óbvio, e lágrimas quentes afloraram-lhe aos olhos quando concluiu que o propósito de Jean-Pierre só podia ser a traição. Ele fornecia informações, não havia qualquer dúvida. Falava sobre as caravanas. Sabia sempre os percursos, porque Mohammed usava os seus mapas.

Conhecia as datas aproximadas, porque via os homens a partir de Banda e de outras aldeias do vale dos Cinco Leões. Dava esta informação aos russos, e era por isso que eles se tinham tornado tão bem-sucedidos em emboscar caravanas durante o último ano; era por isso que havia agora no vale tantas viúvas desconsoladas e tantos órfãos tristes.

*O que há de errado comigo?*, pensou Jane, num súbito acesso de autocomiseração, novas lágrimas a correrem-lhe pelas faces. *Primeiro, o Ellis, depois o Jean-Pierre... porque escolho esses filhos da puta? Haverá alguma coisa num homem dissimulado que me atrai? É o desafio de romper as suas defesas? Por acaso sou assim tão louca?*

Lembrou-se de Jean-Pierre a argumentar que a invasão soviética do Afeganistão era justificada. Mudara de ideias mais tarde, e Jane pensara tê-lo convencido de que estava enganado. Era evidente agora que a mudança fora simulada. Quando resolvera vir para o Afeganistão, a fim de espiar para os russos, Jean-Pierre adotara uma posição antissoviética como parte do seu disfarce.

Seria o seu amor também simulado?

A simples pergunta já era dolorosa. Jane cobriu o rosto com as mãos. Era quase impensável. Apaixonara-se por ele, casara-se com ele, beijara a sua mãe de rosto azedo, habituara-se à sua maneira de fazer amor, sobrevivera à primeira discussão, esforçara-se para que a relação funcionasse, dera à luz a sua filha com medo e dor... fizera tudo isso por uma ilusão, um marido falso, um homem que não se importava absolutamente com ela? Era como andar e correr tantos quilómetros para perguntar como se curava o rapaz de dezoito anos e voltar para o encontrar já morto. Era pior do que isso. Devia ser como o pai se sentira ao ver o filho morrer, depois de o carregar durante dois dias.

Havia uma sensação de plenitude nos seus seios e compreendeu que devia estar na hora de Chantal mamar. Vestiu-se, limpou a cara à manga e subiu a encosta. À medida que a angústia foi diminuindo e conseguiu pensar mais claramente, percebeu que experimentara uma vaga insatisfação durante o ano de casamento e agora podia compreendê-la. De certa forma, sempre *sentira* a falsidade de Jean-Pierre. Por causa dessa barreira entre os dois, não tinham conseguido tornar-se íntimos.

Chegando à gruta, Jane encontrou Chantal a chorar ao colo de Fara, que a embalava. Pegou na menina e levou-a ao seio. Chantal começou a mamar. Jane sentiu o desconforto inicial, como uma câibra no estômago, e depois uma sensação no seio agradável e um tanto erótica.

Queria ficar sozinha. Mandou Fara sair e dormir a sesta na gruta da mãe.

Amamentar Chantal era tranquilizante. A traição de Jean-Pierre já não parecia um cataclismo tão terrível. Tinha a certeza de que o amor de Jean-Pierre por ela não era simulado. De que serviria? Porque a levava ele para o Afeganistão? Ela não tinha qualquer utilidade na sua atividade de espionagem. Devia ser porque a amava.

Se a amava, todos os outros problemas podiam ser resolvidos. Jean-Pierre teria de deixar de trabalhar para os russos, claro. De momento, não conseguia imaginar-se a confrontá-lo. Diria, por exemplo, «Já sei de tudo!»? Não. Mas as palavras iriam ocorrer-lhe quando precisasse delas. Depois, ele teria de a levar e a Chantal de volta à Europa.

De volta à Europa. Ao compreender que teriam de ir para casa, experimentou uma onda de alívio. Apanhou-a de surpresa. Se alguém lhe perguntasse se gostava do Afeganistão, teria respondido que realizava um trabalho fascinante e meritório, que estava a cumprir muito bem a sua missão, até a gostar, mas agora que tinha à sua frente a perspectiva de regressar à civilização, a sua resistência desmoronou-se e admitiu para si mesma que a paisagem árida, o frio terrível do inverno, as pessoas estranhas, os bombardeamentos e o fluxo interminável de homens e rapazes mutilados tinham afetado demasiado os seus nervos.

*A verdade, pensou ela, é que este sítio é pavoroso.*

Chantal parou de mamar e adormeceu. Jane mudou-lhe a fralda e deitou-a no seu colchão, tudo sem a acordar. A serenidade inabalável da filha era uma grande bênção. Dormia em todas as crises — não havia barulho ou movimento que pudesse acordá-la, se estivesse bem alimentada

e confortável. Mas Chantal também era sensível ao estado de espírito de Jane e muitas vezes despertava quando a mãe se sentia angustiada, mesmo quando não havia barulho.

Jane sentou-se no seu colchão de pernas cruzadas, a observar a filha adormecida e a pensar em Jean-Pierre. Gostaria que ele estivesse ali naquele momento, a fim de poderem conversar já. Perguntou-se porque não estava mais zangada — para não dizer indignada — por ele andar a trair os guerrilheiros, entregando-os aos russos. Seria porque aceitara o conhecimento de que todos os homens eram mentirosos? Passara a acreditar que as únicas pessoas inocentes naquela guerra eram as mães, as mulheres e as filhas nos dois lados? Seria porque o facto de ser agora mulher e mãe alterara a sua personalidade, de tal forma que uma traição já não a indignava? Ou seria apenas porque amava Jean-Pierre? Não sabia.

De qualquer forma, era tempo de pensar no futuro, e não no passado. Voltariam a Paris, onde havia carteiros, livrarias e água corrente. Chantal teria roupa bonita, um carrinho, fraldas descartáveis. Viveriam os três num apartamento pequeno, num bairro agradável, onde o único perigo real para a vida seriam os motoristas de táxi. Jane e Jean-Pierre recomeçariam tudo, e desta vez iriam conhecer-se bem. Iriam esforçar-se por tornar o mundo um sítio melhor, através de meios graduais e legítimos, sem intrigas ou traições. A experiência no Afeganistão ajudá-los-ia a arranjar empregos que ajudassem o desenvolvimento do Terceiro Mundo, talvez na Organização Mundial da Saúde. A vida conjugal seria como ela a imaginara, os três a saírem-se bem e a sentirem-se felizes e seguros.

Fara entrou. A sesta terminara. Cumprimentou Jane respeitosamente, olhou para Chantal, e, vendo que a menina dormia, sentou-se no chão de pernas cruzadas, à espera de instruções. Era filha do filho mais velho de Rabia, Ismael Gul, que deixara a aldeia para acompanhar a nova caravana...

Jane sufocou um grito. Fara fitou-a, com uma expressão inquisitiva. Jane sacudiu a mão e Fara desviou os olhos.

*O pai dela está na caravana*, pensou Jane.

Jean-Pierre traíra a caravana junto dos russos. O pai de Fara morreria na emboscada... a menos que Jane pudesse fazer alguma coisa para o impedir, mas o quê? Um mensageiro poderia ser enviado ao encontro da caravana no desfiladeiro de Khyber e desviá-lo para uma nova rota. Mohammed trataria disso, mas Jane teria de lhe contar como sabia que a caravana



sofreria uma emboscada... e então Mohammed mataria Jean-Pierre, provavelmente com as próprias mãos.

*Se um deles tiver de morrer, então que seja Ismael, e não Jean-Pierre,* pensou Jane.

Lembrou-se então dos outros trinta e tantos homens do vale que também estavam na caravana. *Deverão todos morrer para salvar o meu marido? Kahmir Khan, com a barba rala, o velho Shahazai Gul, cheio de cicatrizes, Yussuf Gul, que canta tão bem, Sher Kador, o pastor de cabras, Abdur Mohammed, sem dentes na frente, Ali Ghanin, que tem catorze filhos?*

Tinha de haver outra forma.

Jane foi até à entrada da gruta e olhou para fora. Agora que a sesta terminara, as crianças tinham saído das grutas e recomeçavam as suas brincadeiras entre as rochas e os espinheiros. Lá estava Mousa, de nove anos, o único filho de Mohammed — ainda mais mimado agora que só tinha uma mão — a pavonear-se com a faca nova que o pai lhe dera. Lá estava a mãe de Fara, a subir a encosta com um feixe de lenha à cabeça. Lá estava a mulher do mulá, a lavar a camisa de Abdullah. Não viu Mohammed ou a sua mulher, Halima. Sabia que ele estava ali em Banda, porque o vira de manhã. Teria comido com a mulher e os filhos na sua gruta — a maioria das famílias tinha uma gruta própria. Estaria lá agora, mas Jane hesitava em procurá-lo abertamente, pois escandalizaria a comunidade e precisava de ser discreta.

*O que lhe direi?*, pensou Jane.

Considerou a possibilidade de um apelo direto: *Faz isto por mim, porque estou a pedir.* Funcionaria com qualquer ocidental que estivesse apaixonado por ela, mas os muçulmanos não pareciam ter uma visão romântica do amor; o que Mohammed sentia por ela era mais semelhante a um desejo um pouco terno, e não o colocava à sua disposição. Além do mais, Jane não sabia se ele ainda sentia alguma coisa. O que fazer então? Mohammed não lhe devia nada. Ela nunca o tratara nem à mulher, mas cuidara de Mousa... salvara a vida do rapazinho. Mohammed tinha para com ela uma dívida de honra.

*Faz isto por mim, porque salvei o teu filho.* Podia resultar.

Mas Mohammed perguntaria porquê.

Mais mulheres apareciam para buscar água, varrer as suas grutas, cuidar dos animais, começar a preparar a comida. Jane sabia que dali a pouco veria Mohammed.

*O que lhe direi? «Os russos conhecem a rota da caravana.»*

*Como descobriram?*

*Não sei, Mohammed.*

*Então porque tens a certeza?*

*Não posso dizer. Ouvi uma conversa. Recebi uma mensagem do Serviço Secreto Britânico. Tenho um pressentimento. Vi nas cartas. Tive um sonho.*

*Era isso: um sonho.*

Viu-o. Mohammed saiu da sua gruta, alto e bonito, usando roupa de viagem: o chapéu redondo *chitralli*, igual ao de Masud, o tipo preferido pela maioria dos guerrilheiros; o *pattu* cor de lama, que servia de manto, toalha, cobertor e camuflagem; e as botas de couro que subiam até ao meio das pernas, tiradas do cadáver de um soldado russo. Ele atravessou a área diante das grutas com a passada de alguém que tem um longo caminho a percorrer antes do pôr do Sol. Foi pelo trilho na encosta que descia para a aldeia deserta.

Jane observou o vulto alto a desaparecer. *É agora ou nunca*, pensou, e foi no encalço de Mohammed. A princípio, andou devagar, de maneira casual, a fim de não ser óbvio que estava a segui-lo; depois, assim que ficou oculta das grutas, desatou a correr. Escorregou e tropeçou no trilho, pensando: *não sei o que toda esta correria está a fazer às minhas entranhas*. Chamou Mohammed ao avistá-lo à sua frente. Ele parou, virou-se e esperou por ela.

— Deus esteja contigo, Mohammed Khan — disse Jane, quando o alcançou.

— E contigo, Jane Debout — respondeu ele.

Ela hesitou, recuperando o fôlego. Mohammed observava-a, com uma expressão de divertida tolerância.

— Como está Mousa?

— Está bem e feliz, a aprender a usar a mão esquerda. Um dia vai matar muitos russos com ela.

Era uma piada: a mão esquerda era tradicionalmente usada para trabalhos «sujos», a direita, para comer. Jane sorriu da piada.

— Estou muito contente por ter podido salvar-lhe a vida.

Se ele achou que era um comentário de mau gosto, não o deixou transparecer.

— Estarei sempre em dívida para contigo.

Era precisamente do que Jane estava à espera.

— Há uma coisa que podias fazer por mim agora.

A expressão de Mohammed manteve-se impassível.

— Se estiver ao meu alcance...

Ela olhou em volta, procurando um lugar para se sentar. Estavam parados perto de uma casa bombardeada. As pedras e a terra da parede da frente tinham-se derramado pelo caminho e podiam ver o interior da casa, onde as únicas coisas que restavam eram uma tigela rachada e, absurdamente, a fotografia colorida de um *Cadillac*, fixada à parede. Jane sentou-se nos escombros e, depois de um momento de hesitação, Mohammed sentou-se ao seu lado.

— Está ao teu alcance — disse ela —, mas vai dar-te algum trabalho.

— O que é?

— Podes pensar que se trata do capricho de uma mulher tola.

— É possível.

— Sentir-te-ás tentado a enganar-me, concordando com o pedido e depois «esquecendo-te» de o cumprir.

— Não.

— Peço que sejas sincero comigo, quer recuses ou não.

— Está certo.

*Já chega disto*, pensou Jane.

— Quero que mandes um mensageiro à caravana e os mandes modificar a rota do regresso.

Ele ficou completamente aturdido: provavelmente esperava algum pedido doméstico, trivial.

— Mas porquê?

— Acreditas em sonhos, Mohammed Khan?

Ele encolheu os ombros.

— Sonhos são sonhos — respondeu, evasivo.

*Talvez seja a abordagem errada*, pensou Jane, *uma visão pode ser melhor*.

— Quando estava deitada na gruta, durante as horas de calor, tive a impressão de ver uma pomba branca.

Ele mostrou-se subitamente atento, e Jane compreendeu que dissera a coisa certa: os afegãos acreditavam que as pombas brancas eram às vezes habitadas por espíritos.

— Mas eu devia estar a sonhar, porque a pomba tentou falar comigo.

— Ah!

Mohammed encarou isso como um sinal de que ela tivera uma visão e não um sonho, pensou Jane. Continuou.

— Não compreendi o que estava a dizer, embora prestasse toda a atenção. Acho que falava em pastó.

Mohammed estava agora de olhos arregalados.

— Um mensageiro do território pastó!

— Depois vi Ismael Gul, o filho de Rabia, pai de Fara, parado ao lado da pomba. — Pousou a mão no braço de Mohammed e fitou-o nos olhos, pensando: *Seria capaz de acender a tua chama como quem acende uma lâmpada elétrica, seu homem tolo e vaidoso.* — Ele tinha uma faca no coração e chorava lágrimas de sangue. Apontou para o cabo da faca, como se quisesse que eu lha tirasse do peito. O cabo estava incrustado de pedras preciosas. — Algures, no fundo da sua mente, Jane pensou: *De onde tirei estas coisas todas?* — Levantei-me e avancei na sua direção. Sentia medo, mas tinha de lhe salvar a vida. Quando estendi a mão para pegar na faca...

— O que aconteceu?

— Ele desapareceu. Acho que acordei.

Mohammed fechou a boca escancarada, recuperou a postura e franziu a testa, como se considerasse com extremo cuidado a interpretação do sonho. *Agora*, pensou Jane, *chegou o momento de o ajudar um pouco.*

— Pode ser tudo uma tolice — disse, adotando uma expressão de menina inocente, pronta a acatar o julgamento masculino superior. — É por isso que estou a pedir-te para fazeres isto *por mim*, pela pessoa que salvou a vida do teu filho, a fim de me proporcionar paz de espírito.

Mohammed mostrou-se um pouco insolente.

— Não há necessidade de invocar uma dívida de honra.

— Isso significa que vais fazer o que te pedi?

Ele respondeu com uma pergunta:

— Que tipo de pedras havia no cabo da faca?

*Meu Deus*, pensou Jane, *qual deve ser a resposta correta?* Quis dizer «esmeraldas», mas depois lembrou-se de que essas pedras estavam associadas ao vale dos Cinco Leões e podiam insinuar que Ismael fora morto por um traidor do vale.

— Rubis.

Mohammed assentiu lentamente.

— Ismael não falou contigo?

— Parecia estar a tentar falar, sem conseguir.

Ele tornou a assentir e Jane pensou: *Vá lá, decide-te de uma vez!*

— O presságio é claro — anunciou Mohammed finalmente. — A caravana deve ser desviada.

*Graças a Deus*, pensou Jane.

— Estou tão aliviada — murmurou ela, com absoluta sinceridade. — Não sabia o que fazer. Agora posso ter certeza de que o Ismael será salvo.

Perguntou-se o que poderia fazer para evitar que Mohammed mudasse de ideias. Não podia obrigá-lo a jurar. Perguntou-se se deveriam trocar um aperto de mão. Acabou por se decidir a selar a promessa com um gesto ainda mais antigo: inclinou-se para a frente e beijou-o na boca, rápida mas suavemente, sem lhe dar qualquer oportunidade de recusar ou retribuir.

— Obrigada! Sei que és um homem de palavra.

Jane levantou-se. Deixando-o sentado, parecendo um pouco atordado, virou-se e subiu a correr o trilho para as grutas.

Lá em cima, parou e olhou para trás. Mohammed descia a encosta, já a alguma distância da casa bombardeada, a cabeça erguida, os braços a balançar. *Recebeu bastante energia do beijo*, pensou Jane. *Eu devia ter vergonha. Aproveitei-me da sua superstição, vaidade e sexualidade. Como feminista, não devia explorar os seus preconceitos — mulher médium, mulher submissa, mulher coquete — para o manipular. Mas resultou. Resultou!*

Continuou a andar. Teria agora de lidar com Jean-Pierre. Ele voltaria ao anoitecer; teria esperado até meio da tarde, quando o sol estava um pouco menos quente, antes de iniciar a viagem, como Mohammed fizera. Jane tinha a impressão de que seria mais fácil manipular Jean-Pierre do que Mohammed. Por um lado, poderia dizer a verdade a Jean-Pierre. Por outro, ele estava errado.

Chegou às grutas. O pequeno acampamento estava agora bastante movimentado. Um esquadrão de aviões a jato russos passou com estrondo no céu. Todos pararam de trabalhar para os observar, embora estivessem muito altos e muito distantes para um bombardeamento. Depois de os aviões passarem, os rapazinhos esticaram os braços como asas e desataram a correr, imitando o barulho dos motores. *Nos seus voos imaginários*, perguntou-se Jane, *quem estariam a bombardear?*

Entrou na gruta, viu como estava Chantal, sorriu a Fara e pegou no diário. Tanto ela como Jean-Pierre escreviam no diário quase todos os dias. Era essencialmente um registo médico, e iam levá-lo para a Europa, a

fim de ajudar os outros que seguiriam mais tarde para o Afeganistão. Tinham sido encorajados a registar também os sentimentos e problemas pessoais, para que os outros soubessem o que esperar. Jane escrevera bastante acerca da sua gravidez e do nascimento de Chantal, mas o relato da sua vida emocional fora bastante censurado.

Sentou-se encostada à parede da gruta, com o diário sobre os joelhos, e escreveu a história do rapaz de dezoito anos que morrera de choque alérgico. Deixou-a triste, mas não deprimida — uma reação saudável, disse a si mesma.

Acrescentou pormenores resumidos dos casos simples daquele dia e depois, devagar, folheou as páginas anteriores do diário. Os registos na letra desleixada, comprida e fina de Jean-Pierre eram sucintos, consistindo quase exclusivamente em sintomas, diagnósticos, tratamentos e resultados: «Parasitas intestinais», escrevia ele, ou «Malária»; depois «Curado» ou «Estável», algumas vezes «Morreu». Jane tendia a escrever frases como «Ela sentia-se melhor esta manhã» ou «A mãe tem tuberculose». Leu as anotações sobre os primeiros dias da sua gravidez, os mamilos doridos, coxas a engrossar, os enjoos matinais. Ficou interessada ao constatar que quase um ano antes escrevera: «Tenho medo de Abdullah.» Já se esquecera disso.

Guardou o diário. Passou as duas horas seguintes a limpar e a arrumar a gruta com a ajuda de Fara; depois, chegou a hora de descer para a aldeia e de se preparar para a noite. Enquanto descia pelo trilho e se ocupava em casa, Jane pensou como poderia conduzir a conversa com Jean-Pierre. Sabia o que fazer — levá-lo-ia para dar um passeio —, mas não sabia exatamente o que dizer.

Ainda não tomara uma decisão quando ele chegou, poucos minutos depois. Limpou-lhe o pó da cara com uma toalha húmida e depois serviu-lhe chá verde numa chávena de louça. Ele estava agradavelmente cansado, em vez de exausto, Jane sabia; era capaz de percorrer distâncias muito maiores. Sentou-se com o marido enquanto ele bebia o chá, tentando não o fitar fixamente, e a pensar: *Mentiste-me*.

— Vamos sair, como costumávamos fazer — sugeriu Jane, depois de ele ter descansado um pouco.

Jean-Pierre ficou um pouco admirado.

— Onde queres ir?

— A qualquer lado. Não te lembras de que saíamos sempre ao fim da tarde no verão passado?

Ele sorriu.

— Claro que lembro.

Jane amava-o quando ele sorria assim.

— Levamos a Chantal? — perguntou ele.

— Não. — Ela não queria ser distraída. — A Chantal fica muito bem com a Fara.

— Está bem — murmurou ele, um pouco intrigado.

Jane mandou Fara preparar o jantar — chá, pão e iogurte — e depois saiu de casa com Jean-Pierre. A claridade do dia estava a desvanecer-se e o ar era ameno e fragrante. Era a melhor altura do dia no verão. Enquanto passavam pelos campos, a caminho do rio, Jane recordou como se sentira naquele mesmo caminho no verão anterior: ansiosa, confusa, excitada, determinada a ser bem-sucedida. Estava orgulhosa por se ter saído tão bem, mas contente porque a aventura terminaria em breve.

Começou a sentir-se tensa à medida que se aproximava o momento do confronto, embora dissesse a si mesma que nada tinha a esconder, nada de que se sentir culpada, nada a temer. Atravessaram o rio num ponto em que se alargava e ficava raso, sob uma projeção rochosa, depois subiram um trilho sinuoso e íngreme pelo penhasco no outro lado. Lá em cima sentaram-se no chão, as pernas a pender pelo precipício. Trinta metros abaixo o rio dos Cinco Leões corria impetuoso, esbarrando em rochedos e espumando furioso nos rápidos. Jane contemplou o vale. O terreno cultivado era cruzado por canais de irrigação e muros de pedra. As cores verdes e douradas das colheitas maduras faziam os campos parecerem cacos de vidro colorido de um brinquedo partido. Aqui e ali a paisagem era estragada pelos danos das bombas — muros caídos, valas bloqueadas, crateras de lama entre o trigo ondulante. Um chapéu redondo ou um turbante escuro ocasionais indicavam que alguns homens já estavam a tratar da colheita, enquanto os russos aterravam os seus aviões e as suas bombas nesse dia. As cabeças cobertas por um lenço ou os vultos menores eram mulheres e crianças mais velhas, enquanto ainda restava alguma claridade. No outro lado do vale, as terras semeadas faziam um esforço para subir pelas encostas mais baixas da montanha, mas em breve se rendiam diante da rocha poeirenta. Das casas à esquerda elevava-se o fumo de algumas fogueiras quase em linha reta, até ser desmanchado pela

brisa. A mesma brisa trazia trechos ininteligíveis da conversa das mulheres, que tomavam banho além de uma curva do rio, um pouco mais acima. As vozes eram abafadas e já não se ouvia a risada exuberante de Zahara, pois ela estava de luto. Tudo por causa de Jean-Pierre...

O pensamento encheu Jane de coragem.

— Quero que me leves para casa — disse abruptamente.

A princípio ele não entendeu.

— Ora, acabámos de chegar — respondeu, irritado. Depois fitou-a e franziu o rosto. — Ah...

Havia um tom sereno na sua voz que Jane achou de mau agouro e compreendeu que não poderia impor a sua vontade sem luta.

— Isso mesmo — disse ela, com firmeza. — Quero voltar para casa.

Jean-Pierre passou o braço pelos seus ombros.

— Este país às vezes deixa as pessoas deprimidas. — Não a fitava, contemplando o rio que corria lá em baixo. — Estás especialmente vulnerável à depressão neste momento, logo depois do parto. Dentro de algumas semanas irás descobrir...

— Não me trates com condescendência! — ripostou Jane. Não podia deixá-lo esquivar-se com aqueles disparates. — Guarda isso para os teus doentes.

— Está bem. — Jean-Pierre retirou o braço. — Antes de virmos, decidimos que ficaríamos aqui dois anos. Concordámos que os serviços curtos são pouco eficazes, por causa do dinheiro e tempo desperdiçados em treino, viagem e adaptação. Estávamos determinados a causar um impacto de verdade e por isso assumimos o *compromisso* dos dois anos...

— Depois tivemos uma filha.

— Não foi ideia minha!

— Seja como for, já mudei de ideias.

— Não tens o direito de mudar de ideias.

— Não és meu dono! — protestou Jane, furiosa.

— Está fora de questão. Não vamos voltar a falar do assunto.

— Ainda agora começámos! — A atitude de Jean-Pierre enfurecia Jane. A conversa transformara-se numa discussão sobre os seus direitos como indivíduo e ela não queria ganhar pela revelação de que sabia tudo sobre o seu trabalho de espionagem... ou pelo menos ainda não. Queria que ele admitisse que ela era livre para tomar as suas próprias decisões. — Não



tens o direito de ignorar ou reprimir os meus desejos. Quero ir-me embora este verão.

— A resposta é não.

Jane resolveu tentar argumentar.

— Estamos aqui há um ano. Já *causámos* impacto. Também fizemos sacrifícios consideráveis, mais do que prevíamos. Não achas que é suficiente?

— Concordámos que ficaríamos dois anos — insistiu Jean-Pierre, obstinado.

— Isso foi há muito tempo, e antes de a Chantal nascer.

— Nesse caso, vocês as duas podem partir e eu ficarei aqui.

Jane considerou essa possibilidade por um momento. A viagem para o Paquistão numa caravana de camiões, com uma criança pequena, era difícil e perigosa, mas não era impossível. Só que significaria deixar Jean-Pierre para trás. Ele continuaria a trair os guerrilheiros, e a intervalos de poucas semanas mais maridos e filhos do vale morreriam, e havia outro motivo para ela não o deixar ali: isso destruiria o casamento.

— Não — disse ela —, não posso ir sozinha. Tens de ir também.

— Não irei — respondeu ele, irritado. — Não irei!

Jane teria agora de o confrontar com o que sabia. Respirou fundo.

— Terás de te ir embora.

— Não terei nada. — Jean-Pierre apontou-lhe o indicador, ela fitou-o nos olhos e viu neles algo que a assustou. — Não podes obrigar-me. Nem tentes.

— Acontece que *posso*...

— Aconselho-te a não o fazer — interrompeu Jean-Pierre, a voz terrivelmente fria.

De repente, ele parecia um estranho, um homem que Jane não conhecia. Ela manteve-se em silêncio por um momento, a pensar. Viu uma pomba a elevar-se da aldeia e a voar na sua direção. Pousou na encosta do penhasco, um pouco abaixo dos seus pés. *Não conheço este homem!*, pensou ela, em pânico. *Depois de um ano ainda não sei quem ele é!*

— Amas-me? — perguntou.

— Amar-te não significa que tenho de fazer tudo o que queres.

— Isso é um sim?

Ele observou-a. Jane sustentou o seu olhar, sem vacilar. Pouco a pouco, a expressão implacável e de loucura desapareceu dos olhos de Jean-Pierre

e ele descontraíu-se. Por fim sorriu.

— É um sim.

Jane inclinou-se para ele e Jean-Pierre tornou a passar o braço pelos seus ombros.

— Sim, amo-te — disse baixinho, beijando-a no alto da cabeça.

Jane encostou o rosto ao seu peito e olhou para baixo. A pomba que observara tornou a levantar voo. Era uma pomba branca, como o da sua visão inventada. Afastou-se, planando sem esforço para a outra margem do rio.

*Meu Deus, o que faço agora?*, pensou Jane.

Foi o filho de Mohammed, Mousa — agora conhecido como «Canhoto» —, o primeiro a ver a caravana a regressar. Entrou a correr na clareira diante das grutas, gritando a plenos pulmões: — Eles voltaram! Eles voltaram!

Ninguém precisou de perguntar quem eram *eles*.

A manhã ia a meio, e Jane e Jean-Pierre estavam a trabalhar na clínica instalada na gruta. Ela olhou para o marido. Uma insinuação de perplexidade surgiu no rosto dele; perguntava-se por que motivo os russos não tinham usado as suas informações para emboscar a caravana. Jane virou-se para que ele não percebesse o triunfo que sentia. Ela salvara as vidas de todos! Yussuf cantaria naquela noite, Sher Kador contaria as suas cabras, Ali Ghanin beijaria cada um dos seus catorze filhos. Yussuf era um dos filhos de Rabia: salvar-lhe a vida fora a recompensa de Rabia por ajudá-la a trazer Chantal ao mundo. Todas as mães e filhas que estariam de luto agora podiam regozijar-se.

Perguntou-se como se sentiria Jean-Pierre. Zangado, frustrado ou desapontado? Era difícil imaginar alguém desapontado por pessoas não terem morrido. Jane lançou um olhar rápido ao marido, mas o seu rosto mantinha-se impassível. *Quem me dera saber o que te vai na cabeça*, pensou ela.

Os pacientes retiraram-se em poucos minutos, pois todos queriam descer até à aldeia para dar as boas-vindas aos viajantes.

— Vamos descer? — perguntou Jane.

— Vai andando — respondeu Jean-Pierre. — Eu acabo aqui e depois desço também.

— Está certo.

Jane calculou que ele precisava de algum tempo para se recompor, a fim de poder simular satisfação pelo regresso seguro quando se encontrasse com os homens.

Pegou em Chantal e encaminhou-se para o trilho íngreme que descia para a aldeia. Sentia o calor da rocha através das solas finas das sandálias.

Ainda não confrontara Jean-Pierre. No entanto, sabia que aquela situação não poderia prolongar-se indefinidamente. Mais cedo ou mais tarde, Jean-Pierre saberia que Mohammed enviara um mensageiro para desviar a caravana da rota predeterminada. Perguntaria a Mohammed por que motivo fizera isso e Mohammed falaria da «visão» de Jane. Porém, Jean-Pierre sabia que Jane não acreditava em visões...

*Porque tenho medo?*, perguntou a si mesma. *Não sou a culpada... ele é que é. Mas sinto que o seu segredo é alguma coisa de que devo envergonhar-me. Devia ter falado com ele imediatamente, naquela noite em que subimos ao penhasco. Ao guardar o segredo tanto tempo também me tornei uma impostora. Talvez seja isso. Ou talvez seja a expressão estranha que descubro às vezes nos seus olhos.*

Não desistira de voltar para casa, mas até agora não conseguira pensar num meio de persuadir Jean-Pierre a partir. Imaginara uma dúzia de esquemas bizarros, desde simular uma mensagem a dizer que a mãe dele estava a morrer a envenenar o seu iogurte com alguma coisa que provocaria os sintomas de uma doença que o obrigaria a voltar à Europa para tratamento. A mais simples e menos forçada das suas ideias fora a de ameaçar contar a Mohammed que Jean-Pierre era um espião. Nunca o faria, claro, pois desmascará-lo seria a mesma coisa que matá-lo. Mas iria Jean-Pierre *pensar* que ela era capaz de cumprir a ameaça? Provavelmente não. Seria preciso um homem duro, implacável, de coração de pedra, para acreditar que ela fosse capaz de virtualmente matar o marido — e se Jean-Pierre fosse assim tão duro, implacável e de coração de pedra, podia muito bem matar Jane com as próprias mãos.

Ela sentiu um arrepio, apesar do calor. Aquela história de matar era grotesca. *Quando duas pessoas encontram tanto prazer no corpo uma da outra como nós*, pensou ela, *como podem cometer qualquer violência contra quem amam?*

Ao chegar à aldeia, começou a ouvir os disparos ao acaso que caracterizavam uma comemoração afegã. Encaminhou-se para a mesquita — tudo acontecia na mesquita. A caravana estava no pátio, homens,

cavalos e bagagem, cercados por mulheres sorridentes e crianças aos gritos. Jane parou à beira da multidão, observando. *Valeu a pena*, pensou ela. *Valeu a pena a preocupação e o medo, valeu a pena manipular Mohammed de forma tão indigna, a fim de testemunhar este espetáculo, os homens são e salvos reunidos com as suas mulheres, mães e filhos.*

O que aconteceu em seguida foi provavelmente o maior choque da vida de Jane.

Ali, no meio da multidão, entre os chapéus redondos e turbantes, aparecia uma cabeça de cabelo louro encaracolado. A princípio, não a reconheceu, apesar de parecer tão familiar que lhe provocou um aperto no coração. Depois a cabeça emergiu da multidão e ela viu, escondido por uma barba loura extremamente cerrada, o rosto de Ellis Thaler.

Os joelhos de Jane ficaram subitamente fracos. Ellis? Ali? Impossível!

Ele aproximou-se. Usava a roupa de algodão larga dos afegãos, parecida com um pijama, uma manta suja em torno dos ombros largos. O pouco do rosto ainda visível por cima da barba estava muito bronzeado, tornando os olhos azul-celeste ainda mais impressionantes do que o habitual, como centáureas-azuis num campo de trigo maduro.

Jane ficou atordoada.

Ellis parou à sua frente com uma expressão solene.

— Olá, Jane.

Ela descobriu que já não o odiava. Um mês antes tê-lo-ia amaldiçoado por enganá-la e espiar os seus amigos, mas agora a sua raiva desvanecera-se. Nunca gostaria de Ellis, mas podia tolerá-lo, e era bom ouvir falar inglês pela primeira vez em mais de um ano.

— Ellis... — murmurou ela, com voz fraca. — O que fazes aqui?

— O mesmo que vocês.

O que significava isso? Espiar? Não, Ellis não sabia o que Jean-Pierre era.

Ele percebeu a confusão de Jane e acrescentou:

— Estou aqui para ajudar os rebeldes.

Iria ele descobrir a verdade sobre Jean-Pierre? Jane sentiu de repente medo pelo marido. Ellis poderia matá-lo.

— De quem é a criança? — indagou Ellis.

— Minha. E de Jean-Pierre. Chama-se Chantal.

Jane reparou que Ellis pareceu profundamente triste, e percebeu que ele esperara encontrá-la infeliz com o marido. *Oh, Deus, acho que ele ainda*

*está apaixonado por mim*, pensou. E tentou mudar de assunto.

— Mas como vais ajudar os rebeldes?

Ele levantou o saco. Era grande, comprido, em forma de salsicha, de lona caqui, como os velhos saco dos soldados.

— Vou ensiná-los a fazer explodir estradas e pontes. Nesta guerra, estou do mesmo lado que tu.

*Mas não no mesmo lado que Jean-Pierre*, pensou Jane. *O que vai acontecer agora?* Os afegãos não desconfiavam de Jean-Pierre, mas Ellis era treinado nos métodos da espionagem. Mais tarde ou mais cedo descobriria o que se passava.

— Quanto tempo ficas cá? — Se fosse uma permanência curta, ele talvez não tivesse tempo de desenvolver suspeitas.

— Durante o verão — respondeu Ellis, vagamente.

Talvez não passasse muito tempo nas proximidades de Jean-Pierre.

— Onde vais ficar?

— Nesta aldeia.

— Oh.

Ellis percebeu o desapontamento na voz dela e exibiu um sorriso irónico.

— Acho que não devia ter esperado que ficasses contente por me ver..

A mente de Jane estava num turbilhão. Se pudesse forçar Jean-Pierre a partir, ele não correria qualquer perigo. Sentiu-se subitamente capaz de o confrontar. *Porque será?*, interrogou-se. *É porque já não tenho medo dele. E porque já não tenho medo? Porque o Ellis está aqui.*

*Não percebera que tinha medo do meu marido.*

— Pelo contrário — disse ela a Ellis, pensando, *Como estou calma!* — Fico feliz por estares aqui.

Houve um momento de silêncio. Era evidente que Ellis não sabia o que concluir da reação de Jane.

— Hum, tenho muitos explosivos e outros materiais no meio desta confusão — disse ele ao fim de algum tempo. — É melhor ir buscá-los.

Jane assentiu.

— Está bem.

Ellis virou-se e desapareceu no meio da multidão. Jane deixou o pátio, andando devagar, sentindo-se um pouco atordoada. Ellis estava *ali*, no vale dos Cinco Leões, e aparentemente ainda a amava.

Jean-Pierre estava a sair quando ela chegou em casa. Passara por ali a caminho da mesquita, provavelmente para guardar a mala de médico. Jane não sabia o que lhe dizer.

— A caravana trouxe alguém que conheces.

— Um europeu?

— Sim.

— Quem?

— Vai descobrir. Terás uma grande surpresa.

Ele afastou-se apressadamente e Jane entrou. O que faria Jean-Pierre em relação a Ellis? Bem, informaria os russos, e os russos iam querer matar Ellis.

A perspetiva deixou-a furiosa.

— Não vai haver mais mortes! — exclamou. — Não permitirei!

O som da sua voz fez Chantal chorar. Jane embalou-a por um momento e a bebé acalmou-se.

*O que vou fazer?*, pensou Jane.

*Tenho de impedir que o Jean-Pierre entre em contacto com os russos.*

*Mas como?*

*O contacto não pode encontrar-se com ele na aldeia. Portanto, tudo o que tenho a fazer é manter Jean-Pierre aqui.*

*Vou dizer-lhe: tens de me prometer que não deixas a aldeia. Se recusares, digo ao Ellis que és um espião e ele irá certificar-se de que não deixas a aldeia.*

*E se o Jean-Pierre prometer e depois quebrar a promessa?*

*Bem, eu saberia que ele deixou a aldeia, que ia encontrar-se com o seu contacto russo e poderia alertar o Ellis.*

*Ele tem qualquer outro meio de comunicar com os russos?*

*Deve haver alguma maneira de estabelecer contacto em caso de emergência.*

*Mas aqui não há telefones, não há correio, não há estafetas, não há pombos-correio....*

*Ele deve ter um rádio.*

*Se tem um rádio, então não tenho como o impedir.*

Quanto mais pensava naquilo, mais convencida Jane ficava de que o marido tinha um rádio. Precisava de marcar aqueles encontros em cabanas de pedra. Em teoria, podiam ter sido todos marcados antes da sua partida de Paris, mas na prática isso era quase impossível: o que aconteceria

quando ele fosse obrigado a faltar a um encontro, quando se atrasasse ou quando precisasse de falar urgentemente com o contacto?

*Ele deve ter um rádio.*

*O que posso fazer se ele tiver um rádio?*

*Posso tirar-lho.*

Pôs Chantal no berço e olhou em volta. Foi para a sala da frente. Ali, sobre o balcão ladrilhado, no meio do que fora outrora uma loja, estava a mala de médico de Jean-Pierre.

Era o lugar óbvio. Ninguém tinha autorização para abrir a mala, à exceção de Jane, que nunca tivera motivo para isso.

Abriu-a e começou a remexer o conteúdo, tirando uma coisa de cada vez. Não havia rádio.

Não ia ser assim tão fácil.

*Ele deve ter um rádio e tenho de o encontrar*, pensou Jane; *se isso não acontecer, o Ellis vai matá-lo ou ele matará o Ellis.*

Decidiu revistar a casa.

Verificou entre o material médico nas prateleiras, procurando em todas as caixas e embalagens cujos selos tivessem sido abertos, apressando-se com medo de que Jean-Pierre voltasse antes de acabar. Não encontrou nada.

Foi para o quarto. Vasculhou as roupas do marido, depois as cobertas de inverno, guardadas num canto. Nada. Movendo-se mais depressa, passou para a sala de estar e procurou freneticamente possíveis esconderijos. A arca dos mapas! Abriu-a. Apenas os mapas estavam ali. Fechou a tampa com estrondo. Chantal mexeu-se no berço, mas não chorou, embora estivesse quase na hora de mamar. *És uma linda menina*, pensou Jane, *graças a Deus!* Procurou atrás do armário da comida e levantou o tapete, para o caso de haver algum buraco escondido no chão.

Nada.

Tinha de estar ali algures. Não podia imaginar que Jean-Pierre corresse o risco de esconder o rádio *fora* da casa, pois haveria o perigo de ser descoberto por acaso.

Voltou à loja. Se conseguisse encontrar o rádio, tudo ficaria bem: ele não teria outra opção senão ceder.

A mala era mesmo o esconderijo óbvio, pois ele levava-a para toda a parte. Jane pegou-lhe. Era bastante pesada. Tornou a tatear por dentro. Tinha um fundo grosso.

Subitamente sentiu uma inspiração.

A mala podia ter um fundo falso.

Tateou o fundo com os dedos. *Deve estar aqui, pensou, tem de estar.*

Enfiou os dedos pelo lado do fundo e puxou.

O fundo falso desprendeuse com facilidade.

E ali, no compartimento secreto, estava uma caixa preta de plástico. Jane pegou-lhe.

*É isto, pensou ela, ele contacta-os por este pequeno rádio.*

*Porque também se encontra com eles pessoalmente?*

*Talvez não possa revelar segredos pelo rádio, com medo de que alguém esteja à escuta. Talvez o rádio seja apenas para marcar os encontros e para emergências.*

*Como nas ocasiões em que ele não pode sair da aldeia.*

Ouviu a porta das traseiras abrir-se. Apavorada, largou o rádio no chão e virou-se, olhando para a sala. Era apenas Fara com uma vassoura.

— Santo Deus! — exclamou ela.

Virou-se de novo, o coração a bater disparado. Tinha de se livrar do rádio antes de Jean-Pierre voltar. Mas como? Não podia deitá-lo fora, pois acabaria por ser encontrado.

Tinha de o esmagar.

Com quê?

Não dispunha de um martelo.

Uma pedra serviria.

Passou pela sala e saiu para o pátio. O muro do pátio era feito de pedras irregulares, unidas por argamassa arenosa. Levantou a mão e abanou uma das pedras de cima. Parecia firme. Experimentou outra e mais outra. A quarta pedra pareceu desprender-se um pouco. Puxou com mais força. A pedra mexeu-se.

— Vá lá, vá lá! — exclamou.

Puxou com força. A pedra cortou-lhe a pele das mãos. Deu-lhe um puxão forte e a pedra desprendeuse. Saltou para trás quando a pedra caiu. Era mais ou menos do tamanho de uma lata de feijão: o ideal. Pegou-lhe com as duas mãos e voltou apressada para dentro da casa.

Foi para a sala da frente. Levantou o rádio preto do chão e colocou-o no balcão ladrilhado. Ergueu a pedra por cima da cabeça e baixou-a com toda a força sobre o rádio.

A caixa de plástico estalou.



Teria de lhe bater com mais força.

Levantou a pedra, tornou a bater. Desta vez a caixa partiu-se, revelando as entranhas do instrumento: Jane viu um circuito impresso, um altifalante e duas pilhas com inscrições em russo. Tirou as pilhas e atirou-as ao chão, e começou a despedaçar o mecanismo. Duas mãos agarraram-na por trás abruptamente.

— O que estás a fazer? — gritou Jean-Pierre.

Jane debateu-se, libertou-se por um momento e desferiu outro golpe no pequeno rádio.

Ele agarrou-a pelos ombros e empurrou-a para o lado. Jane cambaleou e caiu no chão. Aterrou mal, torcendo o pulso.

Jean-Pierre olhava fixamente para o rádio.

— Está estragado! E é irreparável! — Agarrou-a pela camisa e levantou-a. — Não sabes o que fizeste! — bradou. Havia desespero e uma fúria intensa nos seus olhos.

— Larga-me! — gritou Jane. Jean-Pierre não tinha o direito de agir assim, quando fora *ele* quem lhe mentira. — Como te atreves a tratar-me assim?

— Como me *atrevo*? — Jean-Pierre largou a camisa, esticou o braço para trás e deu-lhe um soco com força. O golpe acertou-lhe no meio da barriga. Por uma fração de segundo, Jane ficou paralisada pelo choque; depois veio a dor, lá do fundo, onde ainda estava dorida do nascimento de Chantal. Ela gritou e dobrou-se, as mãos a comprimir a barriga.

Ainda tinha os olhos fechados e por isso não viu chegar o segundo golpe.

O murro acertou-lhe em cheio na boca. Ela gritou. Mal podia acreditar que Jean-Pierre estava a fazer-lhe aquilo. Abriu os olhos e fitou-o, com pavor de que ele a agredisse outra vez.

— Como me *atrevo*? — gritou Jean-Pierre. — Como me *atrevo*?

Jane caiu de joelhos no chão de terra e começou a chorar de dor, choque e desespero. A boca doía-lhe tanto que mal conseguia falar.

— Por favor, não me batas — conseguiu balbuciar. — Não me batas mais. — Pôs a mão à frente do rosto, numa atitude defensiva.

Jean-Pierre ajoelhou-se, afastou-lhe a mão para o lado e aproximou o rosto do dela.

— Há quanto tempo sabes?

Jane passou a língua pelos lábios. Já estavam a inchar. Limpou-os com a manga, e o pano ficou manchado de sangue.

— Desde que te encontrei na cabana de pedra... a caminho de Cobak.

— Mas não viste nada!

— Ele falou com sotaque russo e disse que tinha bolhas nos pés. Deduzi tudo daí.

Houve uma pausa enquanto Jean-Pierre absorvia a informação.

— Porquê agora? Porque não partiste o rádio antes?

— Não tive coragem.

— E agora?

— O Ellis está aqui.

— E então?

Jane recorreu à pouca coragem que ainda lhe restava.

— Se não parares com esta... espionagem... conto ao Ellis e ele irá impedir-te.

Jean-Pierre segurou-a pela garganta.

— E se eu te estrangular, sua puta?

— Se alguma coisa me acontecer... o Ellis vai querer saber porquê. Ele ainda me ama.

Jane fitou o marido. O ódio ardia nos seus olhos.

— Agora nunca mais vou apanhá-lo! — disse ele.

Jane perguntou-se a quem estaria ele a referir-se. Ellis? Não. Masud? Seria possível que o objetivo final de Jean-Pierre fosse matar Masud? As mãos dele ainda estavam na sua garganta. Ela sentiu-as apertarem-se. Continuou a fitá-lo, apavorada.

Então Chantal chorou.

A expressão de Jean-Pierre mudou drasticamente. A hostilidade desapareceu dos seus olhos, a expressão tensa e obsessiva da fúria desvaneceu-se; e, finalmente, para espanto de Jane, ele pôs as mãos sobre os olhos e começou a chorar.

Ela ficou incrédula. Descobriu-se a sentir pena de Jean-Pierre e pensou: *Não sejas parva, o estupor acaba de te bater.* Contudo, contra a sua vontade, ficou comovida pelas lágrimas — Não chores... — murmurou. A sua voz era surpreendentemente terna. Tocou no rosto do marido.

— Desculpa... desculpa o que te fiz. O trabalho da minha vida... tudo por nada.

Jane compreendeu com espanto e um pouco de repulsa por si mesma que já não estava zangada com Jean-Pierre, apesar dos lábios inchados e da dor na barriga. Cedeu ao sentimento, abraçou-o e afagou-lhe as costas, como se confortasse uma criança.

— Só por causa do sotaque do Anatoly — murmurou ele. — Só por causa disso.

— Esquece o Anatoly. Deixaremos o Afeganistão e voltaremos à Europa. Partiremos na próxima caravana.

Ele tirou as mãos do rosto e fitou-a.

— Quando voltarmos a Paris...

— O quê?

— Quando estivermos em casa... vou querer que continuemos juntos. Podes perdoar-me? Amo-te... sinceramente, sempre amei. E estamos casados. E há a Chantal. Por favor, Jane... por favor, não me deixes. Está bem?

Para sua surpresa, Jane não sentiu qualquer hesitação. Ali estava o homem que amava, o seu marido, o pai da sua filha; e ele tinha problemas e pedia-lhe ajuda.

— Não vou a lado nenhum.

— Promete... promete que não vais deixar-me.

Ela sorriu com a boca a sangrar.

— Amo-te e prometo que não vou deixar-te.

## CAPÍTULO 9

Ellis sentia-se frustrado, impaciente e irritado. Frustrado porque chegara ao vale dos Cinco Leões sete dias antes e ainda não se encontrara com Masud. Impaciente porque era um purgatório diário para ele ver Jane e Jean-Pierre a viver juntos, a trabalhar juntos, a partilhar o prazer da filha. E irritado porque fora ele próprio, e mais ninguém, quem se pusera naquela situação deplorável.

Fora informado de que se encontraria naquele mesmo dia com o grande homem, mas Masud ainda não aparecera. Ellis passara todo o dia anterior a andar para ali chegar. Estava na extremidade sudoeste do vale dos Cinco Leões, em território russo. Deixara Banda na companhia de três guerrilheiros — Ali Ghanin, Matullah Khan e Yussuf Gul —, mas em cada aldeia pelo caminho mais dois ou três homens se tinham juntado ao grupo e agora eram uns trinta. Sentaram-se num círculo, sob uma figueira no cimo de uma colina, a comer figos e à espera.

No sopé da colina começava uma planície que se estendia para sul — até Cabul, de facto, embora a cidade estivesse a oitenta quilómetros e não pudessem vê-la. Na mesma direcção, só que bastante mais perto, ficava a base aérea de Bagram, a apenas quinze quilómetros: os seus edifícios não eram visíveis, mas podiam ver de vez em quando um avião a jato a erguer-se no ar. A planície era um mosaico fértil de campos arados e pomares, cruzada por riachos que desaguavam no rio dos Cinco Leões, que seguia, mais largo e fundo agora, mas igualmente rápido, na direcção da capital. Uma estrada irregular passava pelo sopé da colina e subia o vale, indo até Rokha, limite setentrional do território russo na região. Não havia muito movimento na estrada: algumas carroças de camponeses e um ou outro carro blindado. No ponto em que a estrada cruzava o rio havia uma ponte nova, construída pelos russos.

Ellis ia fazer explodir essa ponte.

As aulas sobre explosivos que ele dava, a fim de encobrir durante o máximo tempo possível a sua verdadeira missão, eram extremamente populares, e ele fora obrigado a limitar o número de alunos. Tudo isso apesar do seu dari hesitante. Lembrava-se de um pouco do farsi de Teerão e aprendera bastante dari na viagem com a caravana até ao vale. Podia falar sobre a paisagem, a comida, cavalos e armas, mas ainda não era capaz de dizer coisas como «a depressão no material explosivo tem o

efeito de concentrar a detonação». Mesmo assim, a ideia de fazer explodir coisas era um apelo tão grande para o machismo afegão que ele tinha sempre um público atento. Não podia ensinar as fórmulas para calcular a quantidade de TNT necessária para um trabalho ou mostrar como usar a régua de cálculo do exército americano, considerada infalível, pois nenhum deles conhecia a matemática da escola primária e a maioria não sabia ler. Não obstante, podia mostrar-lhes como destruir coisas com mais eficácia e ao mesmo tempo usar menos material — o que era muito importante, pois havia escassez de material bélico. Também tentara que adotassem precauções básicas de segurança, mas nisso falhara: para aqueles homens, a cautela era covardia.

E, durante todo o tempo, sentia-se torturado por Jane.

Sentia ciúmes quando a via tocar em Jean-Pierre; sentia inveja quando via os dois trabalharem na clínica da gruta, com tanta eficiência e harmonia; e era consumido pelo desejo ao vislumbrar os seios intumescidos de Jane nas ocasiões em que ela amamentava a filha. Passava noites acordado no saco-cama, em casa de Ismael Gul, onde estava hospedado, constantemente às voltas, às vezes a transpirar, às vezes a tremer, incapaz de encontrar qualquer posição confortável no chão de terra batida, tentando não ouvir os sons abafados de Ismael e da mulher a fazerem amor, a poucos metros de distância, no quarto ao lado, e as palmas das suas mãos pareciam formigar com o desejo de acariciarem Jane.

Não podia culpar ninguém por tudo aquilo, a não ser a si próprio. Oferecera-se para a missão na tola esperança de recuperar Jane. Fora uma atitude pouco profissional, além de imatura. Tudo o que podia fazer era sair dali o mais depressa possível.

E não podia fazer nada enquanto não encontrasse Masud.

Levantou-se e começou às voltas, irrequieto, mas tendo o cuidado de permanecer à sombra da árvore, a fim de não ser visível da estrada. A poucos metros de distância havia uma massa de metal retorcido, onde um helicóptero caíra. Viu um pedaço de aço fino, mais ou menos do tamanho e do formato de um prato, e isso deu-lhe uma ideia. Estivera a interrogar-se sobre como demonstrar o efeito de cargas moldadas e agora via uma forma.

Tirou da mochila um pedaço pequeno e achatado de TNT e um canivete. Os guerrilheiros agruparam-se à sua volta. Entre eles estava Ali Ghanin,

um homem pequeno e disforme — nariz torto, dentes deformados, um pouco corcunda — que os outros diziam ter catorze filhos. Ellis gravou o nome Ali, em caracteres persas, no TNT. Mostrou-o aos homens. Ali reconheceu o seu nome.

— Ali — disse ele, sorrindo e mostrando os dentes horríveis.

Ellis pôs o explosivo no bocado de aço, o lado com a inscrição para baixo.

— Espero que funcione — disse ele com um sorriso.

Todos retribuíram o sorriso, embora nenhum falasse inglês. Ele tirou um rolo de rastilho da espaçosa mochila e cortou um metro e vinte. Pegou na caixa de detonadores, tirou um, e inseriu a ponta do rastilho na cápsula cilíndrica. Prendeu o detonador na carga de TNT.

Olhou para a estrada. Não havia qualquer tráfego. Desceu a encosta com a pequena bomba e colocou-a no chão, a cerca de cinquenta metros de distância. Acendeu o rastilho com um fósforo e voltou para junto da figueira.

Era um rastilho de combustão lenta. Enquanto esperava, Ellis perguntou-se se Masud mandara os outros guerrilheiros observarem-no e avaliarem-no. Estaria o líder à espera da garantia de que Ellis era um homem sério que os guerrilheiros poderiam respeitar? O protocolo era sempre importante num exército, mesmo num exército revolucionário. No entanto, Ellis não podia aguardar muito mais tempo. Se Masud não aparecesse hoje, ele teria de abandonar toda aquela história de explosivos, confessar que era um enviado especial da Casa Branca e exigir um encontro imediato com o líder rebelde.

Houve uma explosão insignificante e uma pequena nuvem de pó. Os guerrilheiros pareciam desapontados. Ellis foi buscar o bocado de metal, usando o lenço para o caso de estar muito quente. O nome Ali cortara o aço em caracteres persas. Ele mostrou-os aos guerrilheiros, que desataram a conversar muito animados. Ellis ficou satisfeito: era uma demonstração incontestável de que o explosivo se tornava *mais* poderoso onde era deprimido, ao contrário do que o bom senso podia sugerir.

Os guerrilheiros ficaram subitamente em silêncio. Ellis olhou em volta e viu outro grupo dirigir-se para a colina, formado por sete ou oito homens. As espingardas e os chapéus *chitralli* indicavam que eram guerrilheiros. Ao aproximarem-se, Ali retesou-se, quase como se estivesse prestes a fazer continência.

— Quem é? — perguntou Ellis.

— Masud — respondeu Ali.

— Qual deles?

— O do meio.

Ellis observou atentamente a figura central do grupo. Masud parecia-se com os outros, a princípio: um homem magro, de estatura mediana, vestindo roupa caqui e botas russas. Ellis observou-lhe o rosto. Tinha a pele clara, bigode e barba ralos de um adolescente. O nariz era comprido e adunco. Os olhos escuros e alerta estavam rodeados por rugas que o faziam parecer cinco anos mais velho do que a sua apregoada idade de vinte e oito anos. Não era um rosto bonito, mas tinha um ar de inteligência e autoridade serena que o distinguia dos homens à sua volta.

Avançou diretamente para Ellis, a mão estendida.

— Sou Masud.

— Ellis Thaler — apresentou-se, apertando-lha.

— Vamos fazer explodir aquela ponte — disse Masud em francês.

— Quer começar?

— Quero.

Ellis pôs o equipamento na mochila, enquanto Masud circulava pelo grupo de guerrilheiros, apertando as mãos de alguns, acenando com a cabeça a outros, abraçando um ou dois, dirigindo umas poucas palavras a cada um.

Quando estavam prontos, desceram a colina como um bando irregular, a fim de que — presumiu Ellis — eventuais observadores pensassem que se tratava de um grupo de camponeses, em vez de uma unidade do exército rebelde. Ao chegarem à base da colina já não eram visíveis da estrada, embora pudessem ser avistados de um helicóptero. Ellis calculou que procurariam cobertura se ouvissem um helicóptero aproximar-se. Encaminharam-se para o rio, seguindo por um trilho entre os campos cultivados. Passaram por várias casas pequenas e foram observados por pessoas que trabalhavam nos campos; algumas ignoraram-nos deliberadamente, outras acenaram e gritaram saudações. Chegaram ao rio e foram andando pela margem, aproveitando a possível cobertura dos penedos e da vegetação escassa à beira da água. Quando estavam a cerca de trezentos metros da ponte, uma pequena caravana de camiões militares começou a atravessá-la; todos os guerrilheiros se esconderam, enquanto os

veículos passavam, ruidosamente, a caminho de Rokha. Ellis deitou-se sob um salgueiro e descobriu Masud ao seu lado.

— Se destruímos a ponte — disse Masud —, cortaremos a via de abastecimento que os une a Rokha.

Depois de a caravana passar, esperaram mais alguns minutos antes de percorrerem o resto do caminho até à ponte e se agruparem sob ela, invisíveis da estrada.

No meio, a ponte elevava-se seis ou sete metros acima do rio, que parecia ter ali uns três metros de profundidade. Ellis constatou que era uma ponte muito simples, com duas vigas de aço compridas que sustentavam uma placa de betão, e se estendia de uma margem à outra, sem qualquer suporte intermédio. O betão era um peso morto, as vigas sustentavam toda a tensão. Bastava parti-las e a ponte estaria destruída.

Ellis iniciou os preparativos. O TNT vinha em blocos amarelos de meio quilo. Fez uma pilha com dez blocos e uniu-os. Fez mais três pilhas idênticas, usando todos os explosivos que tinha. Usava o TNT porque era o material encontrado com mais frequência em bombas, obuses, minas e granadas de mão, e os guerrilheiros obtinham a maior parte dos seus abastecimentos de material russo que não tinha deflagrado. O explosivo plástico teria sido mais apropriado às suas necessidades, pois podia ser enfiado em buracos, enrolado em vigas, moldado de qualquer forma necessária — mas tinham de trabalhar com os materiais que podiam encontrar e roubar. Talvez conseguissem de vez em quando arranjar um pouco de *plastique* junto dos engenheiros russos, trocando-o pela marijuana cultivada no vale, mas a transação — que envolvia intermediários no exército afegão regular — era arriscada e os abastecimentos limitados. Ellis fora informado de tudo isso pelo homem da CIA em Peshawar e constataria que era de facto verdade.

As vigas estavam separadas por cerca de dois metros e meio.

— Alguém me traga um pau daquele tamanho — disse Ellis em dari, indicando a distância entre as vigas.

Um guerrilheiro afastou-se pela margem do rio e arrancou uma árvore nova.

— Preciso de outro do mesmo tamanho — pediu Ellis.

Colocou uma pilha de TNT na parte inferior de uma das vigas e pediu a um guerrilheiro que a segurasse. Pôs uma segunda pilha na outra viga, na



mesma posição; depois meteu o ramo entre as duas pilhas, a fim de as manter no lugar.

Atravessou o rio e fez exatamente a mesma coisa no outro lado da ponte.

Descreveu tudo o que estava a fazer numa mistura de dari, francês e inglês, deixando-os entender o que pudessem — o mais importante era que observassem o que estava a fazer e vissem os resultados. Usou *Primacord*, o rastilho detonador com grande velocidade de combustão que ardia a seis metros e meio por segundo, ligando as quatro cargas para que explodissem simultaneamente. Por fim formou um anel com o *Primacord* e explicou a Masud, em francês, que desse modo o rastilho arderia até ao TNT a partir das duas extremidades; assim, se o rastilho fosse cortado num ponto, por algum motivo, a bomba ainda explodiria. Recomendou que se fizesse sempre isso, como precaução de rotina.

Ellis sentia-se estranhamente feliz enquanto trabalhava. Havia algo de calmante nas tarefas mecânicas e no cálculo desapaixonado da quantidade de explosivo. Agora que já mostrara tudo a Masud, poderia ocupar-se da sua verdadeira missão.

Puxou o *Primacord* pela água, a fim de que ficasse menos visível — arderia perfeitamente debaixo de água —, e levou-o para a margem do rio. Prendeu um detonador à extremidade do *Primacord*, depois acrescentou uma mecha equivalente a quatro minutos de combustão lenta.

— Pronto? — perguntou ele a Masud.

— Sim.

Ellis acendeu a mecha.

Todos se afastaram depressa, subindo o rio ao longo da margem. Ellis sentia um certo júbilo infantil pela enorme explosão que estava prestes a provocar. Os outros também pareciam animados, e ele perguntou-se se seria tão mau a disfarçar os seus sentimentos como aqueles guerrilheiros afegãos. Porém, de repente, as expressões alteraram-se dramaticamente. Todos ficaram alerta, como pássaros a ouvir minhocas na terra; e depois Ellis ouviu também — o rumor distante das lagartas dos tanques.

A estrada não era visível do sítio onde se encontravam, mas um dos guerrilheiros subiu depressa a uma árvore.

— Dois — informou ele.

Masud pegou no braço de Ellis.

— Podes destruir a ponte quando os tanques estiverem a passar?

*Que merda*, pensou Ellis, *isto é um teste!*

— Sim — respondeu.

Masud assentiu, esboçando um sorriso ténue.

— Ótimo.

Ellis subiu pela árvore e foi postar-se ao lado do guerrilheiro, olhando sobre os campos. Dois tanques pretos rodavam pesadamente pela estreita estrada pedregosa, vinda de Cabul. Sentiu-se bastante tenso: era o primeiro avistamento do inimigo. Com as placas blindadas e os enormes canhões, os tanques pareciam invulneráveis, especialmente em contraste com os guerrilheiros maltrapilhos e as suas espingardas; apesar disso, o vale estava pejado de destroços de tanques que os guerrilheiros tinham destruído, com minas de fabrico doméstico, granadas bem lançadas e foguetes roubados.

Não havia outros veículos com os tanques. Não era uma patrulha, portanto, nem uma expedição ofensiva; os tanques provavelmente estavam a ser levados para Rokha depois de terem sido reparados em Bagram ou talvez tivessem chegado da União Soviética.

Começou a fazer cálculos.

Os tanques avançavam a cerca de quinze quilómetros por hora; chegariam portanto à ponte dentro de minuto e meio. O rastilho ardia há menos de um minuto, faltavam pelo menos três minutos. Assim, os tanques atravessariam a ponte e estariam a uma distância segura antes da explosão.

Ellis desceu da árvore e começou a correr, pensando: *Quantos anos se passaram desde a última vez que estive numa zona de combate?*

Ouviu passos no seu encalço e olhou para trás. Ali seguia-o, com o seu sorriso horrendo, e mais dois homens acompanhavam-no. Os outros abrigavam-se ao longo da margem do rio.

Um momento depois chegou à ponte e baixou-se sobre um joelho, ao lado da mecha de combustão lenta, ao mesmo tempo que tirava a mochila do ombro. Continuou a fazer cálculos, enquanto tateava a mochila aberta à procura do canivete. Os tanques deviam estar agora a um minuto de distância. A mecha ardia à velocidade de trinta centímetros a cada trinta ou quarenta segundos. Aquela mecha em particular seria lenta, média ou rápida? Ellis tinha a impressão de que era rápida. Ou seja, trinta centímetros para uma espera de trinta segundos. Em trinta segundos ele

poderia correr cerca de cento e cinquenta metros, o suficiente para se pôr em segurança, embora à tangente.

Abriu o canivete e entregou-o a Ali, que se ajoelhara ao seu lado. Depois, pegou no rastilho a cerca de trinta centímetros do ponto em que se unia ao detonador, segurando-o com as duas mãos, para Ali o cortar. Segurou a extremidade cortada com a mão esquerda e o rastilho a arder com a direita. Não sabia se já estava na altura de reacender a ponta cortada. Precisava de verificar a que distância estavam os tanques.

Subiu o declive, ainda a segurar os dois bocados de rastilho. Atrás dele, o *Primacord* estendia-se pelo rio. Levantou a cabeça por cima do parapeito da ponte. Os enormes tanques pretos aproximavam-se. Quanto tempo ainda faltava? Ellis calculou rapidamente. Contou os segundos, avaliando o avanço dos tanques; e depois, sem calcular, mas fazendo figas, encostou a ponta acesa da mecha cortada à outra extremidade, ainda ligada às bombas.

Pôs a mecha no chão, com todo o cuidado, e começou a correr.

Ali e os outros dois guerrilheiros seguiram-no.

A princípio, estavam ocultos dos tanques pela margem do rio, mas quando os tanques se aproximaram, os quatro homens a correr tornaram-se claramente visíveis. Ellis contava os segundos, enquanto o ronco dos tanques se transformava num rugido.

Os artilheiros nos tanques hesitaram apenas um momento: podia-se partir do princípio de que afegãos a correr eram guerrilheiros e, portanto, sujeitos à prática de tiro ao alvo. Houve um estrondo duplo e duas granadas voaram por cima da cabeça de Ellis. Ele mudou de direção, correndo para o lado, afastando-se do rio, enquanto pensava: *O artilheiro ajusta a mira... vira o cano na minha direção... faz pontaria... agora.* Tornou a mudar de direção, correndo de volta ao rio, e um segundo depois ouviu outro estrondo. A granada caiu suficientemente perto para o atingir com terra e pedras. *A próxima vai acertar-me,* pensou ele, *a menos que a porra da bomba expluda. Merda! Porque tive de mostrar a Masud que sou muito macho?* Depois ouviu uma metralhadora a abrir fogo. *É difícil fazer pontaria de um tanque em movimento,* pensou, *mas talvez eles parem.* Imaginou a chuva de balas de metralhadora a aproximar-se e passou a correr em ziguezague. Compreendeu de repente que podia adivinhar exatamente o que os russos fariam: parariam os tanques no ponto em que tivessem uma vista melhor dos guerrilheiros em fuga, que seria em cima

da ponte. Mas a bomba explodiria antes de as metralhadoras atingirem os alvos? Ellis correu ainda mais depressa, o coração a bater com força, ofegante. *Não quero morrer, mesmo que ela o ame*, pensou. Viu balas a lascarem uma rocha quase à sua frente. Mudou de rumo abruptamente, mas as balas seguiram-no. Parecia escusado, era um alvo fácil. Ouviu um dos guerrilheiros atrás de si soltar um grito, depois foi alvejado duas vezes em rápida sucessão: sentiu uma dor ardente na anca e depois um impacto, como um golpe vigoroso, na nádega direita. A segunda bala paralisou-lhe a perna por um instante, ele tropeçou e caiu, magoando o peito, depois rolou para ficar de barriga para cima. Sentou-se, ignorando a dor, e tentou mover-se. Os dois tanques tinham parado na ponte. Ali, que viera a correr atrás dele, pôs as mãos sob as axilas de Ellis e tentou levantá-lo. Os dois eram alvos imóveis: os artilheiros nos tanques não poderiam errar.

Foi nesse instante que a bomba explodiu.

Um belo espetáculo.

As quatro explosões simultâneas partiram a ponte nas extremidades, deixando a parte do meio — com os dois tanques em cima — totalmente sem apoio. A princípio caiu devagar, as extremidades partidas a rangerem; depois desprendeuse por completo e tombou no rio impetuoso, com um estrondo colossal. As águas abriram-se, deixando o leito do rio visível por um momento, e depois tornaram a unir-se, com um troar medonho.

Quando o barulho se desvaneceu, Ellis ouviu os guerrilheiros a gritar vivas.

Alguns saíram dos seus esconderijos e correram para os tanques parcialmente submersos. Ali levantou Ellis. Voltou a ter sensibilidade na perna e uma dor intensa.

— Não sei se consigo andar — murmurou para Ali, em dari. Deu um passo e teria caído se Ali não o amparasse. — Oh merda! — exclamou em inglês. — Acho que tenho uma bala no rabo!

Ouviu tiros. Olhou para cima e viu os russos sobreviventes a tentar fugir dos tanques e a serem alvejados pelos guerrilheiros. Aqueles afegãos eram uns filhos da mãe implacáveis. Olhando para baixo, Ellis constatou que a perna direita das calças estava encharcada de sangue. Presumiu que devia ser do ferimento superficial; sentia que a bala ainda estava encravada no outro ferimento.

Masud aproximou-se, com um amplo sorriso.

— Bom trabalho com a ponte — disse ele, no seu francês com sotaque.  
— Magnífico!

— Obrigado, mas não vim até aqui para fazer explodir pontes. — Ellis sentia-se fraco e um pouco tonto, mas aquele era o momento de anunciar a sua missão. — Vim para fazer um acordo.

Masud fitou-o com uma expressão de curiosidade.

— De onde és?

— Washington. Casa Branca. Represento o Presidente dos Estados Unidos.

Masud assentiu, sem denotar surpresa.

— Ótimo. Estou contente.

Foi nesse momento que Ellis desmaiou.

Apresentou a proposta a Masud naquela noite.

Os guerrilheiros improvisaram uma maca e carregaram-no pelo vale acima até Astana, onde pararam ao anoitecer. Masud já enviara um mensageiro a Banda para ir buscar Jean-Pierre, que chegaria no dia seguinte para extrair a bala da nádega de Ellis. Entretanto, todos se instalaram no pátio de uma quinta. A dor de Ellis abrandara, mas a viagem deixara-o mais fraco. Os guerrilheiros tinham posto pensos improvisados nos seus ferimentos.

Cerca de uma hora depois da chegada serviram-lhe chá verde, quente e adocicado, que o animou um pouco. Mais tarde, todos comeram amoras e iogurte ao jantar. Era o que geralmente acontecia com os guerrilheiros, como Ellis já observara durante a viagem com a caravana do Paquistão para o vale: uma ou duas horas depois de chegarem a algum lado, a comida aparecia. Ellis não sabia se a compravam, requisitavam ou recebiam como oferta, mas calculava que lhes era dada de graça, algumas vezes de bom grado, outras com relutância.

Depois de comerem, Masud sentou-se ao lado de Ellis e, nos minutos seguintes, os outros guerrilheiros afastaram-se, deixando Masud e dois dos seus lugares-tenentes a sós com Ellis. Este sabia que precisava de falar naquele momento com Masud, pois talvez não houvesse outra oportunidade durante uma semana ou mais, mas sentia-se muito fraco e exausto para aquela tarefa delicada e difícil.

— Há muitos anos, um país estrangeiro pediu ao rei do Afeganistão quinhentos guerreiros para o ajudar numa guerra — disse Masud. — O rei afegão enviou cinco homens do nosso vale, com uma mensagem a dizer

que é melhor ter cinco leões do que quinhentas raposas. Por isso, o nosso vale passou a chamar-se o vale dos Cinco Leões. — Ele sorriu. — Hoje foste um leão.

— Ouvi uma lenda a dizer que havia cinco grandes guerreiros, conhecidos como os Cinco Leões, que guardavam as cinco entradas para o vale. Ouvi dizer que é por isso que te chamam o Sexto Leão.

— Já chega de lendas — disse Masud, sorrindo. — O que tens para me dizer?

Ellis ensaiara aquela conversa e no seu guião ela não começava de maneira tão abrupta. Era evidente que Masud não adotava o estilo oriental cheio de rodeios.

— Gostaria primeiro de conhecer a tua avaliação da guerra.

Masud anuiu e pensou durante alguns segundos.

— Os russos têm doze mil homens em Rokha, a porta de entrada para o vale. A disposição é a de sempre: primeiro, campos minados; depois, tropas afegãs; em seguida, tropas russas, a fim de impedir os afegãos de fugirem. Estão à espera de mais mil e duzentos homens como reforços. Planeiam lançar uma grande ofensiva pelo vale dentro de duas semanas. O objetivo é destruir as nossas forças.

Ellis perguntou-se como teria Masud obtido informações tão precisas, mas teve tato suficiente para ficar calado. Em vez disso, limitou-se a perguntar: — E a ofensiva será vitoriosa?

— Não — respondeu Masud com serena confiança. — Quando eles atacarem, nós desapareceremos nas colinas, e assim não há ninguém para combaterem. Quando pararem, nós atacamo-los de terreno mais alto e cortamos as suas vias de comunicação. Vamos desgastá-los aos poucos. Eles achar-se-ão a gastar vastos recursos para controlar um território que não lhes proporcionará qualquer vantagem militar, e acabarão por bater em retirada. É sempre assim.

Era um relato que parecia ter sido tirado de um manual sobre tática de guerrilhas, refletiu Ellis. Não havia a menor dúvida de que Masud poderia ensinar muito aos outros líderes tribais.

— Por quanto tempo podem os russos continuar a fazer esses ataques inúteis?

Masud encolheu os ombros.

— Está nas mãos de Deus.

— Conseguirão algum dia expulsá-los do país?

— Os vietnamitas expulsaram os americanos — respondeu Masud, sorrindo.

— Eu sei... estava lá. Sabes *como* conseguiram?

— Um fator importante, na minha opinião, é que os vietnamitas recebiam dos russos carregamentos das armas mais modernas, especialmente mísseis portáteis terra-ar. É a única maneira de forças guerrilheiras combaterem os aviões e helicópteros.

— Concordo plenamente. E o que é ainda mais importante, o Governo dos Estados Unidos também concorda. Gostaríamos de vos ajudar a ter armas melhores, mas precisaríamos de ver que fazem verdadeiros progressos na luta contra o inimigo. O povo americano gosta de saber o que está a receber em troca do seu dinheiro. Quando achas que a resistência afegã será capaz de lançar ataques unificados, à escala nacional, contra os russos, como os vietnamitas fizeram no final da guerra?

Masud abanou a cabeça, hesitante.

— A unificação da resistência ainda se encontra numa fase inicial.

— Quais são os principais obstáculos?

Ellis prendeu a respiração, rezando para que Masud desse a resposta esperada.

— A desconfiança entre os diferentes grupos combatentes é o principal obstáculo.

Ellis soltou um suspiro de alívio dissimulado.

— Somos tribos diferentes, nações diferentes, temos comandantes diferentes — prosseguiu Masud. — Outros grupos guerrilheiros fazem emboscadas às minhas caravanas e roubam os meus abastecimentos.

— Desconfiança — repetiu Ellis. — O que mais?

— Comunicações. Precisamos de uma rede regular de mensageiros. Em algum momento, no futuro, vamos precisar também de rádios para comunicar.

— Desconfiança e comunicações insuficientes. — Era isso o que Ellis esperava ouvir. — Vamos conversar a respeito de outra coisa. — Sentia-se extremamente cansado, pois perdera muito sangue. Tinha uma vontade quase irresistível de fechar os olhos. — Vocês aqui no vale desenvolveram a arte da guerrilha com mais êxito do que os grupos noutras regiões do Afeganistão. Outros líderes ainda desperdiçam os seus recursos a defender territórios baixos e a atacar posições fortes. Gostaríamos que treinassem

homens de outras partes do país em táticas modernas de guerrilha. Poderias considerar essa possibilidade?

— Sim... e creio que sei onde queres chegar — respondeu Masud. — Ao fim de um ano, haveria em cada zona da resistência um pequeno efetivo de homens treinados no vale dos Cinco Leões. Poderiam formar uma rede de comunicações. Compreender-se-iam uns aos outros, confiariam em mim...

Calou-se, mas Ellis pôde perceber, pela sua expressão, que ele ainda estava a analisar na cabeça todas as implicações.

— Muito bem. — Ellis já estava esgotado, mas quase concluía o acordo. — Aqui está a minha proposta. Se conseguires obter a concordância dos outros comandantes e iniciar o programa de treino, os Estados Unidos fornecerão lança-foguetes *RPG-7*, mísseis terra-ar e equipamento de rádio. Porém, há dois outros comandantes em particular que *devem* participar no acordo: Jahan Kamil, do vale Pich; e Amai Azizi, o comandante de Faizabade.

Masud sorriu, pesaroso.

— Escolheste os mais difíceis.

— Sei disso. És capaz?

— Dá-me algum tempo para pensar.

— Com certeza.

Exausto, Ellis estendeu-se no chão frio e fechou os olhos. Um momento depois estava a dormir.



## CAPÍTULO 10

Jean-Pierre andava sem rumo pelos campos banhados pelo luar, mergulhado na mais profunda depressão. Uma semana antes sentira-se realizado e feliz, senhor da situação, a fazer um trabalho útil enquanto aguardava a sua grande oportunidade. Agora estava tudo acabado, sentia-se imprestável, um fracasso.

Não havia saída. Analisara muitas vezes as possibilidades, terminando sempre com a mesma conclusão: tinha de deixar o Afeganistão.

A sua utilidade como espião acabara. Não tinha como entrar em contacto com Anatoly; e mesmo que Jane não tivesse destruído o rádio, seria incapaz de deixar a aldeia para se encontrar com o russo, pois ela saberia de imediato o que ele estava a fazer e contaria a Ellis. Poderia ter sido capaz de silenciar Jane (*não penses nisso, nem sequer penses nisso*), mas se alguma lhe coisa acontecesse Ellis haveria de querer saber porquê. Tudo acabava em Ellis. *Gostava de matar o Ellis*, pensou Jean-Pierre, *se tivesse coragem. Mas como? Não tenho armas. O que poderia fazer... cortar-lhe a garganta com um bisturi? Ele é muito mais forte... nunca conseguiria dominá-lo.*

Jean-Pierre refletiu no que correra mal. Ele e Anatoly tinham-se tornado descuidados. Deviam ter-se encontrado num local de onde tivessem uma boa vista de todos os acessos, a fim de saberem com antecedência a aproximação de qualquer pessoa. Mas quem poderia prever que Jane o seguiria? Ele fora vítima de um grande azar: o rapaz ferido era alérgico a penicilina; Jane ouvira Anatoly falar; conseguira reconhecer o sotaque russo; e Ellis aparecera para lhe dar coragem. *Fora azar*, mas os livros de História não recordam os homens que *quase* alcançaram a grandeza. *Fiz o melhor, pai*, pensou ele. Quase pôde ouvir a resposta do pai: *Não me interessa se fizeste o teu melhor, quero apenas saber se foste bem-sucedido ou se fracassaste.*

Aproximava-se da aldeia. Resolveu voltar. Andava a dormir mal, mas não tinha outra coisa a fazer senão ir para a cama. Encaminhou-se para casa.

O facto de ainda ter Jane não era um grande consolo. A descoberta do seu segredo parecia tê-los tornado menos íntimos, e não mais. Uma nova distância surgira entre os dois, apesar de andarem a planear o regresso a casa e até a conversar sobre a nova vida na Europa.

Pelo menos ainda se abraçavam na cama à noite. Era alguma coisa.

Entrou em casa. Esperara encontrar Jane já na cama, mas para sua surpresa ela ainda estava a pé, e falou assim que ele entrou: — Masud mandou um mensageiro. Tens de ir a Astana. O Ellis está ferido.

*Ellis ferido.* O coração de Jean-Pierre bateu mais depressa.

— Como?

— Não é grave. Pelo que disse o mensageiro, acho que ele tem uma bala no traseiro.

— Vou amanhã cedo.

Jane assentiu.

— O mensageiro irá contigo. Poderás voltar ao cair da noite.

— Estou a ver.

Jane certificava-se assim de que ele não tinha qualquer oportunidade de se encontrar com Anatoly. A sua cautela era desnecessária: Jean-Pierre não tinha forma de marcar um encontro. Jane precavia-se contra um perigo menor e descurava um maior. Ellis estava *ferido*. Isso deixava-o *vulnerável*. O que mudava tudo.

Agora, Jean-Pierre podia matá-lo.

Jean-Pierre passou a noite acordado, a pensar naquilo. Imaginou Ellis estendido num colchão sob uma figueira, a ranger os dentes por causa da dor de um osso estilhaçado, talvez muito pálido e fraco da perda de sangue. Viu-se a preparar uma injeção. «Vou aplicar um antibiótico para evitar a infeção da ferida», diria, e injetaria uma dose excessiva de digitalina, que provocaria um ataque cardíaco.

Um ataque cardíaco natural era improvável, mas não impossível num homem de trinta e quatro anos, especialmente alguém que desenvolvera esforços físicos intensos depois de um longo período de trabalho mais ou menos sedentário. De qualquer forma, não haveria inquérito, autópsia ou suspeitas: no Ocidente pensariam com certeza que Ellis fora ferido em combate e morrera dos ferimentos. Ali no vale todos aceitariam o diagnóstico de Jean-Pierre. Confiavam nele tanto como em qualquer um dos lugares-tenentes de Masud — o que era natural, pois sacrificara-se tanto como os outros pela causa, ao que lhes parecia. Apenas Jane ficaria desconfiada. E o que poderia ela fazer?

Jean-Pierre não sabia. Jane era uma adversária formidável quando contava com o apoio de Ellis, mas tornava-se relativamente impotente sozinha. Jean-Pierre poderia até persuadi-la a continuar no vale mais um

ano. Podia prometer que não voltaria a trair as caravanas, depois encontrar um meio de restabelecer o contacto com Anatoly e aguardar a oportunidade de apontar Masud aos russos.

Deu o biberão a Chantal às duas da manhã e voltou para a cama. Nem sequer tentou dormir. Estava demasiado ansioso, excitado e assustado. Deitado, à espera de que o Sol nascesse, pensou em todas as coisas que poderiam correr mal: Ellis podia recusar o tratamento, ele podia aplicar uma dose errada, Ellis podia ter sofrido um mero arranhão e estaria a andar normalmente, Ellis e Masud já podiam ter deixado Astana.

O sono de Jane era perturbado por sonhos. Deu voltas e mais voltas ao lado do marido, murmurando de vez em quando sílabas incompreensíveis. Apenas Chantal dormiu bem.

Jean-Pierre levantou-se pouco antes do amanhecer, acendeu o lume e foi ao rio tomar banho. Ao voltar, o mensageiro já estava no seu pátio, a beber chá feito por Fara e a comer pão do dia anterior. Jean-Pierre bebeu chá, mas não foi capaz de comer nada.

Jane amamentava Chantal no terraço. Jean-Pierre subiu e beijou as duas. Sempre que tocava em Jane lembrava-se de como a esmurrara e sentia-se estremecer de vergonha. Ela parecia ter-lhe perdoado, mas ele não podia perdoar-se.

Conduziu a velha égua pela aldeia e desceu para o rio. Com o mensageiro ao lado, foi seguindo para jusante. Havia uma estrada para Astana, ou aquilo a que no vale se chamava uma estrada: uma faixa de terra rochosa, com dois ou três metros de largura, apropriada para carroças ou jipes militares, mas capaz de destruir um carro comum em poucos minutos. O vale era uma sucessão de gargantas rochosas estreitas, alargando-se a intervalos para formar pequenas planícies cultivadas, com dois ou três quilómetros de comprimento, pouco mais de um quilómetro de largura, onde os aldeões ganhavam um sustento escasso do solo relutante graças a trabalho árduo e irrigação eficiente. A estrada permitia que Jean-Pierre montasse nas descidas. (A égua não era suficientemente forte para que ele a montasse nas subidas.) O vale devia ter sido, no passado, um lugar idílico, pensou ele, enquanto seguia para sul ao sol claro da manhã. Irrigado pelo rio dos Cinco Leões, protegido pelas altas paredes do vale, organizado de acordo com as tradições antigas e intocado, a não ser por um ocasional transportador de manteiga do Nuristão ou um vendedor de fitas proveniente de Cabul, devia ser como um retrocesso à

Idade Média. Agora, o século xx alcançara-o em toda a sua fúria. Quase todas as aldeias haviam sofrido danos provocados por bombas: um moinho de vento destruído, um prado cheio de crateras, um antigo aqueduto de madeira rebentado, uma ponte de pedra reduzida a escombros no rio impetuoso. O efeito de tudo isso sobre a vida económica do vale era evidente sob o escrutínio cuidadoso de Jean-Pierre. Aquela casa era um talho, mas a tábua à frente não mostrava carne alguma. Aquele terreno invadido pelo mato fora outrora uma horta, mas o dono fugira para o Paquistão. Havia um pomar com a fruta a apodrecer no chão, quando devia estar a secar num terraço a fim de ser armazenada para o frio e longo inverno: a mulher e as crianças que cuidavam do pomar tinham morrido, o marido dedicava-se inteiramente à guerrilha. Aquela pilha de terra e pedra fora uma mesquita, e os aldeões resolveram não a reconstruir, pois provavelmente seria bombardeada outra vez. Todo esse desperdício e destruição acontecia porque homens como Masud tentavam resistir à maré da história e enganavam os camponeses ignorantes, persuadindo-os a apoiá-los. Com Masud fora do caminho, tudo aquilo terminaria.

E com Ellis fora do caminho, Jean-Pierre poderia tratar de Masud.

Perguntou-se, ao aproximarem-se de Astana por volta de meio-dia, se teria alguma dificuldade em espetar a agulha. A ideia de matar um doente era tão grotesca que não sabia como reagir. Já vira pacientes morrer, é claro, mas sentia-se sempre pesaroso por não ter podido salvá-los. Quando tivesse Ellis desamparado à sua frente, e a seringa na mão, seria torturado pela dúvida, como Macbeth, ou hesitaria, como Raskolnikov em *Crime e Castigo*?

Passaram por Sangana, com o seu cemitério e a sua praia arenosa, depois seguiram a estrada por uma curva do rio. Havia um trecho de terra cultivada à frente e um grupo de casas na encosta. Um ou dois minutos depois um rapaz de onze ou doze anos atravessou os campos ao seu encontro e conduziu-os não para a aldeia na colina mas para uma casa grande à beira da terra cultivada.

Jean-Pierre não tinha dúvidas, nem hesitações; apenas uma apreensão ansiosa, como antes de um exame importante.

Tirou a mala da égua, entregou as rédeas ao rapaz e entrou no pátio da casa.

Vinte ou mais guerrilheiros estavam espalhados por ali, acorados, a olhar para o espaço, à esperando com uma paciência de aborígene. Jean-

Pierre olhou em volta e constatou que Masud não estava ali, mas viu dois dos seus principais ajudantes. Ellis estava a um canto sombreado, deitado sobre uma manta.

Jean-Pierre ajoelhou-se ao seu lado. Era evidente que Ellis sentia dores por causa da bala. Estava deitado de barriga para baixo, o rosto contraído, a ranger os dentes. A pele estava pálida e tinha gotas de suor na testa. A respiração parecia laboriosa.

— Dói muito? — indagou Jean-Pierre, em inglês.

— E como! — respondeu Ellis, entre dentes.

Jean-Pierre puxou o lençol que o cobria. Os guerrilheiros tinham-lhe cortado as roupas e aplicado um penso improvisado na ferida. Jean-Pierre tirou-o. Percebeu de imediato que o ferimento não era grave. Ellis sangrara muito e a bala ainda alojada no músculo devia doer, mas não atingira qualquer osso ou vasos sanguíneos maiores; sararia depressa.

*Não, não vai sarar*, lembrou Jean-Pierre a si mesmo. *Não vai sarar nada.*

— Vou dar-te primeiro algo para aliviar a dor.

— Agradeço — murmurou Ellis.

Jean-Pierre viu que Ellis tinha uma cicatriz enorme nas costas, em forma de cruz, e interrogou-se como a arranjava.

*Nunca saberei*, refletiu.

Abriu a mala. *Vou matá-lo agora*, pensou. *Nunca matei ninguém, nem mesmo por acidente. Como é ser um assassino? Há pessoas a fazer isto todos os dias: homens matam mulheres, mulheres matam os filhos, assassinos matam políticos, assaltantes matam os donos das casas, carrascos matam condenados.* Pegou numa seringa grande e começou a enchê-la com digitoxina: a droga vinha em frascos pequenos e tinha de esvaziar quatro para obter uma dose letal.

Como seria observar Ellis a morrer? O primeiro efeito da droga seria a aceleração dos batimentos cardíacos. Ellis sentiria isso, ficaria ansioso e incomodado. Depois, quando o veneno afetasse o ritmo do coração, teria batimentos extras, um pequeno depois de cada normal, e iria sentir-se nauseado. Os batimentos acabariam por se tornar completamente irregulares, as cavidades superiores e inferiores do coração bateriam de forma independente, e Ellis morreria em agonia e terror. *O que farei*, pensou Jean-Pierre, *quando ele gritar de dor e me pedir, ao médico, que o ajude? Deixarei que ele saiba que o quero morto?irá adivinhar que o*

*envenenei? Direi palavras reconfortantes, tentarei atenuar a angústia da sua morte? Descontrai-te, é apenas o efeito secundário normal do analgésico, vai tudo correr bem.*

A injeção estava pronta.

*Consigo fazer isto,* compreendeu Jean-Pierre. *Posso matá-lo. Só não sei o que me acontecerá depois.*

Destapou a parte superior do braço de Ellis e, por pura força do hábito, esfregou na zona um algodão embebido álcool.

Masud chegou nesse momento.

Jean-Pierre não o ouvira aproximar-se e por isso teve a impressão de que ele surgira do nada, o que lhe provocou um sobressalto. Masud pôs a mão no seu ombro.

— Preguei-lhe um susto, *Monsieur le docteur*. — Ajoelhou-se junto à cabeça de Ellis, e acrescentou, em francês, para o ferido: — Pensei muito na proposta do Governo americano.

Jean-Pierre ficou paralisado com a seringa na mão direita. Que proposta? Que diabo era aquilo? Masud falava abertamente, como se Jean-Pierre fosse um dos seus companheiros — o que, de certa forma, era verdade —, mas Ellis... Ellis podia sugerir que conversassem em particular.

Ellis soergueu-se num cotovelo, com bastante esforço. Jean-Pierre prendeu a respiração, mas tudo o que Ellis disse foi: — Continua.

*Ele está demasiado exausto,* pensou Jean-Pierre, *e tem demasiadas dores, não consegue pensar em precauções; além do mais, assim como Masud, não tem motivo para desconfiar de mim.*

— É boa — declarou Masud —, mas tenho-me perguntado como posso cumprir a minha parte do acordo.

*Mas é claro!,* pensou Jean-Pierre. *Os americanos não mandaram para cá um dos mais importantes agentes da CIA só para ensinar alguns guerrilheiros a fazer explodir pontes e túneis. Ellis está aqui para fazer um acordo.*

— O plano de treinar homens de outras regiões deve ser explicado aos diversos comandantes — continuou Masud. — O que será bastante difícil. Ficarão desconfiados... especialmente se eu apresentar a proposta. Acho que *tu* é que deves fazer isso e contar-lhes o que o teu Governo oferece.

Jean-Pierre estava totalmente absorto na conversa. Um plano para treinar homens de outras áreas! Mas qual era a ideia por trás?

Ellis falou com alguma dificuldade.

— Teria o maior prazer em fazer isso, mas terias de os juntar.

— Sim. — Masud sorriu. — Convocarei uma conferência de todos os líderes da resistência, aqui, no vale dos Cinco Leões, na aldeia de Darg, dentro de oito dias. Despacharei os mensageiros hoje, com a informação de que um representante do Governo dos Estados Unidos está aqui para discutir o fornecimento de armas.

Uma conferência! Fornecimento de armas! Os contornos do acordo estavam a tornar-se claros para Jean-Pierre, mas o que deveria fazer?

— Eles virão? — perguntou Ellis.

— Muitos virão — respondeu Masud. — Os nossos camaradas dos desertos ocidentais não vão aparecer... é demasiado longe e não nos conhecem.

— E os dois que queremos especialmente, Kamil e Azizi?

Masud encolheu os ombros.

— Está nas mãos de Deus.

Jean-Pierre tremia de nervosismo. Aquele seria o acontecimento mais importante na história da resistência afegã.

Ellis estava a mexer na mochila, que se encontrava no chão, perto da sua cabeça.

— Posso ajudar-te a persuadir Kamil e Azizi. — Tirou dois pacotes pequenos e abriu um. Continha um pedaço retangular de metal amarelo. — Ouro. Cada um destes vale cinco mil dólares. Era uma fortuna: cinco mil dólares representavam mais do que o rendimento de dois anos de um afegão médio.

Masud pegou na barra e segurou-a na mão.

— O que é isto? — perguntou, apontando para uma figura gravada no meio do retângulo.

— O selo do Presidente dos Estados Unidos — explicou Ellis.

*Que inteligente, pensou Jean-Pierre. O tipo de coisa que pode impressionar os líderes tribais e os deixará com uma curiosidade irresistível de conhecer o Ellis.*

— Isso ajudará a persuadir Kamil e Azizi? — insistiu Ellis.

Masud anuiu.

— Acho que eles virão.

*Podes apostar a tua vida em como virão, pensou Jean-Pierre.*

De repente soube exatamente o que tinha de fazer. Masud, Kamil e Azizi, os três grandes líderes da resistência, estariam juntos na aldeia de Darg, dentro de oito dias.

Tinha de avisar Anatoly.

Depois Anatoly podia matá-los a todos.

*É isto, refletiu Jean-Pierre, é este o momento por que tenho esperado desde que cheguei ao vale. Tenho Masud onde quero... e agora também mais dois líderes rebeldes.*

*Mas como posso avisar Anatoly?*

*Tem de haver um meio.*

— Uma cimeira — comentou Masud, sorrindo, orgulhoso. — Será um bom começo para a nova união da resistência, não é verdade?

*Ou isso ou o princípio do fim*, pensou Jean-Pierre. Baixou a mão, apontando a agulha para o chão, e comprimiu o êmbolo, esvaziando a seringa. Viu o veneno ser absorvido pela terra. Um novo começo ou o princípio do fim.

Jean-Pierre deu um anestésico a Ellis, extraiu a bala, limpou o ferimento, pôs um novo penso e injetou-lhe um antibiótico para evitar a infecção. Cuidou também de dois guerrilheiros que haviam sofrido ferimentos menores na escaramuça. Por aquela altura, já se espalhara pela aldeia a notícia de que o médico estava ali, e os pacientes agrupavam-se no pátio. Jean-Pierre tratou de um bebé com bronquite, três pequenas infecções e um mulá com parasitas intestinais. A seguir, almoçou. A meio da tarde arrumou a mala e subiu para o dorso de *Maggie* para a viagem de regresso.

Deixou Ellis para trás. Seria muito melhor para Ellis continuar onde estava durante mais alguns dias, pois o ferimento sararia mais depressa se ele ficasse em repouso. Jean-Pierre sentia-se agora paradoxalmente desejoso de que Ellis permanecesse de boa saúde, já que a cimeira seria cancelada se ele morresse.

Enquanto subia pelo vale, na velha égua, Jean-Pierre dava volta à cabeça para encontrar um meio de entrar em contacto com Anatoly. Claro que podia simplesmente dar a volta e descer o vale até Rokha, e ali entregar-se aos russos. Desde que não fosse fuzilado assim que o vissem, estaria em pouco tempo na presença de Anatoly, mas Jane saberia para onde ele fora e o que fizera, contaria a Ellis, que prontamente mudaria o local e a data da conferência.



Precisava de arranjar forma de enviar uma carta a Anatoly. Mas quem a levaria?

Havia um tráfego constante de pessoas pelo vale a caminho de Charikar, a cidade ocupada pelos russos na planície, a mais de cem quilómetros de distância, ou de Cabul, a capital, a cento e cinquenta. Eram leiteiros do Nuristão a transportar manteiga e queijo, mercadores ambulantes a vender panelas e outros utensílios, pastores a conduzir pequenos rebanhos de ovelhas ao mercado, famílias de nómadas empenhadas nas suas misteriosas atividades. Qualquer um deles poderia ser subornado para levar uma carta a um posto dos correios ou simplesmente entregá-la a um soldado russo. Cabul ficava a três dias de viagem, Charikar a dois. Rokha, onde havia soldados russos, mas nenhum posto de correios, ficava a apenas um dia de viagem. Jean-Pierre estava convencido de que conseguiria encontrar alguém que aceitaria a missão. Havia o perigo, claro, de a carta poder ser aberta e lida e Jean-Pierre ser descoberto, torturado e morto. Ele podia ter estado disposto a correr esse risco, mas havia outro problema. Depois de receber o dinheiro, o mensageiro entregaria a carta? Não havia qualquer garantia de que ele não a «perderia» pelo caminho. Jean-Pierre podia nunca saber o que acontecera. O plano era demasiado *inseguro*.

Ainda não encontrara uma solução quando chegou a Banda, ao anoitecer. Jane estava no terraço da casa, a aproveitar a brisa vespertina, com Chantal nos joelhos. Jean-Pierre acenou-lhes, entrou em casa e pôs a mala no balcão ladrilhado. Foi quando a esvaziava, ao ver os comprimidos de diamorfina, que compreendeu que havia uma pessoa a quem poderia confiar a carta para Anatoly.

Encontrou um lápis na mala. Tirou o papel de embalagem das bolas de algodão e rasgou um retângulo — no vale não havia papel onde escrever. Escreveu em francês: «Para o coronel Anatoly, KGB...»

Parecia estranhamente melodramático, mas não sabia de que outra forma começar. Não conhecia o nome inteiro de Anatoly e não dispunha de uma morada. E continuou: «Masud convocou uma reunião dos líderes rebeldes. Irão encontrar-se daqui a oito dias, na quinta-feira, 27 de agosto, em Darg, a aldeia mais próxima a sul de Banda. Provavelmente todos dormirão na mesquita naquela noite e passarão juntos a sexta-feira, que é dia santo. A conferência foi promovida para que todos possam conversar

com um agente da CIA meu conhecido chamado Ellis Thaler e que chegou ao vale há uma semana. Esta é a nossa grande oportunidade!»

Acrescentou a data e assinou «Simplex».

Não tinha envelope — não via nenhum desde que deixara a Europa. Tentou imaginar qual seria a melhor maneira de cobrir a carta. Olhando em volta, viu uma caixa com recipientes de plástico para distribuir comprimidos. Vinham com rótulos adesivos que Jean-Pierre nunca usava, porque não conhecia os caracteres persas. Enrolou a carta num cilindro e enfiou-a num dos recipientes.

Perguntou-se como o endereçar. Em algum lugar do caminho, a mensagem passaria por um soldado russo. Jean-Pierre imaginou um burocrata de óculos, muito nervoso, num escritório frio, ou talvez uma sentinela idiota, postada à frente de uma cerca de arame farpado. Sem dúvida que a arte de contrabandear pequenas coisas estava tão desenvolvida no exército soviético como no francês na altura em que Jean-Pierre cumprira o serviço militar. Pensou na maneira de fazer a coisa parecer bastante importante para ser entregue a um superior. Não fazia sentido escrever «Importante», «KGB» ou qualquer outra coisa em francês, inglês ou mesmo dari, pois o soldado não seria capaz de ler letras europeias ou persas. Jean-Pierre, por sua vez, não sabia cirílico. Era irónico que a mulher no terraço, cuja voz ele podia ouvir a entoar uma canção de embalar, falasse russo com fluência e, se quisesse, podia dizer-lhe como escrever qualquer coisa. Por fim, escreveu «Anatoly — KGB», em caracteres latinos, colou o rótulo no recipiente, colocou-o numa caixa vazia de medicamentos que tinha o aviso *Veneno!* em quinze línguas diferentes e três símbolos internacionais. Amarrou a caixa com um cordel.

Agindo com rapidez, guardou tudo na mala médica e substituiu as coisas que usara em Astana. Pegou num punhado de comprimidos de diamorfina e meteu-os no bolso da camisa. Por fim, envolveu a caixa *Veneno!* com uma toalha puída.

Saiu de casa.

— Vou lavar-me ao rio — gritou a Jane.

— Está bem.

Atravessou depressa a aldeia, acenando com a cabeça bruscamente a uma ou duas pessoas, e atravessou os campos. Sentia um grande otimismo. Havia muitos riscos inerentes ao seu plano, mas podia outra vez acalentar a esperança de um grande triunfo. Contornou um campo de trevo que

pertencia ao mulá e desceu uma série de socacos. A cerca de quilómetro e meio da aldeia, num afloramento rochoso na encosta, havia uma cabana solitária que fora bombardeada. Estava a escurecer quando Jean-Pierre se aproximou. Foi avançando devagar, com cautela pelo terreno irregular, lamentando não ter trazido uma lanterna.

Parou diante da pilha de escombros que fora outrora a frente da casa. Pensou entrar, mas foi dissuadido pelo cheiro e pela escuridão.

— Ei! — chamou.

Um vulto informe mexeu-se no chão, assustando-o. Ele deu um salto para trás, praguejando.

O *malang* levantou-se.

Jean-Pierre fitou o rosto esquelético e a barba emaranhada do louco.

— Deus esteja contigo, homem santo — disse em dari depois de recuperar o controlo.

— E contigo, doutor.

Jean-Pierre apanhara-o numa fase coerente. Ótimo.

— Como está a tua barriga?

O homem indicou por gestos que tinha dores: como sempre, queria drogas. Jean-Pierre deu-lhe um comprimido de diamorfina, deixando-o ver os outros, antes de os guardar no bolso.

O *malang* ingeriu a sua heroína.

— Quero mais — disse.

— Podes ter mais — respondeu Jean-Pierre. — Muito mais.

O homem estendeu a mão.

— Mas tens de fazer uma coisa por mim — acrescentou Jean-Pierre.

O louco assentiu, ansiosamente.

— Tens de ir a Charikar e entregar isto a um soldado russo.

Jean-Pierre optara por Charikar, apesar de envolver mais um dia de viagem, porque temia que em Rokha, sendo uma cidade rebelde temporariamente ocupada pelos russos, pudesse reinar a confusão, acarretando a perda da mensagem; Charikar, por outro lado, ficava em território russo permanente. Optara por um soldado, em vez de um posto do correio, porque o *malang* talvez não fosse capaz de comprar um selo e despachar alguma coisa.

Observou atentamente o rosto sujo do homem. Perguntara-se se o *malang* compreenderia até aquelas instruções simples, mas a expressão de

medo à menção de um soldado russo indicava que ele entendia perfeitamente.

Haveria alguma forma de Jean-Pierre garantir que o *malang* cumpriria de facto as ordens? Também ele podia deitar fora o pacote e regressar a jurar que realizara a missão, pois se era suficientemente inteligente para compreender o que devia fazer, poderia igualmente mentir a respeito disso.

Jean-Pierre teve uma ideia inspirada.

— E compra um maço de cigarros russos.

O *malang* estendeu as mãos vazias.

— Sem dinheiro.

Jean-Pierre sabia que ele não tinha dinheiro. Deu-lhe cem afeganis. Isso garantiria que ele iria a Charikar. Mas haveria algum meio de o obrigar a entregar o pacote?

— Se fizeres o que estou a pedir-te, dou-te todos os comprimidos que quiseres. Mas não tentes enganar-me... saberei se o fizeres, nunca mais te darei os comprimidos, a tua dor de barriga vai ficar cada vez pior, vais inchar e depois explodir como uma granada, morrendo em agonia. Compreendes?

— Sim.

Jean-Pierre observou-o no lusco-fusco. O branco dos olhos brilhava. O *malang* parecia apavorado. Jean-Pierre entregou-lhe o resto dos comprimidos de diamorfina.

— Toma um todas as manhãs, até voltares a Banda.

O louco assentiu.

— Vai agora e não tentes enganar-me.

O homem virou-se e começou a correr pelo trilho irregular, com o seu gingar esquisito que se assemelhava ao de um animal.

Vendo-o desaparecer na escuridão que se adensava, Jean-Pierre pensou: *O futuro deste país está nas tuas mãos imundas, pobre louco desgraçado. Que Deus te acompanhe.*

Uma semana depois, o *malang* ainda não voltara.

Na quarta-feira, o dia anterior à conferência, Jean-Pierre estava transtornado. A cada hora dizia a si mesmo que o homem poderia chegar na hora seguinte. Ao fim de cada dia, pensava que o veria no outro.

A atividade aérea no vale aumentara, acrescentando um novo fator às preocupações de Jean-Pierre. Durante toda a semana, os aviões a jato

passaram a rugir, indo bombardear outras aldeias. Banda tivera sorte: apenas uma bomba caíra ali e abrira um único e enorme buraco no campo de trevo de Abdullah. No entanto, o barulho e perigo constantes deixavam todos nervosos. A tensão produziu um incremento previsível de pacientes com sintomas de stresse na clínica de Jean-Pierre: abortos espontâneos, acidentes domésticos, vômitos inexplicáveis e dores de cabeça. Eram as crianças que tinham as dores de cabeça. Na Europa, Jean-Pierre teria recomendado a psiquiatria. Ali, encaminhava-as ao mulá. Nem a psiquiatria nem o islão seriam de grande ajuda, pois o problema das crianças era a guerra.

Tratou dos pacientes da manhã de maneira mecânica, fazendo as perguntas de rotina em dari, anunciando o diagnóstico a Jane em francês, aplicando pensos em feridas, dando injeções e distribuindo recipientes de plástico com comprimidos e frasquinhos de medicamentos coloridos. O *malang* devia ter levado dois dias a percorrer a pé o caminho até Charikar. Talvez tivesse precisado de um dia para reunir a coragem de abordar um soldado russo, uma noite para superar o choque, mais dois dias na viagem de regresso. Se arrancasse na manhã seguinte, levaria dois dias de viagem. Devia ter chegado dois dias antes. O que acontecera? Perdera o pacote e preferira manter-se ao largo, a tremer de medo? Tomara todos os comprimidos de uma vez e adoecera? Caíra no rio e afogara-se? Fora usado pelos russos para um exercício de tiro ao alvo?

Jean-Pierre olhou para o relógio de pulso. Eram dez e meia. A qualquer momento o *malang* poderia chegar, trazendo um maço de cigarros russos como prova de que estivera em Charikar. Jean-Pierre perguntou-se por um instante como explicaria o maço a Jane, pois não fumava. Concluiu que não havia necessidade de qualquer explicação para os atos de um lunático.

Estava a ligar um miúdo do vale vizinho, que queimara a mão numa fogueira, quando ouviu lá fora o barulho de passos e saudações, indicando que alguém chegara. Jean-Pierre conteve a ansiedade e continuou a ligar a mão do rapaz. Olhou para trás quando ouviu Jane falar e descobriu, desapontado, que não era o *malang*, mas sim dois estranhos.

— Deus esteja contigo, doutor — disse um deles.

— E contigo também. — A fim de evitar uma troca prolongada de saudações, Jean-Pierre apressou-se a acrescentar: — Qual é o problema?

— Houve um bombardeamento terrível em Skabun. Muitas pessoas morreram e há inúmeros feridos.

Jean-Pierre olhou para Jane. Ainda não podia deixar Banda sem a sua autorização, pois Jane receava que ele arranjasse forma de entrar em contacto com os russos, mas era evidente que não podia ter organizado aquela emergência.

— Devo ir? — perguntou a Jane, em francês. — Ou vais tu?

Jean-Pierre não queria realmente ir, pois era provável que isso implicasse passar a noite inteira em Skabun, e estava deseioso de ver o *malang*.

Jane hesitou. Jean-Pierre sabia que ela estava a pensar que se fosse teria de levar Chantal. Além do mais, ela sabia que não estava habilitada para tratar de ferimentos traumáticos.

— A decisão é tua — acrescentou Jean-Pierre.

— Vai tu.

— Está bem. — Skabun ficava a duas horas de viagem. Se trabalhasse depressa e não houvesse muitos feridos, pensou Jean-Pierre, poderia voltar ao anoitecer. — Tentarei voltar ainda esta noite.

Jane aproximou-se e beijou-o no rosto.

— Obrigada.

Ele verificou rapidamente a mala médica: morfina para as dores, penicilina para evitar infeções, seringas e fios de sutura cirúrgicos, uma boa reserva de pensos e ligaduras. Pôs um gorro na cabeça e uma manta aos ombros.

— Não levo a *Maggie* — disse à mulher. — Skabun não é longe e o caminho é péssimo. — Tornou a beijá-la, depois virou-se para os dois mensageiros. — Vamos embora.

Desceram para a aldeia, atravessaram o rio e subiram o trilho íngreme no outro lado. Jean-Pierre pensava no beijo de Jane. Se o seu plano desse certo e os russos matassem Masud, como reagiria? Saberla que ele estivera por trás, mas certamente não o denunciaria. Continuarla a amá-lo? Jean-Pierre queria-a. Desde que viviam juntos sofria cada vez menos das profundas depressões que antes o dominavam regularmente. Pelo simples facto de o amar, Jane fazia-o sentir-se bem, e Jean-Pierre queria isso. No entanto, também queria ter êxito na sua missão. *Creio que quero mais o êxito do que a felicidade, e é por isso que estou disposto a correr o risco de a perder para ter a oportunidade de matar Masud.*

Os três homens foram andando para sudoeste, pelo trilho no alto do penhasco, o rugido do rio a ressoar nos seus ouvidos.

— Quantos mortos? — perguntou Jean-Pierre.

— Muitos — respondeu um dos mensageiros.

Jean-Pierre estava habituado a respostas assim.

Pacientemente, insistiu:

— Cinco? Dez? Vinte? Quarenta?

— Cem.

Jean-Pierre não acreditou, pois não havia tantos habitantes em Skabun.

— Quantos feridos?

— Duzentos.

Era absurdo. *Será que o homem não sabia?*, interrogou-se Jean-Pierre. Ou estava a exagerar, com receio de que o médico resolvesse voltar se indicasse números pequenos? Talvez, simplesmente, não soubesse contar além de dez.

— Que tipo de ferimentos?

— Buracos, cortes e hemorragias.

Pareciam mais ferimentos de batalha. Os bombardeamentos produziam concussões, queimaduras e lesões decorrentes do desmoronamento de casas. Aquele homem era obviamente uma péssima testemunha. Não valia a pena continuar a interrogá-lo.

Três quilómetros além de Banda deixaram o trilho do penhasco e seguiram para norte, por um caminho que Jean-Pierre não conhecia.

— Este é o caminho para Skabun?

— Sim.

Devia ser um atalho que ele nunca descobrira. A direção geral era a mesma.

Poucos minutos depois avistaram uma das pequenas cabanas de pedra em que os viajantes podiam descansar ou passar a noite. Para surpresa de Jean-Pierre, os mensageiros encaminharam-se para a entrada sem porta.

— Não temos tempo para descansar — disse-lhes ele, irritado. — Há feridos à minha espera.

Foi nesse instante que Anatoly saiu da cabana.

Jean-Pierre ficou atordoado. Não sabia se se sentia exultante porque agora poderia falar da conferência a Anatoly ou apavorado com a possibilidade de os afegãos matarem o russo.

— Não se preocupe — disse Anatoly, interpretando a sua expressão. — Eles são soldados do exército regular afegão. Mande-os ir buscá-lo.

— Meu Deus!

Era brilhante. Não houvera qualquer bombardeamento em Skabun. Tudo não passava de um estratagema inventado por Anatoly para atrair Jean-Pierre.

— Amanhã vai acontecer uma coisa da maior importância...

— Já sei, já sei — interrompeu Anatoly. — Recebi a sua mensagem, é por isso que aqui estou.

— Vai matar Masud?

Anatoly sorriu sombriamente, mostrando os dentes manchados de tabaco.

— Mataremos Masud. Acalme-se.

Jean-Pierre compreendeu que estava a comportar-se como uma criança excitada no Natal. Refreou o seu entusiasmo com algum esforço.

— Quando o *malang* não voltou, pensei...

— Ele chegou ontem a Charikar — explicou Anatoly. — Só Deus sabe o que lhe aconteceu pelo caminho. Porque não usou o rádio?

— Partiu-se. — Jean-Pierre não queria explicar o problema de Jane naquele momento. — O *malang* fará qualquer coisa por mim porque lhe forneço heroína, em que é viciado.

Anatoly fitou-o por um momento, e nos seus olhos havia algo semelhante a admiração.

— Ainda bem que está do meu lado.

Jean-Pierre sorriu.

— Quero saber mais — disse Anatoly. Passou um braço pelos ombros de Jean-Pierre, levando-o para o interior da cabana. Sentaram-se no chão de terra. Anatoly acendeu um cigarro e depois perguntou: — Como soube da conferência?

Jean-Pierre falou-lhe de Ellis, do ferimento de bala, da conversa de Masud com o americano quando ele estava prestes a matá-lo, das barras de ouro, do programa de treino e das armas prometidas.

— É fantástico! — comentou Anatoly. — Onde está Masud agora?

— Não sei, mas é provável que chegue hoje a Darg. Ou amanhã, o mais tardar.

— Como sabe?

— Ele convocou a reunião... como pode deixar de comparecer?

Anatoly acenou com a cabeça.

— Descreva o homem da CIA.



— Um metro e oitenta, setenta quilos, louro, olhos azuis, trinta e quatro anos, mas parece um pouco mais velho, educação superior.

— Introduzirei isso tudo no computador.

Anatoly levantou-se. Deixou a cabana e Jean-Pierre seguiu-o. Lá fora, Anatoly tirou do bolso um pequeno rádio transmissor, puxou a antena, premiu um botão e falou em russo. Depois, virou-se para Jean-Pierre.

— Teve êxito na sua missão, meu amigo.

*É verdade*, pensou Jean-Pierre. *Fui bem-sucedido*.

— Quando vão atacar?

— Amanhã, claro.

*Amanhã*. Jean-Pierre experimentou um intenso júbilo. *Já amanhã*.

Os outros olhavam para cima. Ele acompanhou os olhares e viu um helicóptero a descer. Anatoly devia tê-lo convocado pelo transmissor. O russo estava agora a abandonar toda e qualquer cautela: o jogo quase terminara, aquela era a última cartada, o secretismo e os disfarces deviam ser substituídos pela ousadia e pela rapidez. O aparelho pousou, com alguma dificuldade, num pequeno trecho plano, a cem metros de distância.

Jean-Pierre encaminhou-se para o helicóptero com os três outros homens. Não sabia para onde ir depois de eles partirem. Não tinha nada que fazer em Skabun, mas também não podia voltar a Banda imediatamente sem revelar que não encontrara vítimas de um bombardeamento. Concluiu que o melhor era passar algumas horas sentado na cabana de pedra e depois voltar.

Estendeu a mão para Anatoly.

— *Au revoir*.

Anatoly não lhe apertou a mão.

— Entre.

— Como?

— Entre no helicóptero.

Jean-Pierre ficou aturdido.

— Porquê?

— Você vai conosco.

— Para onde? Bagram? Para território russo?

— Sim.

— Mas não posso...

— Cale-se e preste atenção — disse Anatoly, paciente. — Em primeiro lugar, o seu trabalho está feito. A missão no Afeganistão terminou.

Alcançou o seu objetivo. Amanhã acabamos com Masud. Você pode voltar para casa. Em segundo lugar, agora, tornou-se um risco de segurança. Sabe o que planeamos fazer amanhã. Portanto, por uma questão de secretismo, não pode permanecer em território rebelde.

— Mas eu não contaria a ninguém!

— E se o torturassem? E se torturassem a sua mulher à sua frente? E se esquartejassem a sua filha na presença da sua mulher?

— Mas o que lhes acontecerá se eu me for embora?

— Amanhã, no ataque, detemos as duas e levamo-las para junto de si.

— Não posso acreditar nisto.

Jean-Pierre sabia que Anatoly estava certo, mas a ideia de não voltar a Banda era tão inesperada que o deixava desorientado. Jane e Chantal ficariam seguras? Os russos iriam realmente buscá-las? Anatoly deixá-las voltar a Paris? Quando poderiam partir?

— Entre — repetiu Anatoly.

Os dois mensageiros afegãos ladeavam Jean-Pierre e ele compreendeu que não tinha opção: se se recusasse a embarcar, pegá-lo-iam e metê-lo-iam à força no helicóptero.

Entrou no aparelho.

Anatoly e os afegãos embarcaram também e o helicóptero levantou voo. Ninguém fechou a porta.

Enquanto o helicóptero subia, Jean-Pierre teve a sua primeira visão aérea do vale dos Cinco Leões. O rio branco ziguezagueava pela terra parda, fazendo-lhe lembrar a cicatriz de uma antiga facada na testa escura de Shahazai Gul, o irmão da parteira. Avistou a aldeia de Banda, com os seus campos amarelos e verdes, parecendo uma colcha de retalhos. Observou atentamente o cimo da colina em que ficavam as grutas, mas não viu sinais de ocupação: os aldeões tinham escolhido muito bem o seu esconderijo. O helicóptero subiu ainda mais e fez uma volta, e ele deixou de ver Banda. Procurou outros pontos de referência. *Passei um ano da minha vida ali, pensou, e agora nunca mais tornarei a ver a aldeia.* Identificou Darg, com a sua mesquita em cúpula. *Este vale foi o baluarte da resistência, refletiu Jean-Pierre, mas amanhã será um memorial a uma rebelião fracassada. E tudo por minha causa.*

O helicóptero virou para sul e atravessou a montanha, e em poucos segundos o vale desapareceu.

## CAPÍTULO 11

Fara chorou um dia inteiro quando soube que Jane e Jean-Pierre partiriam com a próxima caravana. Sentia um profundo afeto por Jane e adorava Chantal. Jane ficou agradada, mas atrapalhada: às vezes parecia que Fara a preferia à sua própria mãe. Porém, Fara deu a impressão de aceitar a ideia de que Jane se iria embora e no dia seguinte voltara a ser como antes, igualmente dedicada, mas já não desolada.

A própria Jane estava nervosa com a perspectiva da viagem. Do vale ao desfiladeiro de Khyber o percurso era de duzentos e cinquenta quilómetros. Na vinda, a viagem levava catorze dias. Jane tivera bolhas e diarreia, além das inevitáveis dores no corpo. Agora, tinha de fazer a mesma viagem com uma criança de dois meses. Haveria cavalos, mas durante uma boa parte do caminho não seria seguro montá-los, pois as caravanas viajavam pelos trilhos mais íngremes e estreitos nas montanhas, muitas vezes à noite.

Ela improvisou um marsupial de algodão para pendurar ao pescoço e assim transportar Chantal. Jean-Pierre teria de carregar os mantimentos de que precisassem durante o dia, pois cavalos e homens — como Jane aprendera na vinda — avançavam a velocidades diferentes, os cavalos indo mais depressa do que os homens nas subidas e mais devagar nas descidas. Com isso, as pessoas ficavam separadas da bagagem por longos períodos.

Decidir o que levar era o problema que a absorvia naquela tarde, enquanto Jean-Pierre estava em Skabun. Teria de haver material médico essencial — antibióticos, pensos, morfina — que Jean-Pierre guardaria. Podiam ter de levar alguma comida. Na vinda, dispunham de rações ocidentais energéticas, como chocolate, sopas de pacote e chocolate com recheio de menta. Agora, só poderiam levar o que havia no vale: arroz, frutos secos, queijo, pão duro, e tudo o que pudessem comprar pelo caminho. Ainda bem que não tinham de se preocupar com a alimentação de Chantal.

No entanto, a criança representava outros problemas. As mães ali não usavam fraldas; deixavam a parte inferior do bebé descoberta e lavavam a toalha em que ele ficava deitado. Jane achava este sistema muito mais saudável que o ocidental, mas não servia para uma viagem. Fizera três fraldas com panos e improvisara, dos sacos de polietileno dos

medicamentos de Jean-Pierre, uns calções de plástico para Chantal. Teria de lavar uma fralda todas as noites — com água fria, é claro — e tentar secá-la até ao amanhecer. Se não secasse, haveria uma de reserva; e se as duas estivessem húmidas, Chantal sofreria com assaduras. Mas nunca criança alguma morreria de assaduras, pensou ela. A caravana, com toda certeza, não pararia para que uma criança fosse amamentada, dormisse ou mudasse a fralda. Assim, Chantal teria mamar e dormir em movimento, mudando a fralda sempre que surgisse uma oportunidade.

Em alguns aspetos, Jane estava mais resistente do que um ano antes. A pele dos pés tornara-se mais dura e o estômago resistente às bactérias locais mais comuns. As pernas, que tanto tinham doído na viagem de vinda, estavam agora habituadas a andar muitos quilómetros, mas a gravidez parecia tê-la deixado propensa a dores nas costas, e preocupava-a a perspectiva de carregar uma criança o dia inteiro. O corpo parecia já ter recuperado do trauma do parto. Sentia que seria capaz de fazer amor, mas não o dissera a Jean-Pierre — não sabia porquê.

Tirara muitas fotografias quando chegara, com a sua máquina *Polaroid*. Deixaria ficar a máquina — era barata —, mas levaria a maior parte das fotografias. Analisou-as, tentando decidir quais deitaria fora. Tinha fotografias da maioria dos aldeões. Ali estavam os guerrilheiros, Mohammed, Alishan, Kahmir e Matullah, em poses ridiculamente heroicas e de ar ameaçador. Ali estavam as mulheres, a voluptuosa Zahara, a velha e encarquilhada Rabia, Halima de olhos escuros, todas a rir como colegiais. Ali estavam as crianças: as três filhas de Mohammed, o seu filho, Mousa; os filhos de Zahara, de dois, três, quatro e cinco anos; e as quatro crianças do mulá. Não conseguia deitar nenhuma fora: levaria todas.

Estava a arrumar as roupas num saco enquanto Fara varria o chão e Chantal dormia no quarto ao lado. Haviam descido mais cedo das grutas, a fim de preparar tudo. No entanto, não havia muita coisa para arrumar: além das fraldas de Chantal, umas cuecas lavadas para ela e outras para Jean-Pierre e um par de meias de reserva para cada um. Nenhum levaria uma muda de roupa. Chantal não tinha roupa, de qualquer maneira, pois vivia com um xaile ou nua. Para Jane e Jean-Pierre, um par de calças, uma camisa, um lenço para a cabeça e uma manta seriam suficientes para toda a viagem, e provavelmente queimariam tudo num hotel em Peshawar, celebrando o seu regresso à civilização.

Esse pensamento iria dar-lhe forças para a viagem. Lembrava-se vagamente de ter pensado que o Dean's Hotel em Peshawar era primitivo, mas era difícil recordar qual era o problema. Seria *possível* que se tivesse queixado de que o ar condicionado fazia muito barulho? Mas o hotel tinha um *duche*, pelo amor de Deus!

— Civilização — disse em voz alta. Fara fitou-a, com uma expressão inquisitiva. Jane sorriu e acrescentou, em dari: — Estou feliz porque vou voltar para uma cidade grande.

— Gosto da cidade grande — disse Fara. — Estive uma vez em Rokha. — Continuou a varrer, enquanto acrescentava, com um tom de inveja: — O meu irmão foi a Jalalabade.

— Quando voltará?

Contudo, Fara ficara aturdida e embaraçada, e depois de um momento Jane compreendeu o motivo: do pátio vinha o som de um assobio e passos de homem. Bateram à porta.

— Está alguém em casa? — perguntou a voz de Ellis Thaler.

— Entra — disse Jane.

Ele entrou a coxear. Embora já não estivesse interessada nele em termos amorosos, Jane sentira-se preocupada com o seu ferimento. Ellis ficara a recuperar em Astana. Devia ter voltado naquele dia.

— Como te sentes, Ellis?

— Como um idiota — respondeu ele, com um sorriso triste. — É embaraçoso levar um tiro neste sítio.

— Se só sentes embaraço, então deves estar melhor.

Ele assentiu.

— O doutor está?

— Foi a Skabun. Houve um bombardeamento e mandaram chamá-lo. Alguma coisa que eu possa fazer?

— Só queria dizer-lhe que a minha convalescença terminou.

— O Jean-Pierre volta ainda esta noite ou amanhã de manhã. — Jane observava Ellis atentamente: com o cabelo louro e a barba encaracolada parecia um leão. — Porque não cortas o cabelo? — Os guerrilheiros disseram-me para o deixar crescer e não fazer a barba.

— Recomendam sempre isso. O objetivo é levar os ocidentais a não chamarem tanta atenção. No teu caso, porém, o efeito é precisamente o inverso.

— Chamarei sempre a atenção neste país, com cabelo comprido ou curto.

— Tens razão.

Ocorreu a Jane que aquela era a primeira vez que se encontrava com Ellis sem a presença de Jean-Pierre, e tinham retomado com facilidade o seu antigo estilo de conversa. Era difícil lembrar-se de como ficara furiosa com ele.

Ellis olhava para os sacos, curioso.

— Para que é isso?

— Para a viagem de regresso.

— Como tencionas viajar?

— Com uma caravana, tal como viemos.

— Os russos apoderaram-se de muito território durante os últimos dias. Não sabias?

Jane sentiu um calafrio de apreensão.

— O que estás a dizer-me?

— Lançaram a sua ofensiva de verão e avançaram por muitas zonas pelas quais as caravanas normalmente passam.

— Estás a dizer que o caminho para o Paquistão foi fechado?

— O caminho regular sim. Não é possível ir daqui ao desfiladeiro de Khyber, mas pode haver outros caminhos...

Jane viu o sonho de voltar para casa desvanecer-se.

— Ninguém me disse nada! — exclamou, furiosa.

— O Jean-Pierre não devia saber. Tenho falado muito com Masud e por isso estou mais bem informado.

— Sim — murmurou Jane, sem olhar para ele.

Talvez Jean-Pierre realmente não soubesse. Ou talvez soubesse, mas não lhe contara porque não queria voltar à Europa. Qualquer que fosse o caso, ela não aceitaria a situação. Primeiro, tinha de confirmar se Ellis estava certo, depois procuraria uma forma de resolver o problema.

Foi até à arca de Jean-Pierre e tirou os mapas americanos do Afeganistão. Estavam enrolados num cilindro e presos com um elástico. Impaciente, Jane rebentou o elástico e deixou os mapas caírem no chão. No fundo da sua mente, uma voz disse: «Esse devia ser o único elástico num raio de cem quilómetros.»

*Acalma-te*, disse a si mesma.

Ajoelhou-se no chão e começou a examinar os mapas. Estavam numa escala bastante grande, portanto teve de juntar vários para abranger todo o território entre o vale e o desfiladeiro de Khyber. Ellis espreitou por cima do seu ombro.

— Esses mapas são excelentes — comentou ele. — Onde os arranjaste?

— O Jean-Pierre trouxe-os de Paris.

— São melhores do que os de Masud.

— Eu sei. O Mohammed usa-os sempre para planejar o caminho das caravanas. Muito bem, mostra-me até onde os russos avançaram.

Ellis ajoelhou-se no tapete, ao seu lado, e traçou uma linha pelo mapa com o dedo.

Jane sentiu um ímpeto de esperança.

— Não me parece que o desfiladeiro de Khyber esteja isolado. Porque não podemos ir por aqui?

Ela traçou uma linha imaginária pelo mapa, um pouco a norte da frente russa.

— Não sei se isso é uma estrada — respondeu Ellis. — Pode ser intransponível. Teriam de perguntar aos guerrilheiros. Mas há um outro problema: as informações de Masud têm pelo menos um ou dois dias, e os russos continuam a avançar. Um vale ou desfiladeiro pode estar aberto num dia e fechado no seguinte.

— Raios! — Ela *não* seria derrotada. Inclinou-se para o mapa e examinou com toda a atenção a zona fronteira. — Olha, o desfiladeiro de Khyber não é a única passagem.

— Um rio corre pela fronteira, com montanhas no lado afegão. Talvez só se possa chegar a esses outros desfiladeiros pelo sul... ou seja, através de território ocupado pelos russos.

— Não vale a pena especular. — Jane reuniu os mapas e enrolou-os. — Alguém deve *saber*.

— Tens razão.

Ela levantou-se.

— Tem de haver mais de uma saída deste maldito país.

Pondo os mapas debaixo do braço, saiu, deixando Ellis ajoelhado no tapete.

As mulheres e as crianças tinham voltado das grutas e a aldeia ressuscitara. O fumo das fogueiras erguia-se por cima dos muros dos pátios. À frente da mesquita, cinco crianças sentavam-se em círculo,

empenhadas num jogo chamado (sem qualquer razão aparente) «Melão». Era um jogo de contar histórias, em que o contador parava antes do final e a criança seguinte tinha de continuar. Jane avistou Mousa, o filho de Mohammed, sentado no círculo, usando no cinto a faca de aparência ameaçadora que o pai lhe dera depois do acidente com a mina. Mousa estava a contar a história e Jane ouviu as suas palavras: — ... e o urso tentou arrancar a mão do rapaz com uma dentada, mas o rapaz pegou na sua faca...

Dirigiui-se a casa de Mohammed. Talvez ele não estivesse; Jane não o via há muito tempo, mas como em todas as típicas famílias afegãs, ele vivia com os irmãos, que também eram guerrilheiros (todos os jovens em boas condições físicas o eram), e se eles lá estivessem poderiam dar-lhe alguma informação.

Ela hesitou diante da casa. Segundo o costume local, deveria parar no pátio e falar com as mulheres, que estariam a preparar o jantar; depois de uma troca de cortesias, a mulher mais velha poderia entrar na casa para indagar se os homens condescenderiam em falar com Jane. Ela ouviu a voz da mãe: «Não dê espetáculo!»

— Vai para o inferno, mãe! — exclamou alto.

Jane entrou, ignorando as mulheres no pátio, e foi direita à sala da frente da casa, onde os homens passavam o tempo.

Encontravam-se ali três: Kahmir Khan, o irmão de dezoito anos de Mohammed, com um rosto bonito e uma barba rala; o seu cunhado Matullah; e o próprio Mohammed. Era insólito haver tantos guerrilheiros na casa. Todos a fitaram, surpreendidos.

— Deus esteja contigo, Mohammed Khan. — Sem esperar pela resposta, Jane acrescentou: — Quando voltaste?

— Hoje — respondeu ele, automaticamente.

Ela acorrou-se como os homens. Eles estavam demasiado aturdidos para dizer qualquer coisa. Jane abriu os mapas no chão. Os três homens inclinaram-se para a frente, num reflexo, observando-os; já estavam a esquecer-se de que Jane violara a etiqueta.

— Os russos avançaram até aqui... é verdade?

Traçou a linha que Ellis indicara.

Mohammed assentiu.

— Então a rota regular das caravanas está bloqueada.

Mohammed tornou a assentir.



— Qual é o melhor caminho para sair?

Todos pareciam em dúvida e abanaram a cabeça. Era uma atitude normal: diante de uma dificuldade, gostavam de dar a impressão de que o problema era muito mais árduo. Jane achava que se comportavam assim porque o seu conhecimento local era o único poder de que dispunham sobre estrangeiros como ela. Geralmente, Jane era tolerante, mas naquele dia não estava com paciência.

— Porque não este caminho? — perguntou, traçando uma linha paralela à frente russa.

— Demasiado perto dos russos — respondeu Mohammed.

— E este? — Jane indicou uma rota mais cautelosa, acompanhando os contornos da terra.

— Não.

— Porque não?

— Aqui... — Mohammed apontou para um ponto no mapa, entre dois vales, onde Jane passara o dedo por uma cordilheira. — Aqui não há sela.

Uma sela era um desfiladeiro. Jane traçou um percurso mais a norte.

— E este caminho?

— Pior ainda.

— Mas *tem* de haver outra saída! — Jane tinha a impressão de que eles se divertiam com a sua frustração. Resolveu dizer alguma coisa um pouco ofensiva, a fim de os estimular. — Este país é uma casa com uma só porta, isolado do resto do mundo só porque não se consegue chegar ao desfiladeiro de Khyber? — A expressão casa com uma só porta era um eufemismo para latrina.

— Claro que não — respondeu Mohammed, empertigando-se. — No verão existe o Trilho da Manteiga.

— Mostra-me.

O dedo de Mohammed traçou uma rota complexa que partia para leste do vale, passando por uma sucessão de desfiladeiros elevados e leitos de rios secos, virando depois para norte para os Himalaias e atravessando a fronteira perto do desabitado corredor de Waikhan, antes de virar para sudeste, até à cidade paquistanesa de Chitral.

— É assim que o povo do Nuristão leva a sua manteiga, iogurte e queijo para o mercado no Paquistão. — Ele sorriu e tocou no gorro redondo. — E é onde compramos os chapéus.

Jane recordou-se de que aqueles chapéus eram conhecidos como *chitralis*.

— Ótimo — disse ela. — Voltaremos para casa por esse caminho.

Mohammed abanou a cabeça.

— Não podes.

— Porque não?

Kahmir e Matullah sorriam com um ar superior. Jane ignorou-os.

— O primeiro problema é a altitude — disse Mohammed ao fim de algum tempo. — Esse caminho está acima da linha do gelo, o que significa que a neve nunca derrete e não há água corrente, nem sequer no verão. O segundo é o terreno. Os montes são muito íngremes e os trilhos estreitos e traiçoeiros. É difícil encontrar o caminho. Os próprios guias locais podem perder-se. Porém, o pior de todos os problemas é o povo. A região chama-se Nuristão, mas já foi conhecida como Kafiristão, porque os habitantes não eram crentes e bebiam vinho. Agora são verdadeiros crentes, mas ainda roubam, enganam e às vezes matam os viajantes. Esse caminho não é bom para os europeus, impossível para as mulheres. Só os homens mais jovens e mais fortes podem percorrê-lo... e mesmo assim muitos são mortos.

— Mandarás caravanas por lá?

— Não. Vamos esperar até que a rota do Sul seja reaberta.

Jane estudou o seu rosto bonito. Compreendeu que ele não estava a exagerar. Levantou-se e começou a arrumar os mapas. Sentia um desapontamento profundo. O regresso estava adiado por tempo indefinido. A tensão da vida no vale parecia subitamente insuportável, e ela tinha vontade de chorar. Enrolou os mapas e forçou-se a ser educada.

— Estiveste ausente muito tempo — disse ela a Mohammed.

— Fui a Faizabade.

— Uma longa viagem. — Faizabade era uma cidade relativamente grande a norte. A resistência local era muito forte: o exército amotinara-se e os russos nunca recuperaram o controlo. — Não estás cansado?

Era uma pergunta formal, tal como «Como estás?» no Ocidente. Mohammed deu a resposta formal: — Ainda estou vivo.

Ela enfiou o rolo de mapas debaixo do braço e saiu.

As mulheres no pátio fitaram-na receosas quando passou. Jane acenou com a cabeça a Halima, a mulher de olhos escuros de Mohammed, recebendo em resposta um meio sorriso nervoso.

Os guerrilheiros andavam a fazer muitas viagens ultimamente. Mohammed fora a Faizabade, o irmão de Fara viajara para Jalalabade... Jane recordou que uma das suas pacientes, uma mulher de Dasht-i-Rewat, comentara que o marido fora enviado a Pagman, perto de Cabul. E Yussuf Gul, o cunhado de Zahara, irmão do seu falecido marido, seguira para o vale Logar, no outro lado de Cabul. Todos os quatro lugares eram baluartes rebeldes.

Alguma coisa estava a acontecer.

Jane esqueceu o desapontamento por um momento, enquanto tentava imaginar o que seria. Masud enviara mensageiros a muitos outros comandantes da resistência, talvez mesmo a todos. Seria uma coincidência que isso acontecesse logo depois da chegada de Ellis ao vale? Se não fosse, o que estaria Ellis a tramar? Talvez os Estados Unidos quisessem colaborar com Masud na organização de uma ofensiva conjunta. Se todos os rebeldes agissem em cooperação, poderiam conseguir alguma coisa, talvez mesmo capturar Cabul temporariamente.

Jane entrou em casa e largou os mapas na arca. Chantal ainda dormia. Fara preparava o jantar: pão, iogurte e maçãs.

— Porque foi o teu irmão a Jalalabade? — perguntou ela.

— Foi mandado — respondeu Fara, com o ar de alguém que anuncia o óbvio.

— Quem o mandou?

— Masud.

— Para quê?

— Não sei. — Fara parecia espantada por Jane formular tal pergunta: como podia ser tão tola a ponto de pensar que um homem contaria à irmã o motivo de uma viagem?

— Ele tinha alguma coisa para fazer lá, levou uma mensagem, ou quê?

— Não sei — repetiu Fara, começando a parecer nervosa.

— Não interessa — disse Jane, sorrindo.

Entre todas as mulheres da aldeia, Fara era a que tinha menos possibilidade de saber o que estava a acontecer. E quem teria mais? Zahara, claro.

Jane pegou numa toalha e seguiu para o rio.

Zahara já não estava de luto pelo marido, embora se mostrasse muito menos exuberante do que antes. Jane perguntou-se quando tornaria ela a casar-se. Zahara e Ahmed tinham formado o único casal que Jane

conhecera que parecia estar realmente apaixonado. Contudo, Zahara era uma mulher extremamente sensual e teria dificuldade em viver sem um homem durante muito tempo. O irmão mais novo de Ahmed, Yussuf, o cantor, vivia na mesma casa que Zahara e ainda era solteiro, com dezoito anos; as mulheres da aldeia insinuavam que Yussuf poderia casar-se com Zahara.

Os irmãos viviam juntos; as irmãs eram sempre separadas. Uma noiva ia viver com o marido na casa dos pais dele. Era apenas uma das maneiras pelas quais os homens do país oprimiam as suas mulheres.

Jane avançou mais depressa pelo trilho através dos campos. Alguns homens trabalhavam à pouca luz do crepúsculo. A colheita estava a terminar. Muito em breve seria tarde de mais para seguir o Trilho da Manteiga: Mohammed explicara que era um caminho que só existia no verão.

Chegou à praia das mulheres. Oito ou dez banhavam-se no rio ou em poças na margem. Zahara encontrava-se no meio da correnteza, a chapinhar como sempre, mas sem rir nem gracejar.

Jane largou a toalha e entrou na água. Resolveu ser um pouco menos direta com Zahara do que tinha sido com Fara. Claro que não poderia enganar Zahara, mas tentaria dar a impressão de que estava apenas a comentar, não a fazer um interrogatório. Não se aproximou de Zahara imediatamente. Quando as outras mulheres saíram da água, ela esperou mais um ou dois minutos e foi secar-se em silêncio. Só quando Zahara e algumas outras mulheres começaram a voltar para a aldeia é que Jane falou.

— Quando irá voltar Yussuf? — perguntou ela a Zahara, em dari.

— Hoje ou amanhã. Foi ao vale Logar.

— Eu já sabia. Foi sozinho?

— Foi... mas disse que pode trazer alguém para casa com ele.

— Quem?

Zahara encolheu os ombros.

— Talvez uma mulher.

Jane distraiu-se por um momento. Zahara mostrava-se demasiado fria e indiferente. Isso significava que estava preocupada: não queria que Yussuf voltasse com uma mulher. Parecia que eram verdadeiros os rumores que circulavam pela aldeia. Jane esperava que sim. Afinal, Zahara precisava de um homem.

— Não creio que ele tenha ido buscar uma mulher — comentou ela.

— Porquê?

— Passa-se qualquer coisa importante. Masud enviou muitos mensageiros. Não podem estar todos atrás de mulheres.

Zahara continuou a tentar parecer indiferente, mas Jane percebeu que ela se sentia satisfeita. Haveria algum significado na possibilidade de Yussuf ter ido ao vale Logar buscar alguém?

A noite caía quando se aproximaram da aldeia. Um canto baixo vinha da mesquita: o som estranho dos homens mais sanguinários do mundo em oração. Fazia sempre Jane lembrar-se de Josef, um jovem soldado russo que sobrevivera à queda do seu helicóptero na montanha, perto de Banda. Algumas mulheres levaram-no para a casa do comerciante — fora no inverno, antes de transferirem a clínica para a gruta — e Jean-Pierre e Jane cuidaram dos seus ferimentos, enquanto se enviava uma mensagem a Masud, indagando o que fazer. Jane soubera da resposta de Masud na noite em que Alishan Karim entrara na sala da frente, onde Josef estava, encostara o cano da espingarda ao seu ouvido e puxara o gatilho. Fora mais ou menos àquela hora do dia, e o som dos homens em oração estava no ar enquanto Jane lavava o sangue da parede e recolhia do chão o cérebro do rapaz.

As mulheres percorreram o último trecho do trilho que subia do rio e pararam diante da mesquita, terminando as conversas, antes de seguirem para suas casas. Jane olhou para a mesquita. Os homens oravam de joelhos, liderados por Abdullah, o mulá. As armas, a mistura habitual de espingardas antigas e metralhadoras modernas, estavam empilhadas a um canto. As orações chegavam ao fim. Enquanto os homens se levantavam, Jane constatou que havia diversos estranhos entre eles.

— Quem são? — perguntou ela a Zahara.

— Pelos turbantes, devem ser do vale de Pich e de Jalalabade — respondeu Zahara. — São pastós... normalmente nossos inimigos. Porque estão aqui?

Enquanto ela falava, um homem muito alto, com uma pala no olho, emergiu da multidão.

— Aquele deve ser Jahan Kamil... o grande inimigo de Masud!

— Mas lá está Masud, a falar com ele — disse Jane, para logo acrescentar, em inglês: — Ora imagina só!

— Orimagine só! — imitou Zahara com um sotaque horrível.

Era o primeiro gracejo de Zahara depois da morte do marido. Um bom sinal: estava a recuperar.

Os homens começaram a deixar a mesquita e as mulheres seguiram apressadamente para suas casas, com exceção de Jane. Ela tinha a impressão de que começava a compreender o que estava a acontecer e queria uma confirmação. Quando Mohammed saiu, aproximou-se e disse-lhe em francês: — Esqueci-me de perguntar se a tua viagem a Faizabade foi bem-sucedida.

— Foi, sim — respondeu ele sem abrandar, pois não queria que os companheiros ou os pastós o vissem a responder às perguntas de uma mulher.

Jane acompanhou-o, em passos rápidos, enquanto ele se encaminhava para sua casa.

— Quer dizer que o comandante de Faizabade está aqui?

— Sim.

Jane acertara em cheio: Masud convidara todos os comandantes rebeldes para um encontro.

— O que achas da ideia? — pressionou ela, ainda a tentar descobrir mais pormenores.

Mohammed pareceu pensativo e abandonou a sua altivez, como fazia sempre que se interessava pela conversa.

— Tudo depende do que o Ellis fizer amanhã — disse ele. — Se conseguir impressioná-los como um homem de honra e ganhar o respeito de todos, acho que eles concordarão com o plano.

— Achas que o plano dele é bom?

— Claro que será ótimo se a resistência estiver unida e receber armas dos Estados Unidos.

Então era isso! Armas americanas para os rebeldes, com a condição de que lutassem juntos contra os russos, em vez de lutarem entre si durante metade do tempo.

Chegaram à casa de Mohammed e Jane desviou-se com um aceno de mão. Sentia os seios intumescidos; estava na hora de amamentar Chantal. O seio direito dava a impressão de estar mais pesado, porque na última mamada ela começara pelo esquerdo e Chantal esvaziava sempre completamente o primeiro.

Jane entrou em casa e foi para o quarto. Chantal estava nua sobre uma toalha dobrada, dentro do berço, que era na verdade uma caixa de cartão

cortada ao meio. Não precisava de roupas no ar quente do verão afegão. À noite, era coberta com um lençol e mais nada. Os rebeldes e a guerra, Ellis, Mohammed e Masud, tudo recuou para segundo plano enquanto Jane contemplava a filha. Sempre achara que os bebês eram feios, mas Chantal parecia-lhe a coisa mais linda do mundo. A bebê agitou-se, abriu a boca e gritou. O seio direito de Jane pingou leite no mesmo instante, em resposta, e um trilho quente de humidade espalhou-se pela blusa. Desabotoou-a e pegou em Chantal.

Jean-Pierre dizia que ela devia lavar os seios com desinfetante cirúrgico antes da amamentação, mas Jane nunca o fazia, porque sabia que Chantal não apreciaria o gosto. Sentou-se num tapete, encostada à parede, e aninhou Chantal no braço direito. A bebê agitou os bracinhos roliços e abanou a cabeça de um lado para outro, à procura com a boca aberta. Jane guiou-a para o mamilo. As gengivas desdentadas apertaram com força, e Chantal pôs-se a mamar. Jane estremeceu com o primeiro sorvo e depois com o segundo. O terceiro foi mais suave. A mão pequena e roliça levantou-se e pousou no lado do seio intumescido de Jane, comprimindo-o numa carícia cega e desajeitada. Jane descontraíu-se.

Amamentar a filha fazia-a sentir-se muito terna e protetora, e, para sua surpresa, também era erótico. A princípio sentira-se culpada por ficar excitada, mas em breve concluíra que não podia ser uma coisa horrível se era natural, e passara a desfrutar da sensação.

Ansiava por exhibir Chantal se algum dia voltassem à Europa. A mãe de Jean-Pierre dir-lhe-ia que estava a fazer tudo mal e a sua própria mãe haveria de querer batizar Chantal o mais depressa possível. O seu pai adoraria a neta através de uma bruma alcoólica, e a irmã ficaria orgulhosa e entusiasmada. Quem mais? O pai de Jean-Pierre já morrera...

— Está alguém em casa? — perguntou uma voz no pátio. Era Ellis.

— Entra! — gritou Jane.

Não sentiu necessidade de se cobrir. Ellis não era afegão e, além do mais, já fora seu amante.

Ele entrou, viu-a a amamentar a filha e estacou.

— Devo retirar-me?

Jane abanou a cabeça.

— Já viste as minhas mamas antes.

— Acho que não. Deves tê-las mudado.

Ela riu-se.

— A gravidez deixa-nos com umas mamas enormes.

Ela sabia que Ellis já fora casado e era pai, embora desse a impressão de já não ver nenhuma, nem a mãe nem a criança. Era uma das coisas de que ele não gostava de falar.

— Não te lembras de quando a tua mulher ficou grávida?

— Não acompanhei a gravidez — respondeu ele no tom brusco que usava quando queria encerrar um assunto. — Estava fora.

Jane sentia-se demasiado descontraída para responder no mesmo tom. Aliás, sentia pena dele. Ellis dera cabo da sua vida, embora nem tudo fosse culpa dele; e certamente fora punido pelos seus pecados, inclusive por ela.

— O Jean-Pierre não voltou — comentou ele.

— Não.

A sucção da bebé diminuiu quando o seio de Jane se esvaziou. Ela tirou gentilmente o mamilo da boca de Chantal e levantou a menina até ao ombro, afagando-lhe as costas estreitas para a fazer arrotar.

— O Masud gostava que lhe emprestasses os mapas dele — explicou Ellis.

— Não há problema. Sabes onde estão. — Chantal arrotou alto. — Linda menina...

Aproximou a filha do seio esquerdo. Faminta outra vez depois de arrotar, Chantal recomeçou a mamar.

— Porque não visitas o teu filho? — perguntou Jane, cedendo a um impulso.

Ele tirou os mapas da arca, fechou-a, e endireitou-se.

— Visito... mas não com muita frequência.

Jane ficou aturdida. *Vivi com ele quase seis meses e nunca o conheci realmente*, pensou.

— Rapaz ou rapariga?

— Rapariga.

— Deve ter...

— Treze anos.

— Meu Deus!

Era praticamente adulta. Jane sentiu de repente a maior curiosidade. Porque nunca o interrogara a respeito de tudo aquilo? Talvez não tivesse estado interessada, antes de ter também uma filha.

— Onde vive?

Ellis hesitou.



— Não precisas de dizer — acrescentou Jane, entendendo a sua expressão. — Estavas prestes a mentir.

— Tens razão, mas compreendes porque tenho de mentir?

Ela pensou um pouco.

— Tens medo de que os teus inimigos possam atacar-te por intermédio da tua filha?

— Isso mesmo.

— É um bom motivo.

— Obrigado. Obrigado também por isto.

Acenou com os mapas e saiu.

Chantal adormecera com o mamilo de Jane na boca. Ela levantou a filha à altura do ombro. Chantal arrotou sem acordar. Era capaz de dormir em qualquer situação.

Jane gostaria que Jean-Pierre tivesse voltado. Tinha a certeza de que ele não poderia causar qualquer mal, mas mesmo assim sentir-se-ia mais descansada se o marido estivesse ali. Ele não podia contactar os russos porque ela destruía o rádio. Não havia outros meios de comunicação entre Banda e o território russo. Masud podia enviar mensageiros a pé, mas Jean-Pierre não dispunha de mensageiros; e se mandasse alguém, toda a aldeia saberia. A única coisa que ele podia fazer era ir a pé até Rokha, e não tivera tempo para isso.

Além de estar preocupada, detestava dormir sozinha. Não se importara na Europa, mas ali tinha medo dos afegãos brutais e imprevisíveis, que julgavam ser tão normal um homem espancar a mulher como uma mãe bater no filho, e Jane não era uma mulher comum aos seus olhos: com os seus pontos de vista liberais, olhar direto e atitudes de desafio, era um símbolo dos prazeres sexuais proibidos. Não se submetia às convenções do comportamento sexual, e as únicas outras mulheres assim que conheciam eram as prostitutas.

Quando Jean-Pierre estava ao seu lado, ela estendia sempre a mão para lhe tocar antes de adormecer. Ele dormia encolhido, virado para o outro lado; mexia-se muito no sono, mas nunca estendia a mão para lhe tocar. O único homem com quem ela partilhara uma cama por um período mais prolongado fora Ellis, que tivera o comportamento oposto: tocava-lhe a noite inteira, abraçava-a, beijava-a, às vezes meio acordado, noutras profundamente adormecido. Duas ou três vezes, Ellis tentara fazer amor com ela, rudemente, enquanto dormia; Jane ria e tentava aceitá-lo, mas

depois de alguns segundos ele rolava para o lado e começava a ressonar, sem se lembrar de manhã do que fizera. Ellis era muito diferente de Jean-Pierre. Tocava-lhe com um afeto desajeitado, como uma criança a brincar com o seu animal de estimação; Jean-Pierre acariciava-a como um violinista faria a um *Stradivarius*. Os dois tinham-na amado de modos distintos, mas tinham-na traído da mesma maneira.

Chantal gorgolejou. Estava acordada. Jane deitou-a no colo, levantando-lhe a cabeça para que pudessem olhar uma para a outra, e começou a falar com ela, dizendo sílabas que não faziam qualquer sentido, mas também palavras concretas. Chantal gostava daquilo. Ao fim de algum tempo, Jane esgotou a conversa fiada e começou a cantar. Estava a meio da canção de embalar quando foi interrompida por uma voz lá fora.

— Entre! — gritou Jane, acrescentando depois para a filha: — Temos muitas visitas, não temos? É como viver na National Gallery, não é?

Uniu a blusa à frente, a fim de cobrir os seios. Mohammed entrou.

— Onde está o Jean-Pierre? — perguntou em dari,

— Foi a Skabun. Posso ajudar em alguma coisa?

— Quando volta?

— Espero que de manhã. Queres dizer-me qual é o problema ou tencionas continuar a falar como um polícia de Cabul?

Mohammed sorriu. Achava sensual quando ela lhe falava de forma desrespeitosa, o que não era o efeito pretendido por Jane.

— O Alishan chegou com o Masud. Quer mais comprimidos.

— Ah, sim.

Alishan Karim era o irmão do mulá e sofria de angina de peito. Como não estava disposto a renunciar às suas atividades como guerrilheiro, Jean-Pierre dava-lhe trinitrina para tomar imediatamente antes de um combate ou de outro esforço físico.

— Vou buscar uns comprimidos.

Levantou-se e entregou Chantal a Mohammed.

Ele pegou na criança automaticamente e depois ficou embaraçado. Jane sorriu e foi à sala na frente. Encontrou os comprimidos numa prateleira por baixo do balcão. Despejou cem num recipiente de plástico e voltou à sala de estar. Chantal olhava fixamente para Mohammed, fascinada. Jane pegou na filha e entregou-lhos.

— Diz ao Alishan para descansar mais.

Mohammed sacudiu a cabeça.

— Ele não tem medo de mim. Diz-lhe tu.

Jane riu. Vindo de um afegão, a piada era quase feminista.

— Porque foi o Jean-Pierre a Skabun? — perguntou ele.

— Houve um bombardeamento lá esta manhã.

— Não, não houve.

— Claro que hou... — Jane parou de falar abruptamente.

Mohammed encolheu os ombros.

— Passei lá o dia inteiro com o Masud. Deves estar enganada.

Ela tentou manter uma expressão impávida.

— Sim. Devo ter ouvido mal.

— Obrigado pelos comprimidos.

Mohammed saiu.

Jane sentou-se pesadamente num banco. Não houvera bombardeamento em Skabun. Jean-Pierre fora encontrar-se com Anatoly. Não sabia como conseguira, mas não tinha a menor dúvida.

O que devia fazer agora?

Se Jean-Pierre tinha conhecimento da reunião no dia seguinte e pudesse informar os russos, então os russos poderiam atacar...

Poderiam liquidar toda a liderança da resistência afegã em apenas um dia.

Tinha de falar com Ellis.

Envolveu Chantal com um xaile — o ar estaria um pouco mais fresco agora — e saiu, encaminhando-se para a mesquita. Ellis estava no pátio com os outros homens. Estudava os mapas de Jean-Pierre com Masud, Mohammed e o homem com a pala no olho. Alguns guerrilheiros fumavam um narguilé, outros comiam. Ficaram espantados quando ela entrou com a criança na anca.

— Ellis... — Ele levantou os olhos. — Preciso de falar contigo. Podes vir cá fora?

Ele levantou-se, os dois passaram pelo arco e pararam diante da mesquita.

— O que foi? — perguntou Ellis.

— O Jean-Pierre sabe desta reunião que promoveste com todos os líderes da resistência?

— Sabe. Ele estava presente, a tirar-me a bala do traseiro, quando Masud e eu falámos disso pela primeira vez. Porquê?

Jane sentiu um aperto no coração. A sua última esperança fora Jean-Pierre poder nada saber. Olhou em volta. Não havia ninguém por perto e além do mais estavam a falar em inglês.

— Tenho de te contar uma coisa, mas quero que me prometas que não lhe acontecerá nada.

Ele fitou-a aturdido por um momento.

— Oh, merda! — exclamou. — O Jean-Pierre trabalha para eles! Claro! Porque não adivinhei? Em Paris, ele deve ter conduzido aqueles cabrões ao meu apartamento! Tem informado os russos sobre as caravanas... foi por isso que perderam tantas! O filho da mãe... — Calou-se bruscamente e depois acrescentou, num tom mais brando: — Deve ter sido horrível para ti.

— Sim.

Jane perdeu então a compostura, os seus olhos encheram-se de lágrimas e ela começou a soluçar. Sentia-se fraca, tola e envergonhada por chorar, mas também lhe parecia que um enorme peso lhe fora retirado dos ombros.

Ellis abraçou-a e a Chantal.

— Coitadinha...

— Sim, foi horrível — balbuciou Jane.

— Há quanto tempo sabes?

— Há algumas semanas.

— Não sabias quando te casaste com ele?

— Não.

— Fizemos-te ambos a mesma coisa.

— É verdade.

— Apaixonaste-te pelos homens errados.

— Sim.

Jane encostou o rosto ao peito de Ellis e chorou sem restrições por todas as mentiras e traições, tempo perdido e amor desperdiçado. Chantal também chorou. Ellis apertou Jane com mais força e afagou-lhe o cabelo, até que ela parou de tremer, começou a acalmar-se, e limpou o nariz à manga.

— Parti-lhe o rádio, sabes, e pensei que ele não tinha mais forma de entrar em contacto com os russos. Mas hoje foi chamado a Skabun para cuidar dos feridos do bombardeamento... só que não houve qualquer bombardeamento em Skabun...

Mohammed saiu da mesquita. Ellis largou Jane, embaraçado.

— O que se passa? — perguntou ele em francês.

— Estão a discutir. Alguns acham que o plano é bom e que nos ajudará a derrotar os russos. Outros perguntam por que motivo Masud é considerado o único bom comandante e quem é Ellis Thaler para julgar os líderes afegãos. Tens de voltar e falar mais um pouco com eles.

— Espera — disse Ellis. — Houve desenvolvimentos.

Jane pensou: *Oh, Deus, o Mohammed vai matar alguém quando souber.*

— Houve uma fuga de informação.

— O que queres dizer? — perguntou Mohammed, em tom ameaçador.

Ellis hesitou, como se estivesse relutante em contar tudo; depois decidiu que não tinha alternativa.

— Os russos talvez saibam da conferência...

— Quem é o traidor? — perguntou Mohammed.

— Possivelmente o médico, mas...

Mohammed virou-se para Jane.

— Há quanto tempo sabes?

— Falas comigo com bons modos ou não falas de todo — respondeu ela num tom brusco.

— Calma — interveio Ellis.

Jane não podia permitir que Mohammed lhe falasse naquele tom acusador.

— Avisei-te, não avisei? Disse-te para mudares o percurso da caravana. Salvei-te a vida, portanto não venhas acusar-me agora.

A fúria de Mohammed dissipou-se e ele pareceu um pouco envergonhado.

— Então foi por isso que o percurso mudou — disse Ellis.

Olhou para Jane com uma expressão de admiração.

— Onde está ele agora? — perguntou Mohammed.

— Não sabemos — respondeu Ellis.

— Se voltar, deve ser morto.

— Não! — gritou Jane.

Ellis pôs a mão no ombro dela para a conter e voltou-se para Mohammed.

— Matarias um homem que salvou as vidas de tantos dos teus companheiros?

— Ele tem de enfrentar a justiça — insistiu Mohammed.

Mohammed dissera «se ele voltar», e Jane percebeu que sempre partira do princípio de que Jean-Pierre voltaria. Com certeza não iria abandoná-la, e à filha!

— Se ele é um traidor e se conseguiu entrar em contacto com os russos, então falou-lhes do encontro de amanhã — dizia Ellis. — Os russos vão atacar e tentar capturar o Masud.

— Isto é terrível — disse Mohammed. — O Masud deve partir imediatamente. A conferência terá de ser cancelada e...

— Não necessariamente — interrompeu Ellis. — Pensa. Podemos tirar proveito da situação.

— Como?

— Para dizer a verdade, quanto mais penso nisso, mais a situação me atrai. Talvez tenha sido a melhor coisa que podia acontecer...

## CAPÍTULO 12

Evacuaram a aldeia de Darg durante a madrugada. Os homens de Masud foram de casa em casa acordar suavemente os ocupantes, avisá-los de que a aldeia seria atacada pelos russos naquele dia, e que deviam subir o vale até Banda, levando os seus bens mais valiosos. Ao amanhecer havia uma fila irregular de mulheres, crianças, velhos e gado a serpentear pela estrada de terra que saía de Darg e seguia à beira-rio.

Darg era bastante diferente de Banda. Em Banda, as casas agrupavam-se na extremidade leste da planície, onde o vale se estreitava e o terreno era rochoso. Em Darg, todas as casas se concentravam numa pequena saliência entre a base do penhasco e a margem do rio. Havia uma ponte em frente da mesquita, e os campos ficavam no outro lado do rio.

Era um bom sítio para uma emboscada.

Masud desenvolvera o plano durante a noite, e agora Mohammed e Alishan tratavam do que era necessário. Movimentavam-se com uma eficiência tranquila: Mohammed, alto, bonito e gracioso; Alishan, baixo e de aparência malévola; ambos a dar instruções em voz baixa, imitando o estilo discreto do seu líder.

Ellis perguntou-se, enquanto instalava as suas cargas, se os russos viriam mesmo. Jean-Pierre não reaparecera, portanto parecia certo que conseguira entrar em contacto com os seus chefes; e era quase inconcebível que pudessem resistir à tentação de capturar ou matar Masud. Contudo, tudo aquilo era circunstancial. Se eles não aparecessem, Ellis pareceria um tolo por levar Masud a preparar uma armadilha elaborada para uma vítima inexistente. Os guerrilheiros não fariam um pacto com um idiota. *Mas se os russos aparecerem, pensou Ellis, se a emboscada funcionar, o meu prestígio e o de Masud aumentarão a tal ponto que não será difícil fechar o acordo.*

Esforçava-se por não pensar em Jane. Quando a abraçara e à criança, Jane molhara a sua camisa com as lágrimas, e toda a paixão por ela se reacendera. Foi como lançar gasolina numa fogueira. Ellis sentira vontade de ficar ali para sempre, os ombros estreitos de Jane a tremer sob os seus braços, a cabeça dela contra o seu peito. Pobre Jane. Era tão honesta e só tivera homens traiçoeiros.

Estendeu a mecha detonante pelo rio e levou a extremidade para a sua posição, uma pequena casa de madeira, à beira da água, a cerca de

duzentos metros da mesquita, rio acima. Prendeu um detonador à mecha, depois concluiu a montagem com um disparador acionado por uma argola metálica.

Ellis aprovara o plano de Masud. Dera aulas sobre emboscadas e contraemboscadas em Fort Bragg durante um ano, entre as duas comissões na Ásia, e daria nove numa escala de dez à armadilha preparada por Masud. O ponto que faltava devia-se a Masud não dispor de uma rota de saída para as suas tropas caso o combate se tornasse adverso. Claro, talvez Masud não considerasse isso um erro.

Por volta das nove horas estava tudo pronto, e os guerrilheiros tomaram o pequeno-almoço. Até isso fazia parte da emboscada: podiam todos ocupar as suas posições em minutos, para não dizer segundos, e a aldeia vista do ar pareceria normal, como se os aldeões tivessem corrido a esconder-se dos helicópteros, deixando para trás as tigelas, os tapetes e as fogueiras; assim, o comandante das forças russas não teria motivo para desconfiar de uma armadilha.

Ellis comeu um pouco de pão, bebeu várias chávenas de chá verde, e depois instalou-se para esperar, enquanto o sol subia pelo vale. Havia sempre muita espera. Lembrava-se disso na Ásia. Naquela altura, ele estivera muitas vezes pedrado, com erva, *speeds* ou cocaína, e assim a espera parecia não ter a menor importância, porque a saboreava. Era curioso, constatou, como perdera o gosto pelas drogas depois da guerra.

Ellis esperava o ataque naquela tarde ou na madrugada do dia seguinte. Se fosse o comandante russo, partiria do princípio de que os líderes rebeldes se tinham reunido no dia anterior e partiriam no dia seguinte, e havia de querer atacar suficientemente tarde para apanhar todos os retardatários, mas não tão tarde que alguns já pudessem ter-se ido embora.

As armas pesadas chegaram a meio da manhã, duas *Dashokas*, metralhadoras antiaéreas de 12,7 milímetros, cada uma puxada por um guerrilheiro na sua estrutura com rodas. Um burro seguia-os, carregado com as caixas de munições chinesas perfurantes.

Masud anunciou que uma das metralhadoras seria manobrada por Yussuf, o cantor, que deveria casar-se com Zahara, a amiga de Jane, segundo os rumores que circulavam pela aldeia; a outra por um guerrilheiro do vale Pich, chamado Abdur, que Ellis não conhecia. Ao que se dizia, Yussuf já abatera três helicópteros com a sua *Kalashnikov*. Ellis mostrava-se cético quanto a isso; pilotara helicópteros na Ásia e sabia que



era quase impossível abater o aparelho com uma espingarda, mas Yussuf explicara, sorrindo, que o segredo era colocar-se acima do alvo, disparando para baixo da encosta de uma montanha, uma tática que não era possível no Vietname, porque o terreno era diferente.

Yussuf dispunha naquele dia de uma arma muito maior e usaria a mesma técnica. As armas foram desmontadas e levadas por dois homens pelos degraus íngremes escavados na encosta do penhasco que se erguia acima da aldeia. Seguiam-se os burros e as munições.

Ellis observou-os lá de baixo a tornar a montar as armas. No cimo do penhasco havia uma saliência com três ou quatro metros de largura, depois a encosta continuava a subir numa inclinação mais suave. Os guerrilheiros instalaram as armas com um intervalo de dez metros e camuflaram-nas. Os pilotos de helicóptero depressa descobririam onde elas estavam, mas teriam dificuldade em silenciá-las na posição em que se encontravam.

Quando tudo já estava pronto, Ellis voltou ao seu posto, na pequena casa de madeira à beira do rio. Os seus pensamentos voltaram aos anos sessenta.

Começara a década como estudante e terminara como soldado. Fora para Berkeley em 1967 convencido de que sabia o que o futuro lhe reservava: queria ser produtor de documentários para a televisão. Como era inteligente e criativo, e estava na Califórnia, onde qualquer um podia ser qualquer coisa desde que se empenhasse a fundo, não houvera motivo para imaginar que não realizaria a sua ambição. Fora então engolido pela paz e pelo *flower power*, as marchas contra a guerra, a favor do amor, os Doors, as calças à boca de sino e o LSD. Mais uma vez, pensara que sabia o que o futuro lhe reservava: iria mudar o mundo. Esse sonho também durara pouco e não demorara a ser engolido de novo, desta vez pela brutalidade cega do exército e o horror drogado do Vietname. Sempre que olhava para trás, podia constatar que era nas ocasiões em que se sentia confiante e acomodado que a vida o atingia com grandes mudanças.

O meio-dia passou sem almoço. Devia ser porque os guerrilheiros não tinham comida. Ellis achava difícil habituar-se à simples ideia de que ninguém podia almoçar quando não havia comida. Ocorreu-lhe que talvez fosse por isso que quase todos os guerrilheiros fumavam muito: o tabaco acalmava o apetite.

Fazia calor mesmo à sombra. Sentou-se à entrada da casa, tentando aproveitar a pouca brisa que soprava. Podia ver os campos, o rio com a sua

ponte em arco, a aldeia com a sua mesquita e o penhasco. A maioria dos guerrilheiros estava nas suas posições, que lhes proporcionavam abrigo do sol, além de cobertura. Quase todos se encontravam em casas próximas do penhasco, onde os helicópteros teriam dificuldade em metralhá-los; mas, como era inevitável, alguns encontravam-se em posições mais vulneráveis, perto do rio. A fachada de pedra da mesquita tinha três entradas em arco e em cada uma sentava-se um guerrilheiro, de pernas cruzadas. Faziam Ellis recordar as sentinelas nas guaritas. Ele conhecia os três: lá estava Mohammed, no arco mais distante; o seu irmão Kahmir, com a barba rala, no meio; e, no mais próximo, Ali Ghanim, o homem feio e marreco com catorze filhos, que fora ferido com Ellis na planície. Cada um tinha uma *Kalashnikov* nos joelhos e um cigarro nos lábios. Ellis perguntou-se qual deles estaria vivo no dia seguinte.

O primeiro trabalho que escrevera na faculdade fora sobre a espera antes da batalha em Shakespeare. Comparara dois discursos diferentes: o inspirador, de *Henry V*, em que o rei diz «À brecha novamente, meus amigos, ou de ingleses os fossos entupamos», e o solilóquio cínico de Falstaff sobre a honra, em *Henry IV*, «Pode a honra encanar uma perna? Não. Ou um braço? Não. (...) Nesse caso, a honra não entende de cirurgia? Não. (...) Quem a possui? O que morreu na quarta-feira». O Ellis de dezanove anos recebera a nota máxima pelo seu primeiro e último trabalho, pois a seguir estivera demasiado ocupado a argumentar que Shakespeare e todo o curso de inglês eram «irrelevantes».

O seu devaneio foi interrompido por uma sucessão de gritos. Não compreendia as palavras em dari, mas também não era preciso: pela urgência do tom, sabia que as sentinelas nas colinas circundantes tinham avistado helicópteros ao longe e avisado Yussuf no alto do penhasco, que espalhara a notícia. Houve bastante movimento na aldeia crestada pelo sol enquanto os últimos guerrilheiros corriam para os seus postos, se abrigavam, verificavam as armas, acendiam novos cigarros. Os três homens nos arcos da mesquita fundiram-se com o interior escuro. Agora, a aldeia vista do ar parecia deserta, como normalmente acontecia durante a parte mais quente do dia, quando a maioria das pessoas descansava.

Ellis ouviu ao longe o barulho ameaçador dos helicópteros a aproximarem-se. Sentiu a tripa às voltas. Eram os nervos. *Era assim que os vietcongues se sentiam, pensou, escondidos na sua selva húmida,*

*quando ouviam o meu helicóptero aproximar-se pelas nuvens. Colhes o que sementes, meu.*

Retirou a cavilha de segurança do dispositivo detonador.

Os helicópteros estavam mais perto, mas ele ainda não os via. Tentou calcular quantos eram. Não conseguia determinar isso pelo barulho. Apercebeu-se de qualquer coisa pelo canto do olho e virou a cabeça para ver um guerrilheiro a mergulhar no rio da margem oposta e começar a nadar na sua direção. Quando o vulto emergiu, Ellis constatou que era o velho Shahazai Gul, com as suas cicatrizes, o irmão da parteira. Shahazai era especialista em minas. Passou a correr por Ellis e foi abrigar-se numa casa.

Durante algum tempo, a aldeia ficou silenciosa e nada se ouvia além do pulsar assustador das pás dos rotores. Ellis pensou: *Meu Deus, quantos terão mandado?* O primeiro apareceu então por cima do penhasco, avançando a grande velocidade, e desceu para a aldeia. Hesitou sobre a ponte, como um gigantesco colibri.

Era um *Mi-24*, conhecido no Ocidente como *Hind* (os russos chamavam-lhes «Corcundas», por causa das enormes turbinas instaladas sobre a cabina dos passageiros). O artilheiro ficava mais baixo, à frente, com o piloto por trás e por cima, como crianças às cavalitas; as janelas pareciam o olho multifacetado de um inseto monstruoso. O helicóptero tinha um trem de aterragem de três rodas e asas curtas e grossas, com suportes para mísseis por baixo.

Como é que uns poucos guerreiros tribais esfarrapados conseguiriam lutar contra tais máquinas?

Mais cinco *Hinds* surgiram, em rápida sucessão. Sobrevoaram a aldeia e a área em volta, efetuando um reconhecimento, presumiu Ellis, das posições inimigas. Era uma precaução de rotina, pois os russos não tinham motivo para esperar uma resistência maior, já que estavam convencidos de que o ataque seria surpresa.

Um segundo tipo de helicóptero aproximou-se e Ellis reconheceu o *Mi-8*, conhecido como *Hip*. Maior do que o *Hind*, mas menos temível, podia transportar vinte ou trinta homens, e a sua finalidade era o transporte de tropas, não o ataque. O primeiro pairou sobre a aldeia, depois baixou subitamente de lado e foi pousar num campo de cevada. Mais cinco aterraram. Um total de cento e cinquenta homens, pensou Ellis. Assim que

os *Hips* pousavam, os soldados saltavam e deitavam-se no terreno, apontando as armas para a aldeia, mas sem disparar.

Para tomar a aldeia teriam de atravessar o rio, e para atravessar o rio teriam de tomar a ponte, mas não sabiam isso. Estavam apenas a ser cautelosos, pois esperavam que o elemento surpresa lhes permitisse vencer com a maior facilidade.

Ellis preocupou-se com a possibilidade de a aldeia parecer *demasiado* deserta. Por aquela altura, poucos minutos depois de o primeiro helicóptero ter aparecido, haveria normalmente algumas pessoas à vista, a fugir. Prestou atenção para ouvir o primeiro tiro. Já não se sentia assustado. Concentrava-se em demasiadas coisas para sentir medo. Do fundo da sua mente veio um pensamento: *É sempre assim depois de começar.*

Lembrou-se de que Shahazai instalara minas no campo de cevada. Por que motivo nenhuma explodira? Um momento depois teve a resposta. Um dos soldados levantou-se — devia ser um oficial — e gritou uma ordem. Vinte ou trinta homens ergueram-se e correram para a ponte. De repente houve uma explosão ensurdecadora, ainda mais alta do que o barulho dos helicópteros, depois outra e mais outra, o chão a parecer fragmentar-se sob os pés dos soldados que corriam. Ellis pensou: *Shahazai reforçou as suas minas com uma dose extra de TNT.* Nuvens de terra castanha e cevada dourada obscureceram os homens, à exceção de um, que foi projetado no ar e caiu devagar, girando como um acrobata, até bater no solo e ficar imóvel. Enquanto os ecos esmoreciam, surgiu outro som, um tamborilar intenso que vinha do alto do penhasco, quando Yussuf e Abdur abriram fogo. Os russos bateram em retirada atabalhoados, enquanto os guerrilheiros na aldeia começavam a disparar as suas *Kalashnikovs* através do rio.

A surpresa proporcionara aos guerrilheiros uma enorme vantagem inicial, mas não duraria sempre: o comandante russo reagruparia as suas tropas. No entanto, antes de poder fazer qualquer coisa, tinha de desobstruir o acesso à ponte.

Um dos *Hips* no campo de cevada explodiu, e Ellis concluiu que devia ter sido atingido por Yussuf ou Abdur. Ficou impressionado. A *Dashoka* tinha um alcance de quilómetro e meio, e os helicópteros encontravam-se a menos de um quilómetro, mas era preciso ser um excelente artilheiro para destruir um aparelho àquela distância.

Os *Hinds* ainda estavam no ar, a descrever círculos sobre a aldeia. O comandante russo mandou-os avançar. Um deles sobrevoou o rio e metralhou o campo de minas de Shahazai. Yussuf e Abdur tentaram acertar-lhe, mas não conseguiram. As minas de Shahazai explodiram inofensivamente, uma depois da outra. Ellis pensou, apreensivo: *Gostava que as minas tivessem derrubado mais inimigos; vinte em cento e cinquenta homens não é muita coisa.* O *Hind* subiu de novo, perseguido por Yussuf, mas outro baixou e tornou a metralhar o campo minado. Yussuf e Abdur dispararam uma chuva de tiros na sua direção. O helicóptero deu subitamente uma guinada, parte de uma asa desprendeuse e caiu de focinho em direção ao rio. *Boa pontaria, Yussuf!*, pensou Ellis. Mas o acesso à ponte estava desimpedido, e os russos ainda contavam com mais de cem homens e dez helicópteros. Ellis percebeu, com um calafrio de medo, que os guerrilheiros podiam perder aquela batalha.

Os russos animaram-se e a maioria — oitenta ou mais homens, calculou Ellis — começou a avançar para a ponte a rastejar e a disparar constantemente. *A menos que esta seja uma divisão de elite, não é possível que sejam tão indisciplinados nem que tenham tão pouco espírito como dizem os jornais americanos,* pensou Ellis. Depois percebeu que todos os soldados pareciam ter pele branca. Não havia afegãos naquela força. Era como no Vietname, onde as tropas locais eram sempre mantidas de fora de qualquer ação realmente importante.

De repente houve um hiato. Os russos no campo de cevada e os guerrilheiros na aldeia trocaram tiros irregulares através do rio, os primeiros a disparar mais ou menos ao acaso, os segundos comedidos com as munições. Ellis levantou os olhos. Os *Hinds* no ar estavam a atacar Yussuf e Abdur no penhasco. O comandante russo identificara acertadamente as metralhadoras pesadas como o seu alvo principal.

Enquanto um *Hind* se lançava contra os artilheiros no penhasco, Ellis sentiu uma certa admiração pelo piloto, por voar diretamente para as armas; sabia quanta coragem era necessária para isso. O aparelho desviou-se, sem que ninguém fosse atingido.

As possibilidades eram mais ou menos iguais, pensou Ellis: era mais fácil para Yussuf fazer pontaria porque estava parado, ao passo que o helicóptero se mantinha em movimento; mas, por outro lado, ele era um alvo mais fácil por estar parado. Ellis recordou que nos *Hinds* os mísseis nas asas eram disparados pelo piloto, enquanto o artilheiro operava a

metralhadora. Não seria fácil para um piloto fazer pontaria com precisão naquelas circunstâncias adversas, pensou Ellis; e como as *Dashokas* tinham um alcance maior do que a metralhadora do *Hind*, talvez Yussuf e Abdur contassem com uma pequena vantagem.

*Espero que assim seja, para bem de todos nós*, pensou Ellis.

Outro *Hind* desceu em direção ao penhasco como um falcão a lançar-se sobre um coelho, mas as armas vomitaram fogo e o aparelho explodiu em pleno ar. Ellis sentiu vontade de aplaudir, o que era irônico, pois conhecia muito bem o terror e o pânico mal controlado da tripulação de um helicóptero sob fogo.

Outro *Hind* aproximou-se. Os artilheiros estavam um pouco atrasados desta vez, mas conseguiram atingir a cauda, o aparelho descontrolou-se e chocou contra o penhasco. *Ainda podemos tombá-los todos!*, pensou Ellis. Contudo, o som das metralhadoras mudara, e ao fim de um momento Ellis percebeu que apenas uma disparava.

O outro homem fora abatido. Ellis espreitou pelo meio do pó e viu um chapéu *chitralli* a mexer-se lá em cima. Yussuf estava vivo. Abdur fora atingido.

Os três *Hinds* restantes descreveram círculos e assumiram novas posições. Um deles elevou-se acima da batalha. *O comandante russo deve estar naquele aparelho*, pensou Ellis. Os outros dois desceram na direção de Yussuf num movimento de pinça. Era um movimento hábil, constatou Ellis, pois Yussuf não podia disparar contra os dois ao mesmo tempo. Ellis viu-os aproximarem-se. Enquanto Yussuf fazia pontaria a um, o outro aproximou-se. Ellis viu que os russos voavam com as portas abertas, exatamente como os americanos tinham feito no Vietname.

Os *Hinds* atacaram. Um mergulhou para Yussuf e desviou-se, mas foi atingido e irrompeu em chamas; depois o segundo lançou-se sobre o alvo, todas as armas a disparar. *O Yussuf não tem a menor possibilidade!* O segundo *Hind* pareceu hesitar em pleno ar. Teria sido atingido? Caiu subitamente, baixando sete ou oito metros. *Quando o motor para*, dissera o instrutor na escola de voo, *o vosso helicóptero cai como um piano de cauda*. O aparelho bateu na saliência, a poucos metros de Yussuf, mas depois o motor tornou a pegar e, para espanto de Ellis, começou a subir de novo. *É mais resistente do que um Huey*, pensou. *Os helicópteros melhoraram nos últimos dez anos*. O artilheiro estivera a disparar durante todo o tempo, mas agora tinha parado. Ellis viu porquê e sentiu um aperto

no coração. Uma *Dashoka* caiu pelo penhasco, no meio da camuflagem de galhos e arbustos; foi seguida quase no mesmo instante por um corpo inerte e pardo que era Yussuf. O corpo bateu num afloramento a meio do penhasco e o chapéu *chitralli* redondo desprendeu-se. Um momento depois, ele desapareceu da vista de Ellis. Quase ganhara a batalha sozinho; não haveria medalha para ele, mas a sua história seria contada em torno das fogueiras de acampamento nas frias montanhas afegãs durante cem anos.

Os russos tinham perdido quatro dos seis *Hinds*, um *Hip* e cerca de vinte e cinco homens; mas os guerrilheiros haviam ficado sem as suas metralhadoras pesadas e não tinham defesa contra os dois *Hinds* restantes, que começaram a metralhar a aldeia. Ellis encolheu-se dentro da casa, desejando que não fosse feita de tijolos de barro. Aqueles disparos eram apenas para obrigar os guerrilheiros a manterem as cabeças baixas. Depois de alguns minutos, como que obedecendo a um sinal, os russos no campo de cevada levantaram-se e correram para a ponte.

*É agora, pensou Ellis, isto é o fim, de uma forma ou de outra.*

Os guerrilheiros na aldeia dispararam contra os soldados que avançavam, mas foram inibidos pela cobertura aérea, e poucos russos caíram. Quase todos os russos estavam de pé agora, oitenta ou noventa homens, a disparar às cegas para o outro lado do rio enquanto corriam. Gritavam com o maior entusiasmo, encorajados pela fragilidade da defesa. Os tiros dos guerrilheiros tornaram-se um pouco mais precisos quando os russos chegaram à ponte, e vários caíram, mas não o suficiente para conter o ataque. Segundos depois, o primeiro russo cruzara o rio e procurava cobertura entre as casas da aldeia.

Havia cerca de sessenta homens na ponte ou perto quando Ellis puxou a argola do disparador.

A ponte antiga explodiu como um vulcão.

Ellis instalara as cargas para matar, não para uma mera demolição. A explosão projetou fragmentos letais de pedra, como uma rajada de metralhadora gigantesca, liquidando todos os homens na ponte e muitos que ainda se encontravam no campo de cevada. Ellis encolheu-se na pequena casa, enquanto os escombros choviam sobre a aldeia. Quando tudo ficou em silêncio, tornou a olhar.

Onde antes existira a ponte, havia apenas uma pilha baixa de pedras e corpos, numa mistura macabra. Parte da mesquita e duas casas da aldeia também se tinham desmoronado. E os russos batiam em retirada.

Enquanto observava, os vinte ou trinta homens ainda vivos correram para as portas abertas dos *Hips*. Ellis não os culpava. Se ficassem no campo de cevada, sem cobertura, seriam gradualmente exterminados pelos guerrilheiros, em posições superiores na aldeia; se tentassem atravessar o rio, seriam liquidados na água, como peixes num barril.

Segundos depois, os três *Hips* levantaram voo para se juntar aos dois *Hinds* no ar. Sem um único tiro de despedida, os helicópteros elevaram-se acima do penhasco e desapareceram.

Enquanto o barulho dos rotores se desvanecia, Ellis ouviu outro som. Depois de um momento, compreendeu que era o som de homens a gritar vivas. *Ganhámos*, pensou ele. *Raios, ganhámos!* E começou a gritar também.



## CAPÍTULO 13

— Para onde foram os guerrilheiros? — perguntou Jane.

— Dispersaram-se — explicou Ellis. — É a técnica de Masud. Ele desaparece nas colinas antes que os russos consigam recuperar o fôlego. Talvez voltem com reforços... podem até estar em Darg neste momento... mas não encontrarão ninguém para lutar. Todos os guerrilheiros se foram embora, com exceção dos poucos que estão aqui.

Havia sete homens feridos na clínica de Jane. Nenhum deles morreria. Mais doze tinham sido tratados por ferimentos menores e já mandados embora. Apenas dois homens tinham morrido na batalha, mas por azar um deles fora Yussuf. Zahara estaria de luto outra vez... e novamente por causa de Jean-Pierre.

Jane sentia-se deprimida, apesar da euforia de Ellis. *Tenho de parar de remoer nisto*, pensou ela. *Jean-Pierre foi-se embora e não vai voltar, não faz sentido lamentar-me. Devo pensar de maneira positiva. Devo interessar-me pelas vidas das outras pessoas.*

— E a conferência? — perguntou a Ellis. — Se todos os guerrilheiros se foram embora...

— Chegaram a acordo — explicou Ellis. — Ficaram tão eufóricos com o êxito da emboscada que estavam prontos a dizer sim a qualquer coisa. De certa forma, a emboscada provou o que alguns duvidavam: que Masud é um líder brilhante e que, unindo-se sob o seu comando, podem conquistar grandes vitórias. Também consolidou as minhas credenciais de «grande guerreiro», o que ajudou muito.

— Então conseguiste o que querias.

— É verdade. Tenho até um tratado, assinado por todos os líderes rebeldes e testemunhado pelo mulá.

— Deves estar orgulhoso.

Jane estendeu a mão e apertou-lhe o braço, e depois retirou a mão rapidamente. Sentia-se tão contente por tê-lo ali a fazer-lhe companhia que se arrependia de ter estado zangada com ele durante tanto tempo. Porém, receava poder de alguma forma dar a impressão errada de que ainda gostava dele da maneira antiga, o que seria constrangedor.

Virou-se e passou os olhos pela gruta. As ligaduras e as seringas estavam nas caixas, os medicamentos no saco. Os guerrilheiros feridos estavam confortáveis em tapetes ou mantas. Passariam a noite na gruta,

pois era muito difícil transportá-los para a aldeia. Tinham água e pão, e dois ou três estavam em condições de se levantar e fazer chá. Mousa, o filho maneta de Mohammed, encontrava-se acorado à entrada da gruta, entretido com um jogo misterioso na terra com a faca que o pai lhe dera. Ficaria com os feridos e, no caso improvável de alguém precisar de cuidados médicos durante a noite, desceria a correr a encosta para chamar Jane.

Tudo estava em ordem. Ela deu as boas-noites a todos, afagou a cabeça de Mousa e saiu. Ellis seguiu-a. Jane sentiu uma insinuação de frio na brisa vespertina. Era o primeiro sinal do fim do verão. Levantou os olhos para os distantes cumes das montanhas do Hindu Kush, de onde viria o inverno. Os picos nevados estavam rosados pelo reflexo do sol poente. Aquele era um país lindo, um facto muito fácil de esquecer, especialmente em dias movimentados. *Fico feliz por ter conhecido esta terra*, pensou, *embora mal possa esperar por voltar para casa*.

Desceu a colina, com Ellis ao seu lado. Olhava para ele de vez em quando. O pôr do Sol fazia o seu rosto parecer bronzeado e rude. Era provável que ele quase não tivesse dormido na noite anterior.

— Pareces cansado.

— Há muito tempo que não me envolvia numa guerra a sério. A paz deixa-nos moles.

Falava com indiferença. Pelo menos não se regozijava com a carnificina, ao contrário dos afegãos. Ellis contara-lhe apenas que fizera explodir a ponte em Darg, mas um dos guerrilheiros feridos relatara os pormenores a Jane, explicando como a explosão no momento preciso mudara a sorte da batalha e descrevendo a matança com exuberância.

Havia um ambiente festivo na aldeia de Banda. Homens e mulheres conversavam animadamente em grupos, em vez de se retirarem para os seus pátios. As crianças brincavam aos jogos de guerra, a emboscar russos imaginários, imitando os mais velhos. Um homem cantava algures, ao ritmo de um tambor. A perspectiva de passar a noite sozinha pareceu de repente insuportável a Jane.

— Vem beber um chá a minha casa — convidou num súbito impulso —, se não te importares que dê de mamar à Chantal.

— Boa ideia.

A bebé estava a chorar quando entraram em casa. Como sempre, o corpo de Jane reagiu de imediato: um dos seios começou a derramar leite.

— Senta-te e Fara já te traz o chá — apressou-se a dizer, e a seguir correu para a outra assoalhada antes que Ellis pudesse ver a mancha embaraçosa na blusa.

Desabotoou a blusa o mais depressa possível e pegou na filha. Houve o momento habitual de pânico cego enquanto Chantal procurava o mamilo, depois começou a mamar, dolorosamente a princípio, e a seguir com mais delicadeza. Jane sentiu-se constrangida em voltar para a sala. *Não sejas tola*, disse a si mesma, *convidaste-o, ele aceitou, além do mais houve uma altura em que dormias com ele quase todas as noites...* Mesmo assim sentiu-se corar um pouco ao passar pela porta.

Ellis estudava os mapas de Jean-Pierre.

— Isto foi de uma grande inteligência — comentou ele. — O Jean-Pierre conhecia todas as rotas porque o Mohammed usava sempre os seus mapas. — Levantou os olhos, viu a expressão de Jane e apressou-se a acrescentar: — Mas não falemos disso. O que vais fazer agora?

Ela sentou-se na almofada, encostada à parede, a sua posição preferida para amamentar. Ellis não parecia embaraçado pelo seio à mostra, e Jane começou a sentir-se mais à vontade.

— Tenho de esperar. Assim que a rota para o Paquistão estiver aberta e as caravanas recomeçarem, vou para casa. E tu?

— A mesma coisa. O meu trabalho aqui terminou. Claro que o acordo precisará de supervisão, mas a agência dispõe de homens no Paquistão que podem tratar disso.

Fara trouxe o chá. Jane perguntou-se qual seria a próxima missão de Ellis: elaborar um golpe na Nicarágua, chantagear um diplomata soviético em Washington ou assassinar um comunista africano? Fizera-lhe perguntas sobre o Vietname, quando eram amantes, e ele contara-lhe que todos esperavam que fugisse ao alistamento, mas como era do contra, fizera precisamente o oposto. Jane não sabia se podia acreditar nisso, mas mesmo que fosse verdade não explicava por que motivo ele continuara com o mesmo tipo de trabalho violento depois de sair do exército.

— O que vais fazer quando voltares para casa, Ellis? Continuar a engendrar formas de matar o Fidel Castro?

— A agência não tem de assassinar pessoas.

— Mas assassina à mesma.

— Há sempre alguns elementos lunáticos que nos dão uma péssima reputação. Infelizmente, os presidentes americanos não conseguem resistir

à tentação de brincar aos agentes secretos, e isso encoraja a facção dos alucinados.

— Porque não viras as costas a todos e te juntas aos seres humanos?

— A América está cheia de pessoas que acreditam que outros países, além do seu, têm o direito de ser livres... mas são do tipo que «viram as costas e se juntam aos seres humanos». É por isso que a agência emprega demasiados psicopatas e poucos cidadãos decentes e compassivos. Quando a agência derruba um governo estrangeiro, por capricho de algum Presidente, todos perguntam como podem essas coisas acontecer. A resposta é porque eles deixaram. O meu país é uma democracia, e por isso não há ninguém a culpar, a não ser eu, quando as coisas estão mal; se é preciso endireitar as coisas, tenho de o fazer, porque é responsabilidade minha.

Jane não estava convencida.

— Dirias que a maneira de reformar o KGB é entrar nele?

— Não, porque em última análise o KGB não é controlado pelo povo. A agência é.

— O controlo não é assim tão simples — disse Jane. — A CIA conta mentiras ao povo. Não se pode controlá-los quando não se tem meios de saber o que eles estão a fazer.

— Mas é a nossa agência e a nossa responsabilidade.

— Podias esforçar-te por acabar com ela, em vez de te juntares a ela.

— Mas precisamos de uma agência central de informações. Vivemos num mundo hostil e precisamos de informações sobre os nossos inimigos.

Jane suspirou.

— Mas vê onde isso conduz. Estão a planear enviar mais e maiores armas ao Masud, para ele poder matar mais pessoas e mais depressa. É o que vocês acabam *sempre* por fazer.

— Não é apenas para ele poder matar mais pessoas e mais depressa — protestou Ellis. — Os afegãos lutam pela sua liberdade... e estão a lutar *contra* um bando de assassinos...

— *Todos* estão a lutar pela sua liberdade — interrompeu-o Jane. — A OLP, os exilados cubanos, os tipos da Weather Underground Organization, o IRA, os brancos sul-africanos e o Exército Livre Galês.

— Alguns estão certos; outros, não.

— E a CIA sabe a diferença?

— Devia saber...

— Mas não sabe. O Masud está a lutar pela liberdade de quem?

— Pela liberdade de todos os afegãos.

— Tretas! — disse Jane com veemência. — Ele é um muçulmano fundamentalista. Se algum dia tomar o poder, a sua primeira providência será reprimir as mulheres. Nunca lhes dará o direito de voto... e quer tirar os poucos direitos que elas têm. Como achas que vai tratar os adversários políticos, tendo em conta que o seu herói político é o aiatola Khomeini? Os cientistas e professores terão liberdade académica? Os homens e mulheres homossexuais terão liberdade sexual? O que acontecerá aos hindus, budistas, ateus e protestantes?

— Achas *realmente* que o regime do Masud seria pior do que o dos russos?

Jane pensou por um momento.

— Não sei. A única coisa de que tenho a certeza é de que o regime do Masud será uma tirania afegã, em vez de uma tirania russa. Não vale a pena matar pessoas para trocar um ditador estrangeiro por um ditador local.

— Os afegãos parecem pensar que vale.

— Nunca perguntaram à maioria.

— Creio que é óbvio. Seja como for, não faço normalmente este tipo de trabalho. Em geral, atuo mais como detetive.

Era um assunto pelo qual Jane se sentia curiosa havia um ano.

— Qual era exatamente a tua missão em Paris?

— Quando espiei todos os nossos amigos? — Ellis sorriu. — O Jean-Pierre nunca te contou?

— Ele disse que não sabia.

— Talvez não soubesse mesmo. Eu andava atrás de terroristas.

— Entre os nossos amigos?

— Quase sempre é onde são encontrados... no meio dos dissidentes, rebeldes e criminosos.

— O Rahmi Coskun era terrorista? — Jean-Pierre dissera que Rahmi fora preso por causa de Ellis.

— Sim. Foi o responsável pela explosão do escritório da Turkish Airlines na Avenue Felix Faure.

— O Rahmi? Como sabes?

— Ele contou-me. Quando o preendi, estava a planear outro atentado à bomba.

— Também te contou isso?

— Pediu-me para o ajudar com a bomba.

— Oh Deus! — O belo Rahmi, com os olhos flamejantes e o ódio intenso pelo Governo do seu país...

Ellis ainda não acabara.

— Lembras-te do Pepe Gozzi?

Jane franziu a testa.

— Estás a falar daquele corso esquisito que tinha um *Rolls-Royce*?

— Esse mesmo. Fornecia armas e explosivos a todos os loucos de Paris. Vendia a qualquer um que pudesse pagar os seus preços, mas especializara-se em clientes «políticos».

Jane estava aturdida. Partira do princípio de que Pepe tinha alguma coisa a esconder, mas apenas por ser rico e corso, mas calculara que, na pior das hipóteses, estaria envolvido em crimes corriqueiros, como contrabando ou tráfico de estupefacientes. E pensar que ele vendia armas a assassinos! Jane começava a sentir que vivera num sonho, enquanto a intriga e a violência do mundo real continuavam à sua volta. *Sou assim tão ingénua?*

— Também apanhei um russo que financiara uma data de assassinios e raptos — continuou Ellis. — Depois o Pepe foi interrogado e denunciou metade dos terroristas da Europa.

— Então era isso que fazias durante o tempo em que fomos amantes... — murmurou ela com expressão sonhadora.

Podia recordar as festas, os concertos de *rock*, as manifestações, as discussões políticas em cafés, as intermináveis garrafas de *vin rouge ordinaire* nos estúdios em sótãos... Desde o rompimento entre os dois que ela presumira vagamente que Ellis escrevia pequenos relatórios sobre todos os radicais, informando quem era influente, quem era extremista, quem tinha dinheiro, quem contava com mais adeptos entre os estudantes, quem mantinha ligações com o Partido Comunista, e assim por diante. Era difícil agora aceitar a ideia de que ele estava na pista de criminosos a sério e que encontrara alguns entre os seus amigos.

— Não posso acreditar — disse Jane, aturdida.

— Foi um grande triunfo, se queres saber a verdade.

— Provavelmente não devias contar-me.

— Tens razão, mas quando te menti no passado, arrependi-me profundamente... para dizer o mínimo.

Jane sentiu-se constrangida, sem saber o que dizer. Passou Chantal para o seio esquerdo. Percebendo o olhar de Ellis, cobriu o direito com a blusa. A conversa estava a tornar-se perigosamente pessoal, mas ela sentia uma enorme curiosidade, queria saber mais. Podia entender agora como ele se justificava — embora não concordasse com o raciocínio —, mas ainda especulava sobre os seus motivos. *Se não descobrir agora, pensou, talvez nunca mais tenha outra oportunidade.*

— Não entendo o que leva um homem a tomar a decisão de passar a sua vida a fazer esse tipo de coisa.

Ellis desviou os olhos.

— Sou bom nisso, vale a pena fazer, e o dinheiro é ótimo.

— Imagino que também gostaste do plano de reforma e da ementa da cantina. Tudo bem, não precisas de me explicar nada se não quiseres.

Ele observou-a demoradamente, como se tentasse ler-lhe os pensamentos.

— Quero contar-te — disse Ellis. — Mas tens a certeza de que queres ouvir?

— Sim, por favor.

— Tem que ver com a guerra — começou Ellis, e Jane compreendeu de repente que ele estava prestes a dizer algo que nunca contara a ninguém. — Uma das coisas terríveis de voar no Vietname era o facto de ser muito difícil diferenciar os vietcongues dos civis. Sempre que proporcionávamos apoio aéreo à infantaria, minávamos um trilho na selva ou declarávamos que uma zona estava sujeita a bombardeamentos, sabíamos que mataríamos mais mulheres, crianças e velhos do que guerrilheiros. Costumávamos dizer que abrigavam o inimigo. Mas quem podia ter a certeza? E quem se importava? Matávamo-los. *Éramos os terroristas então.* E não estou a falar de casos isolados, embora tenha testemunhado atrocidades terríveis, mas sim da nossa tática regular. Não havia justificação, o que era o problema maior. Fizemos todas essas coisas terríveis por uma causa que descobrimos ser feita de mentiras, corrupção e fraude. Estávamos no lado errado.

Tinha o rosto contraído, como se sentisse dores devido a uma lesão interna persistente. À luz implacável da lanterna, a sua pele era amarelada e sombreada.

— Não há desculpa... não há perdão.

Jane encorajou-o delicadamente.

— Então porque ficaste? Porque te ofereceste como voluntário para uma segunda comissão?

— Porque na altura não percebia tudo isso com tanta clareza; porque lutava pelo meu país e não se pode abandonar uma guerra, porque era um bom oficial e se voltasse para casa poderia ser substituído por algum idiota e os meus homens morreriam. Claro que nenhum desses motivos é bastante convincente, e por isso em determinado momento perguntei-me: «O que vais fazer?» Eu queria... não percebi na altura, mas queria fazer alguma coisa para me redimir. Nos anos sessenta ter-lhe-íamos chamado «complexo de culpa».

— Sim, mas... — Ele parecia tão inseguro e vulnerável que Jane tinha dificuldade em fazer-lhe perguntas diretas. Porém, como ele precisava de falar e ela queria ouvir, acabou por perguntar: — Mas porquê este trabalho?

— Eu estava no serviço de informações, já para o fim, e ofereceram-me a oportunidade de continuar na mesma linha de trabalho na vida civil. Disseram que podia trabalhar como agente infiltrado porque conhecia o meio. Estavam a par do meu passado radical, sabes? Achei que podia compensar algumas das coisas que fizera se apanhasse terroristas. Por isso tornei-me especialista em contraterrorismo. Parece simplista quando se traduz em palavras... mas a verdade é que tenho sido bem-sucedido. A agência não gosta de mim porque às vezes recuso uma missão, como na ocasião em que mataram o Presidente do Chile, e os agentes não devem recusar missões, mas fui responsável pela captura de gente muito má, e orgulho-me disso.

Chantal dormia e Jane ajeitou-a na caixa que era o seu berço.

— Creio que devo dizer que... que parece que te julguei mal — confessou ela.

Ellis sorriu.

— Graças a Deus que pensas isso.

Por um momento, Jane foi dominada pela nostalgia, ao pensar no tempo — fora há apenas ano e meio? — em que ela e Ellis tinham sido felizes e nada *daquilo* acontecera: não havia CIA, Jean-Pierre ou Afeganistão.

— Não se pode apagar nada, pois não? — murmurou ela. — Tudo o que aconteceu... as tuas mentiras, a minha fúria...

— Não.



Ele estava sentado no banco, a fitá-la de pé à sua frente, estudando-a atentamente. Estendeu os braços, hesitou, depois pousou as mãos nas ancas de Jane, num gesto que podia ser de afeição fraternal ou algo mais. Foi então que Chantal interveio: — Mumumummmm...

Jane virou-se e olhou para ela, Ellis baixou as mãos. Chantal estava acordada, a agitar pernas e braços no ar. Jane pegou-lhe e ela arrotou de imediato.

Jane virou-se para Ellis. Ele cruzara os braços no peito e observava-a, sorrindo. De repente, ela não quis que Ellis se fosse embora.

— Porque não jantas comigo? — convidou num impulso. — Mas só tenho pão e leite coalhado.

— Está bem.

Jane estendeu-lhe Chantal.

— Deixa-me ir dizer à Fara.

Ellis pegou na criança, e ela saiu para o pátio. Fara estava a aquecer água para o banho de Chantal. Jane verificou a temperatura com o cotovelo e constatou que estava no ponto.

— Arranja pão para duas pessoas, por favor — disse ela, em dari.

Os olhos de Fara arregalaram-se, e Jane compreendeu que era chocante uma mulher sozinha convidar um homem para jantar. Que se lixasse isso tudo, pensou. Pegou na panela com a água quente e voltou a entrar.

Ellis estava sentado na almofada grande, sob o candeeiro a óleo, com Chantal nos joelhos, entoando em voz baixa uma canção de embalar. As suas mãos grandes e peludas envolviam o corpinho rosado de Chantal. Ela fitava-o, gorgolejando feliz, e agitando os pés gordos. Jane parou à porta, hipnotizada pela cena, e um pensamento espontâneo aflorou-lhe à mente: Ellis devia ter sido o pai de Chantal.

*Isso é verdade?*, perguntou a si mesma, enquanto os contemplava. *É o que realmente desejo?* Ellis terminou a canção, olhou para ela e sorriu, algo atrapalhado. Jane pensou: *É, sim.*

Subiram a encosta da montanha à meia-noite, Jane à frente, Ellis seguindo-a com o saco-cama debaixo do braço. Havia dado banho a Chantal, comido o parco jantar de pão e leite coalhado, dado de mamar à bebé e tinham-na instalado no terraço, onde estava agora profundamente adormecida ao lado de Fara, que a protegeria com a própria vida. Ellis quisera tirar Jane da casa em que ela fora a mulher de outro homem e Jane sentira a mesma coisa.

— Conheço um sítio para onde podemos ir — dissera ela.

Naquele momento, deixou o trilho e levou Ellis pelo terreno íngreme e pedregoso até ao seu refúgio, a saliência rochosa onde tomara banhos de sol nua e untara a barriga antes de Chantal nascer. Encontrou o lugar facilmente ao luar. Olhou para a aldeia lá em baixo, onde as brasas das fogueiras ainda ardiam nos pátios e alguns candeeiros brilhavam nas janelas sem vidro. Conseguia divisar os contornos da sua casa. Dentro de poucas horas, assim que o dia começasse a raiar, veria os vultos adormecidos de Chantal e Fara no terraço. E ficaria contente: era a primeira vez que se afastava de Chantal à noite.

Virou-se. Ellis abrira o saco-cama e estendia-o no chão, como uma manta. Jane sentia-se constrangida e apreensiva. Já desaparecera o impulso de afeto e desejo que a dominara em casa, quando o vira a entoar uma cantiga de embalar à filha. Todos os seus antigos sentimentos haviam voltado nesse instante: a vontade de lhe tocar, o seu amor pela forma como ele sorria quando se sentia inibido, a necessidade de sentir aquelas mãos grandes na sua pele, o desejo obsessivo de o ver nu. Ela perdera o interesse pelo sexo poucas semanas antes do nascimento de Chantal e não tornara a senti-lo até àquele momento. Mas a vontade diminuía, aos poucos, nas horas subsequentes, enquanto tratavam de tudo para ficarem sozinhos, como um casal de adolescentes a tentar escapar dos pais para um encontro clandestino.

— Vem sentar-te aqui — murmurou Ellis.

Jane sentou-se ao seu lado, no saco-cama. Ficaram a olhar para a aldeia quase mergulhada na escuridão. Não se tocaram. Houve um momento de silêncio tenso.

— Nenhuma outra pessoa esteve aqui em cima — observou Jane, só para dizer alguma coisa.

— Para que usavas este sítio?

— Para me deitar ao sol, sem pensar em nada — respondeu, e a seguir pensou, *Oh, que se lixe*, e acrescentou: — Não, isso não é verdade. Costumava masturbar-me.

Ellis riu-se e envolveu-a com um braço.

— Ainda bem que não aprendeste a medir as palavras.

Jane virou o rosto na direção dele. Ellis beijou-a na boca, ao de leve. *Ele gosta de mim por causa dos meus defeitos*, pensou ela. *A falta de tato, o temperamento explosivo, os meus palavrões, a determinação e obstinação.*

— Não queres mudar-me — murmurou ela.

— Oh, Jane, como tive saudades tuas... — Ele fechou os olhos, e continuou num murmúrio: — Na maior parte do tempo nem percebia que tinha saudades tuas.

Deitou-se de costas, puxando-a, e Jane ficou deitada em cima dele. Beijou-o no rosto, ao de leve. A sensação de constrangimento dissipava-se depressa. Jane pensou: *Ele não tinha barba da última vez que o beijei.* Sentiu as mãos de Ellis mexerem-se, a desabotoarem a sua blusa. Não usava sutiã — não tinha nenhum que lhe servisse — e os seus seios pareceram demasiado expostos. Enfiou a mão dentro da camisa de Ellis, tocando nos pelos compridos em torno do mamilo. Quase se esquecera de como eram os homens. Havia meses que a sua vida estava ocupada pelas vozes suaves e os rostos lisos de mulheres e crianças: agora, subitamente, queria sentir uma pele áspera, coxas duras, faces com barba. Entrelaçou os dedos na barba dele e abriu-lhe a boca com a ponta da língua. As mãos de Ellis encontraram os seus seios intumescidos e ela experimentou uma onda de prazer... e compreendeu então o que iria acontecer, mas não teve forças para o impedir. Embora se tenha afastado bruscamente, o leite quente esguichou dos mamilos sobre as mãos de Ellis. Jane corou de vergonha.

— Meu Deus, sinto muito, que nojento... não posso evitar... — balbuciou.

Ellis silenciou-a, encostando um dedo aos seus lábios.

— Está tudo bem — murmurou ele, acariciando-lhe os seios, que se tornaram escorregadios. — É normal. Acontece sempre. E é sensual.

*Não pode ser sensual,* pensou Jane. Mas ele mudou de posição e aproximou o rosto, começando a beijar-lhe os seios e a afagá-los ao mesmo tempo. Aos poucos, Jane descontraíu-se e começou a apreciar a sensação. Experimentou outra pontada de prazer quando os seios tornaram a verter leite, mas desta vez não se importou. Ellis murmurou «Aaah...» e a superfície áspera da sua língua tocou num mamilo sensível. Jane pensou: *Se ele mamar, vou ter um orgasmo.*

Foi como se Ellis lesse os seus pensamentos. Fechou os lábios em torno de um mamilo comprido, puxou-o para dentro da boca e chupou, enquanto segurava o outro entre o indicador e o polegar, apertando gentilmente, ao mesmo ritmo. Impotente, Jane entregou-se à sensação; enquanto os seios esguichavam leite, um na sua mão, outro na boca, a sensação era tão

intensa que ela estremeceu incontrolavelmente e gemeu «meu Deus, meu Deus, meu Deus...», até se desvanecer e desabar para cima dele.

Durante algum tempo, não houve nada na sua mente além do que conseguia sentir: o sopro quente de Ellis nos seus seios molhados, a barba a arranhar a sua pele, o ar frio da noite nas suas faces quentes, o saco-cama de *nylon* e o chão duro por baixo.

— Estou a sufocar — disse Ellis com a voz abafada.

Jane saiu de cima dele.

— Somos esquisitos?

— Somos.

Ela riu-se.

— Já tinhas feito isto antes?

Ellis hesitou por um instante.

— Já.

— Como... — Jane ainda se sentia um pouco embaraçada. — Qual é o gosto?

— Quente e doce, como o leite enlatado. Vieste-te?

— Não reparaste?

— Não tive a certeza. Às vezes é difícil saber com as mulheres.

Jane beijou-o.

— Sim. Foi um orgasmo pequeno, mas intenso. Um orgasmo peitoral!

— Eu quase me vim.

— A sério?

Passou a mão pelo corpo de Ellis. Ele usava as calças e a camisa de algodão fino que parecia um pijama, o traje comum dos afegãos. Jane sentia as suas costelas e o osso da anca: Ellis perdera a camada de gordura que todos os ocidentais tinham, a não ser os mais magros. A mão encontrou o pénis, ereto, dentro das calças.

— Aaaah — fez ela, agarrando-o. — Sabe bem.

— Também deste lado.

Queria proporcionar-lhe tanto prazer como ele lhe dera. Sentou-se, desamarrou o cordão das calças, puxou-lhe o pénis para fora. Afagando-o gentilmente, inclinou-se e beijou a ponta. A malícia dominou-a.

— Quantas mulheres tiveste desde que nos separámos?

— Continua a fazer isso e eu digo-te.

— Está bem. — Jane recomeçou a acariciá-lo e a beijá-lo. Ele manteve-se em silêncio. Depois de um minuto, ela insistiu: — Muito bem, quantas?

— Espera um pouco, ainda estou a contar.

— Estupor! — exclamou ela, dando-lhe uma dentadinha.

— Ai! Não foram muitas... juro!

— O que fazes quando não tens uma mulher?

— Podes dar três palpites.

Ela não estava disposta a desistir.

— Fazes com a mão?

— Ora bolas, assim fico envergonhado!

— Fazes, sim! — exclamou Jane, triunfante. — No que pensas quando está a fazê-lo?

— Acreditarias se dissesse que é na princesa Diana?

— Não.

— Agora estou *mesmo* envergonhado.

— Tens de me contar a verdade — pediu Jane muito curiosa.

— Na Pam Ewing.

— Quem é ela?

— Estás realmente fora do mundo. É a mulher do Bobby Ewing, no *Dallas*.

Jane lembrou-se da série de televisão e da atriz, e ficou espantada.

— Não estás a falar a sério.

— Pediste a verdade.

— Mas ela é toda de plástico!

— Estamos a falar de uma *fantasia*.

— Não podes fantasiar com uma mulher liberada?

— Não há lugar para política nas fantasias.

— Estou chocada. — Jane hesitou. — Como fazes?

— O quê?

— O que fazes. Com a mão.

— Mais ou menos o que estás a fazer agora, só que com mais força.

— Mostra-me como é.

— Agora não estou apenas envergonhado, mas também mortificado.

— Mostra-me, por favor. Sempre quis ver um homem fazer isso. Nunca tive coragem para pedir... e se recusares, talvez eu nunca saiba.

Pegou na mão de Ellis e pô-la onde estivera a sua.

Ao fim de um momento, ele começou a mover a mão, devagar. Fez vários movimentos, sem muito entusiasmo, depois suspirou, fechou os olhos, e começou a acariciar-se a sério.

— És tão bruto! — exclamou Jane.

Ele parou.

— Não consigo fazer isto... a menos que tu também faças.

— Combinado — disse ela, ansiosamente.

Jane baixou apressadamente as calças e as cuecas. Ajoelhou-se ao lado de Ellis e começou a acariciar-se.

— Aproxima-te — murmurou ele, a voz um pouco rouca. — Não consigo ver-te.

Ellis estava deitado de costas. Jane avançou de joelhos, até ficar ao lado da sua cabeça, o luar a tingir de prata os seus mamilos e pelos púbicos. Ele recomeçou a masturbar-se, desta vez mais depressa, olhando atentamente para a mão de Jane, como se estivesse hipnotizado, enquanto ela se acariciava.

— Oh, Jane...

Ela começou a sentir as familiares ondas de prazer irradiarem das pontas dos seus dedos. Viu as ancas de Ellis começarem a subir e descer, ao ritmo da mão.

— Quero que te venhas. Quero ver isso a sair.

Parte de Jane estava chocada com o seu comportamento, mas essa parte foi sufocada pela excitação e o desejo.

Ellis gemeu. Ela fitou o seu rosto. Tinha a boca aberta, a respiração acelerada, os olhos fixos na sua vagina. Ela afagou os lábios com o dedo médio.

— Enfia o dedo — balbuciou ele. — Quero ver o teu dedo entrar.

Era uma coisa que Jane não fazia normalmente, mas enfiou a ponta do dedo. O seu canal era liso, escorregadio. Enfiou-o todo. Ellis ofegou; e como ele estava tão excitado com o que ela fazia, Jane também ficou, ainda mais. Olhou para o pénis. As ancas de Ellis movimentaram-se mais depressa enquanto ele se acariciava. Jane meteu e tirou o dedo na vagina com crescente prazer. Subitamente, ele arqueou as costas, levantando as ancas no ar e gemendo, lançando um jato de sémen branco. Sem querer, Jane gritou «Meu Deus!», enquanto olhava, fascinada, para o pequeno orifício na ponta do pénis, de onde saiu outro jato, um terceiro e um quarto, brilhando ao luar, caindo no peito de Ellis, no braço e nos cabelos de Jane; depois, quando ele desabou, Jane foi sacudida por espasmos de prazer, provocados pelo seu dedo em rápido movimento, até que tombou também, exausta.

Estendeu-se ao lado de Ellis, sobre o saco-cama, a cabeça na coxa dele. O membro ainda estava duro. Jane inclinou-se e beijou-o. Sentiu um vestígio de sémen salgado na ponta, e sentiu o rosto de Ellis aninhar-se entre as suas coxas em resposta.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo. Os únicos sons eram os das suas respirações e do rio a correr no outro lado do vale. Jane olhou para as estrelas. Cintilavam intensamente, não havia nuvens. O ar noturno estava a arrefecer. *Daqui a nada temos de nos enfiar no saco-cama*, pensou ela. Estava desejosa de adormecer junto de Ellis.

— Somos estranhos? — perguntou ele.

— Sim, somos.

O pénis caíra para o lado, estendido sobre a barriga. Ela passou as pontas dos dedos sobre os pelos vermelho-dourados. Quase se esquecera de como era fazer amor com Ellis. Era tão diferente de Jean-Pierre. Jean-Pierre gostava de muitos preparativos: óleos de banho, perfume, luz de velas, vinho, violinos. Era um amante meticoloso. Gostava que ela se lavasse antes de fazer amor e ia sempre à casa de banho depois, assim que acabava. Nunca lhe tocara durante a menstruação, e certamente não lhe chuparia os seios nem engoliria o leite, como Ellis fizera. Ellis faria *qualquer coisa*, pensou Jane, e quanto menos higiénica, melhor. Ela sorriu no escuro. Ocorreu-lhe que nunca se convencera de que Jean-Pierre gostava de facto do sexo oral, por melhor que fosse o desempenho dele. Com Ellis, não havia a menor dúvida.

O pensamento deixou-a com vontade. Abriu as coxas, convidativa. Sentiu que Ellis a beijava, os seus lábios a roçar os pelos púbicos, a língua a começar a sondar lascivamente as dobras dos lábios vaginais. Depois de um momento, ele deitou-a de costas, ajoelhou-se entre as suas coxas, levantou-lhe as pernas por cima dos seus ombros. Ela sentiu-se totalmente nua, completamente aberta e vulnerável, mas extremamente amada. A língua de Ellis deslocou-se numa curva longa e lenta, começando na base da coluna — *Oh, Deus*, pensou Jane, *já me lembro de como ele faz isto!* —, lambendo o sulco entre as nádegas, fazendo uma pausa para penetrar fundo na vagina e depois subindo para provocar a pele sensível dos lábios vaginais e do clítoris. Depois de sete ou oito lambidelas longas, Jane susteve a cabeça dele sobre o clítoris, obrigando-o a concentrar-se nisso. Começou a levantar e a baixar as ancas, dizendo através da pressão dos seus dedos nas têmporas de Ellis se ele devia lamber com mais vigor ou

mais suavemente, mais acima ou mais abaixo, à esquerda ou à direita. Sentiu a mão de Ellis na sua vagina, entrando no interior húmido, e adivinhou o que ele ia fazer: um momento depois ele retirou a mão e em seguida enfiou devagar um dedo molhado no seu ânus. Jane lembrou-se de como ficara chocada da primeira vez que ele fizera aquilo e como em breve aprendera a gostar. Jean-Pierre nunca faria uma coisa daquelas. Enquanto os músculos do seu corpo começavam a contrair-se para o orgasmo, ocorreu-lhe que sentira mais saudades de Ellis do que alguma vez admitira; o motivo de ter continuado furiosa com ele tanto tempo fora amá-lo e continuar ainda a amá-lo. Ao reconhecer isso, um terrível peso saiu da sua mente e começou a vir-se, tremendo como uma árvore num vendaval. Ellis, sabendo do que ela gostava, enfiou a língua o mais fundo possível, enquanto Jane esfregava o seu sexo no rosto dele.

Parecia que se prolongaria por toda a eternidade. De cada vez que as sensações abrandavam, ele enfiava o dedo ainda mais fundo no seu ânus, lambia o clítoris ou mordia os lábios vaginais, fazendo tudo recomeçar; finalmente, por pura exaustão, Jane suplicou: — Para, para, já não tenho forças, vais matar-me...

Ellis levantou o rosto e baixou as pernas de Jane.

Ele inclinou-se, apoiado nas mãos, e beijou-a na boca. Tinha cheiro a vagina na barba. Jane permaneceu deitada de costas, demasiado cansada para abrir os olhos, demasiado cansada até para retribuir o beijo. Sentiu a mão de Ellis no seu sexo, a abri-lo, e depois o pénis a entrar, e pensou: *Ele ficou duro outra vez muito depressa*. E um momento depois: *Oh, Deus, já há tanto tempo e é tão bom!*

Ele começou a mexer-se, para dentro e para fora, devagar a princípio, depois mais depressa. Jane abriu os olhos. O rosto de Ellis estava por cima do seu, contemplando-a.

Ele dobrou o pescoço e olhou para o lugar em que os corpos se encontravam. Arregalou os olhos, abriu a boca, enquanto observava o membro a entrar e a sair da vagina. A cena inflamou-o tanto que Jane desejou também poder ver. De repente, ele abrandou o ritmo e penetrou-a mais fundo. Jane lembrou-se de que ele fazia sempre aquilo antes do orgasmo. Ellis fitou-a nos olhos.

— Beija-me enquanto me venho — pediu.

Baixou os lábios a cheirar a sexo até aos dela. Jane enfiou a língua na sua boca. Adorava quando ele se vinha. Ellis arqueou as costas e levantou



a cabeça, soltando um grito animal, e ela sentiu o sémen a inundá-la.

Quando acabou, ele baixou a cabeça para o ombro de Jane, roçando os lábios gentilmente sobre a pele macia do seu pescoço e sussurrando palavras que ela não conseguiu perceber. Depois de um ou dois minutos, ele deixou escapar um suspiro profundo de satisfação, beijou-a na boca, depois ajoelhou-se e beijou-lhe os seios. E finalmente beijou a vagina. O corpo de Jane reagiu de imediato, as ancas a erguerem-se para se empurrar contra os lábios dele. Sabendo que ela estava a ficar de novo excitada, Ellis começou a lambê-la; e, como sempre, a ideia dele a lambar o seu sexo, enquanto o sémen ainda escorria dela, levou-a quase à loucura. Veio-se imediatamente, gritando o nome dele, até que o espasmo acabou.

Ellis tombou ao seu lado. Automaticamente, os dois assumiram a posição em que ficavam sempre depois de fazer amor: o braço de Ellis a envolvê-la, a cabeça de Jane a repousar no seu ombro, a coxa estendida por cima das ancas dele. Ellis bocejou, ela riu-se. Tocaram-se, letárgicos, Jane estendendo a mão para brincar com o pénis inerte, Ellis a enfiar os dedos na vagina encharcada. Ela lambeu-lhe o peito, sentiu o suor salgado na pele. Olhou para o seu pescoço. A lua realçava as linhas e sulcos, traíndo a sua idade. *Ele é dez anos mais velho do que eu*, pensou Jane. *Talvez seja por isso que é tão bom na cama, porque é mais velho.*

— Porque és tão bom na cama? — perguntou ela, em voz alta. Ellis não respondeu; estava a dormir. Ela acrescentou, um instante antes de fechar os olhos: — Amo-te, meu querido. Dorme bem.

Depois de um ano no vale, Jean-Pierre achou a cidade de Cabul desconcertante e assustadora. Os prédios eram enormes, os carros andavam muito depressa, havia demasiada gente. Tinha de tapar os ouvidos quando os imensos tanques russos passavam em caravana, ruidosamente. Tudo o agredia com o choque da novidade: prédios de apartamentos, alunas de uniforme, candeeiros na rua, elevadores, toalhas de mesa, o sabor do vinho. Ao fim de vinte e quatro horas, continuava nervoso. O que era irónico: ele, um parisiense!

Tinham-lhe destinado um quarto no alojamento dos oficiais solteiros. Prometeram-lhe que teria um apartamento assim que Jane chegasse com Chantal. Enquanto isso, ele tinha a impressão de que estava a viver num hotel barato. O prédio provavelmente fora um hotel antes da chegada dos russos. Se Jane viesse agora — devia chegar a qualquer momento —, os três teriam de se acomodar ali da melhor forma possível durante o resto da

noite. *Não posso queixar-me*, pensou Jean-Pierre, *não sou um herói... ainda.*

Parou junto à janela, a contemplar Cabul à noite. Durante duas horas, toda a cidade estivera sem energia, presumivelmente pela ação dos equivalentes urbanos de Masud e seus guerrilheiros, mas poucos minutos depois a luz voltara e havia uma ténue claridade sobre o centro da cidade, que tinha iluminação nas ruas. Os únicos sons eram o rugido dos motores, enquanto carros, camiões e tanques do exército russo atravessavam a cidade, seguindo apressados para os seus misteriosos destinos. O que havia de tão urgente, à meia-noite, em Cabul? Jean-Pierre fizera o serviço militar e refletiu que, se o exército russo fosse parecido com o francês, a missão a ser realizada a meio da noite, em ritmo acelerado, devia ser algo como levar quinhentas cadeiras de um quartel para um salão no outro lado da cidade, em preparação de um concerto que aconteceria dentro de duas semanas e provavelmente acabaria por ser cancelado.

Não conseguia sentir o cheiro do ar noturno porque a janela estava fechada e pregada. A porta não estava trancada, mas havia um sargento russo com uma pistola no fundo do corredor, perto da casa de banho, sentado numa cadeira de costas direitas, o rosto impassível. Jean-Pierre tinha a impressão de que o sargento o impediria se tentasse sair.

Onde estava Jane? O ataque a Darg devia ter acabado ao cair da noite. Um helicóptero levaria poucos minutos a ir de Darg a Banda, buscar Jane e Chantal. Podia seguir de Banda para Cabul em menos de uma hora. Mas talvez a força de ataque tivesse voltado a Bagram, a base aérea perto da entrada do vale. Nesse caso, Jane seguiria para Cabul pela estrada, sem dúvida acompanhada por Anatoly.

Ela ficaria tão contente por ver o marido que lhe perdoaria a traição, compreenderia o seu ponto de vista a respeito de Masud, e esqueceria o passado, pensou Jean-Pierre. Por um momento, perguntou-se se isso não seria apenas uma expressão dos seus desejos. Concluiu que não; conhecia Jane muito bem e ela estava basicamente sob o seu controlo.

Além disso, *saberia* de tudo. Apenas umas poucas pessoas partilhariam o segredo e compreenderiam a grandeza do que ele fizera: ele estava contente por Jane ir ser uma delas.

Jean-Pierre esperava que Masud tivesse sido capturado, e não morto. Se fosse capturado, os russos poderiam levá-lo a julgamento, para que todos os rebeldes soubessem sem qualquer sombra de dúvida que o seu líder

estava liquidado. A morte era quase tão boa, desde que os russos se tivessem apoderado do corpo. Se não houvesse corpo ou apenas um cadáver irreconhecível, os propagandistas dos rebeldes em Peshawar alegariam que Masud ainda estava vivo. Claro que acabaria por ficar patente que ele morreria, mas o impacto seria um pouco atenuado. Jean-Pierre esperava que os russos tivessem o corpo.

Ouviu passos no corredor. Seria Anatoly ou Jane... ou talvez os dois? Os passos pareciam masculinos. Abriu a porta e deparou com dois enormes soldados russos e um terceiro, pequeno, num uniforme de oficial. Certamente vinham buscá-lo para o levar ao lugar onde se encontravam Jane e Anatoly. Ficou desapontado. Olhou com ar de interrogação para o oficial, que fez um gesto com a mão. Os dois soldados entraram pela sua porta, bruscamente. Jean-Pierre recuou um passo, um protesto a aflorar os lábios, mas antes que pudesse falar, um dos soldados agarrou-o pela camisa e desferiu nele um soco com o punho enorme.

Jean-Pierre deixou escapar um uivo de dor e medo. O outro soldado deu-lhe um pontapé na virilha. A dor foi insuportável, e Jean-Pierre caiu de joelhos, sabendo que chegara o momento mais terrível da sua vida.

Os dois soldados levantaram-no, cada um segurando um braço, e o oficial entrou no quarto. Pela cortina de lágrimas, Jean-Pierre viu um homem ainda jovem, baixo e corpulento, com uma deformidade que fazia um lado do rosto parecer avermelhado e inchado, o que lhe emprestava uma aparência de escárnio permanente. A sua mão enluvada empunhava uma moca.

Durante os cinco minutos seguintes, os dois soldados seguraram o corpo de Jean-Pierre, a contorcer-se e a tremer, enquanto o oficial lhe batia com a moca de madeira, repetidamente, no rosto, ombros, joelhos, canelas, barriga e virilhas... sempre a acabar nas virilhas. Cada golpe era desferido com cuidado, havia sempre uma pausa entre um e outro, a fim de que a agonia do anterior pudesse desvanecer-se o suficiente para permitir a Jean-Pierre temer o seguinte, um segundo antes de ser aplicado. Cada golpe fazia-o gritar de dor, cada pausa fazia-o gritar na expectativa do próximo. Houve finalmente uma pausa mais prolongada, e Jean-Pierre pôs-se a balbuciar, sem saber se o entendiam: — Por favor, não me bata mais, por favor, não me bata de novo, faço qualquer coisa, tudo o que quiser, por favor, não me bata mais, não me bata...

— Já chega! — disse uma voz em francês.

Jean-Pierre abriu os olhos e tentou ver, através do sangue que lhe escorria pelo rosto, o salvador que dissera «Já chega». Era Anatoly.

Os dois soldados deixaram Jean-Pierre deslizar para o chão, lentamente. Ele tinha a sensação de que o corpo estava em fogo. Cada movimento era uma agonia. Cada osso parecia partido, os testículos esmagados, o rosto completamente inchado. Abriu a boca e o sangue escorreu. Engoliu e depois balbuciou, pelos lábios rebentados: — Porque... porque fizeram isto?

— Você sabe porquê — respondeu Anatoly.

Jean-Pierre abanou a cabeça, devagar, e tentou evitar mergulhar na loucura total.

— Arrisquei a minha vida por vocês... dei tudo... Porquê?

— Preparou-nos uma armadilha — explicou Anatoly. — Oitenta e um homens morreram hoje por sua causa.

*O ataque deve ter fracassado, pensou Jean-Pierre, e estão a culpar-me por isso.*

— Não... eu não...

— Você esperava estar a muitos quilómetros de distância quando caíssemos na armadilha — continuou Anatoly. — Mas eu surpreendi-o, obrigando-o a entrar no helicóptero e a acompanhar-me. Agora está aqui para receber a sua punição... que será bastante dolorosa e muito prolongada.

Virou-se para sair.

— Não! — balbuciou Jean-Pierre. — Espere!

Anatoly voltou atrás.

Jean-Pierre fez um tremendo esforço para pensar, apesar da dor.

— Vim até aqui... arrisquei a vida... dei informações sobre as caravanas... vocês atacaram as caravanas... os danos que causaram foram muito maiores do que a perda de oitenta homens... não é lógico... não é lógico. — Recorreu a todas as suas forças para pronunciar uma frase coerente. — Se eu tivesse conhecimento de alguma armadilha, podia tê-lo avisado ontem e suplicado a sua compaixão.

— Então como souberam que atacaríamos a aldeia? — indagou Anatoly.

— Devem ter adivinhado...

— Como?

Jean-Pierre vasculhou o cérebro atordoadado.

— Skabun foi bombardeada?

— Acho que não.

Então fora isso, compreendeu Jean-Pierre; alguém descobrira que não houvera bombardeamentos em Skabun.

— Deviam tê-la bombardeado — murmurou ele.

Anatoly assumiu uma expressão pensativa.

— Alguém por lá é muito bom a estabelecer ligações.

*Foi a Jane*, pensou Jean-Pierre, odiando-a por um segundo.

— O Ellis Thaler possui algum sinal característico? — perguntou o russo.

Jean-Pierre sentia que estava prestes a desmaiar, mas tinha medo de que tornassem a espancá-lo.

— Tem, sim — murmurou ele desesperado. — Uma cicatriz grande nas costas, em forma de cruz.

— Então é ele! — disse Anatoly, num quase sussurro.

— Quem?

— John Michael Raleigh, trinta e quatro anos, nascido em Nova Jérnia, filho mais velho de um empreiteiro. Deixou a Universidade da Califórnia em Berkeley e tornou-se capitão dos fuzileiros americanos. É agente da CIA desde setenta e dois. Estado civil: divorciado uma vez, com uma filha, o paradeiro da família é um segredo muito bem guardado. — Acenou com a mão, como que a descartar esses pormenores. — Não resta a menor dúvida de que foi ele quem nos preparou a armadilha em Darg hoje. É brilhante e muito perigoso. Se eu pudesse escolher entre todos os agentes das nações imperialistas ocidentais, escolhia-o a ele. Nos últimos dez anos, causou-nos danos irreparáveis em pelo menos três ocasiões. No ano passado, em Paris, destruiu uma rede que exigira sete ou oito anos de trabalho paciente a ser criada. Um ano antes descobriu um agente que infiltráramos no Serviço Secreto americano em sessenta e cinco... um homem que poderia um dia assassinar um Presidente dos Estados Unidos. Agora... agora está aqui.

Jean-Pierre, ajoelhado no chão, os braços a enlaçar o corpo espancado, deixou a cabeça pender para a frente e fechou os olhos, em desespero: estivera sempre muito além da sua capacidade, a enfrentar alegremente os grandes mestres daquele jogo brutal, uma criança desprotegida no covil dos leões.

Acalentara as maiores esperanças. Trabalhando sozinho, desferiria um golpe de que a resistência afegã nunca mais recuperaria. Mudaria o curso

da história naquela parte do mundo. Vingar-se-ia dos presunçosos líderes do Ocidente, enganaria e assustaria o sistema que traíra e matara o pai. Em vez de conquistar o triunfo, no entanto, fora derrotado. Tudo lhe fora arrebatado no último momento... por Ellis. Ouviu a voz de Anatoly, como um murmúrio em fundo: — Podemos ter a certeza de que ele conseguiu o que queria com os rebeldes. Não conhecemos os pormenores, mas as linhas gerais são suficientes: um pacto de união entre os líderes dos bandidos, em troca de armas americanas. Esse tipo de coisa pode manter a rebelião por muitos mais anos. Temos de a impedir antes que comece.

Jean-Pierre abriu os olhos e levantou a cabeça.

— Como?

— Temos de capturar esse homem antes que ele possa voltar aos Estados Unidos. Assim ninguém saberá que ele conseguiu o acordo, os rebeldes não receberão as armas, e todo o plano fracassará.

Jean-Pierre ouvia-o fascinado, apesar da dor. Seria possível que ainda houvesse uma possibilidade de se vingar?

— A captura desse homem quase compensaria a perda de Masud — continuou Anatoly, fazendo o coração de Jean-Pierre bater mais depressa, com nova esperança. — Não liquidaríamos apenas o agente mais perigoso do Ocidente. Pense um pouco: um genuíno homem da CIA capturado aqui no Afeganistão... Há três anos que a máquina de propaganda americana anda a dizer que os bandidos afegãos são guerrilheiros a lutar pela liberdade, travando uma heroica luta de David e Golias contra o poderio da União Soviética. Agora temos a *prova* do que dizíamos desde o início... que Masud e os outros não passam de lacaios do imperialismo americano. Podemos levar Ellis a julgamento...

— Mas os jornais ocidentais negariam tudo — interveio Jean-Pierre. — A imprensa capitalista...

— Quem está preocupado com o Ocidente? O que nos interessa são os países não alinhados, os hesitantes do Terceiro Mundo, as nações muçulmanas em particular.

Era *mesmo* possível, concluiu Jean-Pierre, transformar a situação em triunfo; e ainda seria um triunfo pessoal, porque fora ele quem alertara os russos para a presença de um agente da CIA no vale dos Cinco Leões.

— Onde podemos encontrar Ellis esta noite? — perguntou Anatoly.

— Ele desloca-se com o Masud — respondeu Jean-Pierre.

Era mais fácil falar em capturar Ellis do que fazê-lo: Jean-Pierre levava um ano a conseguir estabelecer previamente o paradeiro de Masud.

— Não há motivo para que Ellis continue a acompanhar Masud — comentou Anatoly. — Ele tinha uma base?

— Tinha... estava hospedado na casa de uma família em Banda, teoricamente, mas raramente se encontrava lá.

— Mesmo assim, é o lugar óbvio para iniciar a busca.

*Sim, claro*, pensou Jean-Pierre. *Se o Ellis não está em Banda, alguém pode saber onde se encontra... Alguém como a Jane.* Se Anatoly fosse a Banda à procura de Ellis, pode também encontrar Jane. A dor de Jean-Pierre parecia atenuar-se à medida que compreendia que poderia vingar-se do sistema, capturar Ellis, o homem que o privara do seu triunfo, e ainda recuperar Jane e Chantal.

— Irei consigo a Banda? — perguntou.

Anatoly pensou por um momento.

— Acho que sim. Conhece a aldeia e os seus habitantes... pode ser útil tê-lo ali.

Jean-Pierre fez um esforço enorme para se levantar, rangendo os dentes contra a agonia nas virilhas.

— Quando partimos?

— Agora — respondeu Anatoly.

## CAPÍTULO 14

Ellis tinha pressa para ir apanhar o comboio e entrou em pânico, mesmo sabendo que estava a sonhar. Primeiro, não conseguiu estacionar o carro — conduzia o *Honda* de Gill —, depois não foi capaz de encontrar a bilheteira. Resolvendo embarcar no comboio sem bilhete, deu por si a abrir caminho por uma multidão compacta no vasto átrio da Grand Central Station. Nesse momento, lembrou-se de que já tivera aquele sonho antes, várias vezes, até recentemente; e nunca apanhava o comboio. O sonho deixava-o sempre com a impressão insuportável de que toda felicidade passara por ele, em caráter permanente, e agora estava apavorado com a perspectiva de a mesma coisa tornar a acontecer. Empurrou as pessoas na multidão com crescente violência e finalmente chegou à plataforma. Fora ali que parara, nas vezes anteriores, a ver a última carruagem do comboio desaparecer ao longe. Naquele dia, no entanto, o comboio ainda estava na estação. Correu pela plataforma e embarcou, no exato instante em que o comboio começava a andar.

Ficou tão satisfeito por apanhar o comboio que se sentiu quase inebriado. Foi ocupar o seu lugar na primeira classe e não lhe pareceu nada estranho que fosse num saco-cama, com Jane. Do outro lado das janelas, o dia nascia sobre o vale dos Cinco Leões.

Não houve uma divisão brusca entre o sono e a vigília. O comboio foi-se desvanecendo aos poucos, até que só restaram o saco-cama, o vale, Jane e a sensação de prazer. Em algum momento, durante a curta noite, tinham fechado o saco e agora estavam quase colados, mal podendo mexer-se. Ele podia sentir a respiração quente de Jane no seu pescoço, os seios intumescidos contra as suas costelas. Os ossos de Jane espetavam-se nele, a anca e o joelho, o cotovelo e o pé, mas ele gostava. Lembrou-se de que dormiam sempre colados. Quando menos não fosse porque a cama antiga no apartamento de Jane em Paris era demasiado pequena para que ficassem de outra maneira. A sua cama fora bem maior, mas mesmo assim tinham dormido muito juntos nela. Jane alegara sempre que ele a possuía durante a noite, mas Ellis nunca se lembrava pela manhã.

Havia muito tempo que não dormia a noite inteira com uma mulher. Tentou recordar-se de quem fora a última e descobriu que fora Jane: as mulheres que levava para o seu apartamento em Washington nunca tinham ficado para o pequeno-almoço.



Jane fora a última e a única pessoa com quem fizera um sexo tão desinibido. Reviu mentalmente as coisas que tinham feito na noite anterior e começou a ter uma ereção. Parecia não haver limite para o número de vezes em que podia ficar duro com ela. Houvera ocasiões em Paris em que passavam o dia inteiro na cama, levantando-se apenas para ir buscar comida ao frigorífico ou abrir uma garrafa de vinho. Ele vinha-se cinco ou seis vezes, e Jane perdia a conta dos seus orgasmos. Nunca se julgara um atleta sexual, e a experiência subsequente comprovara que não era, a não ser com ela. Jane libertava alguma coisa que ficava aprisionada quando estava com outras mulheres, por medo, culpa ou outro fator. Nenhuma outra jamais lhe fizera aquilo, embora uma mulher chegasse perto: uma vietnamita com quem tivera uma ligação breve e trágica em 1970.

Era evidente agora que nunca deixara de amar Jane. Durante o último ano fizera o seu trabalho, saíra com mulheres, visitara Petal e fora ao supermercado como um ator a representar um papel, fingindo, por uma questão de verosimilhança, que aquele era o seu verdadeiro eu, mas sabendo no fundo que não era verdade. Teria lamentado eternamente a perda de Jane se não tivesse vindo ao Afeganistão.

Parecia-lhe que muitas vezes estivera cego aos factos mais importantes a respeito de si próprio. Não compreendera, em 1968, que queria lutar pelo seu país; não compreendera que não queria casar-se com Gill; no Vietname, não compreendera que era contra a guerra. Cada uma dessas revelações o surpreendera e mudara a sua vida. Enganara-se a si próprio mais de uma vez, mas tal facto não era necessariamente mau: não teria sobrevivido à guerra sem isso, e o que teria feito se nunca tivesse vindo ao Afeganistão, além de dizer a si mesmo que não desejava Jane?

*Será que a tenho agora?*, interrogou-se. Jane não dissera muito, exceto «Amo-te meu querido, dorme bem», no instante em que ele adormecia. Ellis achava que eram as palavras mais maravilhosas que já ouvira.

— Porque sorris?

Ele abriu os olhos e fitou-a.

— Pensei que ainda estavas a dormir.

— Tenho estado a observar-te. Parecias tão feliz.

— Sim.

Ellis respirou fundo o ar fresco da manhã e soergueu-se num cotovelo, para contemplar o vale. Os campos estavam quase sem cor à claridade do amanhecer, e o céu era de um cinzento-pérola. Ia dizer a Jane o que o

deixava tão feliz quando se apercebeu de um zumbido. Inclinou a cabeça para ouvir melhor.

— O que é? — perguntou Jane.

Ellis encostou um dedo nos lábios dela. Um momento depois, Jane também ouviu. Em poucos segundos, o barulho aumentou, até se tornar o som inconfundível de helicópteros a aproximarem-se. Ellis teve uma premente sensação de desastre.

— Merda! — exclamou.

O aparelho surgiu sobre as suas cabeças, saindo de trás da montanha. Pouco depois, estavam todos à vista, três *Hinds* cheios de armamento e um enorme *Hip* a transportar soldados.

— Põe a cabeça para dentro! — ordenou Ellis a Jane. O saco-cama era pardo, mais ou menos da cor do terreno: se ficassem sob ele, poderiam tornar-se invisíveis para quem estivesse lá em cima. Os guerrilheiros usavam a mesma técnica para se esconder de helicópteros e aviões: cobriam-se com as mantas cor de lama, chamadas *pattus*, com que todos andavam.

Jane enfiou-se no saco-cama. Havia uma aba na extremidade aberta para conter uma almofada, embora não houvesse nenhuma de momento. Se levantassem essa aba, cobririam as cabeças. Ellis comprimiu-se contra Jane e virou-se, puxando a aba. Estavam agora praticamente invisíveis.

Ficaram deitados de barriga para baixo, Ellis parcialmente por cima de Jane, a olhar para a aldeia. Os helicópteros pareciam estar a descer.

— Não vão pousar aqui, *com certeza* — comentou Jane.

— Acho que vão... — respondeu Ellis devagar.

Jane começou a levantar-se.

— Tenho de descer...

— Não! — Ellis segurou-a pelos ombros, usando o seu peso para a obrigar a continuar deitada. — Espera... espera mais alguns segundos para vermos o que acontece...

— Mas a Chantal...

— Espera!

Ela desistiu da luta, mas Ellis continuou a segurá-la firmemente. Pessoas sonolentas sentavam-se nos terraços das casas, esfregando os olhos e contemplando aturdidas os enormes aparelhos, que se aproximavam como gigantescos pássaros. Ellis localizou a casa de Jane.

Viu Fara, de pé, a enrolar-se num lençol. Ao seu lado estava o colchão pequeno com Chantal, oculta pela roupa de cama.

Os helicópteros deram uma volta, cautelosos. *Tencionam pousar aqui*, pensou Ellis, *mas estão receosos, depois da emboscada em Darg*.

Os aldeões sentiam-se galvanizados. Alguns saíram a correr de casa, enquanto outros corriam para elas. As crianças e os animais foram reunidos e levados para o interior das casas. Várias pessoas tentaram fugir, mas um dos *Hinds* voou baixo sobre os trilhos que saíam da aldeia e obrigou-as a voltar.

A cena convenceu o comandante russo de que não havia ali uma emboscada. O *Hip* que transportava os soldados e um dos três *Hinds* efetuaram uma descida pouco elegante e pousaram num campo. Segundos depois, os soldados emergiram do *Hip*, saltando da sua enorme barriga como insetos.

— Não aguento! — exclamou Jane. — Tenho de descer agora!

— Ouve! Ela não corre perigo. Não sei o que os russos querem, mas com certeza não são crianças. No entanto, podem andar à *tua* procura.

— Tenho de ir para junto dela...

— Não entres em pânico! — gritou Ellis. — Se estiveres lá em baixo é que ela *correrá* perigo. Se continuares aqui, a tua filha estará segura. Não percebes? Correr para junto dela é a pior coisa que podes fazer neste momento.

— Ellis, não *consigo*...

— *Tens* de conseguir.

— Oh, Deus! — Jane fechou os olhos. — Aperta-me com força.

Ele segurou-a bem pelos ombros.

Os soldados cercaram a pequena aldeia. Apenas uma casa ficou fora da sua rede, a do mulá, a quatrocentos ou quinhentos metros das outras, no trilho que subia pela encosta da montanha. Quando Ellis reparou nisso, viu um homem sair a correr da casa. Estava suficientemente perto para que Ellis pudesse ver a barba pintada de vermelho: era Abdullah. Três crianças de tamanhos diferentes e uma mulher com um bebé também deixaram a casa e subiram a correr no seu encalço.

Os russos viram-no quase de imediato. Ellis e Jane puxaram o saco-cama ainda mais por cima das suas cabeças, enquanto um helicóptero no ar se afastava da aldeia e sobrevoava o trilho. Houve uma rajada de metralhadora e o pó levantou-se numa linha pontilhada aos pés de

Abdullah. Ele estacou abruptamente, tropeçou, parecendo quase cômico, depois virou-se e correu para baixo, acenando com as mãos e gritando para que a família regressasse. Ao aproximarem-se da casa, outra rajada de advertência da metralhadora impediu que entrassem; depois de um momento, toda a família desceu para a aldeia.

Ouviam-se tiros intermitentes acima do barulho dos rotores, mas os soldados pareciam estar a disparar para o ar, a fim de intimidar os aldeões. Entravam nas casas e expulsavam os moradores. O *Hind* que cercara o mulá e a sua família começou a dar voltas pela aldeia, como se procurasse mais extraviados.

— O que vão fazer? — perguntou Jane com a voz trémula.

— Não sei.

— É uma... represália?

— Deus nos livre.

— O que é então?

Ellis sentiu vontade de dizer «Porra, como posso saber?», mas limitou-se a murmurar: — Podem estar a fazer outra tentativa de capturar o Masud.

— Mas ele nunca fica perto do local de uma batalha.

— Os russos podem ter esperança de que ele se tenha tornado descuidado ou indolente; ou então que esteja ferido...

Ellis não tinha a menor ideia do que estava a acontecer, mas temia que fosse um massacre como o de My Lai.

Os aldeões foram conduzidos ao pátio da mesquita pelos soldados, que pareciam tratá-los com rudeza, mas não com brutalidade.

— Fara! — exclamou Jane de repente.

— O que foi?

— O que está ela a fazer?

Ellis localizou o terraço da casa de Jane. Fara estava ajoelhada ao lado do pequeno colchão de Chantal, e Ellis distinguiu uma pequena cabeça rosada. Durante a madrugada, Fara devia ter-lhe dado o biberão, mas embora ela ainda não tivesse fome, o barulho dos helicópteros podia tê-la acordado. Ellis esperava que isso não tivesse acontecido.

Viu Fara colocar uma almofada ao lado da cabeça de Chantal e depois puxar um lençol sobre o rosto da criança.

— Ela está a esconder a Chantal — murmurou Jane. — A almofada suspende o lençol para deixar entrar ar.

— É uma rapariga esperta.

— Quem me dera estar *lá*...

Fara amarrotou o lençol e depois estendeu outro sobre o corpo de Chantal. Deteve-se por um instante, verificando o efeito. À distância, a criança parecia exatamente uma pilha de roupa de cama abandonada à pressa. Aparentemente, Fara ficou satisfeita com a ilusão, pois foi até a beira do terraço e desceu os degraus para o pátio.

— Ela está a deixar a Chantal — balbuciou Jane.

— A tua filha está tão segura quanto possível, atendendo às circunstâncias...

— Eu sei, eu sei!

Levaram Fara para a mesquita com os outros. Foi uma das últimas pessoas a entrar.

— Todos os bebés estão com as mães — disse Jane. — Acho que a Fara devia ter levado a Chantal...

— Não. Espera e verás.

Ellis não podia prever o que ia acontecer, mas se houvesse um massacre, Chantal estaria mais segura onde se encontrava agora.

Quando todos pareciam estar dentro da mesquita, os soldados começaram a revistar a aldeia, disparando para o ar. Não tinham escassez de munições, pensou Ellis. O helicóptero que permanecera no ar voou baixo, analisado os arredores da aldeia, em círculos sempre crescentes, como se procurasse alguma coisa.

Um dos soldados entrou no pátio da casa de Jane. Ellis sentiu-a ficar hirta.

— Vai tudo correr bem — murmurou-lhe ao ouvido.

O soldado desapareceu no interior da casa. Ellis e Jane olharam fixamente para a porta. O soldado saiu poucos segundos depois e subiu a correr a escada externa.

— Que Deus a proteja — sussurrou Jane.

Ele parou no terraço, olhou para a pilha de roupa de cama, observou os terraços próximos, tornou a concentrar a sua atenção no de Jane. O colchão de Fara estava perto do soldado, o de Chantal logo a seguir. Ele tocou no colchão de Fara com a ponta da bota.

Subitamente, virou-se e desceu a escada depressa.

Ellis voltou a respirar e olhou para Jane, que estava muito pálida.

— Eu disse que tudo correria bem — murmurou ele.

Jane começou a tremer.

Ellis voltou a sua atenção para a mesquita. Via apenas uma parte do pátio. Os aldeões pareciam sentados em filas, mas havia algum movimento de um lado para o outro. Tentou adivinhar o que se passava ali. Estariam os russos a interrogar os aldeões sobre Masud e o seu paradeiro? Havia apenas três pessoas lá em baixo que podiam saber, três guerrilheiros que eram de Banda e que não tinham partido com Masud no dia anterior: Shahazai Gul, o homem da cicatriz; Alishan Karim, o irmão de Abdullah, o mulá; e Sher Kador, o jovem pastor das cabras. Shahazai e Alishan já estavam na casa dos quarenta anos, podiam facilmente representar o papel de velhos assustados. Sher Kador tinha apenas catorze. Os três poderiam alegar plausivelmente que nada sabiam de Masud. Ainda bem que Mohammed não se encontrava ali, pois não seria fácil os russos acreditarem na sua inocência. As armas dos guerrilheiros estavam bem escondidas, em lugares onde os russos não procurariam: no terraço de uma latrina, entre as folhas de uma amoreira, num buraco fundo na margem do rio.

— Oh, olha! — balbuciou Jane. — O homem que está diante da mesquita!

Ellis olhou.

— O oficial russo de boné?

— Esse mesmo. Sei quem ele é... já o vi antes. É Anatoly, o homem que estava na cabana de pedra com o Jean-Pierre.

— O contacto — murmurou Ellis.

Observou-o atentamente, tentando distinguir as feições do homem; à distância, parecia oriental. Como seria? Arriscara-se sozinho em território rebelde para se encontrar com Jean-Pierre, o que significava que devia ser corajoso. Com certeza estava furioso por ter levado os russos a uma armadilha em Darg. Haveria de querer atacar o mais depressa possível, a fim de recuperar a iniciativa.

As especulações de Ellis foram abruptamente interrompidas quando outro vulto emergiu da mesquita, um homem de barba, camisa branca aberta no pescoço e calças escuras de estilo ocidental.

— Santo Deus! — exclamou Ellis. — É o Jean-Pierre!

— Oh, não! — exclamou Jane.

— Mas que raio se passa agora?

— Pensei que nunca mais tornaria a vê-lo — disse Jane.

Ellis olhou para ela. O rosto de Jane exibia uma expressão estranha. Ao fim de um momento, percebeu que era uma expressão de remorso.

Ellis voltou a concentrar-se na cena na aldeia. Jean-Pierre falava com o oficial russo, gesticulando muito, apontando para a encosta da montanha.

— Ele está com uma postura esquisita — comentou Jane. — Acho que se magoou.

— Está a apontar para nós?

— O Jean-Pierre não conhece este sítio... ninguém mais conhece. Ele pode ver-nos?

— Não.

— Nós podemos vê-lo — murmurou Jane, em dúvida.

— Mas ele está lá em baixo, sob um fundo uniforme. Nós estamos aqui em cima, deitados, a espreitar de dentro de um saco-cama, numa encosta que não tem uma cor uniforme. Ele não pode ver-nos, a menos que soubesse onde procurar.

— Então deve estar a apontar para as grutas.

— Sim.

— Deve estar a dizer aos russos para procurar lá.

— Sim.

— Mas isso é *horrível*! Como pode ele... — Jane calou-se e depois de uma pausa acrescentou: — Mas claro, é o que ele tem estado a fazer desde que aqui chegou... a trair as pessoas, a entregá-las aos russos.

Ellis reparou que Anatoly parecia estar a falar para um *walkie-talkie*. Um momento depois, um dos *Hinds* passou ruidosamente por cima das cabeças cobertas de Jane e Ellis para aterrar, audível mas fora de visão, no alto da colina.

Jean-Pierre e Anatoly começaram a afastar-se da mesquita. Jean-Pierre coxeava.

— Ele *está* ferido — confirmou Ellis.

— O que terá acontecido?

Ellis tinha a impressão de que Jean-Pierre fora espancado, mas não o disse. Perguntou-se o que passaria pela mente de Jane. Ali estava o marido, ao lado de um oficial do KGB — um coronel, calculou Ellis pelo uniforme —, e aqui estava ela, numa cama improvisada, com outro homem. Sentir-se-ia culpada? Envergonhada? Desleal? Ou não tinha qualquer arrependimento? Odiava Jean-Pierre ou estava apenas

desapontada com o marido? Estivera apaixonada por ele: ainda restaria algum amor?

— O que sentes por ele? — perguntou.

Jane lançou um olhar prolongado e firme a Ellis e por um momento ele pensou que ela iria zangar-se, mas ela estava a levar a pergunta muito a sério.

— Tristeza — respondeu ela por fim.

Jane tornou a concentrar a sua atenção na aldeia. Jean-Pierre e Anatoly encaminhavam-se para sua casa, onde Chantal estava escondida no terraço.

— Acho que andam à minha procura — disse ela.

A sua expressão era tensa e assustada enquanto observava os dois homens lá em baixo. Ellis estava quase certo de que os russos não tinham vindo até ali com tantos homens e máquinas só por causa de Jane, mas absteve-se de o dizer.

Jean-Pierre e Anatoly atravessaram o pátio e entraram na casa.

— Não chores, filha — sussurrou Jane.

Era um milagre a criança ainda estar a dormir, pensou Ellis, mas talvez não estivesse: talvez estivesse acordada e a chorar, mas os gritos eram abafados pelo barulho dos helicópteros. Talvez o soldado não a tivesse ouvido porque havia um helicóptero diretamente por cima de si naquele momento. Talvez os ouvidos mais sensíveis do pai captassem sons que não atraíam a atenção de um estranho desinteressado. Talvez...

Os dois homens saíram da casa.

Pararam no pátio por um instante, a falar. Jean-Pierre aproximou-se a coxear da escada de madeira que levava ao terraço. Subiu o primeiro degrau com evidente dificuldade e tornou a descer. Houve outra troca de palavras e depois o russo subiu a escada.

Ellis prendeu a respiração.

Anatoly chegou ao cimo da escada e entrou no terraço. Como o soldado antes, olhou para as roupas de cama, observou os outros terraços, e tornou a concentrar-se naquele em que estava. Como o soldado, tocou no colchão de Fara com a ponta da bota. Depois, ajoelhou-se ao lado de Chantal.

Gentilmente, puxou o lençol.

Jane soltou um grito estrangulado quando o rosto rosado de Chantal apareceu.

*Se andam atrás da Jane, pensou Ellis, vão levar Chantal, pois sabem que ela se entregaria para ficar junto da filha.*



Anatoly olhou fixamente para a bebé por vários segundos.

— Meu Deus, não aguento isto, não aguento... — balbuciou Jane.

Ellis apertou-a firmemente.

— Vamos esperar para ver o que acontece.

Esforçou-se por ver a expressão da criança, mas a distância era muito grande.

O russo parecia estar a pensar.

Abruptamente, pareceu tomar uma decisão.

Largou o lençol, ajeitou-o em torno da criança, levantou-se e afastou-se.

Jane desatou a chorar.

Do telhado, Anatoly disse qualquer coisa a Jean-Pierre, abanando a cabeça, depois desceu para o pátio.

— Porque fez ele aquilo? — perguntou Ellis, pensando em voz alta.

O movimento da cabeça indicava que Anatoly mentira a Jean-Pierre, dizendo: «Não há ninguém no terraço.» A dedução era que Jean-Pierre iria querer levar a criança, mas Anatoly não. Isso significava que Jean-Pierre queria encontrar Jane, mas o russo não estava interessado nela.

Mas então no que *estava* ele interessado?

Era óbvio. Anatoly andava atrás de Ellis.

— Acho que estraguei tudo — murmurou Ellis, mais para si mesmo.

Jean-Pierre queria Jane e Chantal, mas Anatoly andava à sua procura. Queria vingar-se da humilhação do dia anterior; queria impedir que Ellis voltasse para o Ocidente com o tratado assinado pelos comandantes rebeldes; e queria levar Ellis a julgamento, a fim de provar ao mundo que a CIA estava por detrás da rebelião afegã. *Eu devia ter pensado nisto tudo ontem*, refletiu Ellis amargurado, *mas estava inebriado pelo êxito e preocupado apenas com a Jane. Além disso, Anatoly não podia saber que eu estava aqui; eu podia ter ido para Darg, Astana ou para um esconderijo nas montanhas com o Masud, portanto deve ter sido um tiro no escuro*. E quase resultara. Anatoly possuía um instinto certo. Era um oponente formidável... e a batalha ainda não terminara.

Jane chorava. Ellis afagou-lhe os cabelos e murmurou de forma tranquilizadora, enquanto via Jean-Pierre e Anatoly voltarem aos helicópteros, que ainda estavam parados no campo, as pás dos rotores a girar.

O *Hind* que pousara no alto da colina, perto das grutas, levantou voo, subindo por cima das cabeças de Jane e Ellis. Ele perguntou-se se os sete

guerrilheiros feridos que estavam na gruta teriam sido interrogados e aprisionados.

Tudo acabou muito depressa. Os soldados saíram da mesquita rapidamente e embarcaram no *Hip* com a mesma presteza com que haviam descido. Jean-Pierre e Anatoly entraram num dos *Hinds*. Os horrendos aparelhos descolaram um a um, subindo até estarem acima da colina, e depois seguiram para sul a toda velocidade, em linha reta.

— Vamos esperar mais alguns segundos até os helicópteros estarem longe... não estragues tudo agora — disse Ellis, sabendo o que ia na cabeça de Jane.

Ela assentiu com os olhos marejados de lágrimas.

Os aldeões começaram a deixar a mesquita, parecendo apavorados. O último helicóptero ergueu-se no ar e rumou a sul. Jane saiu do saco-cama, vestiu as calças e a blusa e desceu a correr, escorregando e tropeçando, abotoando a blusa pelo caminho. Ellis viu-a ir, sentindo que de alguma forma ela o rejeitara, sabendo que a sensação era irracional, mas mesmo assim incapaz de a ignorar. Decidiu que não a seguiria, pelo menos por enquanto. Era melhor deixá-la sozinha para o reencontro com Chantal.

Ela desapareceu da sua vista depois da casa do mulá. Ellis observou a aldeia. Começava a voltar ao normal. Ouvia vozes altas e excitadas. As crianças corriam de um lado para o outro, fingindo que eram helicópteros, apontando armas imaginárias, reunindo as galinhas nos pátios para serem interrogadas. Quase todos os adultos voltavam para casa, lentamente, parecendo intimidados.

Ellis lembrou-se dos sete guerrilheiros feridos e do rapaz maneta na gruta. Resolveu ir ver o que lhes acontecera. Vestiu-se, enrolou o saco-cama e começou a subir pelo trilho.

Pensou em Allen Winderman, com o seu fato cinzento e gravata às riscas, a comer uma salada num restaurante de Washington e a perguntar: «Quais são as possibilidades de os russos virem a apanhar o nosso homem?» «Mínimas», respondera Ellis. «Se não conseguem capturar Masud, por que motivo conseguiriam capturar um agente secreto enviado ao encontro de Masud?» Ele sabia agora a resposta: Jean-Pierre.

— Maldito Jean-Pierre! — exclamou Ellis, em voz alta.

Chegou à clareira. Não vinha barulho da gruta que servia de clínica. Ellis esperou que não tivessem levado Mousa nem os guerrilheiros feridos — Mohammed ficaria inconsolável.

Entrou na gruta. O Sol já nascera e ele podia ver muito bem. Estavam todos ali, deitados, imóveis, em silêncio.

— Estão bem? — perguntou Ellis, em dari.

Não houve resposta, ninguém se mexeu.

— Meu Deus! — murmurou Ellis.

Ele ajoelhou-se ao lado do guerrilheiro mais próximo e tocou no rosto barbudo. O homem estava estendido numa poça de sangue. Levara um tiro na cabeça, à queima-roupa.

Movendo-se depressa, Ellis examinou um a um.

Estavam todos mortos.

Bem como a criança.

## CAPÍTULO 15

Jane correu pela aldeia num pânico cego, empurrando as pessoas para o lado, esbarrando nas paredes, tropeçando, caindo, tornando a levantar-se, soluçando, ofegando e gemendo.

*Ela deve estar bem*, repetia para si mesma, como uma litania. Mas ainda assim o seu cérebro insistia em perguntar: *Por que motivo a Chantal não acordou?, O que fez Anatoly? e A minha filha estará ferida?*

Entrou a cambalear no pátio da casa do negociante, subiu dois a dois os degraus para o terraço. Caiu de joelhos e puxou o lençol que cobria o pequeno colchão. Os olhos de Chantal estavam fechados. Jane pensou: *Estará a respirar? Está a respirar?* Um instante depois os olhos da menina abriram-se, ela fitou a mãe e — pela primeira vez — sorriu.

Jane pegou-lhe e apertou-a com força, sentindo que o seu coração estava prestes a explodir. Chantal chorou com o aperto súbito e Jane chorou também, dominada pela alegria e pelo alívio, porque a filha ainda ali estava, viva, quente, a chorar, e também porque sorrira pela primeira vez.

Jane acalmou-se ao fim de algum tempo, e Chantal, sentindo a mudança, também se calou. Jane embalou-a, afagando as suas costas ritmadamente, beijando o alto da cabeça macia e calva. Por fim, lembrou-se de que havia outras pessoas no mundo e perguntou-se o que teria acontecido aos aldeões na mesquita, se estariam bem. Desceu para o pátio, onde se encontrou com Fara.

Jane contemplou-a por um momento, a silenciosa e nervosa Fara, tão tímida, que se escandalizava tão facilmente: onde encontrara ela a coragem e a presença de espírito para esconder Chantal sob um lençol amarrotado, enquanto os russos pousavam os helicópteros e disparavam as suas espingardas a poucos metros de distância?

— Salvaste-a — murmurou Jane.

Fara pareceu assustada, como se aquilo tivesse sido uma acusação.

Jane transferiu Chantal para a anca esquerda e envolveu Fara com o braço direito.

— Salvaste a minha filha! — repetiu ela. — Obrigada! Muito obrigada!

Fara ficou radiante de prazer por um instante, e depois desatou a chorar. Jane acalmou-a, afagando-lhe as costas, como fizera a Chantal.

— O que aconteceu na mesquita? — perguntou Jane, assim que Fara se acalmou. — O que fizeram eles? Alguém foi ferido?

— Sim — respondeu Fara, atordoada.

Jane sorriu: não se podia fazer a Fara três perguntas consecutivas e esperar uma resposta coerente.

— O que aconteceu quando entraram na mesquita?

— Eles perguntaram pelo americano.

— A quem perguntaram?

— A todos, mas ninguém sabia. O doutor perguntou-me onde estavas tu e a criança, eu respondi que não sabia. Então escolheram três homens: o meu tio Shahazai, o mulá e Alishan Karim, o irmão do mulá. Perguntaram-lhes de novo, mas não adiantou, porque os homens não sabiam para onde fora o americano. Por isso bateram-lhes.

— Estão muito magoados?

— Apenas levaram uma tarefa.

— Vou tratar deles. — Jane recordou, preocupada, que Alishan tinha um problema cardíaco. — Onde estão agora?

— Ainda na mesquita.

— Anda comigo.

Jane entrou em casa e Fara seguiu-a. A bolsa de enfermagem estava na sala da frente, em cima do balcão. Jane acrescentou alguns comprimidos de nitroglicerina aos medicamentos do costume e tornou a sair. Enquanto se encaminhava para a mesquita, ainda a segurar Chantal tensamente, perguntou a Fara: — Eles magoaram-te?

— Não. O doutor parecia muito zangado, mas não me bateram.

Jane perguntou-se se Jean-Pierre ficara zangado por ter adivinhado que ela passara a noite com Ellis. Ocorreu-lhe que toda a aldeia devia estar a pensar a mesma coisa. Perguntou-se como reagiriam. Podia ser a prova final de que ela era a Prostituta da Babilónia.

Mesmo assim não a escorraçariam, pelo menos enquanto houvesse pessoas feridas para tratar. Chegou à mesquita e entrou no pátio. A mulher de Abdullah viu-a, aproximou-se com um ar importante e levou-a para o sítio onde o marido estava deitado. À primeira vista, ele parecia bem, e Jane estava mais preocupada com o coração de Alishan, por isso deixou o mulá — ignorando os protestos indignados da sua mulher — e foi examinar Alishan, que se encontrava deitado ali perto.

Ele estava muito pálido, a respirar com dificuldade, e uma das mãos comprimia o peito: como Jane reudara, a tarefa provocara um ataque de angina. Ela deu-lhe um comprimido.

— Mastiga, não o engulas.

Entregou Chantal a Fara e fez um exame rápido a Alishan. Ele estava bastante magoado, mas não havia ossos fraturados.

— Como te espancaram?

— Com as espingardas — respondeu ele com voz rouca.

Jane assentiu. Ele tinha sorte: o único dano real fora a tensão, perigosa para o seu coração, mas Alishan já estava a recuperar. Aplicou tintura de iodo nos cortes e disse-lhe que continuasse deitado ali por mais uma hora.

Voltou então a Abdullah. Ao vê-la aproximar-se, no entanto, o mulá enxotou-a, soltando um rugido irado. Jane sabia o que o enfurecera: ele julgava-se com direito a tratamento prioritário e sentira-se insultado por ela ter cuidado primeiro de Alishan. Mas não pediria desculpa. Já lhe dissera antes que tratava as pessoas por ordem de urgência, e não de posição. Virou-lhe costas. Não adiantava insistir em examinar o velho idiota. Se ele estava suficientemente bem para gritar com ela, também haveria de sobreviver.

Foi ter com Shahazai, o velho guerreiro coberto de cicatrizes. Ele já fora examinado pela irmã Rabia, a parteira, que estava a lavar os cortes. Os unguentos de ervas de Rabia não eram tão antissépticos como deveriam ser, mas Jane calculou que provavelmente fariam mais bem do que mal.

Assim, contentou-se em fazê-lo mexer os dedos das mãos e dos pés. Ele estava bem.

*Tivemos sorte, pensou Jane. Os russos vieram, mas escapámos sem ferimentos de maior. Graças a Deus. Talvez agora possamos esperar que nos deixem em paz por algum tempo... talvez até a rota para o desfiladeiro de Khyber ser reaberta...*

— O doutor é russo? — perguntou Rabia, abruptamente.

— Não. — Pela primeira vez, Jane perguntou-se o que teria passado pela mente de Jean-Pierre. *Se ele me tivesse encontrado, o que diria?* — Não, Rabia, ele não é russo, mas parece ter passado para o lado deles.

— Então é um traidor.

— Acho que sim.

Jane perguntou-se agora o que estaria a passar pela cabeça da velha Rabia.

— Uma cristã pode divorciar-se do marido por ser um traidor?

Na Europa, pensou Jane, ela pode divorciar-se por muito menos.

— Sim.

— Então é por isso que estás agora casada com o americano?

Jane compreendeu o raciocínio de Rabia. Passar a noite na encosta da montanha com Ellis confirmara a acusação de Abdullah de que ela era uma prostituta ocidental. Rabia, que há muito era a mais destacada defensora de Jane na aldeia, planeava contestar a acusação com uma interpretação alternativa, segundo a qual ela se divorciara do traidor, nos termos das estranhas leis cristãs que os Verdadeiros Crentes desconheciam, casando-se logo em seguida com Ellis. *Que assim seja*, pensou Jane, respondendo: — Sim... foi por isso que me casei com o americano.

Rabia assentiu, satisfeita.

Jane quase sentiu que havia um fundo de verdade no epíteto do mulá. Afinal, ela passara da cama de um homem para a de outro com uma rapidez indecente. Sentiu-se um pouco envergonhada, mas conteve-se: nunca permitiria que o seu comportamento fosse determinado pelas expectativas de outras pessoas. *Elas que pensem o que quiserem*, disse a si mesma.

Não se considerava casada com Ellis. *Sinto-me divorciada do Jean-Pierre?*, perguntou a si mesma. A resposta era: «Não.» Contudo, sentia que as suas obrigações para com ele tinham acabado. *Depois do que o Jean-Pierre fez*, pensou, *não lhe devo mais nada*. Devia ser um alívio, mas na verdade sentia-se apenas triste.

Os seus devaneios foram interrompidos. Houve uma comoção à entrada da mesquita, e Jane virou-se para deparar com Ellis, que entrava a carregar alguma coisa nos braços. Quando ele se aproximou, Jane constatou que o seu rosto era uma máscara de fúria. Lembrou-se de que já o vira assim antes: quando um taxista negligente fizera uma súbita inversão de marcha e derrubara um rapaz de moto, ferindo-o com gravidade. Ellis e Jane testemunharam o acidente e chamaram a ambulância — ela não tinha qualquer conhecimento de medicina na altura e Ellis repetira muitas vezes: «Foi tão desnecessário, tão desnecessário...»

Reconheceu o que Ellis tinha nos braços: era uma criança... e a julgar pela sua expressão, a criança estava morta. A sua primeira e vergonhosa reação foi pensar: *Graças a Deus que não é a minha filha*. Olhando com mais atenção, descobriu que era a única criança na aldeia que às vezes parecia sua: o maneta Mousa, o menino cuja vida ela salvara. Sentiu a enorme tristeza e a desilusão que a dominavam sempre que um paciente

morria depois de ela e Jean-Pierre terem lutado por muito tempo e com todo o empenho para salvar a sua vida. Porém, aquela morte era especialmente angustiante, pois Mousa mostrara-se corajoso e determinado ao enfrentar a sua desvantagem física; e o pai tinha o maior orgulho no menino. *Porquê ele?*, pensou Jane com lágrimas aflorando nos olhos. *Porquê ele?*

Os aldeões agruparam-se em torno de Ellis, mas ele olhou para Jane.

— Estão todos mortos — informou em dari, a fim de que os outros pudessem entender.

Algumas mulheres começaram a chorar.

— Como? — perguntou ela.

— Foram fuzilados pelos russos.

— Meu Deus! — Na noite anterior dissera *Nenhum deles morrerá...* dos ferimentos, quisera dizer, prevendo que melhorariam, mais depressa ou mais devagar, recuperando a saúde e a força sob os seus cuidados. E agora... estavam todos mortos. — Mas porque mataram o miúdo? — gritou ela.

— Acho que ele os provocou.

Jane franziu o rosto, aturdida. Ellis mudou o corpo de posição, mostrando a mão de Mousa. Os dedos seguravam rigidamente o cabo da faca que o pai lhe dera. Havia sangue na lâmina.

Ouviu-se de repente um grande gemido, e Halima abriu caminho pela multidão. Tirou o corpo do filho dos braços de Ellis e caiu no chão com a criança morta nos braços, gritando o seu nome. As mulheres agruparam-se à sua volta. Jane afastou-se.

Fazendo sinal a Fara para a seguir com Chantal, deixou a mesquita e voltou para casa, andando devagar. Poucos minutos antes pensara que a aldeia tivera sorte em escapar praticamente incólume. Agora, sabia que havia sete homens e um rapaz mortos. Não restavam lágrimas a Jane, pois já chorara demasiado; sentia-se apenas fraca com a angústia. Entrou em casa e sentou-se para amamentar Chantal.

— Como tens sido paciente, minha querida — murmurou, enquanto punha a filha a mamar.

Ellis entrou um ou dois minutos depois. Inclinou-se e beijou-a. Fitou-a em silêncio por um momento.

— Pareces zangada comigo — murmurou.

Jane compreendeu que estava, de facto.



— Os homens são sanguinários — disse com amargura. — É evidente que aquele menino tentou atacar soldados russos armados com a sua faca de caça... quem lhe ensinou a ser tão temerário? Quem lhe disse que a sua função na vida era matar russos? Quando ele avançou para o homem da *Kalashnikov*, quem era o seu modelo? Não a mãe, mas sim o pai. Foi por culpa do Mohammed que ele morreu... do Mohammed e de ti.

Ellis ficou atônito.

— Porquê minha?

Jane sabia que estava a ser muito dura, mas não conseguiu conter-se.

— Eles espancaram o Abdullah, o Alishan e o Shahazai para tentar obrigá-los a revelar onde estavas. Andavam à tua procura. Foi esse o objetivo da incursão.

— Eu sei, mas que culpa tenho eu que tenham matado o rapaz?

— Aconteceu porque estás aqui, num lugar a que não pertences.

— É possível. Seja como for, tenho a solução para esse problema. Vou-me embora. A minha presença suscita violência e morte, como te apressaste a ressaltar. Se ficar, posso não só ser apanhado... hoje tivemos muita sorte... como também o meu frágil plano para unir as tribos contra o inimigo comum irá fracassar. Na verdade, é pior do que isso. Os russos iriam submeter-me a um julgamento público para tirar o máximo partido da propaganda. «Vejam como a CIA tenta explorar os problemas internos de um país do Terceiro Mundo.» Esse tipo de coisa.

— És mesmo um peixe gordo, não és? — Parecia estranho que os acontecimentos no vale, entre aquele pequeno grupo de pessoas, pudessem ter tão grandes repercussões globais. — Mas não podes ir-te embora. O caminho para o desfiladeiro de Khyber está bloqueado.

— Há outro caminho: o Trilho da Manteiga.

— Oh, Ellis, é muito árduo... e perigoso. — Jane pensou na escalada dos desfiladeiros elevados sob ventos intensos. Ele poderia perder-se e congelar na neve ou ser assaltado e assassinado por bandidos. — Por favor, não faças isso.

— Eu aceitaria qualquer outra opção, se a tivesse.

Então iria perdê-lo outra vez, ficaria sozinha. A perspectiva deixou-a muito triste. O que era surpreendente. Só passara uma noite com ele. O que esperara? Não sabia. Com certeza mais do que aquela separação abrupta.

— Não pensei que tornaria a perder-te tão cedo — comentou, passando Chantal para o outro seio.

Ele ajoelhou-se à sua frente, pegou-lhe na mão.

— Ainda não pensaste bem na situação, Jane. Não te passou pela cabeça que o Jean-Pierre te quer de volta?

Jane refletiu por um momento. Ellis tinha razão. Jean-Pierre estaria agora a sentir-se humilhado e emasculado; os seus ferimentos só se curariam se a tivesse de volta, na sua cama, sob o seu poder.

— Mas o que fará ele comigo?

— Vai querer que tu e a Chantal vivam o resto das vossas vidas em alguma cidadezinha mineira da Sibéria, enquanto ele faz espionagem pela Europa e vos visita a cada dois ou três anos, para umas férias entre as suas missões.

— O que poderia ele fazer se eu recusasse?

— Poderia obrigar-te. Ou matar-te.

Jane lembrou-se de Jean-Pierre a esmurrá-la, e sentiu-se maldisposta.

— Os russos vão ajudá-lo a encontrar-me?

— Sim.

— Mas porquê? Porque se importam comigo?

— Primeiro, porque devem isso ao Jean-Pierre. Segundo, porque acham que tu o manterás feliz. Terceiro, porque sabes de mais. Conheces o Jean-Pierre muito bem e já viste o Anatoly: podes fornecer boas descrições dos dois ao computador da CIA, se conseguisses voltar à Europa.

*O que significava que haveria mais mortes, pensou Jane, os russos iriam atacar aldeias, interrogar, espancar e torturar pessoas, a fim de descobrir onde eu estava.*

— Aquele oficial russo... Anatoly. Ele viu a Chantal. — Jane apertou a filha com mais força, ao recordar aqueles terríveis segundos. — Pensei que ia pegar-lhe. Não entendi a sua atitude. Se ele a tivesse levado, eu ter-me-ia entregado só para ficar com a minha filha.

Ellis assentiu.

— Isso também me intrigou na altura, mas sou mais importante para eles do que tu. Acho que ele chegou à conclusão de que pode querer um dia apanhar-te, mas enquanto isso tem outro uso para ti.

— Que outro uso? O que podem querer que eu faça?

— Atrasar-me.

— Obrigando-te a ficar aqui?

— Não. Indo comigo.

Assim que Ellis acabou de falar, Jane compreendeu que ele estava certo. A sensação de estar condenada envolveu-a, como uma mortalha. Tinha de ir também, levando a filha; não havia alternativa. *Se morrermos, morremos*, pensou ela, fatalista. *Que assim seja*.

— Acho que tenho mais hipóteses de fugir daqui contigo do que de fugir da Sibéria sozinha — murmurou ela.

Ellis assentiu.

— Era o que eu estava a querer dizer.

— Vou começar a arrumar as coisas. — Não havia tempo a perder. — É melhor partirmos daqui amanhã de manhã, bem cedo.

Ellis abanou a cabeça.

— Quero sair daqui dentro de uma hora.

Jane estava em pânico. Tencionara partir, mas não tão de repente; agora, sentia que não havia tempo para *pensar*. Desatou a correr pela pequena casa, pondo roupas, alimentos e medicamentos, de maneira indiscriminada, em diversos sacos, apavorada com a possibilidade de se esquecer de alguma coisa essencial, mas demasiado agitada para conseguir pensar de forma sensata.

Ellis percebeu o seu estado de espírito e deteve-a. Segurou-a pelos ombros e beijou-lhe a testa.

— Quero que me respondas a uma coisa. Por acaso sabes qual é a montanha mais alta da Grã-Bretanha?

Jane perguntou-se se ele não teria enlouquecido.

— O Ben Nevis. Fica na Escócia.

— Qual é a sua altura?

— Mais de mil e duzentos metros.

— Alguns dos desfiladeiros que vamos subir têm cerca de cinco mil metros... ou seja, *quatro* vezes mais que a maior montanha da Grã-Bretanha. Embora a distância seja de apenas duzentos e cinquenta quilómetros, levaremos pelo menos duas semanas. Portanto, para, pensa, planeia. Se levars mais de uma hora a arrumar as coisas, azar... é melhor do que partir sem os antibióticos.

Jane assentiu, respirou fundo e recomeçou.

Tinha dois alforges que podiam servir de mochilas. Pôs roupas num: fraldas de Chantal, uma muda de roupa interior para todos, o casaco acolchoado que Ellis comprara em Nova Iorque, a gabardina forrada a pelo

com capuz que ela trouxera de Paris. Usou o outro alforge para guardar medicamentos e comida... as rações de emergências. Não havia bolos de chocolate com recheio de menta, mas Jane descobrira um substituto local, um bolo feito de nozes e amoras secas, quase indigesto, mas que oferecia uma energia concentrada. Também dispunham de muito arroz e de um bocado de queijo duro. A única lembrança que Jane levou foi a sua coleção de polaroides dos aldeões. Também separaram os sacos-cama, um tacho e a mochila militar de Ellis, que continha alguns explosivos e equipamento detonador — a única arma. Ellis prendeu toda a bagagem em *Maggie*, a égua unidirecional.

A partida apressada foi chorosa. Jane foi abraçada por Zahara, a velha Rabia, a parteira, e até por Halima, a mulher de Mohammed. A nota desagradável veio de Abdullah, que passou pouco antes de eles partirem e cuspiu no chão, incitando a família a afastar-se; mas poucos minutos depois a sua mulher voltou, parecendo assustada, mas determinada, e colocou na mão de Jane uma prenda para Chantal: uma boneca de trapo primitiva, com xaile e véu em miniatura.

Jane abraçou e beijou Fara, que estava inconsolável. A rapariga fizera treze anos: em breve teria um marido para adorar. Casar-se-ia dentro de um ou dois anos e iria viver em casa dos pais do marido. Teria oito ou dez filhos, dos quais talvez apenas metade sobreviveria além dos cinco anos. As filhas casar-se-iam e sairiam de casa. Os filhos que não morressem na guerra casar-se-iam e trariam as suas mulheres para casa. Um dia, quando a família se tornasse muito grande, os filhos, noras e netos começariam a sair, a fim de iniciar as suas próprias famílias ampliadas. Fara tornar-se-ia então parteira, como a avó, Rabia. *Espero que ela se lembre de algumas das lições que lhe ensinei*, pensou Jane.

Ellis foi abraçado por Alishan e Shahazai, e depois partiram com desejos de «Deus vos acompanhe!». As crianças da aldeia seguiram-nos até à curva do rio. Jane parou ali por um momento e olhou para trás, a contemplar o pequeno aglomerado de casas pardas que fora o seu lar durante um ano. Sabia que nunca mais regressaria, mas tinha o pressentimento de que, se sobrevivesse, contaria histórias de Banda aos netos.

Foram avançando rapidamente pela margem do rio. Jane descobriu-se atenta e à espera de ouvir, a qualquer instante, o barulho de helicópteros. Quando começariam os russos a procurá-los? Mandariam alguns

helicópteros vasculhar a região mais ou menos ao acaso ou levariam tempo a organizar uma busca realmente meticulosa? Jane não sabia o que seria pior.

Levaram menos de uma hora para chegar a Dasht-i-Rewat, «a planície com um forte», uma aldeia aprazível em que as casas com os seus pátios sombreados estavam espalhadas pela margem norte do rio. Era ali que terminava o caminho das carroças, o trilho de terra esburacado e sinuoso que passava por uma estrada no vale dos Cinco Leões. Qualquer veículo de rodas suficientemente resistente para enfrentar a estrada tinha de parar ali, proporcionando à aldeia algum dinheiro com o comércio de cavalos. O forte mencionado no nome ficava no cimo de um vale transversal e era agora uma prisão, controlada pelos guerrilheiros, com alguns soldados do Governo capturados, uns poucos russos e um ou outro ladrão. Jane visitara-a uma vez, a fim de tratar de um pobre nómada do deserto ocidental que fora recrutado para o exército regular, contraíra uma pneumonia no frio inverno de Cabul e desertara. Estava a ser «reeducado», antes de poder juntar-se aos guerrilheiros.

Já era meio-dia, mas nenhum dos dois queria parar para comer. Esperavam chegar a Saniz, a quinze quilómetros de distância, na entrada do vale, ao cair da noite. Quinze quilómetros podiam não ser muita coisa em terreno plano, mas naquela paisagem o percurso podia exigir bastantes horas.

O último trecho da estrada serpenteava entre as casas na margem norte. A margem sul era um penhasco de sessenta metros de altura. Ellis puxava a égua e Jane carregava Chantal no marsupial improvisado que ela idealizara e que lhe permitia amamentar a filha sem ter de parar. A aldeia terminava num moinho de água perto da entrada do vale lateral chamado Riwat, que conduzia à prisão. Depois de passarem por esse ponto, deixaram de poder andar tão depressa. O terreno começou a subir, de forma gradual a princípio, depois cada vez mais íngreme. Continuaram, sob o sol quente. Jane cobriu a cabeça com um *pattu*, o cobertor castanho dos viajantes. Chantal estava protegida do sol pelo marsupial. Ellis usava um *chitralli*, um presente de Mohammed.

Ao chegarem ao cume do desfiladeiro, Jane notou, com alguma satisfação, que nem sequer respirava a custo. Nunca estivera em tão boa forma física em toda a sua vida — e provavelmente nunca mais estaria. Observou que Ellis não só ofegava como também transpirava. Ele estava

em boa forma, mas não habituado a caminhar muitas horas como ela. Aquilo fê-la sentir-se um pouco presunçosa, até se lembrar de que ele levava dois tiros apenas nove dias antes.

Além do desfiladeiro, o caminho seguia pela encosta da montanha, muito acima do rio dos Cinco Leões. Ali, exceccionalmente, o rio era vagaroso. Onde era profundo e sereno, a água parecia de um verde intenso, da cor das esmeraldas que eram encontradas por todo o Dasht-i-Rewat e levadas até ao Paquistão para serem vendidas. Jane ficou apavorada quando os seus ouvidos supersensíveis captaram o som de aparelhos aéreos distantes: não havia onde se esconderem no penhasco nu, e ela foi invadida por um súbito desejo de se atirar ao rio, trinta metros abaixo. Mas era apenas uma esquadrilha de aviões a jato, demasiado altos para poderem aperceber-se de qualquer pessoa no solo. Mesmo assim, desse momento em diante Jane passou a inspecionar o terreno constantemente, à procura de árvores, arbustos e depressões em que pudessem esconder-se. Um demónio interior dizia-lhe: *Não tens de fazer isto, podes voltar, podes entregar-te e juntares-te ao teu marido*, mas, de certa forma, isso parecia uma questão académica, um mero problema técnico.

O caminho continuou a subir, só que agora com mais suavidade, o que lhes permitiu avançar mais depressa. Eram atrasados, a cada dois ou três quilómetros, pelos afluentes que desciam velozes dos vales laterais para se juntarem ao rio principal; o trilho descia para uma ponte de troncos ou um vau. Ellis tinha de puxar a relutante *Maggie* para a água, com Jane a gritar e a atirar-lhe pedras por trás.

Um canal de irrigação corria a todo o comprimento da garganta, na encosta do penhasco, muito acima da água. O objetivo era ampliar a área cultivável na planície. Jane perguntou-se há quantos anos o vale dispusera de tempo, homens e paz suficientes para realizar um projeto de engenharia tão extraordinário: talvez centenas de anos.

A garganta estreitou-se e o rio lá em baixo estava agora cheio de blocos de granito. Havia grutas nos penhascos de calcário: Jane classificou-as como possíveis esconderijos. A paisagem tornou-se desolada e um vento frio soprou pelo vale, fazendo Jane estremecer por um momento, apesar do sol. O terreno rochoso e os penhascos íngremes eram bons para os pássaros: havia dezenas de pegas.

A garganta desembocou finalmente noutra planície. Jane viu a leste uma serra, com as montanhas brancas do Nuristão a espreitar por cima. *Meu*

*Deus, é para lá que vamos!*, pensou com medo.

Viram um pequeno grupo de casas pobres na planície.

— Acho que é aqui. Bem-vinda a Saniz — disse Ellis.

Entraram na planície, à procura de uma mesquita ou de uma cabana de pedra para viajantes. Ao aproximarem-se da primeira casa, um homem saiu e Jane reconheceu o rosto bonito de Mohammed. Ele ficou tão espantado como ela, mas a surpresa de Jane em breve foi substituída pelo horror, quando percebeu que teria de lhe contar que o filho fora morto.

Ellis deu-lhe tempo para pôr os pensamentos em ordem, ao perguntar, em dari: — Porque estás aqui?

— Porque o Masud também está — explicou Mohammed. Jane compreendeu que aquele devia ser um dos esconderijos dos guerrilheiros. Mohammed prosseguiu: — E porque estão *vocês* aqui?

— Vamos para o Paquistão.

— Por este caminho? — O rosto de Mohammed tornou-se grave. — O que aconteceu?

Jane sabia que tinha de ser ela a contar-lhe, já que o conhecia há mais tempo.

— Trazemos más notícias, meu amigo Mohammed. Os russos estiveram em Banda. Mataram sete homens e uma criança... — Ele adivinhou nesse instante o que ela ia dizer e a expressão de angústia no seu rosto deixou Jane com vontade de chorar. — Mousa foi a criança — concluiu ela.

Mohammed recompôs-se, rigidamente.

— Como morreu o meu filho?

— Foi Ellis quem o encontrou — disse Jane.

— Ele morreu... faca na mão e sangue na faca — disse Ellis, fazendo um esforço para encontrar em dari as palavras de que precisava.

Os olhos de Mohammed arregalaram-se.

— Contem-me tudo.

Jane encarregou-se de explicar, porque falava melhor a língua.

— Os russos chegaram ao amanhecer. Procuravam-nos, a mim e ao Ellis. Estávamos na encosta da montanha, por isso não nos encontraram. Espancaram o Alishan, o Shahazai e o Abdullah, mas não os mataram. Depois descobriram a gruta. Os sete guerrilheiros feridos estavam lá, assim como o Mousa, pronto para correr até à aldeia se eles precisassem de alguma coisa durante a noite. Depois de os russos partirem, o Ellis foi até à gruta. Todos os homens tinham sido mortos, e o Mousa também...

— Como? — interrompeu Mohammed. — Como o mataram?

Jane olhou para Ellis, que disse «*Kalashnikov*», usando uma palavra que não precisava de tradução. Apontou para o seu coração, a fim de indicar onde a bala acertara.

— Ele deve ter tentado defender os feridos, pois tinha sangue na ponta da faca — acrescentou Jane.

Mohammed encheu o peito de ar, orgulhoso, mesmo enquanto as lágrimas lhe enchiam os olhos.

— Ele atacou-os... homens adultos, armados com espingardas... ele atacou-os com a sua faca! A faca que o pai lhe deu! O rapaz de uma só mão está agora no paraíso dos guerreiros.

Morrer numa guerra santa era a maior honra possível para um muçulmano, lembrou-se Jane. O pequeno Mousa tornar-se-ia provavelmente um santo menor. Sentiu-se contente por Mohammed contar com esse conforto, mas não pôde deixar de pensar cinicamente: *É assim que os guerreiros aliviam as suas consciências... a falar de glória.*

Ellis abraçou Mohammed solenemente, sem dizer nada.

Jane lembrou-se de repente das suas fotografias. Tinha várias de Mousa. Os afegãos adoravam fotos, e Mohammed ficaria radiante por ter uma do filho. Abriu um dos alforges no dorso de *Maggie* e remexeu no interior até encontrar a caixa de cartão com as polaroides. Localizou uma de Mousa, tirou-a e tornou a guardar a caixa no alforge. A seguir entregou a foto a Mohammed.

Jane nunca vira um homem afegão tão comovido. Mohammed não foi capaz de falar. Por um momento, pareceu que ia chorar. Virou-se, tentando controlar-se. Quando tornou a encará-los, o seu rosto estava composto, mas molhado de lágrimas.

— Venham comigo — disse ele.

Seguiram-no pela pequena aldeia até à beira do rio, onde um grupo de quinze ou vinte guerrilheiros estava acorado em torno da fogueira. Mohammed adiantou-se e, sem qualquer preâmbulo, começou a contar a história da morte de Mousa, com lágrimas e muitos gestos.

Jane virou-se. Já testemunhara demasiado sofrimento.

Olhou em volta, ansiosa. *Para onde correremos, se os russos aparecerem?* Não havia nada além dos campos, o rio e as poucas casas. No entanto, Masud parecia pensar que era um lugar seguro. Talvez a aldeia fosse demasiado pequena para atrair a atenção do exército.



Ela já não tinha energias para se preocupar. Sentou-se no chão, encostada a uma árvore, grata pela oportunidade de descansar as pernas, e começou a amamentar a filha. Ellis tirou a carga de *Maggie* e amarrou-a. A égua pôs-se a pastar na vegetação à beira do rio. *Foi um longo dia*, pensou Jane, *e também terrível. Dormi pouco na noite passada*. Sorriu secretamente ao pensar na noite anterior.

Ellis pegou nos mapas de Jean-Pierre e sentou-se ao lado de Jane, a fim de os estudar na luz que se desvanecia rapidamente. Jane olhou por cima do seu ombro. A rota planeada continuava a subir pelo vale dos Cinco Leões até uma aldeia chamada Comar, onde virariam para sudeste, seguindo por um vale lateral que levava ao Nuristão. Esse vale também se chamava Comar, assim como o primeiro desfiladeiro elevado por que teriam de passar.

— Quatro mil e quinhentos metros — disse Ellis, apontando para o local no mapa. — É aí que vamos sentir frio.

Jane estremeceu.

Depois de Chantal mamar, Jane mudou-lhe a fralda e foi lavar a suja ao rio. Ao voltar, encontrou Ellis a conversar com Masud. Acocorou-se ao lado deles.

— Tomaste a decisão certa — dizia Masud. — Deves sair do Afeganistão, com o nosso tratado no bolso. Tudo estará perdido se os russos te apanharem.

Ellis assentiu. *Nunca vi o Ellis assim... ele trata o Masud com deferência*, pensou Jane.

— Mas é uma viagem de extrema dificuldade — continuou Masud. — A maior parte do trilho está acima da linha do gelo. Às vezes é muito difícil encontrar o caminho na neve, e quem se perde lá em cima morre.

Jane perguntou-se onde queria ele chegar com aquela conversa. Parecia-lhe um mau presságio Masud estar a dirigir-se cuidadosamente a Ellis, e não a ela.

— Posso ajudar-te — disse Masud. — Mas, como tu, quero fazer um acordo.

— Continua — disse Ellis.

— Vou dar-te o Mohammed como guia, para te levar ao Nuristão e depois ao Paquistão.

Jane ficou radiante. Mohammed como guia! Faria toda a diferença para a viagem.

— O que tenho de fazer em troca? — perguntou Ellis.

— Vais sozinho. A mulher e a filha do doutor ficam aqui.

Era dolorosamente claro para Jane que teria de concordar com a proposta. Seria uma temeridade os dois tentarem fazer a viagem sozinhos, pois provavelmente morreriam. Assim, ela podia pelo menos salvar a vida de Ellis.

— *Tens* de aceitar — disse.

Ellis sorriu-lhe e olhou para Masud.

— Está fora de questão.

Masud levantou-se, visivelmente ofendido, e voltou ao círculo de guerrilheiros.

— Oh, Ellis, achas que foi sensato? — sussurrou Jane.

— Não. — Ele pegou-lhe na mão. — Mas não vou largar-te com tanta facilidade.

Ela apertou-lhe a mão.

— Eu... eu não te prometi nada.

— Eu sei. Quando voltarmos à civilização, és livre para fazer o que bem quiseses... viver com o Jean-Pierre, se for isso o que preferires e se conseguires encontrá-lo. Contento-me com as duas próximas semanas, se for tudo o que me estiver reservado. De qualquer modo, talvez não vivamos tanto tempo.

Ele tinha razão. *Porquê angustiar-mos com o futuro*, pensou Jane, *quando provavelmente nem teremos um futuro?*

Masud voltou, novamente a sorrir.

— Não sou um bom negociador — confessou. — Dou-vos o Mohammed na mesma.

## CAPÍTULO 16

Partiram meia hora antes do amanhecer. Um a um, os helicópteros levantaram voo da pista de betão e desapareceram no céu noturno, para lá do alcance dos holofotes. O *Hind* que levava Jean-Pierre e Anatoly elevou-se pelo ar como um pássaro desajeitado e juntou-se aos outros. Em breve, as luzes da base aérea desapareceram, e mais uma vez Jean-Pierre e Anatoly voavam por cima das montanhas a caminho do vale dos Cinco Leões.

Anatoly realizara um milagre. Em menos de vinte e quatro horas montara uma operação que era provavelmente a maior da história da guerra no Afeganistão — e estava no seu comando.

Passara a maior parte do dia anterior ao telefone com Moscovo. Tivera de galvanizar os adormecidos burocratas do exército soviético, explicando primeiro aos seus superiores no KGB e depois a uma série de líderes militares como era importante a captura de Ellis Thaler. Jean-Pierre ouvira, sem compreender as palavras, mas admirando a combinação precisa de autoridade, calma e urgência no tom de Anatoly.

A autorização formal fora concedida ao final da tarde, e depois Anatoly enfrentara o desafio de a pôr em prática. A fim de conseguir os helicópteros que desejava, pedira favores, cobrara antigas dívidas e espalhara ameaças e promessas, de Jalalabade a Moscovo. Quando um general em Cabul se recusara a ceder os aparelhos sem uma autorização por escrito, Anatoly ligara para o KGB em Moscovo e persuadira um velho amigo a dar uma olhadela na ficha pessoal do general, a quem ligara em seguida, ameaçando cortar o seu fornecimento de pornografia infantil da Alemanha.

Os soviéticos tinham seiscentos helicópteros no Afeganistão: por volta das três da manhã, quinhentos estavam na pista em Bagram, sob o comando de Anatoly.

Jean-Pierre e Anatoly passaram a última hora debruçados sobre os mapas, decidindo para onde cada helicóptero iria e dando as ordens necessárias a diversos oficiais. As instruções foram precisas, graças à atenção compulsiva que Anatoly dispensava aos pormenores e ao profundo conhecimento que Jean-Pierre tinha da região.

Embora Ellis e Jane não tivessem estado na aldeia no dia anterior quando Jean-Pierre e Anatoly tinham ido procurá-los, era quase certo que

havam tido conhecimento do ataque e estariam agora escondidos. Não seriam encontrados em Banda. Podiam estar instalados numa mesquita noutra aldeia — os visitantes normalmente dormiam nas mesquitas —, ou então, se sentiam que as aldeias não eram seguras, podiam estar numa das pequenas cabanas de pedra para viajantes que pontilhavam os caminhos. Podiam estar em qualquer lugar do vale ou em algum dos muitos vales laterais.

Anatoly considerara todas as possibilidades.

Os helicópteros pousariam em cada aldeia do vale dos Cinco Leões e em cada povoação nos vales laterais. Os pilotos sobrevoariam todos os trilhos e caminhos. Os soldados — mais de mil — tinham instruções para revistar todas as casas, procurar sob as árvores maiores e dentro das grutas. Anatoly estava determinado a não fracassar novamente. Naquele dia *encontrariam* Ellis.

E Jane.

O interior do *Hind* era estreito e despojado. Na cabina de passageiros só havia um banco, preso na fuselagem, em frente da porta. Jean-Pierre partilhava-o com Anatoly. Podiam ver a cabina de voo. O banco do piloto ficava a mais de meio metro de altura, com um degrau ao lado para o acesso. O investimento fora todo para o armamento, a velocidade e a manobrabilidade do aparelho, nenhum para o conforto.

Jean-Pierre remoía nos factos enquanto seguiam para norte. Ellis fingira ser seu amigo, enquanto trabalhava para os americanos. Usando essa amizade, dera cabo do plano para capturar Masud, destruindo assim um ano de trabalho árduo. *Ainda por cima*, pensou Jean-Pierre, *seduziu a minha mulher*.

A sua mente andava em círculos, voltando sempre à questão da sedução. Olhou para a escuridão, observando as luzes dos outros helicópteros, e imaginou os dois amantes como deviam ter estado na noite anterior, deitados sobre um cobertor à luz das estrelas, em algum campo, a brincar com o corpo um do outro e a sussurrar palavras ternas. Perguntou-se se Ellis seria bom na cama. Perguntara a Jane qual dos dois era o melhor amante, mas ela respondera que nenhum era melhor, que apenas eram diferentes. Teria dito a mesma coisa a Ellis? Ou murmurara «És o melhor, querido, o melhor»? Jean-Pierre começava a odiá-la também. Como *podia* ela voltar para um homem que era nove anos mais velho, um americano estúpido e agente da CIA?

Jean-Pierre olhou para Anatoly. O russo mantinha-se imóvel, impassível, como a estátua de pedra de um mandarim chinês. Pouco dormira durante as últimas quarenta e oito horas, mas não parecia cansado, apenas obstinado. Jean-Pierre via uma nova faceta do homem. Nos seus encontros durante aquele ano, Anatoly mostrara-se descontraído e afável, mas agora estava tenso, sem demonstrar qualquer emoção, e incansável, exigindo implacavelmente tudo de si mesmo e dos outros. Um homem calmamente obcecado.

Quando amanheceu, puderam ver os outros helicópteros. Era uma visão impressionante: parecia uma vasta nuvem de abelhas gigantescas a voar num enxame sobre as montanhas. O barulho devia ser ensurdecedor para quem estava no solo.

Começaram a dividir-se em grupos mais pequenos ao aproximarem-se do vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre e Anatoly estavam no grupo que seguiria para Comar, a aldeia mais setentrional do vale. Acompanharam o rio durante a última etapa da viagem. A manhã que clareava depressa revelava filas de gavelas nos trigais: os bombardeamentos não tinham acabado por completo com a atividade agrícola na parte superior do vale.

O sol incidia-lhes nos olhos ao descerem para Comar. A aldeia era um simples agrupamento de casas no alto de um penhasco, e Jean-Pierre recordou com saudade as aldeias do Sul da França. Não seria maravilhoso voltar para casa e ouvir o francês falado como deve ser, comer pão fresco e comida saborosa, ou entrar num táxi e ir ao cinema?

Mudou de posição no banco duro. Naquele momento já seria maravilhoso o mero facto de sair do helicóptero. Tinha dores mais ou menos constantes desde que fora espancado. Mas pior do que as dores era a memória da humilhação, a forma como gritara e chorara, e suplicara por misericórdia: de cada vez que o recordava, estremecia e desejava esconder-se num buraco. Queria vingança por isso. Sentia que nunca conseguiria dormir bem enquanto não ajustasse contas, e só havia uma maneira de o satisfazer. Queria ver Ellis espancado da mesma maneira, pelos mesmos soldados brutais, até chorar, gritar, suplicar por misericórdia, mas com um refinamento extra: Jane estaria a assistir.

A meio da tarde defrontaram-se outra vez com o fracasso.

Tinham revistado a aldeia de Comar, todas as povoações em redor, todos os vales secundários na área, todas as casas isoladas na terra quase árida a norte da aldeia. Anatoly mantinha-se em constante contacto pelo

rádio com os comandantes dos outros grupos de busca. Também tinham revistado meticulosamente os seus respectivos setores do vale dos Cinco Leões. Encontraram depósitos de armas em algumas grutas e casas; tiveram escaramuças com diversos grupos de homens, presumivelmente guerrilheiros, mais intensos nas colinas em torno de Saniz, mas as escaramuças só se destacaram pelas baixas russas acima do normal, decorrentes da nova eficácia dos rebeldes com explosivos; verificaram os rostos de todas as mulheres veladas e examinaram a pele de cada bebê; apesar de tudo isso, não tinham encontrado o menor sinal de Ellis, Jane ou Chantal.

Jean-Pierre e Anatoly acabaram num posto de venda de cavalos, numa colina por cima de Comar. O lugar não tinha nome: era composto por umas poucas casas de pedra e um prado poeirento, onde animais esqueléticos pastavam na relva escassa. O único habitante do sexo masculino parecia ser o guardião dos cavalos, um velho descalço que vestia uma camisa comprida com um enorme capuz para afugentar as moscas. Havia também duas mulheres ainda jovens e um punhado de crianças assustadas. Era evidente que os jovens eram guerrilheiros e estavam algures longe, com Masud. Não levaram muito tempo a revistar o local. Ao terminarem, Anatoly sentou-se na terra, encostado a um muro de pedra, com uma expressão pensativa. Jean-Pierre sentou-se ao seu lado.

No outro lado das colinas podiam ver o pico branco distante do Mesmer, elevando-se a cerca de seis mil metros, que nos velhos tempos atraía tantos montanhistas da Europa.

— Veja se consegue arranjar um chá — disse Anatoly.

Jean-Pierre olhou em volta e viu o velho de capuz ali perto.

— Faz chá — gritou ele, em dari.

O homem afastou-se apressadamente. Um momento depois, Jean-Pierre ouviu-o gritar para as mulheres.

— O chá vem a caminho — anunciou a Anatoly, em francês.

Os homens de Anatoly, percebendo que ficariam ali algum tempo, desligaram os motores dos helicópteros e sentaram-se no chão poeirento, esperando pacientemente.

Anatoly olhava para a distância. O cansaço transparecia no seu rosto.

— Estamos em apuros — murmurou.

Jean-Pierre achou a utilização do *nós* um mau presságio.

— Na nossa profissão, é sensato minimizar a importância de uma missão até se ter a certeza do seu êxito, momento em que se começa a exagerá-la — continuou Anatoly ao fim de algum tempo. — Não pude seguir o padrão neste caso. A fim de garantir o uso de quinhentos helicópteros e mil homens, tive de persuadir os meus superiores da enorme importância de capturar Ellis Thaler. Fui obrigado a deixar bem claro os perigos a que nos expomos se ele fugir. E consegui. E a fúria que sentirão em relação a mim por *não* o ter capturado será agora ainda maior. E o seu futuro, como não podia deixar de ser, está ligado ao meu.

Jean-Pierre não vira antes as coisas dessa forma.

— O que vão fazer?

— A minha carreira vai estagnar. Continuarei com o mesmo ordenado, mas perderei todos os privilégios. Não haverá mais uísque escocês, *Rive Gauche* para a minha mulher, férias para a família no mar Negro, calças de ganga e discos dos Rolling Stones para os meus filhos... mas eu podia viver sem essas coisas. O que não poderia suportar seria o tédio do tipo de trabalho dado aos fracassados na minha profissão. Seria enviado para uma cidade pequena no Extremo Oriente, onde não há realmente qualquer trabalho de segurança para realizar. Sei como os nossos homens passam o seu tempo e justificam a sua existência em tais locais. É preciso insinuarmo-nos junto de pessoas ligeiramente descontentes, conquistar a sua confiança, encorajá-las a fazer comentários críticos ao Governo e ao Partido, e depois prendê-las por subversão. Um desperdício de tempo... — Pareceu aperceber-se de que estava a divagar e calou-se.

— E eu? — indagou Jean-Pierre. — O que vai acontecer-me?

— Irá tornar-se um homem insignificante. Nunca mais trabalhará para nós. Podem deixá-lo ficar em Moscovo, mas é mais provável que o mandem de volta.

— Se o Ellis escapar, nunca poderei voltar a França... matavam-me.

— Você não cometeu nenhum crime em França.

— Nem o meu pai, mas mesmo assim mataram-no.

— Talvez possa ir para algum país neutro... a Nicarágua ou o Egito.

— Merda!

— Mas não percamos a esperança — disse Anatoly, um pouco mais animado. — As pessoas não podem desaparecer no ar. Os nossos fugitivos têm de estar em algum lado.

— Se não conseguimos encontrá-los com mil homens, então não creio que possamos encontrá-los com dez mil — disse Jean-Pierre, sombriamente.

— Não teremos mil, muito menos dez mil — respondeu Anatoly. — Daqui em diante temos de usar o cérebro e um mínimo de recursos. Todo o nosso crédito foi consumido. Vamos tentar um método diferente. Pense: alguém deve tê-los ajudado a esconderem-se. O que significa que alguém sabe onde estão.

Jean-Pierre refletiu por um momento.

— Se eles tiveram ajuda, então foi provavelmente dos guerrilheiros... e esses não os denunciarão.

— Outros podem *saber*.

— Talvez, mas falaria?

— Os nossos fugitivos devem ter *alguns* inimigos — insistiu Anatoly.

Jean-Pierre abanou a cabeça.

— O Ellis não está aqui há tempo suficiente para fazer inimigos, e a Jane é uma heroína... tratam-na como a Joana d'Arc. Ninguém a detesta... Ah! — Lembrou-se de repente de que isso não era verdade.

— Então?

— O mulá.

— Ah.

— Por algum motivo, ela irritava-o bastante. Em parte foi porque os tratamentos da Jane eram mais eficazes do que os dele, mas não apenas isso, porque os meus também eram e o mulá nunca me detestou particularmente.

— Ele devia chamar-lhe prostituta ocidental.

— Como adivinhou?

— É o que costuma acontecer. Onde vive esse mulá?

— O Abdullah vive em Banda, numa casa a meio quilómetro da aldeia.

— Ele falaria?

— Tenho a impressão de que ele odeia a Jane o suficiente para a denunciar — respondeu Jean-Pierre pensativo. — Mas não pode ser *visto* a fazer isso. Não podemos simplesmente pousar na aldeia e pegar nele... todos saberiam e ele ficaria de boca fechada. Teria de me encontrar com ele em segredo...

Jean-Pierre perguntou a si mesmo em que perigo poderia meter-se se continuasse a seguir aquele raciocínio. Depois, lembrou-se da humilhação



que sofrera: a vingança valia qualquer risco.

— Se me deixar perto da aldeia, posso ir até ao caminho entre a casa dele e a aldeia e esconder-me ali, à espera de que ele apareça.

— E se ele não «aparecer» o dia inteiro?

— Sim...

— Temos de nos certificar de que ele aparece. — Anatoly franziu a testa. — Vamos reunir todos os aldeões na mesquita, como fizemos antes... e depois deixá-los sair. Abdullah irá quase de certeza voltar para casa.

— Mas estará sozinho?

— Hum... Podemos deixar as mulheres sair primeiro, com ordens para irem para casa. Quando os homens forem soltos, vão querer ver como estão as suas mulheres. Alguém mora perto desse Abdullah?

— Não.

— Então ele *deve* seguir pelo trilho sozinho. Você sai de trás de um arbusto...

— E ele corta-me a garganta de orelha a orelha.

— O Abdullah anda com uma faca?

— Já conheceu um afegão que não andasse?

Anatoly encolheu os ombros.

— Pode levar a minha pistola.

Jean-Pierre ficou satisfeito e um pouco admirado por merecer tanta confiança, embora não soubesse usar uma arma de fogo.

— Acho que pode servir como ameaça — disse ele ansiosamente. — Precisaréi de algumas roupas nativas, para o caso de ser visto por outra pessoa além de Abdullah. O que faria eu se encontrasse alguém que me conhece? Quero um lenço para cobrir o rosto ou qualquer outra coisa...

— Isso é fácil. — Anatoly gritou alguma coisa em russo e três dos soldados levantaram-se de um pulo. Desapareceram entre as casas e voltaram alguns momentos depois com o velho negociante de cavalos. — Pode levar a roupa dele.

— Ótimo. O capuz esconderá o meu rosto. — Jean-Pierre acrescentou para o velho, em dari: — Despe-te.

O velho começou a protestar, pois a nudez era vergonhosa para os afegãos. Anatoly gritou uma ordem brusca em russo, e os soldados derrubaram o homem e tiraram-lhe a camisa comprida. Todos riram ruidosamente ao verem as suas pernas magras a projetarem-se das cuecas esfarrapadas. Os soldados largaram-no e o velho afastou-se a correr, as

mãos a cobrir os órgãos genitais, o que provocou gargalhadas ainda maiores.

Jean-Pierre estava demasiado nervoso para achar graça àquilo. Despiu a camisa e as calças de estilo europeu e vestiu a camisa com capuz do velho.

— Cheira a mijo de cavalo — comentou Anatoly.

— E por dentro ainda cheira pior — respondeu Jean-Pierre.

Entraram no helicóptero. Anatoly pegou nos auscultadores do piloto e falou demoradamente pelo microfone em russo. Jean-Pierre sentia-se apreensivo com o que estava prestes a fazer. O que aconteceria se três guerrilheiros surgissem do cimo da montanha e o surpreendessem a ameaçar Abdullah com a pistola? Ele era conhecido praticamente por todas as pessoas no vale dos Cinco Leões. A notícia de que visitara Banda com os russos devia ter-se espalhado depressa. Não podia haver a menor dúvida de que a maioria das pessoas já sabia que ele era um espião. Devia ser agora o Inimigo Público Número Um. Os guerrilheiros iriam esquartejá-lo.

*Talvez estejamos a ser demasiado espertos, pensou ele. Talvez fosse melhor aterrarmos, pegar em Abdullah e espancá-lo até lhe arrancar a verdade.*

*Não, já tentámos isso ontem e não resultou. Esta é a melhor maneira.*

Anatoly devolveu os auscultadores ao piloto, que se sentou e começou a aquecer o motor do helicóptero. Enquanto esperavam, Anatoly pegou na arma e mostrou-a a Jean-Pierre.

— É uma *Makarov* de nove milímetros — disse ele, por cima do barulho dos rotores. Rodou uma patilha na coronha e tirou o carregador. Continha oito munições. Anatoly tornou a pôr o carregador no lugar e apontou para outra patilha, no lado esquerdo da pistola. — Esta é a patilha de segurança. Quando o ponto vermelho está tapado, a arma está travada. — Agarrando na arma com a mão esquerda, usou a direita para trazer a culatra para trás. — Assim a pistola está pronta a disparar. — Largou a culatra e esta voltou à posição inicial. — Depois de disparar, puxe bem o gatilho, para que o percussor fique de novo em posição. — Entregou a arma a Jean-Pierre.

*Ele confia realmente em mim, pensou o francês, e, por um momento, o calor do prazer dissipou o frio do medo.*

Os helicópteros partiram. Seguiram o rio dos Cinco Leões para sudoeste, descendo pelo vale. Jean-Pierre pensou que ele e Anatoly

formavam uma boa equipa. Anatoly lembrava-lhe o seu pai: um homem inteligente, determinado e corajoso, com um empenho inabalável em promover o comunismo mundial. *Se tivermos êxito aqui*, refletiu Jean-Pierre, *provavelmente poderemos trabalhar juntos de novo, em algum outro campo de batalha*. A perspetiva deixou-o extremamente satisfeito.

Em Dasht-i-Rewat, onde começava a parte inferior do vale dos Cinco Leões, o helicóptero virou para sudoeste, seguindo o afluente Rewat em direção às colinas, a fim de se aproximar de Banda por trás das montanhas.

Anatoly tornou a usar os auscultadores e o microfone, e depois gritou ao ouvido de Jean-Pierre:

— Já estão todos na mesquita. Quanto tempo leva a mulher do mulá a chegar a casa?

— Cinco ou dez minutos — gritou Jean-Pierre em resposta.

— Onde quer ficar?

Jean-Pierre pensou por um instante.

— *Todos* os aldeões já estão na mesquita?

— Sim.

— Verificaram as grutas?

Anatoly voltou a usar o rádio e perguntou. Virou-se em seguida para Jean-Pierre.

— As grutas foram revistadas.

— Ótimo. Deixe-me lá.

— Quanto tempo levará a chegar ao seu esconderijo?

— Dê-me dez minutos, depois solte as mulheres e crianças, espere mais dez minutos e solte os homens.

— Está bem.

O helicóptero desceu para a sombra da montanha. A tarde chegava ao fim, mas ainda restava cerca de uma hora antes do anoitecer. Pousaram atrás da crista, a poucos metros das grutas.

— Espere um pouco — disse Anatoly a Jean-Pierre. — Vamos verificar as grutas outra vez.

Pela porta aberta, Jean-Pierre viu outro *Hind* pousar. Seis homens saltaram e correram sobre a crista.

— Como entrarei em contacto consigo para descer e me apanhar depois? — indagou Jean-Pierre.

— Esperamos por si aqui.

— O que farão se alguns aldeões subirem até aqui antes de eu voltar?

— Matamo-los.

Era outra coisa que Anatoly tinha em comum com o pai de Jean-Pierre: era implacável.

O grupo de reconhecimento voltou e um dos homens acenou para informar que estava tudo em ordem.

— Vá — disse Anatoly.

Jean-Pierre saltou do helicóptero, ainda a empunhar a pistola do russo. Afastou-se apressadamente das pás em movimento, com a cabeça baixa. Olhou para trás ao chegar à crista: os dois helicópteros ainda estavam pousados.

Jean-Pierre atravessou a familiar clareira em frente da sua antiga clínica na gruta e contemplou a aldeia lá em baixo. Podia ver o pátio da mesquita, mas não identificou nenhum dos vultos que se encontravam ali. Era possível que um deles pudesse levantar os olhos no momento errado e avistá-lo — a vista dos afegãos podia ser melhor do que a sua — e por isso puxou o capuz para esconder o rosto.

O seu coração bateu mais depressa ao afastar-se da segurança dos helicópteros russos. Desceu a encosta, passando pela casa do mulá. O vale parecia estranhamente silencioso, apesar do barulho permanente do rio e do sussurro distante dos helicópteros. Era a ausência das vozes das crianças, percebeu Jean-Pierre.

Descreveu uma curva no caminho e constatou que não podia ser visto da casa do mulá. À beira do trilho havia uma mata de erva alta e de zimbros e agachou-se atrás dos arbustos. Estava bem escondido, mas tinha uma vista desimpedida do trilho. Acomodou-se para esperar.

Refletiu sobre o que diria a Abdullah. O mulá odiava as mulheres, de uma forma histérica; talvez pudesse aproveitar isso.

Uma súbita explosão de vozes altas lá em baixo, na aldeia, revelou que Anatoly dera ordens para que as mulheres e crianças fossem libertadas e deixassem a mesquita. Os aldeões especulariam sobre o objetivo da manobra, mas acabariam por atribuí-la à notória loucura dos exércitos de todo o mundo.

Poucos minutos depois, a mulher do mulá subiu pelo trilho, carregando o bebé e seguida pelos três filhos mais velhos. Jean-Pierre ficou tenso: estaria mesmo bem escondido? As crianças saíam do trilho e aproximar-se-iam dos arbustos? Que humilhação seria — ser descoberto por crianças.

Lembrou-se da arma que tinha na mão. *Terei coragem de matar crianças?*, perguntou-se.

A família passou e virou para casa.

Pouco depois, os helicópteros russos começaram a descolar do trigal: isso significava que os homens tinham sido soltos. Não demorou muito para que Abdullah subisse a encosta, ofegante, um vulto atarracado, de turbante e casaco inglês às riscas. Devia haver um grande comércio de roupas usadas entre a Europa e o Oriente, concluía Jean-Pierre, pois muitas pessoas ali usavam roupas que sem dúvida tinham sido feitas em Paris ou Londres e depois descartadas, talvez por terem saído de moda, muito antes de ficarem puídas. *É agora*, pensou Jean-Pierre, enquanto o vulto cómico se aproximava da sua posição. *Este palhaço num casaco de corretor londrino pode ser o detentor da chave do meu futuro*. Levantou-se e saiu do esconderijo.

O mulá sobressaltou-se e soltou um grito de choque. Olhou para Jean-Pierre e reconheceu-o.

— Tu! — gritou ele, em dari. Baixou a mão para o cinto.

Jean-Pierre mostrou-lhe a pistola. Abdullah pareceu assustado.

— Não tenhas medo — disse Jean-Pierre, em dari. O tremor na voz traía o seu nervosismo e fez um esforço para o controlar. — Ninguém sabe que estou aqui. A tua mulher e os teus filhos passaram sem me ver. Estão bem.

Abdullah ainda estava desconfiado.

— O que queres?

— A minha mulher é uma adúltera. — Embora estivesse a aproveitar os preconceitos do mulá, a fúria de Jean-Pierre não era inteiramente simulada. — Pegou na minha filha e deixou-me. Foi-se embora com o americano, como uma prostituta.

— Eu sei.

Jean-Pierre percebeu que o mulá começava a ser dominado pela indignação dos justos.

— Tenho andado à procura dela, a fim de a trazer de volta e a castigar.

Abdullah assentiu, entusiasmado com a ideia, o rancor a surgir nos seus olhos: gostava da punição de adúlteras.

— Mas o casal depravado escondeu-se. — Jean-Pierre falava devagar, com extremo cuidado: naquela altura, cada *nuance* contava. — Tu és um homem de Deus. Diz-me onde estão. Ninguém saberá como descobri, a não ser tu, eu e Deus.

— Eles foram-se embora — respondeu Abdullah, a saliva a molhar-lhe a barba pintada de vermelho.

— Para onde? — Jean-Pierre prendeu a respiração enquanto aguardava a resposta.

— Deixaram o vale.

— Mas para onde foram?

— Para o Paquistão.

Paquistão? Mas do que estava o velho idiota a falar?

— As rotas estão fechadas! — gritou Jean-Pierre, exasperado.

— Não o Trilho da Manteiga.

— *Mon Dieu* — sussurrou Jean-Pierre, na sua língua nativa. — O Trilho da Manteiga! — Estava impressionado com a coragem dos dois e ao mesmo tempo amargamente desapontado, pois agora seria impossível encontrá-los. — Levaram a criança?

— Sim.

— Então nunca mais tornarei a ver a minha filha!

— Vão todos morrer no Nuristão — comentou Abdullah, com ar satisfeito. — Uma ocidental com um bebé nunca sobreviverá naqueles desfiladeiros elevados, e o americano morrerá a tentar salvá-la. Assim Deus castiga aqueles que escapam à justiça dos homens.

Jean-Pierre compreendeu que devia voltar ao helicóptero o mais depressa possível.

— Volta agora para casa.

— O tratado morrerá com eles, pois Ellis tem o papel — acrescentou Abdullah. — O que é bom. Embora precisemos das armas americanas, é perigoso fazer pactos com infiéis.

— Vai! — insistiu Jean-Pierre. — Se não queres que a tua família me veja, obriga todos a ficarem dentro de casa durante alguns minutos.

Abdullah pareceu por um momento indignado por receber ordens, mas depois concluiu que estava do lado errado da pistola para protestar, e tratou de se afastar, apressado.

Jean-Pierre perguntou-se se todos morreriam no Nuristão, como Abdullah previra, exultante. Não era o que ele queria. Não lhe proporcionaria vingança ou satisfação. Queria a filha de volta. Queria Jane viva e sob o seu poder. Queria que Ellis sofresse dor e humilhação.

Deu algum tempo a Abdullah para chegar a casa, depois puxou o capuz para cima e subiu pelo trilho, desconsolado. Virou o rosto para o outro

lado ao passar pela casa, para o caso de alguma criança estar a espreitar.

Anatoly aguardava-o diante das grutas. Estendeu a mão para a pistola.

— Então?

Jean-Pierre devolveu-lhe a arma.

— Eles escaparam. Deixaram o vale.

— Não podem ter *escapado* — protestou Anatoly, irritado. — Para onde foram?

— Para o Nuristão. — Jean-Pierre apontou na direção dos helicópteros.

— Não é melhor irmos embora?

— Não podemos falar no helicóptero.

— Mas se os aldeões aparecerem...

— Ao diabo com os aldeões! Pare de se comportar como um derrotado!

O que foram fazer ao Nuristão?

— Estão a seguir para o Paquistão por um caminho conhecido como Trilho da Manteiga.

— Se conhecermos o percurso, podemos encontrá-los.

— Não creio. Há um caminho, mas muitas variações.

— Voaremos sobre todas.

— Não se pode acompanhar os caminhos pelo ar. Mal se consegue segui-los em *terra* sem um guia nativo.

— Podemos usar mapas...

— Que mapas? — disse Jean-Pierre. — Já vi os vossos mapas e não são melhores do que os mapas americanos que eu trouxe, os mais completos disponíveis... e não mostram os trilhos e desfiladeiros. Não sabe que há regiões do mundo que nunca foram cartografadas como deve ser? Está agora numa delas.

— Eu sei... ou já se esqueceu de que trabalho no serviço de informações? — Anatoly baixou a voz. — Você desanima com muita facilidade, meu amigo. Pense um pouco. Se o Ellis pode encontrar um guia nativo para lhe ensinar o caminho, então também posso encontrar.

*Seria possível?*, interrogou-se Jean-Pierre.

— Mas há mais de um caminho.

— Vamos supor que há dez variações. Precisamos de dez guias nativos para levar dez grupos de busca.

O entusiasmo de Jean-Pierre aumentou depressa ao compreender que ainda poderia recuperar Jane e Chantal e assistir à captura de Ellis.

— Talvez a situação não seja tão assim tão má — declarou, entusiasmado. — E podemos fazer perguntas pelo caminho. Depois de deixarmos este fim de mundo, talvez as pessoas não sejam tão fechadas. Os habitantes do Nuristão não estão tão envolvidos na guerra como esta gente.

— Ótimo — disse Anatoly, bruscamente. — Está a escurecer. Temos muito a fazer esta noite. Começamos amanhã de manhã bem cedo. Vamos embora.



## CAPÍTULO 17

Jane acordou assustada. Não sabia onde estava, com quem estava ou se os russos a tinham capturado. Por um instante, olhou fixamente para o teto de vime entrançado, a pensar: *Isto é uma prisão?* Depois sentou-se, bruscamente, o coração a bater disparado. Viu Ellis no seu saco-cama, a dormir de boca aberta, e lembrou-se: *Estamos fora do vale. Escapámos. Os russos não sabem onde estamos e não podem encontrar-nos.*

Tornou a deitar-se e esperou que o coração voltasse ao ritmo normal.

Não estavam a seguir a rota que Ellis planeara inicialmente. Em vez de irem para norte, até Comar, depois para leste, pelo vale Comar até ao Nuristão, tinham voltado para sul de Saniz e ido para leste, pelo vale Aryu: Mohammed sugerira esse caminho porque assim sairiam muito mais depressa do vale dos Cinco Leões, e Ellis concordara.

Tinham partido antes do amanhecer e subido o dia inteiro, Ellis e Jane a revezarem-se a carregar Chantal, Mohammed a puxar *Maggie*. Pararam ao meio-dia na aldeia de cabanas de barro de Aryu e compraram pão a um velho desconfiado, que tinha um cão que não parava de ladrar. A aldeia de Aryu fora o limite da civilização: depois, não houvera nada durante quilómetros, a não ser o rio cheio de penedos e enormes montanhas nuas cor de marfim, de ambos os lados, até chegarem àquele local, ao final da tarde, exaustos.

Jane tornou a sentar-se. Chantal estava deitada ao seu lado, a respirar de forma regular e a irradiar calor, como um saco de água quente. Ellis estava no seu próprio saco-cama. Podiam ter unido os dois sacos para fazer apenas um, mas Jane receara que Ellis pudesse rolar sobre Chantal durante a noite. Assim, tinham dormido separados, contentando-se em ficar próximos, estendendo as mãos para se tocarem de vez em quando. Mohammed estava no aposento ao lado.

Jane levantou-se com todo o cuidado, tentando não incomodar Chantal. Ao vestir a camisa e as calças, sentiu dores nas costas e nas pernas: estava habituada a andar, mas não o dia inteiro, sempre a subir, num terreno tão difícil.

Calçou as botas, sem prender os atacadores, e saiu. Pestanejou ante a claridade fria e intensa das montanhas. Estava num prado alto, um vasto campo verde, com um riacho a serpentear de um lado ao outro. Num lado do prado, a montanha erguia-se íngreme e ali, na base da encosta, havia

meia dúzia de casas de pedra e cercas para gado. As casas estavam vazias, e o gado desaparecera: aquela era uma pastagem de verão, os pastores tinham partido para os refúgios de inverno. Ainda era verão no vale dos Cinco Leões, mas àquela altitude o outono chegava em setembro.

Jane encaminhou-se para o riacho. Ficava bastante longe das casas para ela poder tirar a roupa sem receio de ofender Mohammed. Entrou na água. Estava gelada. Saiu quase no mesmo instante, a bater os dentes de forma incontrolável.

— Ao diabo com *isto!* — exclamou, em voz alta. Ficaria suja até voltar à civilização.

Tornou a vestir-se — só havia uma toalha e estava reservada para Chantal — e voltou a correr para a casa, recolhendo alguns gravetos no caminho. Pô-los sobre as brasas da fogueira da noite anterior e soprou-as até a lenha atear. Estendeu as mãos enregeladas sobre as chamas, até sentir que voltavam ao normal.

Pôs ao lume uma panela com água para lavar Chantal. Enquanto esperava que aquecesse, os outros acordaram, um a um: primeiro Mohammed, que saiu para se lavar; depois Ellis, que se queixou de ter o corpo todo dorido; e finalmente Chantal, que exigiu ser alimentada e foi logo atendida.

Jane sentia-se estranhamente eufórica. Deveria estar preocupada, pensou ela, por levar uma criança de dois meses para um dos lugares mais inóspitos do mundo; mas, de alguma forma, a ansiedade fora sufocada pela felicidade. *Porque estou feliz?*, perguntou a si mesma. A resposta saiu do fundo da sua mente: *Porque estou com o Ellis.*

Chantal também parecia feliz, como se estivesse a absorver o contentamento com o leite materno. Não tinham conseguido comprar comida na noite anterior, porque as manadas de vacas haviam partido e não havia ninguém ali a quem a comprar. No entanto, ainda dispunham de algum arroz e sal, que tinham cozinhado — não sem dificuldade, porque àquela altitude a água levava uma eternidade a ferver. Agora, para a primeira refeição do dia, só restava um pouco de arroz frio, o que lhe diminuiu um pouco a disposição.

Comeu enquanto Chantal mamava, depois lavou-a e mudou-a. A fralda de reserva, lavada no riacho no dia anterior, secara junto ao lume durante a noite. Jane pô-la em Chantal e levou a suja para o riacho. Depois de lavada, prendê-la-ia na bagagem, esperando que o vento e o calor do corpo

da égua a secassem. O que diria a sua mãe se soubesse que a neta usaria uma única fralda o dia todo? Ficaria horrorizada. Mas não importava...

Ellis e Mohammed carregaram a égua e viraram-na na direção correta. Aquele dia seria mais árduo do que o anterior. Teriam de atravessar a cordilheira que há séculos mantinha o Nuristão mais ou menos isolado do resto do mundo. Subiriam pelo desfiladeiro de Aryu, a mais de quatro mil metros de altura. Teriam de enfrentar a neve e o gelo durante boa parte do percurso. Esperavam chegar a Linar, uma aldeia no Nuristão: ficava a apenas quinze quilómetros de distância, mas só lá chegariam ao fim da tarde.

O sol era intenso quando partiram, mas o ar estava frio. Jane usava meias grossas e mitenes e tinha uma camisola impermeável sob o casaco forrado a pele. Levava Chantal no marsupial entre a camisola e o casaco, os botões de cima do casaco abertos para deixar o ar entrar.

Saíram do prado, acompanhando o rio Aryu corrente acima, e de imediato a paisagem voltou a ser árida e inóspita. Os penhascos frios não tinham qualquer vegetação. A determinado momento, Jane viu, à distância, algumas tendas de nómadas numa encosta desolada: não sabia se devia ficar contente ou assustada pela presença de outros seres humanos nas proximidades. A única outra coisa viva que viu foi um abutre a planar no vento forte.

Não havia qualquer trilho visível. Jane estava satisfeita por Mohammed os acompanhar. A princípio ele seguiu o rio, mas a sua confiança não diminuiu quando o Aryu se estreitou e foi desaparecendo aos poucos, e seguiu em frente sem qualquer hesitação. Jane perguntou-lhe como sabia o caminho, e Mohammed explicou que o percurso era indicado por montes de pedras, dispostos a intervalos. Ela não os vira até Mohammed os indicar.

Em breve havia uma fina camada de neve no solo. Jane sentiu o frio nos pés, apesar das meias grossas e das botas.

Surpreendentemente, Chantal dormiu a maior parte do tempo. A cada duas horas paravam para descansar alguns minutos, e Jane aproveitava a oportunidade para lhe dar de mamar, estremecendo ao expor os seios sensíveis ao ar gelado. Comentou com Ellis que achava que Chantal estava a portar-se muito bem, e ele murmurou:

— É incrível!

Pararam ao meio-dia, à vista do desfiladeiro de Aryu, para um descanso bem necessário de meia hora. Jane já se sentia cansada, e doíam-lhe as costas. Também estava faminta e devorou o bolo de nozes e amoras que haviam reservado para o almoço.

O acesso ao desfiladeiro era assustador. Observando a íngreme escalada, Jane desanimou. *Acho que vou ficar aqui sentada mais algum tempo*, pensou; mas estava frio, e começou a tremer. Ellis notou e levantou-se.

— Vamos embora antes que congelemos — disse ele, jovialmente.

*Gostava que não estivesses tão animado*, pensou ela.

Levantou-se com grande esforço.

— Deixa-me levar a Chantal — pediu Ellis.

Jane entregou-lhe a criança, agradecida. Mohammed foi à frente, puxando as rédeas de *Maggie*. Exausta, Jane forçou-se a acompanhá-los. Ellis seguia na retaguarda.

A encosta era íngreme, e o terreno escorregadio com a neve. Depois de alguns minutos, Jane estava mais cansada do que antes de pararem para descansar. Enquanto cambaleava em frente, ofegante, toda dorida, lembrou-se do que dissera a Ellis: «Acho que tenho mais hipóteses de fugir daqui contigo do que de fugir da Sibéria sozinha.» *Talvez nem isso consiga*, pensou agora. *Não sabia que seria assim*. No instante seguinte, controlou-se. *Claro que sabias*, disse a si mesma. *E sabes que vai ficar ainda pior, antes de melhorar. Para com isso, criatura patética*. Nesse momento escorregou numa pedra gelada e caiu de lado. Ellis, que vinha logo atrás, segurou-a pelo braço, ajudando-a a levantar-se. Jane compreendeu que ele a vigiava com toda a atenção, e experimentou um profundo acesso de amor. Ellis tratava-a com um carinho que Jean-Pierre nunca tivera para com ela. Jean-Pierre teria seguido à frente, partindo do princípio de que ela o chamaria se precisasse de alguma ajuda; se Jane se queixasse dessa atitude, perguntaria se ela queria ou não ser tratada como igual.

Estavam quase no cume. Jane inclinou-se para a frente, a fim de avançar melhor, pensando: *Só mais um pouco, só mais um pouco*. Sentia-se tonta. À sua frente, *Maggie* escorregou em algumas pedras soltas e subiu a galopar os últimos metros, obrigando Mohammed a correr ao seu lado. Jane foi atrás, contando os passos. Chegou por fim a terreno plano. E parou. Sentia a cabeça a girar. O braço de Ellis envolveu-a, e ela fechou os olhos, encostando-se a ele.

— A partir de agora é sempre a descer o dia inteiro — murmurou ele.

Jane abriu os olhos. Nunca podia ter imaginado uma paisagem tão cruel: havia apenas neve, vento, montanhas e solidão, interminavelmente.

— Mas que fim de mundo... — comentou ela.

Contemplaram a paisagem por um momento.

— Temos de continuar — disse Ellis.

E seguiram viagem. A descida era mais íngreme. Mohammed, que puxara *Maggie* pelas rédeas durante toda a subida, tinha agora de as segurar para fazer de travão e impedir que a égua resvalasse pela encosta escorregadia. Era difícil distinguir as pilhas de pedras entre as incontáveis pedras soltas cobertas pela neve, mas Mohammed foi descendo sem a menor hesitação. Jane pensou que devia oferecer-se para levar Chantal, a fim de dar algum descanso a Ellis, mas sabia que não tinha forças para a carregar.

À medida que desciam, a neve foi-se tornando mais escassa e depois desapareceu por completo, e o trilho tornou-se visível outra vez. Jane estava sempre a ouvir um assobio estranho e acabou por arranjar energias para perguntar a Mohammed o que era. Em resposta, ele usou uma palavra dari que ela não conhecia. Mohammed não conhecia a equivalente francesa. Por fim, apontou e Jane viu um animal pequeno, parecido com um esquilo, que fugia quando se aproximavam dele: uma marmota. A seguir, viu várias outras e perguntou-se o que encontrariam para comer ali em cima.

Não demorou muito para que estivessem a andar ao longo de outro riacho, agora a descer. A paisagem interminável de rocha cinzenta e branca era intercalada por um pouco de erva resistente e alguns arbustos nas margens do riacho; mas o vento subia pela garganta e penetrava na roupa de Jane como agulhas de gelo.

Tal como a subida se fora tornando inexoravelmente pior, também a descida foi ficando cada vez mais fácil: a inclinação do trilho era cada vez mais suave, o ar mais quente, a paisagem mais aprazível. Jane ainda se sentia exausta, mas já não estava oprimida e angustiada. Depois de dois ou três quilómetros chegaram à primeira aldeia no Nuristão. Os homens usavam camisolas grossas, sem mangas, com um vistoso padrão preto e branco, e falavam uma língua própria, que Mohammed mal conseguia entender. Mesmo assim, foi capaz de comprar um pouco de pão com o dinheiro afegão de Ellis.

Jane sentiu-se tentada a suplicar a Ellis que parassem ali para passar a noite, pois estava desesperadamente cansada, mas ainda restavam várias horas de claridade e haviam combinado que tentariam chegar a Linar naquele dia. Por isso, mordeu a língua e forçou as pernas doridas a continuarem.

Para seu imenso alívio, os restantes sete ou oito quilómetros do percurso foram mais fáceis, e chegaram a Linar muito antes do anoitecer. Jane deixou-se cair no chão sob uma enorme amoreira, e ali permaneceu sentada por algum tempo. Mohammed acendeu uma fogueira e começou a preparar chá.

De alguma forma, Mohammed conseguiu informar os aldeões de que Jane era uma enfermeira ocidental e mais tarde, enquanto ela amamentava e mudava a fralda de Chantal, um pequeno grupo de pacientes reuniu-se, esperando a uma distância respeitosa. Jane recorreu às suas últimas reservas de energia para os examinar. Havia as habituais feridas infetadas, parasitas intestinais e problemas de bronquite, porém menos crianças subnutridas do que no vale dos Cinco Leões, presumivelmente porque a guerra não afetara tanto aquele lugar remoto e inóspito.

Graças à clínica improvisada, Mohammed recebeu uma galinha, que cozinhou no tacho deles. Jane teria preferido adormecer primeiro, mas fez um esforço para esperar que a galinha estivesse pronta, e depois comeu-a vorazmente. A carne estava fibrosa e sem gosto, mas ela tinha mais fome do que em qualquer outra ocasião anterior da sua vida.

Ellis e Jane receberam um quarto numa das casas da aldeia. Havia um colchão para eles e um tosco berço de madeira para Chantal. Juntaram os sacos-cama e fizeram amor com uma ternura cansada. Jane gostou do calor e de se deitar quase tanto como do sexo. Depois, Ellis adormeceu quase instantaneamente. Jane permaneceu acordada alguns minutos. Os músculos pareciam doer mais agora que estava descontraída. Pensou deitar-se numa cama a sério, num quarto normal, os candeeiros da rua a brilharem através das cortinas, as portas dos carros a baterem lá fora, em ter uma casa de banho com sanita, autoclismo e água quente, uma loja na esquina onde podia comprar algodão, fraldas descartáveis e um champô *Johnson's*. *Escapámos dos russos*, pensou, enquanto resvalava para o sono. *Talvez consigamos voltar para casa. Talvez consigamos mesmo.*

Jane acordou ao mesmo tempo que Ellis, sentindo a sua súbita tensão. Ele estava muito hirtos a seu lado, sem respirar, ouvindo dois cães a ladrar.

Depois, saiu depressa da cama.

O quarto estava escuro como breu. Jane ouviu o som de um fósforo a ser riscado e depois uma vela foi acesa no canto. Ela olhou para Chantal: a criança dormia serenamente.

— O que foi? — perguntou a Ellis.

— Não sei — sussurrou ele.

Vestiu as calças de ganga, calçou as botas, enfiou o casaco e saiu.

Jane vestiu-se também e seguiu-o. No quarto ao lado, o luar que entrava pela porta aberta iluminava quatro crianças numa cama, todas de olhos arregalados, a observá-los por cima do cobertor partilhado. Os pais dormiam noutro quarto. Ellis estava à porta da casa, a observar o exterior.

Jane parou ao seu lado. No alto da colina, ao luar, viu um vulto solitário a correr na direção deles.

— Os cães ouviram-no — murmurou Ellis.

— Mas quem é?

De repente surgiu outro vulto ao lado deles. Jane teve um sobressalto, depois reconheceu Mohammed. Na sua mão brilhava a lâmina de uma faca.

O vulto aproximou-se. O andar parecia familiar a Jane. Mohammed soltou um grunhido súbito e baixou a faca.

— Ali Ghanim — murmurou.

Jane reconheceu agora o andar característico de Ali, que corria daquela forma porque tinha as costas um pouco tortas.

— Mas porquê? — sussurrou ela.

Mohammed adiantou-se e acenou. Ali viu-o, acenou em resposta e correu para a casa em que os três estavam. Ele e Mohammed abraçaram-se.

Jane esperou impaciente que Ali recuperasse o fôlego.

— Os russos seguem o vosso rasto — disse ele por fim.

Jane sentiu um aperto no coração. Pensara que tinham escapado. O que correria mal?

Ali respirou a custo durante mais alguns segundos.

— Masud mandou-me avisar-vos. No dia em que partiram, os russos vasculharam todo o vale dos Cinco Leões, com centenas de helicópteros e milhares de soldados. Como não conseguiram descobrir-vos, hoje mandaram expedições por todos os vales que levam ao Nuristão.

— O que está ele a dizer? — indagou Ellis.

Jane levantou a mão para fazer Ali esperar um pouco, enquanto traduzia para Ellis, que não conseguia acompanhar o discurso rápido e ofegante do afegão.

— Como souberam eles que tínhamos vindo para o Nuristão? — perguntou Ellis. — Podíamos estar escondidos em qualquer sítio do vale.

Jane perguntou a Ali, que não soube responder.

— Há alguma expedição de busca neste vale? — inquiriu ela.

— Sim. Ultrapassei-os pouco antes do desfiladeiro de Aryu. Devem ter chegado à última aldeia ao cair da noite.

— Oh não! — murmurou Jane desesperada. Em seguida traduziu para Ellis: — Como podem eles deslocar-se tão mais depressa do que nós? — Ellis encolheu os ombros. Depois de uma pausa, ela própria respondeu à pergunta: — Porque não são atrasados por uma mulher com uma criança de colo. Oh, merda!

— Se eles partirem de manhã cedo, apanham-nos amanhã — disse Ellis.

— O que podemos fazer?

— Partir agora.

Jane sentia um cansaço extremo e foi dominada por um ressentimento irracional contra Ellis.

— Não podemos esconder-nos nalgum sítio? — perguntou, irritada.

— Onde? — retorquiu Ellis. — Aqui só há uma estrada. Os russos dispõem de homens suficientes para revistar todas as casas... afinal, não são muitas. Além do mais, os habitantes locais não estão necessariamente do nosso lado. Podem dizer aos russos onde estamos escondidos. Não, a nossa única esperança é mantermo-nos à frente dos perseguidores.

Jane olhou para o relógio. Eram duas da manhã. Sentia-se disposta a desistir.

— Vou carregar a égua — disse Ellis. — Amamenta a Chantal. — Acrescentou para Mohammed em dari: — Podes fazer chá? E arranjar alguma coisa para o Ali comer?

Jane voltou para o interior da casa, acabou de se vestir e deu a mama a Chantal. Enquanto o fazia, Ellis levou-lhe chá verde doce numa tigela de barro. Ela bebeu-o, agradecida.

Enquanto Chantal mamava, Jane perguntou-se quanto teria Jean-Pierre que ver com aquela perseguição implacável. Sabia que ele ajudara na incursão a Banda, pois vira-o lá. O seu conhecimento da região teria sido valioso quando os russos revistaram o vale dos Cinco Leões. Jean-Pierre



devia saber que andavam a perseguir a sua mulher e filha como cães atrás de ratos. Como podia ele ajudar os russos? O seu amor devia ter-se transformado em ódio pelo ressentimento e ciúme.

Chantal estava cheia. Como devia ser agradável, pensou Jane, não saber nada sobre a paixão, o ciúme ou a traição, não ter outros sentimentos além de quente ou frio, saciada ou faminta.

— Aproveita enquanto podes, minha querida — murmurou.

Apressando-se, abotoou a camisa e enfiou a camisola impermeável por cima da cabeça. Pôs o marsupial improvisado ao pescoço, instalou Chantal, vestiu o casaco e saiu.

Ellis e Mohammed estudavam o mapa à luz de uma lanterna. Ellis mostrou a Jane o percurso escolhido.

— Vamos seguir o Linar até ao ponto onde desagua no rio Nuristão, depois seguimos o Nuristão para norte. A seguir, entramos num dos vales transversais... o Mohammed não pode dizer qual, até lá chegarmos... e seguimos para o desfiladeiro de Kantiwar. Gostava de sair hoje do vale do Nuristão... isso dificultará a vida aos russos, pois não saberão por onde saímos.

— A que distância fica? — indagou Jane.

— Apenas vinte e cinco quilómetros... mas se serão fáceis ou difíceis dependerá do terreno.

Jane assentiu.

— Vamos andando — disse. Sentiu-se orgulhosa por parecer mais animada do que estava.

Partiram ao luar. Mohammed foi avançando a um ritmo rápido, açoitando implacavelmente a égua com uma tira de couro quando ela ficava para trás. Jane tinha uma ligeira dor de cabeça e uma sensação de vazio e náusea no estômago. No entanto, não estava com sono, mas sim bastante tensa e exausta.

Achou o trilho assustador à noite. Às vezes andavam pela erva escassa à beira do rio, o que era agradável, mas depois o trilho subia pela encosta da montanha e seguia pelo cume dezenas de metros acima, onde o solo estava coberto de neve, e sentia-se apavorada com a possibilidade de escorregar e cair com a filha nos braços.

Às vezes havia uma opção: o trilho bifurcava-se, um caminho a subir, o outro a descer. Como não conheciam o percurso, deixavam Mohammed adivinhar. Na primeira vez ele escolheu o caminho de baixo e acertou:

chegaram a uma pequena praia, onde atravessaram o rio com um ou dois palmos de água, evitando um longo desvio. Da segunda vez, no entanto, também seguiram a margem do rio e arrependeram-se: depois de quilómetro e meio, o trilho terminava num paredão rochoso, e a única maneira de o contornar era a nado. Exaustos, voltaram à bifurcação e subiram pelo trilho no penhasco.

Na oportunidade seguinte tornaram a descer para a margem do rio. O trilho levou-os a uma saliência que seguia pela encosta do penhasco uns trinta metros acima do rio. A égua ficou nervosa, provavelmente por o trilho ser muito estreito. Jane também se sentiu assustada. A luz das estrelas não era suficiente para iluminar o rio lá em baixo, e por isso a garganta parecia um abismo negro ao seu lado. *Maggie* estava sempre a parar, e Mohammed tinha de puxar as rédeas para a fazer seguir em frente.

Quando o trilho se curvou bruscamente numa projeção rochosa, *Maggie* recusou-se a continuar e empinou-se. Jane recuou, cautelosa, com receio de que a égua pudesse dar-lhe um coice. Chantal começou a chorar, talvez por sentir a tensão do momento ou porque não voltara a dormir depois da mamada das duas da manhã. Ellis entregou Chantal a Jane e avançou para ajudar Mohammed com a égua.

Ellis ofereceu-se para pegar nas rédeas, mas Mohammed recusou bruscamente: a tensão começava a afetá-lo. Ellis contentou-se em empurrar *Maggie* por trás, soltando gritos de exortação para a fazer seguir em frente. Jane estava a pensar que aquilo quase tinha piada quando *Maggie* se empinou, Mohammed largou as rédeas e cambaleou, e a égua recuou para cima de Ellis, tombou-o e continuou a recuar.

Felizmente, Ellis caiu para a esquerda, contra a parede do penhasco. Quando *Maggie* recuou para cima de Jane, ela percebeu que se encontrava no lado errado do trilho, os pés na beira. Agarrou-se a um dos alforges presos nos arreios, desesperada, com receio de poder ser empurrada para o precipício.

— Sua égua estúpida! — gritou.

Chantal, entalada entre Jane e *Maggie*, também gritava. Jane foi arrastada por alguns metros, com medo de largar o alforge. Depois, resolvendo correr o risco, largou o alforge, estendeu a mão direita e agarrou nas rédeas, equilibrou-se, avançou para ao lado da cabeça da égua, deu um puxão nas rédeas e gritou «Para!».

Para seu espanto, *Maggie* parou.

Jane virou-se. Ellis e Mohammed levantavam-se.

— Estão bem? — perguntou ela, em francês.

— Mais ou menos — respondeu Ellis.

— Perdi a lanterna — informou Mohammed.

— Só espero que os cabrões dos russos tenham os mesmos problemas — comentou Ellis em inglês.

Jane compreendeu que não tinham percebido que a égua quase a empurrara para o precipício. Decidiu não lhes contar e entregou as rédeas a Ellis.

— Vamos continuar — disse ela. — Podemos lamber as feridas depois. — Passou por Ellis e acrescentou para Mohammed: — Vai à frente.

Mohammed animou-se depois de alguns minutos sem *Maggie*. Jane perguntou a si própria se precisavam realmente da égua, mas depois concluiu que sim: havia demasiada bagagem para carregarem, e tudo era essencial... era até provável que deversem ter trazido mais comida.

Passaram apressados por um povoado silencioso e adormecido, apenas uma meia dúzia de casas ao lado de uma cascata. Um cão latiu histérico numa das casas, até que alguém o silenciou com um grito. A seguir viram-se outra vez numa região deserta.

O céu começou a passar de preto a cinzento, e as estrelas desapareceram: o dia nascia. Jane perguntou-se o que andariam os russos a fazer. Talvez os oficiais estivessem a acordar os homens naquele momento aos gritos e a dar pontapés aos que demoravam a sair dos sacos-cama. Um cozinheiro estaria a fazer o café, enquanto o comandante estudava o mapa. Ou talvez se tivessem levantado mais cedo, uma ou duas horas antes, enquanto ainda era de noite, e partido em poucos minutos, marchando em fila indiana ao longo do rio Linar; talvez já tivessem passado pela aldeia de Linar; talvez seguissem pelos caminhos certos em todas as bifurcações e se encontrassem agora apenas a dois ou três quilómetros da presa.

Jane andou um pouco mais depressa.

O caminho seguia pela encosta do penhasco e descia para a margem do rio. Não havia sinais de atividade agrícola, mas as encostas da montanha, nos dois lados, eram arborizadas. Quando a claridade aumentou, Jane verificou que as árvores eram carvalhos. Indicou-os a Ellis.

— Porque não podemos esconder-nos naquele bosque? — perguntou ela.

— Como último recurso, poderíamos fazer isso, mas os russos descobririam em breve que parámos, porque interrogariam os aldeões e seriam informados de que não tínhamos passado por ali. Voltariam e iniciariam uma busca meticulosa.

Jane assentiu, resignada. Estava apenas à procura de pretextos para parar.

Pouco antes do nascer do Sol descreveram uma curva e pararam logo a seguir: um aluimento enchera a garganta com terra e pedras soltas, bloqueando-a por completo.

Jane sentiu vontade de chorar. Havia percorrido cerca de quatro quilómetros pela margem do rio e pela plataforma estreita, e voltar agora representaria oito quilómetros extras, incluindo a parte que tanto assustara *Maggie*.

Os três ficaram imóveis por um momento, a olhar para o aluimento.

— Podemos passar por cima? — perguntou Jane.

— A égua não pode — respondeu Ellis.

Jane ficou furiosa com ele por enunciar o óbvio.

— Um de nós pode voltar com a *Maggie* — disse ela impaciente. — Os outros dois podem descansar um pouco, enquanto esperam que a égua chegue aqui pelo outro lado.

— Não creio que seja sensato separarmo-nos.

Jane não gostou do tom de decisão final na sua voz.

— Não julgues que vamos fazer o que *achas* que é sensato — disse ela bruscamente.

Ellis olhou-a aturdido.

— Certo, mas também acho que esse monte de terra e pedras pode deslizar se alguém tentar subi-lo. Aliás, digo que não vou tentar, independentemente do que os dois possam decidir.

— Então não discutes sequer o assunto. Estou a ver.

Furiosa, Jane virou-se e começou a voltar para trás, deixando aos homens a decisão de a seguir ou não. *Porque seria, pensou ela, que os homens assumiam uma postura de quero, posso e mando sempre que havia um problema físico ou mecânico?*

Ellis não era desprovido de defeitos, refletiu. Às vezes as suas ideias eram bastante confusas: apesar de toda a sua conversa acerca de ser um especialista em antiterrorismo, ainda trabalhava para a CIA, provavelmente o maior grupo de terroristas do mundo. Era inegável que

havia uma parte de Ellis que gostava do perigo, da violência e do logro. *Não escolhas um macho romântico se queres um homem que te respeite*, refletiu ela.

Uma coisa se podia dizer a favor de Jean-Pierre: ele nunca tratava as mulheres com condescendência. Podia negligenciá-las, enganá-las ou ignorá-las, mas nunca era condescendente. Talvez por ser mais novo.

Passou pelo sítio onde *Maggie* se empinara. Não esperou pelos homens: daquela vez podiam cuidar sozinhos da égua.

Chantal choramingava, mas Jane fê-la esperar. Continuou até ao ponto em que parecia haver um trilho para o cimo do penhasco. Sentou-se ali, proclamando unilateralmente um momento de descanso. Ellis e Mohammed alcançaram-na um ou dois minutos depois. Mohammed tirou um bocado de bolo de nozes e amoras e distribuiu-o. Ellis não falou com Jane.

Depois da pausa, subiram para o alto da colina. Emergiram para o sol lá em cima e Jane começou a sentir-se um pouco menos zangada. Não demorou muito para que Ellis a envolvesse com um braço.

— Peço desculpa por ter assumido o comando — murmurou ele.

— Obrigada — respondeu Jane, ainda tensa.

— Mas não achas que podes ter reagido de maneira um pouco exagerada?

— Sem dúvida que sim. Desculpa.

— Tudo bem. Deixa-me levar a Chantal.

Jane entregou-lhe a criança. Ao aliviar-se do peso, descobriu que lhe doíam as costas. Chantal nunca *parecera* pesada, mas o fardo fazia-se sentir numa distância longa. Era a mesma coisa que carregar um saco de compras durante quinze quilómetros.

O ar foi-se tornando mais ameno enquanto o sol subia pelo céu. Jane abriu o casaco e Ellis despiu o seu. Mohammed conservou o sobretudo militar russo, com a típica indiferença afegã a tudo que não fosse a mudança de clima mais severa.

Perto do meio-dia saíram da garganta estreita do Linar, entrando no largo vale do Nuristão. Ali o caminho estava outra vez bem demarcado, quase tão bom como o trilho de carroças que subia o vale dos Cinco Leões. Viraram para norte, seguindo em direção à nascente do rio.

Jane sentia-se muito cansada e desanimada. Depois de se levantar às duas da manhã, andara durante dez horas — mas só tinham percorrido sete

ou oito quilómetros. Ellis queria andar mais dezasseis quilómetros naquele dia. Era o terceiro dia consecutivo de marcha, e Jane sabia que não poderia continuar até ao anoitecer. Até mesmo Ellis exibia a expressão mal-humorada que Jane sabia ser um sinal de cansaço. Só Mohammed parecia incansável.

No vale do Linar não tinham encontrado ninguém fora das aldeias, mas ali havia alguns viajantes, quase todos com túnicas e turbantes brancos. Os nuristaneses olhavam com curiosidade para os dois ocidentais pálidos e exaustos, mas cumprimentavam Mohammed com um respeito cauteloso, sem dúvida por causa da *Kalashnikov* pendurada no seu ombro.

Enquanto subiam pela margem do rio Nuristão, foram alcançados por um jovem de barba preta, olhos brilhantes, com dez peixes frescos espetados numa vara. Dirigiu-se a Mohammed numa mistura de línguas, em que Jane reconheceu algum dari e algumas palavras em pastó. Entenderam-se o suficiente para Mohammed lhe comprar três peixes.

Ellis contou o dinheiro.

— Quinhentos afeganis por peixe... quanto é isso?

— Quinhentos afeganis são cinquenta francos franceses... cinco libras.

— Ou seja, dez dólares. Peixes caros.

Jane desejou que ele parasse de falar: já tinha muita dificuldade em pôr um pé à frente do outro, e Ellis ainda se queixava do preço do peixe.

O jovem, que se chamava Halam, disse que apanhara os peixes no lago Mundol, mais abaixo no vale, embora provavelmente os tivesse comprado, pois não parecia um pescador. Abrandou o seu ritmo para os acompanhar, falando sem parar e aparentemente sem se preocupar se eles o compreendiam ou não.

Como o vale dos Cinco Leões, o Nuristão era uma garganta rochosa que se alargava a intervalos de poucos quilómetros, com pequenas planícies cultivadas e plantações em socacos. A diferença mais destacada era a floresta de carvalhos que cobria as encostas da montanha, como lã no dorso de uma ovelha, e que Jane achava que poderia servir de esconderijo, quando tudo o resto falhasse.

Andavam mais depressa agora. Não havia desvios inesperados na montanha, pelo que Jane se sentia grata. Em determinado ponto a estrada estava bloqueada por um aluimento, mas Ellis e Jane conseguiram transpô-lo e Mohammed foi pelo rio com a égua, voltando à mesma margem alguns metros adiante. Pouco depois, quando uma saliência

rochosa entrava pelo rio, o caminho continuava em volta da rocha por cima de uma vacilante plataforma de madeira em que *Maggie* se recusou a passar, e Mohammed mais uma vez resolveu o problema levando-a pela água.

Por aquela altura, Jane estava prestes a desfalecer. Quando Mohammed voltou, ela murmurou:

— Preciso de parar e descansar um pouco.

— Estamos quase em Gadwal — informou Mohammed.

— A que distância fica?

Mohammed conferenciou com Halam em dari e francês.

— A meia hora.

Parecia uma eternidade para Jane. *Claro que posso andar mais meia hora*, disse a si mesma. Tentou pensar noutra coisa que não a dor nas costas e a necessidade de se deitar.

Viram a aldeia quando descreveram a curva seguinte.

Era uma visão surpreendente, além de bem-vinda: as casas de madeira subiam pela encosta íngreme da montanha como crianças às cavalitas umas das outras, dando a impressão de que se a casa na base desmoronasse toda a aldeia deslizaria e cairia na água.

Ao chegarem à primeira casa, Jane parou e sentou-se à beira do rio. Todos os músculos do seu corpo doíam, e mal teve forças para receber Chantal de Ellis, que se sentou ao seu lado com uma prontidão que sugeria que também estava exausto. Um rosto curioso espreitou-os da casa, e Halam começou de imediato a falar com a mulher, presumivelmente a dizer-lhe o que sabia a respeito de Jane e Ellis. Mohammed amarrou *Maggie* onde ela podia pastar a erva à beira do rio e depois foi acocorar-se ao lado de Ellis.

— Temos de comprar pão e chá — disse ele.

Jane achava que precisavam todos de algo mais substancial.

— Então e o peixe? — perguntou.

— Levaríamos demasiado tempo a amanhá-lo e a cozinhá-lo. Comemo-lo ao jantar. Não quero ficar aqui mais de meia hora.

— Está bem — anuiu Jane, embora não soubesse se seria capaz de continuar ao fim de apenas meia hora. Talvez um pouco de comida lhe desse energia, pensou.

Halam chamou-os. Jane levantou a cabeça e viu-o a gesticular para que se aproximassem. A mulher fez a mesma coisa: estava a convidá-los para

sua casa. Ellis e Mohammed levantaram-se. Jane pousou Chantal no chão, levantou-se, depois dobrou-se para pegar na filha. De repente, viu tudo desfocado e pareceu perder o equilíbrio. Tentou combater a sensação, vendo apenas o pequeno rosto de Chantal rodeado por uma névoa; a seguir os seus joelhos cederam, ela caiu no chão, e tudo ficou escuro.

Quando abriu os olhos, viu um círculo de rostos ansiosos por cima dela: Ellis, Mohammed, Halam e a mulher.

— Como te sentes? — perguntou Ellis.

— Tola. O que aconteceu?

— Desmaiaste.

Ela sentou-se.

— Eu fico bem.

— Não ficas nada — respondeu Ellis. — Não podes andar mais hoje.

Jane sentiu a cabeça mais desanuviada. Sabia que ele tinha razão. O seu corpo não aguentaria mais, e nenhum esforço mudaria isso. Começou a falar francês, para que Mohammed entendesse.

— Mas os russos vão chegar aqui hoje.

— Teremos de nos esconder — disse Ellis.

— Olhem para estas pessoas. Acham que conseguiriam guardar segredo? — perguntou Mohammed.

Jane olhou para Halam e para a mulher. Estavam a observá-los, fascinados com a conversa, embora não percebessem uma palavra. A chegada de estrangeiros era provavelmente o acontecimento mais excitante do ano. Dali a alguns minutos, toda a aldeia estaria ali. Observou Halam. Dizer-lhe para não contar mexericos seria o mesmo que dizer a um cão para não ladrar. A localização do seu esconderijo seria conhecida em todo o Nuristão ao cair da noite. Seria possível escaparem àquelas pessoas e subirem o vale sem ser observados? Talvez. Mas não poderiam viver indefinidamente sem a ajuda da população local; a certa altura ficariam sem comida e seria então que os russos perceberiam que eles tinham parado e começariam a vasculhar os bosques e os desfiladeiros. Ellis tivera razão ao início do dia, quando dissera que a única esperança deles era continuar à frente dos perseguidores.

Mohammed puxou uma longa baforada no cigarro, parecendo pensativo.

— Temos de continuar os dois e deixar a Jane para trás — disse ele a Ellis.

— Não — respondeu Ellis.



— Esse papel que tens, com as assinaturas de Masud, Kamil e Azizi, é mais importante do que a vida de qualquer um de nós. Representa o futuro do Afeganistão... a liberdade por que o meu filho morreu.

Ellis teria de ir sozinho, percebeu Jane. Pelo menos podia salvar-se. O desespero que sentiu ao pensar que ia perdê-lo deixou-a envergonhada. Devia estar a pensar numa forma de o ajudar, não a perguntar-se como conseguiria mantê-lo junto de si. De repente, teve uma ideia.

— Eu podia enganar os russos — anunciou. — Deixo-me ser apanhada, e a seguir, depois de me mostrar relutante, posso dar ao Jean-Pierre informações falsas sobre o rumo que tomaste e como estás a viajar... Se os mandar na direção oposta, podes ganhar um avanço de vários dias... os suficientes para conseguires sair do país em segurança! — A ideia entusiasmava-a, embora no seu íntimo pensasse *Não me deixes, por favor, não me deixes*.

Mohammed olhou para o americano.

— É a única maneira, Ellis.

— Esquece, não aceito isso.

— Mas, Ellis...

— Não vai acontecer — repetiu Ellis. — Esquece.

Mohammed calou-se.

— Então o que fazemos? — perguntou Jane.

— Os russos não vão alcançar-nos hoje — declarou Ellis. — Ainda temos um bom avanço, pois partimos de madrugada. Passaremos a noite aqui e seguiremos viagem amanhã bem cedo. Lembra-te de que as coisas só terminam quando o fim chega. Tudo pode acontecer. Alguém em Moscovo pode chegar à conclusão de que Anatoly está louco e mandar suspender a busca.

— Tretas — murmurou Jane, em inglês, mas, secretamente, sentia-se contente, contra toda a lógica, por Ellis se recusar a prosseguir sozinho.

— Tenho uma sugestão alternativa — disse Mohammed. — Posso voltar e desviar os russos.

O coração de Jane deu um salto. Seria possível?

— Como? — perguntou Ellis.

— Vou oferecer-me como guia e intérprete e levo-os mais para o Sul do vale do Nuristão, para longe de vocês, na direção do lago Mundol.

Jane reparou numa falha naquele plano e sentiu novo aperto no coração.

— Mas eles já devem ter um guia.

— Pode ser um homem de bem do vale dos Cinco Leões que foi forçado a ajudar os russos contra a sua vontade. Nesse caso, conversarei com ele e acertarei tudo.

— E se ele não quiser ajudar?

Mohammed pensou por um momento.

— Então não é um homem de bem que foi obrigado a ajudá-los, mas sim um traidor que colabora de bom grado com o inimigo por ganho pessoal. Nesse caso, matá-lo-ei.

— Não quero que ninguém seja morto por minha causa — apressou-se Jane a dizer.

— Não é por tua causa — ripostou Ellis. — É por minha causa... porque me recusei a seguir sozinho.

Jane ficou calada.

Ellis estava a pensar em problemas práticos.

— Não estás vestido como um nuristanês — disse ele a Mohammed.

— Trocarei de roupa com o Halam.

— Não falas bem a língua local.

— Há muitas línguas no Nuristão. Fingirei que venho de uma zona onde se fala uma língua diferente. De qualquer forma, os russos não falam nenhuma das línguas e nunca vão saber.

— O que farás à arma?

Mohammed pensou por um momento.

— Dás-me o teu saco?

— É muito pequeno.

— A minha *Kalashnikov* tem a coronha retrátil.

— Claro — respondeu Ellis. — Podes ficar com o saco.

Jane perguntou-se se não levantaria suspeitas, mas concluiu que não: os sacos dos afegãos eram tão estranhos e variados como as suas roupas. De qualquer modo, Mohammed acabaria por levantar suspeitas, mais tarde ou mais cedo.

— O que acontecerá quando os russos compreenderem finalmente que estão no caminho errado? — perguntou ela.

— Antes de isso acontecer, fugirei durante a noite, deixando-os no meio do nada.

— É muito perigoso — murmurou Jane.

Mohammed tentou parecer heroicamente despreocupado. Como a maioria dos guerrilheiros, era de facto corajoso, mas também

ridiculamente vaidoso.

— Se calculares o momento errado e desconfiarem de ti antes de os deixares, irão torturar-te para descobrir o caminho que seguimos — disse Ellis.

— Nunca me apanharão vivo — declarou Mohammed.

Jane acreditou nele.

— Mas ficaremos sem guia — comentou Ellis.

— Arranjo-te outro.

Mohammed virou-se para Halam e iniciou uma conversa rápida em várias línguas. Jane calculou que Mohammed propunha contratar Halam como guia. Não gostava muito do rapaz — era demasiado bom vendedor para merecer confiança total —, mas era obviamente um viajante, e por isso uma escolha natural. Era provável que a maioria dos habitantes locais nunca tivesse deixado o seu próprio vale.

— Ele diz que conhece o caminho — informou Mohammed, voltando a falar em francês.

Jane sentiu uma certa ansiedade ao ouvir as palavras «ele diz».

— Irá levar-vos até Kantiwar e lá arranjará outro guia para vos conduzir até ao desfiladeiro seguinte — continuou Mohammed. — Continuarão assim até ao Paquistão. Cobra cinco mil afeganis.

— Parece um preço justo — comentou Ellis. — Mas quantos outros guias teremos de contratar a esse preço, até chegarmos a Chitral?

— Talvez cinco ou seis.

Ellis abanou a cabeça.

— Não temos trinta mil afeganis, e ainda precisamos de comprar comida.

— Poderão arranjar comida a cuidar de doentes pelo caminho — sugeriu Mohammed. — O caminho é mais fácil depois de chegarem ao Paquistão. Talvez não precisem de guias no final.

Ellis ainda hesitava.

— O que achas? — perguntou a Jane.

— Há uma alternativa. Podes deixar-me aqui.

— Não. Essa alternativa não existe. Seguiremos juntos.

## CAPÍTULO 18

Durante o primeiro dia, os grupos de busca não encontraram qualquer sinal de Ellis e Jane.

Jean-Pierre e Anatoly encontravam-se sentados em cadeiras duras de madeira, num gabinete espartano, sem janelas, na base aérea de Bagram, a monitorizar as informações que chegavam pelo rádio. Os grupos de busca tinham partido outra vez antes do amanhecer. Eram seis no início, um para cada um dos cinco vales laterais principais que seguiam para leste, a partir do Cinco Leões, e o sexto para seguir o rio dos Cinco Leões para norte, até à sua nascente e além dela. Cada grupo incluía pelo menos um oficial do exército regular afegão que falava dari. Pousaram os helicópteros em seis aldeias diferentes do vale dos Cinco Leões, e meia hora depois todos comunicaram que tinham arranjado guias locais.

— Foi rápido — comentou Jean-Pierre, depois de o sexto transmitir a informação. — Como conseguiram?

— Muito simples — explicou Anatoly. — Pedem a alguém para servir de guia. O homem recusa. É fuzilado. Pedem a outro. Não demora muito a conseguir-se um voluntário.

Um dos grupos tentou seguir o seu trilho a partir do ar, mas a experiência fracassou. Os trilhos já eram bastante difíceis de acompanhar por terra; por ar era impossível. Além disso, nenhum dos guias estivera antes num helicóptero, e ficaram desorientados. Assim, todos os grupos seguiram a pé, alguns requisitando cavalos para transportar a bagagem.

Jean-Pierre não esperava mais notícias de manhã, pois os fugitivos tinham um dia de avanço. Contudo, os soldados deslocar-se-iam mais depressa do que Jane, para mais porque ela transportava Chantal.

Jean-Pierre sentia uma pontada de culpa de cada vez que pensava em Chantal. A fúria em reação à mulher não se estendia à filha, mas tinha a certeza de que a criança sofria: viajava durante todo o dia, atravessava desfiladeiros acima da linha da neve, era açoitada por ventos gelados...

Concentrou-se, como acontecia agora com frequência, no que aconteceria se Jane morresse e Chantal sobrevivesse. Imaginou Ellis capturado, sozinho; o corpo de Jane encontrado dois ou três quilómetros antes, morta pelo frio, a criança nos seus braços, ainda miraculosamente viva. *Eu regressaria a Paris como uma personagem trágica, romântica,* pensou Jean-Pierre, *um viúvo com uma filha pequena, um veterano da*

*guerra no Afeganistão... como me admirariam! Sou perfeitamente capaz de criar uma filha. A nossa relação seria mais intensa à medida que ela crescesse. Teria de contratar uma ama, claro, mas certificar-me-ia de que ela não ocupasse o lugar da mãe no afeto de Chantal. Não, eu seria pai e mãe.*

Quanto mais pensava nisso, mais indignado ficava por Jane estar a arriscar a vida de Chantal. Ela perdera todos os direitos de mãe ao levar a filha numa aventura tão louca. Refletiu que, com essa alegação, provavelmente conseguiria obter a guarda legal de Chantal num tribunal europeu.

À medida que a tarde passava, Anatoly foi ficando entediado e Jean-Pierre tenso. Ambos estavam irritadiços. Anatoly mantinha longas conversas em russo com outros oficiais que entravam no pequeno gabinete sem janelas, e essa tagarelice interminável afetava os nervos de Jean-Pierre. A princípio, Anatoly traduzira todos os relatórios que os grupos de busca enviavam pelo rádio, mas agora limitava-se a dizer «Nada». Jean-Pierre assinalara os trajetos dos grupos em diversos mapas, indicando as localizações com alfinetes de cabeça vermelha. Ao final da tarde, porém, seguiam trilhos e leitos de rios secos que não constavam dos mapas; e se os relatórios pelo rádio indicavam o seu paradeiro, Anatoly não passava as informações.

Os diversos grupos acamparam ao cair da noite sem terem encontrado qualquer sinal dos fugitivos. Havia recebido instruções para interrogar os moradores das aldeias pelo caminho. Os aldeões afirmavam não ter visto qualquer estrangeiro. O que não era de surpreender, pois ainda se encontravam no vale dos Cinco Leões e não tinham ainda atravessado os desfiladeiros que levavam ao Nuristão. As pessoas que interrogavam, de um modo geral, eram leais a Masud: ajudar os russos em qualquer coisa era um ato de traição. No dia seguinte, quando os grupos de busca entrassem no Nuristão, encontrariam pessoas mais prestáveis.

Mesmo assim, Jean-Pierre sentia-se desanimado quando deixou o escritório, ao cair da noite, com Anatoly, e atravessaram a pista de betão até à cantina. Comeram um jantar horrível de salsichas em lata e puré de batata instantâneo. Depois, Anatoly foi beber vodca com outros oficiais, deixando Jean-Pierre aos cuidados de um sargento que só falava russo. Jogaram uma partida de xadrez, mas — para desgosto de Jean-Pierre — o sargento era demasiado bom. Jean-Pierre foi cedo para a cama e ficou

acordado num colchão militar duro, a imaginar Jane e Ellis na cama, juntos.

Na manhã seguinte foi despertado por Anatoly, o rosto oriental exibindo um sorriso, sem qualquer sinal da irritação anterior. Jean-Pierre sentiu-se como uma criança marota que fora perdoada, apesar de não saber o que fizera de errado. Comeram juntos umas papas de aveia na cantina. Anatoly já falara com todos os grupos de busca, que tinham levantado acampamento e partido ao amanhecer.

— Hoje vamos encontrar a sua mulher, meu amigo — garantiu Anatoly jovialmente, e Jean-Pierre sentiu um impulso renovado de otimismo.

Anatoly tornou a entrar em contacto pelo rádio com os grupos assim que chegaram ao gabinete. Pediu-lhes que descrevessem o que viam à volta, e Jean-Pierre aproveitou as descrições de riachos, lagos, depressões e morenas para calcular onde se encontravam. Pareciam estar a deslocar-se muito devagar relativamente a quilómetros por hora, mas subiam por um terreno difícil, e os mesmos fatores retardariam Ellis e Jane.

Cada grupo dispunha de um guia; ao chegarem a um ponto em que o trilho se bifurcava, ambos os caminhos levando ao Nuristão, recrutavam um guia adicional da aldeia mais próxima e dividiam-se em dois grupos. Por volta do meio-dia o mapa de Jean-Pierre estava coberto de pontos vermelhos, como alguém com sarampo.

A meio da tarde houve uma distração inesperada: um general de óculos, numa viagem de inspeção de cinco dias pelo Afeganistão, pousou em Bagram e resolveu descobrir como Anatoly estava a gastar o dinheiro dos contribuintes russos. Jean-Pierre soube disso por umas poucas palavras de Anatoly segundos antes de o general entrar no gabinete, seguido por oficiais nervosos, como patinhos atrás da mãe.

Jean-Pierre ficou fascinado pela forma magistral como Anatoly lidou com o visitante. Levantou-se de um pulo, parecendo dinâmico mas tranquilo; apertou a mão do general e ofereceu-lhe uma cadeira; gritou uma série de ordens pela porta aberta; falou depressa, mas com deferência, com o general durante cerca de um minuto; pediu licença e falou pelo rádio; traduziu, para Jean-Pierre, a mensagem transmitida do Nuristão; e apresentou o general a Jean-Pierre, em francês.

O general começou a fazer perguntas e Anatoly apontou para os alfinetes vermelhos no mapa de Jean-Pierre, enquanto respondia. Foi no meio de tudo isso que um dos grupos de busca os contactou, a voz do

operador a parecer muito excitada. Anatoly silenciou o general a meio de uma frase para ouvir.

Jean-Pierre sentara-se na beira da cadeira, aguardando ansiosamente pela tradução.

A voz parou de falar. Anatoly fez uma pergunta e obteve uma resposta.

— O que viram? — perguntou Jean-Pierre, incapaz de se manter em silêncio por mais tempo.

Anatoly ignorou-o por um momento, falando primeiro ao general. Por fim, virou-se para Jean-Pierre.

— Encontraram dois americanos numa aldeia chamada Atati, no vale do Nuristão.

— Excelente! — exclamou Jean-Pierre. — São eles!

— Acho que sim.

Jean-Pierre não percebia a falta de entusiasmo de Anatoly.

— Mas claro que são! Os seus homens não conhecem a diferença entre um americano e um inglês.

— Provavelmente não, mas dizem que não há nenhum bebé.

— Nenhum bebé? — Jean-Pierre franziu a testa. Como era possível? Teria Jane deixado Chantal no vale dos Cinco Leões para ser criada por Rabia, Zahara ou Fara? Parecia pouco provável. Teria escondido a criança junto de uma família daquela aldeia, Atati, pouco antes de ser capturada pelo grupo de busca? Isso também parecia improvável: o instinto de Jane devia levá-la a ficar com a filha nos momentos de perigo.

Estaria Chantal morta?

Ele concluiu que era provavelmente um equívoco: algum erro de comunicação, interferência atmosférica no contacto pelo rádio, ou mesmo um oficial obtuso que não reparara na criança.

— Não vamos especular — disse ele a Anatoly. — É melhor ir até lá verificar pessoalmente.

— Quero que vá com o helicóptero.

— Claro — respondeu Jean-Pierre, só então percebendo o que Anatoly dissera. — Então o senhor não vai?

— Isso mesmo.

— Porque não?

— Sou necessário aqui. — Anatoly lançou um olhar rápido para o general.

— Está bem.

Sem dúvida havia um jogo de poder na burocracia militar; Anatoly receava deixar a base enquanto o general ali permanecesse, pois algum rival poderia caluniá-lo pelas costas.

Anatoly levantou o auscultador do telefone e deu uma série de ordens em russo. Enquanto ainda falava, um ordenança entrou e fez sinal a Jean-Pierre. Anatoly pôs a mão sobre o bocal.

— Vão arranjar-lhe um sobretudo quente, pois já é inverno no Nuristão. *À bientôt.*

Jean-Pierre saiu com o ordenança. Atravessaram a pista de betão. Dois helicópteros esperavam, os rotores a girar: um *Hind* com foguetes por baixo das asas curtas e um *Hip* maior, com vigias ao longo da fuselagem. Jean-Pierre perguntou-se para que serviria o *Hip*, e só depois de um instante compreendeu que seria para trazer o grupo de busca. Pouco antes de chegarem aos aparelhos, um soldado aproximou-se a correr com um sobretudo militar e entregou-o a Jean-Pierre. Ele pendurou-o no braço e embarcou no *Hind*.

Descolaram imediatamente. Jean-Pierre sentia uma expectativa febril. Ia sentado no banco da cabina de passageiros, com meia dúzia de soldados. Seguiram para nordeste.

Ao afastarem-se da base, o piloto fez sinal a Jean-Pierre, que se levantou e subiu o degrau para o banco, a fim de poder ouvir o piloto.

— Serei o seu intérprete — disse o homem, num francês hesitante.

— Obrigado. Sabe para onde vamos?

— Sim, senhor. Temos as coordenadas e posso contactar pelo rádio com o comandante do grupo de busca.

— Ótimo.

Jean-Pierre ficou admirado por ser tratado com tanta deferência. Parecia que adquirira uma patente honorária devido à sua associação com um coronel do KGB.

Perguntou-se, enquanto voltava ao seu banco, como reagiria Jane ao vê-lo. Ficaria aliviada? Assumiria uma atitude de desafio? Ou mostrar-se-ia apenas exausta? Ellis estaria furioso e humilhado, como não podia deixar de ser. *Como devo comportar-me?*, pensou. *Quero que fiquem desesperados, mas preciso de manter a dignidade. O que devo dizer?*

Tentou visualizar a cena. Ellis e Jane estariam no pátio de alguma mesquita ou sentados no chão de terra de uma cabana de pedra, vigiados por soldados com *Kalashnikovs*. Provavelmente teriam frio e fome,



estariam angustiados. Jean-Pierre entraria com o seu sobretudo militar, confiante e autoritário, seguido por deferentes oficiais subalternos. Lançaria aos dois um olhar penetrante e prolongado, e depois diria...

O que diria? «Voltamos a encontrar-nos» parecia exageradamente melodramático. «Pensaram mesmo que conseguiriam escapar-nos?» era demasiado retórico. «Nunca tiveram qualquer hipótese» parecia melhor, mas ainda era um anticlímax.

A temperatura baixou depressa enquanto seguiam para as montanhas. Jean-Pierre vestiu o sobretudo e ficou de pé junto à porta aberta, a olhar para fora. Lá em baixo estendia-se um vale parecido com o dos Cinco Leões, com um rio no meio, correndo na sombra das montanhas. Havia neve nos cumes e vertentes de ambos os lados, mas nenhuma no vale.

Jean-Pierre aproximou-se do piloto.

— Onde estamos?

— Este lugar é conhecido como vale Sakardara. Mais para norte, o nome muda para vale Nuristão. Vai levar-nos até Atati.

— Quanto mais tempo?

— Vinte minutos.

Parecia uma eternidade. Controlando a impaciência com enorme esforço, Jean-Pierre voltou a sentar-se no banco com os soldados. Eles estavam imóveis e silenciosos, a observá-lo. Pareciam ter medo dele. Talvez pensassem que era do KGB.

*Eu sou mesmo do KGB*, pensou Jean-Pierre de repente.

Perguntou-se no que estariam os soldados a pensar. Nas namoradas e mulheres que os aguardavam? O lar daqueles homens seria também o seu, dali em diante. Teria um apartamento em Moscovo. Será que ainda podia ter uma vida conjugal feliz com Jane? Queria que ela e Chantal ficassem no seu apartamento, enquanto ele, como aqueles soldados, cumpriria missões em terras estrangeiras, ansioso pelas licenças, quando voltaria para casa e tornaria a deitar-se com a mulher e descobriria como a filha crescera durante a sua ausência. *Traí a Jane e ela traiu-me*, refletiu Jean-Pierre, *talvez possamos perdoar-nos, mais não seja pela Chantal*.

O que acontecera a Chantal?

Estava prestes a descobrir. O helicóptero começou a baixar. Estavam quase a chegar. Jean-Pierre levantou-se para olhar outra vez pela porta. Desciam para um prado onde um afluente se juntava ao rio principal. Era um sítio bonito, com umas poucas casas a subir pela encosta, sobrepondo-

se na maneira típica do Nuristão; Jean-Pierre lembrava-se de ter visto fotografias de aldeias assim em livros ilustrados sobre os Himalaias.

O helicóptero aterrou.

Jean-Pierre saltou. No outro lado do prado, alguns soldados russos — o grupo de busca, com certeza — saíram da mais baixa das casas de madeira. Jean-Pierre esperou impaciente pelo piloto, o seu intérprete. O homem finalmente desembarcou.

— Vamos! — gritou-lhe Jean-Pierre, enquanto começava a atravessar o campo.

Teve de se conter para não desatar a correr. Ellis e Jane deviam estar na casa de onde os soldados tinham saído, pensou, encaminhando-se para lá o mais depressa possível sem correr. Começou a sentir-se zangado: a fúria há tanto reprimida fervilhava dentro dele. *Que se lixe a dignidade*, pensou, *direi a esse casal detestável o que acho deles*.

Quando se aproximou, o oficial à frente do grupo de busca começou a falar.

Ignorando-o, Jean-Pierre virou-se para o piloto.

— Pergunte-lhe onde estão.

O piloto perguntou, e o oficial apontou para a casa de madeira. Sem mais delongas, Jean-Pierre passou pelos soldados e dirigiu-se à casa.

Estava prestes a explodir quando entrou na tosca construção de madeira. Outros soldados estavam de pé num canto. Fitaram-no e depois afastaram-se para o deixar passar.

No canto, duas pessoas estavam amarradas a um banco.

Jean-Pierre fitou-as, aturdido. A sua boca abriu-se e o sangue fugiu-lhe do rosto. Ali estavam um rapaz magro com ar anémico, com dezoito ou dezanove anos, cabelo sujo, um bigode de pontas caídas, e uma loura de peitos grandes, com flores no cabelo.

O rapaz olhou para Jean-Pierre aliviado.

— Ei, meu, vai ajudar-nos? Estamos numa grande alhada — disse em inglês.

Jean-Pierre teve a sensação de que ia explodir. Era apenas um casal de *hippies* no caminho de Catmandu, uma espécie de turista que não desaparecera de todo, apesar da guerra. Que desapontamento! Porque tinham de estar ali no momento em que o mundo inteiro procurava um casal ocidental fugitivo?

Não estava disposto a ajudar um par de drogados degenerados. Virou-se e saiu.

O piloto entrava naquele instante. Viu a expressão de Jean-Pierre e perguntou:

— O que se passa?

— É o casal errado. Venha comigo.

O homem seguiu-o.

— O casal errado? Quer dizer que não são americanos?

— São americanos, mas não as pessoas que procuramos.

— O que vai fazer agora?

— Vou falar com Anatoly, e preciso que entre em contacto com ele pelo rádio.

Atravessaram o campo e subiram para o helicóptero. Jean-Pierre sentou-se no banco do artilheiro e pôs os auscultadores. Bateu com o pé, impaciente, no chão de metal, enquanto o piloto falava pelo rádio em russo, interminavelmente. Por fim, ouviu a voz de Anatoly, parecendo muito distante, pontuada pela estática.

— Jean-Pierre, meu amigo, fala Anatoly. Onde está?

— Em Atati. Os dois americanos que capturaram não são o Ellis e a Jane. Repito, não são o Ellis e a Jane. Não passam de dois miúdos tolos à procura do nirvana. Câmbio.

— Isso não me surpreende, Jean-Pierre.

— O quê? — interrompeu Jean-Pierre, esquecendo-se de que a comunicação era de um só sentido.

— ... recebemos diversas informações de que o Ellis e a Jane foram vistos no vale Linar. O grupo de busca ali ainda não estabeleceu contacto com eles, mas está na sua peugada, e bem perto. Câmbio.

A fúria de Jean-Pierre em relação aos *hippies* dissipou-se, e um pouco da sua impetuosidade voltou.

— Vale Linar... onde fica? Câmbio.

— Perto de onde se encontra agora. Segue para o vale Nuristão a cerca de trinta quilómetros a sul de Atati. Câmbio.

Tão perto!

— Tem a certeza? Câmbio.

— O grupo de busca obteve diversas informações nas aldeias pelo caminho. As descrições combinam com o Ellis e a Jane. E falaram num bebé. Câmbio.

Então *eram* eles!

— Podemos calcular onde estão agora? Câmbio.

— Ainda não. Vou juntar-me ao grupo de busca. Saberei mais pormenores quando lá chegar. Câmbio.

— Quer dizer que não está em Bagram? O que aconteceu ao seu... hum... visitante? Câmbio.

— Foi-se embora — respondeu Anatoly num tom brusco. — Estou no ar neste momento e prestes a encontrar-me com o grupo numa aldeia chamada Mundol. Fica no vale Nuristão, abaixo do ponto em que o Linar desagua no rio Nuristão, perto de um lago grande, também chamado Mundol. Encontre-se comigo lá. Passamos a noite em Mundol e supervisionaremos pessoalmente a busca pela manhã. Câmbio.

— Estarei lá! — exclamou Jean-Pierre radiante. Lembrou-se de uma coisa. — O que vamos fazer aos *hippies*? Câmbio.

— Vou mandá-los levar para Cabul, a fim de serem interrogados. Temos lá umas pessoas que lhes farão recordar as realidades do mundo material. Deixe-me falar com o piloto. Câmbio.

— Até Mundol. Câmbio.

Anatoly começou a falar em russo com o piloto, e Jean-Pierre tirou os auscultadores. Perguntou-se por que motivo Anatoly queria perder tempo a interrogar um casal de *hippies* inofensivos. Era evidente que não eram espiões. De repente ocorreu-lhe que a única pessoa que realmente *sabia* se aqueles dois eram ou não Ellis e Jane era ele próprio. Talvez fosse possível — embora altamente improvável — que Ellis e Jane o tivessem persuadido a deixá-los partir, convencendo-o a dizer a Anatoly que o grupo de busca capturara apenas um casal de *hippies*.

Aquele russo era um filho da mãe desconfiado.

Jean-Pierre esperou impaciente que ele acabasse de falar com o piloto. Parecia que o grupo de busca em Mundol estava próximo da presa. Talvez Ellis e Jane fossem capturados no dia seguinte. Na verdade, a tentativa de fuga estivera mais ou menos condenada ao fracasso desde o início, mas isso não impedia que Jean-Pierre se preocupasse, e continuaria na agonia do *suspense* até os dois estarem com as mãos e os pés amarrados e trancados numa cela russa.

— Vamos levá-lo para Mundol neste helicóptero — disse o piloto, tirando os auscultadores. — O *Hip* seguirá com os outros para a base.

— Está bem.

Poucos minutos depois estavam no ar, deixando os outros levarem o seu tempo. Era quase de noite, e Jean-Pierre perguntou-se se seria difícil encontrar a aldeia de Mundol.

A noite caiu depressa enquanto seguiam rio abaixo. A paisagem desapareceu na escuridão. O piloto falava constantemente pelo rádio, e Jean-Pierre calculou que estava a ser orientado pelas pessoas em Mundol. Dez ou quinze minutos mais tarde, luzes fortes apareceram lá em baixo. Cerca de um quilómetro a seguir, a Lua refletia-se numa enorme massa de água. O helicóptero desceu.

Pousou num campo, perto de outro helicóptero. Um soldado à espera conduziu Jean-Pierre pela erva até à aldeia na encosta de uma colina. As silhuetas das casas estavam recortadas contra o luar. Jean-Pierre seguiu o soldado para uma das casas. Ali, sentado numa cadeira desdobrável, com um enorme casaco de pele de lobo, estava Anatoly. Parecia bastante animado.

— Jean-Pierre, meu amigo francês, estamos próximos do êxito! — bradou ele. Era estranho ver um homem de rosto oriental demonstrar tanta exuberância e jovialidade. — Beba café... tem um cheirinho de vodca.

Jean-Pierre aceitou um copo de papel de uma mulher afegã que parecia estar a servir Anatoly. Sentou-se noutra cadeira desdobrável, como a de Anatoly. Pareciam militares. Se os russos andavam com tanto equipamento — cadeiras desdobráveis, café, copos de papel, vodca —, talvez não fossem capazes, afinal, de se deslocarem mais depressa do que Ellis e Jane.

Anatoly leu-lhe o pensamento.

— Trouxe alguns pequenos luxos no meu helicóptero — comentou, com um sorriso. — O KGB tem a sua dignidade, sabe?

Jean-Pierre não conseguiu interpretar a sua expressão e não sabia se ele estava a brincar ou não. Mudou de assunto.

— Quais as últimas novidades?

— Não há dúvida de que os nossos fugitivos passaram hoje pelas aldeias de Bosaydur e Linar. Durante a tarde, o grupo de busca perdeu o guia, que simplesmente desapareceu. Provavelmente decidiu voltar para casa. — Anatoly franziu a testa, como se incomodado por aquela pequena ponta solta, e depois continuou: — Felizmente encontraram outro guia quase de imediato.

— Usando a sua altamente persuasiva técnica de recrutamento, claro — comentou Jean-Pierre.

— Não, por estranho que possa parecer. Pelo que me disseram, este foi um voluntário genuíno. Está aqui, algures na aldeia.

— É mais fácil encontrar voluntários no Nuristão — comentou Jean-Pierre. — Quase não estão envolvidos na guerra... e diz-se que são totalmente desprovidos de escrúpulos.

— Esse novo guia afirma ter visto os fugitivos hoje, antes de se juntar ao grupo de busca. Passaram por ele onde o Linar desagua no Nuristão. Viu-os virarem para sul, encaminhando-se para aqui.

— Ótimo!

— Esta noite, quando o grupo de busca chegou a Mundol, o nosso homem interrogou alguns aldeões e descobriu que dois estrangeiros com um bebé passaram por aqui esta tarde, seguindo para sul.

— Então não há qualquer dúvida — murmurou Jean-Pierre com satisfação.

— Nenhuma mesmo — concordou Anatoly. — Apanhamo-los amanhã. Com toda a certeza.

Jean-Pierre acordou num colchão insuflável — outro luxo do KGB — sobre o chão de terra da casa. O lume apagara-se durante a noite, e fazia frio. A cama de Anatoly, no outro lado do quarto pequeno e escuro, estava vazia. Jean-Pierre não sabia onde os donos da casa tinham passado a noite. Depois de prepararem comida e de a servirem, Anatoly mandara-os embora. Tratava todo o Afeganistão como se fosse o seu reino pessoal. E talvez fosse mesmo.

Jean-Pierre sentou-se e esfregou os olhos, e só depois viu Anatoly de pé junto à porta, fitando-o com uma expressão especulativa.

— Bom dia — disse Jean-Pierre.

— Já aqui estive alguma vez? — perguntou Anatoly, sem qualquer preâmbulo.

O cérebro de Jean-Pierre ainda estava um pouco confuso devido ao sono.

— Onde?

— No Nuristão — respondeu Anatoly, impaciente.

— Não.

— Estranho...

Jean-Pierre achava irritante aquele estilo de conversa enigmática logo pela manhã.

— Porquê? — perguntou, num tom um pouco impertinente. — O que é assim tão estranho?

— Estive a falar com o novo guia há uns minutos.

— Como se chama ele?

— Mohammed, Muhammad, Mahomet, Mahmoud... um desses nomes que um milhão de outros homens tem.

— Que língua usou com um nuristanês?

— Francês, russo, dari e inglês... a mistura de sempre. Ele perguntou-me quem chegou no segundo helicóptero ontem à noite. Respondi: «Um francês que pode identificar os fugitivos», ou coisa parecida. Ele perguntou o seu nome e eu disse-lhe. Queria que ele continuasse a falar até descobrir por que motivo estava tão interessado. Mas o homem não fez mais perguntas. Parecia que o conhecia.

— É impossível.

— Suponho que sim.

— Porque não lhe pergunta diretamente? — Não era normal Anatoly mostrar-se tão hesitante, pensou Jean-Pierre.

— Não vale a pena fazer uma pergunta a um homem enquanto não se verificou se ele tem algum motivo para mentir. — Dizendo isso, Anatoly saiu.

Jean-Pierre levantou-se. Dormira de camisa e cuecas. Enfiou as calças e as botas, depois pôs o sobretudo sobre os ombros e saiu da casa.

Descobriu-se numa tosca varanda de madeira, com vista para o vale inteiro. Lá em baixo, o rio ziguezagueava pelos campos, largo e preguiçoso. A alguma distância para sul entrava num lago comprido e estreito, ladeado por montanhas. O sol ainda não surgira. Uma neblina sobre a água ocultava a outra extremidade do lago. Era uma paisagem aprazível. Jean-Pierre recordou-se de que aquela era a área mais fértil e populosa do Nuristão: quase todo o resto era despovoado e inóspito.

Jean-Pierre notou com satisfação que os russos haviam escavado uma latrina. O hábito afegão de usar os rios de onde tiravam a água para beber era o motivo pelo qual todos tinham parasitas intestinais. *Os russos vão endireitar este país depois de assumirem o seu controlo*, refletiu Jean-Pierre.

Desceu até ao prado, usou a latrina, lavou-se no rio e foi tomar um café com um grupo de soldados reunidos em torno de uma fogueira.

O grupo de busca estava pronto para partir. Anatoly decidira na noite anterior que orientaria a expedição a partir dali, mantendo contacto permanente com os homens pelo rádio. Os helicópteros estariam prontos a levá-lo e a Jean-Pierre assim que o grupo localizasse a presa.

Enquanto Jean-Pierre bebia café, Anatoly atravessou o campo, vindo da aldeia.

— Viu aquele maldito guia? — perguntou abruptamente.

— Não.

— Parece ter desaparecido.

Jean-Pierre franziu as sobrancelhas.

— Tal como o anterior.

— Esta gente é insuportável. Terei de perguntar aos aldeões. Venha comigo para traduzir.

— Não falo a língua deles.

— Talvez eles compreendam o seu dari.

Jean-Pierre voltou à aldeia com Anatoly. Ao subirem pelo trilho de terra estreita entre as frágeis casas, alguém chamou Anatoly em russo. Eles pararam e olharam para um lado. Dez ou doze homens, alguns nuristaneses de branco e alguns russos de uniforme, estavam reunidos numa varanda, a olhar para qualquer coisa no chão. Recuaram para dar passagem a Anatoly e Jean-Pierre. No chão estava um homem morto.

Os aldeões falavam num tom indignado, apontando para o corpo. A garganta do homem fora cortada: o ferimento era enorme e horrível e quase separara a cabeça. O sangue já coagulara, o que indicava que devia ter sido morto no dia anterior.

— Esse homem é Mohammed, o guia? — perguntou Jean-Pierre.

— Não. — Anatoly interrogou um soldado e depois disse: — Este é o guia *anterior*, o que tinha desaparecido.

Jean-Pierre dirigiu-se aos aldeões em dari, devagar.

— O que se passa?

Depois de uma pausa, um velho encarquilhado, o olho direito quase fechado, respondeu na mesma língua.

— Ele foi assassinado — respondeu em tom acusador.

Jean-Pierre começou a interrogá-lo e pouco a pouco descobriu a história. O morto era um aldeão do vale Linar recrutado pelos russos para



servir de guia. O corpo, escondido à pressa entre arbustos, fora encontrado pelo cão de um pastor de cabras. A família do homem achava que ele fora assassinado pelos russos e trouxera o corpo até ali naquela manhã, numa dramática tentativa de descobrir porquê.

— Estão indignados porque acham que os seus homens são os culpados — explicou Jean-Pierre a Anatoly.

— Indignados? — repetiu Anatoly. — Não sabem que estamos em guerra? Todos os dias são mortas pessoas... é inevitável.

— É evidente que não veem muita ação por aqui. *Foram* vocês que o mataram?

— Vou descobrir. — Anatoly falou com os soldados. Vários responderam ao mesmo tempo, com veemência. — Não fomos nós que o matámos — traduziu Anatoly para Jean-Pierre.

— Então quem terá sido? Será que os locais estão a matar os nossos guias por colaborarem com o inimigo?

— Não — respondeu Anatoly. — Se odiassem os colaboracionistas, não estariam a fazer tanto alvoroço por causa de um que foi morto. Diga-lhes que somos inocentes... acalme-os.

Jean-Pierre dirigiu-se ao velho zarolho.

— Os estrangeiros não mataram este homem. Querem saber quem assassinou o seu guia.

O zarolho traduziu aquilo para os outros, e os aldeões reagiram com consternação.

Anatoly tinha uma expressão pensativa.

— Talvez o desaparecido Mohammed tenha matado este homem para ficar com o emprego de guia.

— Estão a pagar muito? — perguntou Jean-Pierre.

— Duvido. — Anatoly perguntou a um sargento e traduziu a resposta: — Quinhentos afeganis por dia.

— É um bom ordenado para um afegão, mas não o suficiente para matar um homem... embora se diga que um nuristanês é capaz de nos matar pelas sandálias, se forem novas.

— Pergunte-lhes se sabem onde está o Mohammed.

Jean-Pierre perguntou e houve uma certa discussão entre os homens. Quase todos os aldeões abanavam a cabeça, mas um homem levantou a voz e apontou insistentemente para norte. Por fim, o velho zarolho disse a Jean-Pierre:

— Ele deixou a aldeia esta manhã bem cedo. O Abdul viu-o ir para norte.

— Ele partiu antes ou depois de este corpo ser trazido para aqui?

— Antes.

Jean-Pierre traduziu para Anatoly e acrescentou:

— Porque será que ele se foi embora?

— Comporta-se como se fosse culpado de *alguma coisa*.

— Deve ter partido logo depois de falar consigo esta manhã. Quase parece que se foi embora porque eu cheguei.

Anatoly assentiu, pensativo.

— Qualquer que seja a explicação, acho que ele sabe de alguma coisa que ignoramos. É melhor irmos atrás dele. Não faz mal perdermos algum tempo... podemos dar-nos a esse luxo.

— Há quanto tempo falou com ele?

Anatoly olhou para o relógio.

— Há pouco mais de uma hora.

— Então não pode estar muito longe.

— Tem razão.

Anatoly virou-se e deu uma série de ordens. Os soldados entraram em ação no mesmo instante. Dois deles pegaram no velho zanolho e levaram-no para o campo. Outro correu para os helicópteros. Anatoly agarrou no braço de Jean-Pierre e foram atrás dos soldados.

— Levamos o velho zanolho para o caso de precisarmos de um intérprete — explicou Anatoly.

Os dois helicópteros já estavam ligados quando chegaram ao campo. Anatoly e Jean-Pierre embarcaram num deles. O velho já estava lá dentro, parecendo ao mesmo tempo emocionado e apavorado. *Há de contar a história deste dia durante o resto da sua vida*, pensou Jean-Pierre.

Poucos minutos depois estavam no ar. Anatoly e Jean-Pierre ficaram de pé junto à porta aberta, a olhar para baixo. Um trilho perfeitamente visível ia da aldeia até ao cimo da colina e desaparecia entre as árvores. Anatoly falou pelo rádio do piloto.

— Mande alguns soldados vasculharem o bosque, para o caso de ele ter decidido esconder-se — explicou a Jean-Pierre.

O fugitivo estava quase de certeza muito para além daquele ponto, pensou o francês, mas Anatoly estava a ser cauteloso — como sempre.

Voaram paralelos ao rio durante quilómetro e meio e chegaram à entrada do Linar. Teria Mohammed continuado a subir o vale, para o coração frio do Nuristão, ou virado para leste, para o vale Linar, seguindo para o Cinco Leões?

— De onde veio Mohammed? — perguntou Jean-Pierre ao velho zarolho.

— Não sei, mas era tadjique.

Isso significava que era mais provável que fosse do vale Linar do que do Nuristão. Jean-Pierre explicou isso a Anatoly, que ordenou ao piloto que virasse para a esquerda e seguisse o Linar.

Ali estava uma clara demonstração do motivo por que a busca a Ellis e Jane não podia ser conduzida de helicóptero, refletiu Jean-Pierre. Mohammed tinha apenas uma hora de avanço e era possível que já tivessem perdido a sua pista. Quando os fugitivos dispunham de um dia inteiro de vantagem, como Ellis e Jane, havia muito mais percursos alternativos e esconderijos.

Se havia um trilho pelo vale Linar, ele não era visível do ar. O piloto do helicóptero limitou-se a acompanhar o rio. As encostas eram desprovidas de vegetação, mas ainda não estavam cobertas pela neve; se o fugitivo estivesse ali, não teria onde se esconder.

Avistaram-no alguns minutos depois.

A túnica e o turbante branco sobressaíam claramente no terreno pardo. Avançava sozinho pelo topo do penhasco com o ritmo firme e incansável dos viajantes afegãos, os seus pertences num saco pendurado ao ombro. Quando ouviu o barulho dos helicópteros, parou, observou-os por um instante e depois continuou a andar.

— É ele? — indagou Jean-Pierre.

— Acho que sim — respondeu Anatoly. — Vamos descobrir daqui a pouco.

Pegou nos auscultadores do piloto e comunicou com o outro helicóptero. O aparelho adiantou-se, passando por cima do homem no chão, e pousou cerca de cem metros à sua frente. O homem continuou a seguir despreocupadamente na sua direção.

— Porque não aterramos também? — perguntou Jean-Pierre a Anatoly.

— Apenas por precaução.

A porta lateral do outro helicóptero foi aberta, e seis soldados desceram. O homem de branco continuou a avançar, tirando o saco do ombro. Era

comprido, como um saco militar, e a sua visão despertou alguma lembrança na memória de Jean-Pierre. Antes que pudesse perceber o que era, Mohammed levantou o saco e apontou-o aos soldados. Jean-Pierre compreendeu nesse instante e abriu a boca para gritar uma advertência inútil.

Era como tentar gritar num sonho ou correr debaixo de água: os acontecimentos sucediam-se devagar, mas ele movia-se ainda mais devagar. Antes de as palavras poderem sair, ele viu o cano de uma metralhadora emergir do saco.

O som dos tiros foi abafado pelo barulho dos helicópteros, dando a impressão de que tudo ocorreu em silêncio total. Um dos soldados russos comprimiu a barriga com as mãos e tombou para a frente; outro levantou os braços e caiu para trás; o rosto de um terceiro explodiu em sangue e carne. Os outros três levantaram as suas armas. Um morreu antes de poder puxar o gatilho, mas os outros dois descarregaram uma saraivada de balas. Enquanto Anatoly gritava «*Niet! Niet! Niet! Niet!*» pelo rádio, o corpo de Mohammed foi levantado do chão e arremessado para trás, caindo depois no chão numa massa informe de sangue.

Anatoly ainda gritava pelo rádio, furioso. O helicóptero desceu depressa. Jean-Pierre descobriu-se a tremer de excitação. A visão do combate deixara-o inebriado como se tivesse inalado cocaína, dando-lhe vontade de rir, de fazer sexo, correr ou dançar. Teve um pensamento: *Eu dantes queria curar pessoas.*

O helicóptero pousou. Anatoly tirou os auscultadores.

— Agora nunca saberemos por que motivo aquele guia teve a garganta cortada — comentou irritado.

Saltou para o chão e Jean-Pierre seguiu-o. Encaminharam-se para o afegão morto. A frente do corpo era uma massa de carne dilacerada e ensanguentada e a maior parte do rosto desaparecera.

— Tenho a certeza de que era mesmo o guia — disse Anatoly. — O corpo é o mesmo, a cor da pele também, e reconheço o saco. — Baixou-se e pegou na metralhadora, com todo o cuidado. — Mas por que motivo trazia ele uma metralhadora?

Um papel caiu do saco e flutuou até ao chão. Jean-Pierre pegou-lhe e olhou para ele. Era uma polaroide de Mousa.

— Meu Deus! — exclamou. — Acho que já percebi tudo.

— O quê? — indagou Anatoly. — O que foi que percebeu?

— O morto é do vale dos Cinco Leões. Um dos principais lugares-tenentes do Masud. Esta é a fotografia do filho, Mousa. Foi tirada pela Jane. Também reconheço o saco em que ele escondia a arma: pertencia ao Ellis.

— Então? — perguntou Anatoly, impaciente. — O que pode deduzir disso?

O cérebro de Jean-Pierre trabalhava a mil à hora, encaixando as peças mais depressa do que ele era capaz de as explicar.

— O Mohammed matou o seu guia para tomar o lugar dele. Você não tinha como saber que ele não era quem dizia ser. Os nuristaneses, claro, sabiam que o Mohammed não era um deles, mas não se importaram, primeiro porque não sabiam que ele fingia ser um habitante local, e segundo porque mesmo que soubessem não podiam ter-lhe contado, porque ele também era o seu intérprete. Na verdade, só havia uma pessoa capaz de o desmascarar...

— Você — concluiu Anatoly. — Porque o conhecia.

— Ele estava consciente desse perigo e andava à minha procura. Foi por isso que perguntou esta manhã quem chegara ontem, depois do anoitecer. Você disse-lhe o meu nome e ele partiu imediatamente. — Jean-Pierre franziu a testa: havia alguma coisa que não estava muito clara. — Mas porque permaneceu ele em terreno aberto? Poderia ter-se escondido nos bosques ou numa gruta. Levaríamos muito mais tempo a descobri-lo. Parece que ele não esperava ser seguido.

— Porque haveria de esperar? — perguntou Anatoly. — Quando o primeiro guia desapareceu, não mandámos ninguém à procura *dele*... limitámo-nos a arranjar outro guia e seguimos em frente. Não houve investigação, não houve busca. Desta vez foi diferente... o que correu mal para o Mohammed foi os habitantes locais terem encontrado o cadáver e nos terem acusado da sua morte. Isso levou-nos a suspeitar dele. Mesmo assim, pensámos esquecê-lo e continuar. Ele teve azar.

— Não sabia que estava a lidar com um homem tão cauteloso — comentou Jean-Pierre. — A próxima pergunta: qual o seu motivo? Porque se deu ao trabalho de substituir o guia anterior?

— Provavelmente porque queria levar-nos na direção errada. Tudo o que disse deve ter sido mentira. *Não* viu o Ellis e a Jane ontem à tarde à entrada do vale Linar. Eles *não* seguiram para sul pelo Nuristão. Os aldeões de Mundol *não* confirmaram que dois estrangeiros com um bebé

passaram por lá ontem, seguindo para sul... Mohammed nunca lhes perguntou. Ele *sabia* onde estavam os fugitivos...

— E conduziu-nos na direção oposta! — Jean-Pierre sentia-se outra vez exultante. — O guia anterior não desapareceu pouco depois de o grupo de busca deixar a aldeia de Linar?

— Sim. Portanto, podemos partir do princípio de que as informações *até* esse ponto são verdadeiras... e que o Ellis e a Jane passaram *de facto* por aquela aldeia. Depois, o Mohammed ocupou o lugar do guia e levou-nos para sul...

— Porque o Ellis e a Jane foram para norte! — exclamou Jean-Pierre, triunfante.

Anatoly assentiu com uma expressão sombria.

— O Mohammed conseguiu-lhes um dia, no máximo — comentou ele, pensativo. — E por isso sacrificou a vida. Será que valeu a pena?

Jean-Pierre tornou a olhar para a polaroide de Mousa. O vento frio agitou-a na sua mão.

— Quer saber uma coisa? — murmurou ele. — Acho que o Mohammed responderia que sim, que valeu a pena.

## CAPÍTULO 19

Deixaram Gadwal na escuridão profunda antes do amanhecer, esperando anteciparem-se aos russos ao partirem tão cedo. Ellis sabia como era difícil, até mesmo para o oficial mais competente, pôr em movimento um grupo de soldados antes do amanhecer: o cozinheiro tinha de preparar o pequeno-almoço, era preciso levantar o acampamento, o operador de rádio de entrar em contacto com o quartel-general e os homens precisavam de comer — e todas essas coisas levavam tempo. A vantagem que Ellis tinha sobre o comandante russo era o facto de só ter de carregar a égua, enquanto Jane amamentava Chantal, e depois acordar Halam.

Tinham pela frente uma longa e lenta subida pelo vale Nuristão, durante treze ou catorze quilómetros, e depois a subida por um vale lateral. A primeira etapa, no Nuristão, não deveria ser muito difícil, refletiu Ellis, mesmo no escuro, pois havia uma estrada mais ou menos definida. Se Jane conseguisse resistir, chegariam ao vale lateral durante a tarde e poderiam fazer nele alguns quilómetros até ao cair da noite. Seria muito mais difícil encontrá-los depois de deixarem o vale Nuristão, pois os russos não saberiam onde procurar.

Halam seguia à frente, usando as roupas de Mohammed, inclusive o chapéu *chitralli*. Jane ia atrás com Chantal, e Ellis na retaguarda, puxando *Maggie*. A égua carregava agora menos um saco: Mohammed levara um e Ellis não encontrara nada apropriado para o substituir. Fora obrigado a deixar em Gadwal a maior parte do seu equipamento explosivo, mas levava um pouco de TNT, um bocado de *Primacord*, algumas cápsulas detonadoras e o pequeno dispositivo detonante, guardados nos amplos bolsos do casaco.

Jane estava animada e enérgica. O repouso desde a tarde anterior renovara as suas reservas de energia. Era uma mulher extraordinariamente resistente, e Ellis sentia-se orgulhoso dela, embora quando pensasse nisso não percebesse por que motivo tinha o direito de sentir orgulho da força de Jane.

Halam levava uma lanterna com uma vela, que projetava três grotescas sombras nas paredes do penhasco. Parecia descontente. No dia anterior fora todo sorrisos, aparentemente satisfeito por participar naquela aventura bizarra, mas naquela manhã mostrava-se taciturno, com uma expressão sombria. Ellis atribuía o mau humor a terem saído muito cedo.

O trilho seguia aos ziguezagues pela encosta do penhasco, contornando promontórios que se projetavam na água; às vezes descia até à beira da água, noutras ocasiões subia ao cimo do penhasco. Pouco depois de um quilómetro, o trilho simplesmente desapareceu: havia um penhasco à esquerda e o rio à direita. Halam disse que o trilho fora destruído numa tempestade e teriam de esperar até ao amanhecer para encontrar um caminho.

Ellis não estava disposto a perder tempo. Tirou as botas e as calças, e entrou na água gelada. No ponto mais fundo, a água dava-lhe pela cintura, e ele chegou à outra margem com facilidade. Voltou e levou *Maggie* para o outro lado, e veio buscar Jane e Chantal. Halam foi o último a passar, mas o recato impediu-o de se despir, mesmo no escuro. Por isso, viu-se depois obrigado a andar com as calças encharcadas, o que agravou ainda mais o seu humor.

Passaram por uma aldeia no escuro, seguidos durante algum tempo por dois cães sarnentos, que latiam a uma distância segura. Pouco depois, a manhã raiou no céu e Halam apagou a vela.

Tiveram de atravessar o rio várias outras vezes, em lugares onde o trilho desaparecera ou estava bloqueado por algum deslizamento de terras. Halam acabou por ceder e enrolou as calças largas até aos joelhos. Numa dessas travessias encontraram um viajante que vinha na direção contrária, um homem pequeno e esquelético a conduzir uma ovelha, que carregou nos braços ao atravessar o rio. Halam teve uma longa conversa com ele numa qualquer língua nuristanesa, e Ellis desconfiou, pela maneira como moviam os braços, de que falavam sobre os caminhos através das montanhas.

— Não digas às pessoas para onde vamos — disse Ellis a Halam, em dari, depois de o homem se afastar.

Halam fingiu não perceber.

Jane repetiu o que Ellis dissera. Falava com mais fluência e usou gestos e acenos de cabeça enfáticos, como os homens afegãos costumavam fazer.

— Os russos interrogarão todos os viajantes — explicou ela.

Halam pareceu perceber, mas fez de novo a mesma coisa quando se encontraram com o viajante seguinte, um jovem de aparência perigosa, carregando uma velha espingarda *Lee-Enfield*. Durante a conversa, Ellis teve a impressão de ouvir Halam dizer «Kantiwar», o nome do desfiladeiro para o qual seguiam; e um momento depois o viajante repetiu a palavra.



Ellis ficou furioso: Halam brincava com as suas vidas. Mas o mal estava feito e reprimiu o impulso de interferir, esperando pacientemente até retomarem a marcha. Assim que o jovem com a espingarda desapareceu de vista, Ellis disse:

— Avisei-te para não contares a ninguém para onde vamos.

Desta vez Halam não simulou incompreensão.

— Eu não disse nada! — protestou indignado.

— Disseste, sim — insistiu Ellis com veemência. — Daqui em diante não falas com outros viajantes.

Halam não respondeu.

— Não vais falar com outros viajantes, percebido? — insistiu Jane.

— Sim — admitiu Halam com relutância.

Ellis sentia que era importante mantê-lo calado. Adivinhava por que motivo Halam queria discutir os percursos com outras pessoas; talvez soubessem de fatores como deslizamentos, nevões ou inundações nas montanhas, que bloqueavam um vale e tornavam preferível outro acesso. Halam não percebera bem que Ellis e Jane estavam a *fugir* dos russos. A existência de caminhos alternativos era o único fator a favor dos fugitivos, pois os russos teriam de verificar todos os percursos possíveis. Certamente estariam decididos a eliminar algumas das possibilidades a interrogar pessoas, especialmente viajantes. Quanto menos informações pudessem obter dessa maneira, mais difícil e prolongada seria a busca, e maiores as possibilidades de Ellis e Jane conseguirem escapar-lhes.

Pouco depois encontraram um mulá de túnica branca, com a barba pintada de vermelho. Para frustração de Ellis, Halam puxou conversa imediatamente, tal como fizera com os dois viajantes anteriores.

Ellis hesitou apenas por um momento. Aproximou-se de Halam, torceu-lhe violentamente os braços atrás das costas e levou-o para longe.

Halam debateu-se por um instante, mas depois desistiu, porque aquilo doía. Gritou qualquer coisa, mas o mulá limitou-se a olhar, boquiaberto, sem fazer nada. Olhando para trás, Ellis verificou que Jane pegara nas rédeas de *Maggie* e os seguia. Depois de uma centena de metros, Ellis soltou Halam.

— Se os russos me encontrarem, matam-me. É por isso que não deves falar com ninguém.

Halam não disse nada, mas ficou amuado.

— Receio que ele vá querer vingar-se — disse Jane depois de terem andado um pouco.

— Calculo que sim, mas tinha de o calar de alguma forma.

— Acho apenas que podia ter havido um meio melhor de o controlar.

Ellis reprimiu um acesso de irritação. Sentiu vontade de dizer *Então porque não fizeste alguma coisa, espertinha?*, mas aquele não era um momento conveniente para discutirem. Halam passou pelo viajante seguinte com um mero cumprimento formal, e Ellis pensou: *Pelo menos a minha técnica foi eficaz.*

A princípio, o progresso foi muito mais lento do que Ellis previra. O caminho sinuoso, o terreno irregular, a constante subida e os desvios seguidos significaram que a meio da manhã tinham percorrido apenas sete ou oito quilómetros em linha reta, segundo os seus cálculos. Depois, no entanto, o caminho tornou-se mais fácil, passando pelos bosques muito acima do rio.

Ainda havia uma aldeia ou um povoado a intervalos aproximados de quilómetro e meio, mas agora, em vez de casas de madeira desengonçadas empilhadas nas encostas, como cadeiras desdobráveis amontoadas ao acaso, as habitações tinham o formato de caixas, feitas da mesma pedra dos penhascos em cujos lados se empoleiravam de maneira precária, como ninhos de gaivotas.

Ao meio-dia pararam numa aldeia e Halam levou a que fossem convidados a beber chá numa casa. Tinha dois andares, o rés do chão aparentemente usado como armazém, como as casas medievais inglesas de que Ellis se lembrava das aulas de história no nono ano. Jane deu à mulher um frasco pequeno de um medicamento cor-de-rosa para os parasitas intestinais dos filhos, recebendo em troca um pão cozido na panela e um delicioso queijo de cabra. Sentaram-se em tapetes no chão de terra, em torno da fogueira, com as traves de choupo e as ripas de salgueiro do teto visíveis por cima. Não havia chaminé, e o fumo elevava-se pelas vigas e acabava por atravessar o telhado; era por isso, calculou Ellis, que as casas não tinham tetos.

Gostaria de deixar Jane descansar depois de comer, mas não podia correr esse risco, pois não sabia a que distância os russos se encontravam. Ela parecia cansada, mas bem. Partir imediatamente proporcionava a vantagem adicional de impedir que Halam metesse conversa com os aldeões.

Contudo, Ellis observou Jane atentamente enquanto subiam pelo vale. Pediu-lhe que conduzisse a égua e ele levou Chantal, calculando que carregar a criança era mais cansativo.

De cada vez que chegavam a um vale lateral, seguindo para leste, Halam parava, estudava-o com cuidado, depois abanava a cabeça e seguia em frente. Era evidente que não conhecia o caminho com certeza absoluta, embora o negasse com veemência quando Jane o interpelou. Era exasperante, especialmente porque Ellis estava desejoso de deixar o vale do Nuristão, mas consolou-se com o pensamento de que, se Halam não sabia bem que vale seguir, os russos também não saberiam qual o caminho tomado pelos fugitivos.

Já começava a perguntar-se se não teriam passado o desvio quando Halam tornou a parar, no ponto em que um regato impetuoso desaguava no rio Nuristão, e anunciou que o caminho levava por aquele vale acima. Parecia disposto a fazer uma pausa para descansar, como se hesitasse em deixar o terreno familiar, mas Ellis exigiu que continuassem.

Não demorou muito para que subissem por uma floresta de bétulas prateadas, e o vale principal deixou de se ver por trás. À frente podiam divisar a cordilheira que teriam de atravessar, um imenso paredão coberto de neve, a ocupar um quarto do céu. Ellis não pôde deixar de pensar: *Mesmo que consigamos escapar aos russos, como poderemos escalar aquilo?* Jane tropeçou uma ou duas vezes e praguejou, o que Ellis tomou como um sinal de que ela estava a cansar-se depressa, embora não se queixasse.

Ao crepúsculo saíram da floresta para uma paisagem nua, desolada e desabitada. Ellis concluiu que não poderiam encontrar abrigo num território assim, e por isso sugeriu que passassem a noite numa cabana de pedra por que tinham passado cerca de meia hora antes. Jane e Halam concordaram, e voltaram para trás.

Ellis insistiu para que Halam fizesse a fogueira dentro da cabana e não fora, para que as chamas não fossem vistas do ar e não houvesse uma coluna de fumo denunciadora. A cautela foi justificada pouco depois, quando ouviram o zumbido de um helicóptero a passar por cima. Isso significava, pensou Ellis, que os russos não estavam muito longe; naquela região, no entanto, uma curta distância para um helicóptero poderia representar uma viagem impossível a pé. Os russos podiam estar no outro lado de uma montanha intransponível, ou a apenas um ou dois quilómetros

mais abaixo no trilho. Era uma sorte a paisagem ser tão desolada e o trilho muito difícil de ser visto de cima para que a busca por helicóptero se tornasse viável.

Ellis deu de comer à égua, Jane amamentou e trocou a fralda de Chantal e adormeceu quase no mesmo instante em que acabou. Ellis acordou-a para que entrasse no saco-cama, depois desceu para o regato com a fralda de Chantal, lavou-a e veio pô-la junto ao lume para secar. Deitou-se ao lado de Jane por algum tempo, contemplando o seu rosto à luz bruxuleante da fogueira, enquanto Halam roncava no outro lado da cabana. Ela parecia totalmente esgotada, o rosto encovado e tenso, o cabelo sujo, as faces manchadas de terra. O seu sono era agitado; ela estremeceu e fez caretas, a boca a mexer-se num discurso silencioso. Ellis perguntou-se durante quanto mais tempo poderia ela continuar. Era o ritmo que estava a esgotá-la. Se pudessem avançar mais devagar, ela aguentaria bem. Se ao menos os russos desistissem ou fossem chamados para alguma grande batalha noutra parte daquele maldito país...

Interrogou-se sobre o helicóptero que ouvira. Talvez estivesse numa missão que nada tinha que ver com Ellis. Parecia improvável. Se fazia parte de um grupo de busca, então a tentativa de Mohammed de desviar os russos tivera um êxito bastante limitado.

Ellis permitiu-se pensar no que aconteceria se fossem capturados. Para ele haveria um julgamento espetacular, em que os russos provariam aos cétricos países não alinhados que os rebeldes afegãos não passavam de fantoches da CIA. O acordo entre Masud, Kamil e Azizi iria por água abaixo. Não haveria armamento americano para os rebeldes. Desanimada, a resistência enfraqueceria e poderia não resistir outro verão.

Depois do julgamento, Ellis seria interrogado pelo KGB. Faria uma demonstração inicial de resistir à tortura, depois fingiria ceder e contar tudo, mas só diria mentiras. Claro que estavam preparados para isso e iriam torturá-lo mais um pouco; dessa vez ele encenaria um colapso mais convincente, contaria uma mistura de factos e ficção que seria difícil de conferir. Esperava assim sobreviver. Se isso acontecesse, seria enviado para a Sibéria. Depois de alguns anos poderia ser trocado por um espião soviético preso nos Estados Unidos. Se não fosse, morreria nos campos.

Lamentaria acima de tudo a separação de Jane. Encontrara-a, perdera-a, tornara a encontrá-la — um golpe de sorte que ainda o espantava, ao pensar nisso. Perdê-la pela segunda vez seria insuportável, absolutamente

insuportável. Continuou a contemplá-la durante muito tempo, fazendo um esforço para não adormecer, com receio de que ela já ali não estivesse quando acordasse.

Jane sonhou que estava no Hotel George V, em Peshawar, Paquistão. O George V era em Paris, claro, mas no sonho ela não ligava a um pormenor tão insignificante. Ligou para o serviço de quartos e pediu um bife mal passado, puré de batata e uma garrafa de *Chateau Ausone* de 1971. Sentia uma fome tremenda, mas não conseguia lembrar-se do motivo por que esperara tanto para pedir a comida. Resolveu tomar um banho enquanto lhe preparavam o jantar. A casa de banho era quente, alcatifada. Ela abriu a água e despejou alguns sais de banho, e o aposento encheu-se com um vapor perfumado. Não percebia como se deixara ficar tão suja: era um milagre que a tivessem deixado hospedar-se no hotel! Estava prestes a entrar na água quente quando ouviu alguém chamá-la. Devia ser o empregado, pensou; que irritante — agora teria de comer ainda suja ou deixar que a comida arrefecesse. Sentiu-se tentada a deitar-se na água quente e a ignorar a voz — de qualquer forma, era indelicado tratarem-na por «Jane», quando deveriam tratá-la por «Madame» —, mas era uma voz muito insistente e parecia-lhe familiar. Não era o empregado, mas sim Ellis, que a sacudia pelo ombro; e foi com o mais trágico dos desapontamentos que Jane compreendeu que o George V era um sonho e que na verdade se encontrava numa fria cabana de pedra no Nuristão, a um milhão de quilómetros de um banho quente.

Abriu os olhos e deparou com o rosto de Ellis.

— Tens de acordar.

Jane sentia-se quase paralisada pela letargia.

— Já é de manhã?

— Não. Madrugada.

— Que horas são?

— Uma e meia.

— Foda-se! — Jane sentia-se furiosa com ele por lhe ter perturbado o sono e perguntou, irritada: — Porque me acordaste?

— O Halam foi-se embora.

— Foi-se embora? — Ela ainda estava ensonada e confusa. — Para onde? Porquê? Vai voltar?

— Ele não me disse. Acordei e descobri que tinha desaparecido.

— Achas que nos abandonou?

— Sim.

— Meu Deus! Como encontraremos o caminho sem um guia?

Jane tinha um pavor doentio de se perder na neve com Chantal nos braços.

— Creio que a situação pode ser ainda pior.

— Então?

— Disseste que ele iria querer castigar-nos por eu o ter humilhado na presença daquele mulá. Talvez abandonar-nos seja vingança suficiente. É o que espero, mas estou a partir do princípio de que ele voltou pelo caminho por que viemos. Pode encontrar os russos. Não creio que eles precisem de muito tempo para o persuadir a revelar onde nos deixou exatamente.

— É de mais — murmurou Jane, desesperada. Parecia que alguma divindade maligna estava a conspirar contra eles. — Estou muito cansada. Vou ficar aqui deitada, a dormir, até que os russos cheguem e me façam prisioneira.

Chantal estivera a agitar-se em silêncio, deslocando a cabeça de um lado para o outro e fazendo sons de sucção. Começou então a chorar. Jane sentou-se e pegou-lhe.

— Ainda podemos fugir se partirmos agora — disse Ellis. — Vou carregar a água enquanto dás de mamar.

— Está bem.

Jane levou a filha ao seio. Ellis observou-as por um instante, sorrindo, depois saiu para a noite. Jane refletiu que poderiam escapar facilmente se não tivessem Chantal. O que pensaria Ellis a respeito disso? Afinal, ela era filha de outro homem, mas ele parecia não se importar. Considerava Chantal como parte de Jane. Ou esconderia algum ressentimento?

Gostaria de ser um pai para Chantal? Jane observou o pequeno rosto, e os enormes olhos azuis observaram-na também. Quem poderia deixar de amar aquela criança desamparada?

De repente sentiu-se completamente indecisa em relação a tudo. Não sabia o quanto amava Ellis; não sabia o que sentia por Jean-Pierre, o marido que a perseguia; não sabia qual era o seu dever para com a filha. Tinha pavor da neve, das montanhas e dos russos, estava cansada, tensa e com frio há demasiado tempo.

Automaticamente, mudou a fralda a Chantal, usando a seca que estava ao lado da fogueira. Não se lembrava de a ter trocado na noite anterior. Tinha a impressão de que adormecera logo depois de amamentar a filha.

Franziu a testa, duvidando da sua memória, e depois recordou que Ellis a despertara por um instante para que se enfiasse no saco-cama. Ele devia ter levado a fralda suja para o regato, e depois lavara-a, torcera-a, e pendurara-a num graveto ao lado do lume para secar. Jane começou a chorar.

Sentia-se uma tola, mas não podia parar, portanto continuou a arranjar Chantal com as lágrimas a escorrer pelas faces. Ellis entrou quando ela ajeitava a filha no marsupial improvisado.

— A maldita égua também não queria acordar. — Reparou no rosto de Jane. — O que foi?

— Não sei porque te abandonei. És o melhor homem que já conheci e nunca deixei de te amar. Por favor, perdoa-me.

Ele abraçou-a e a Chantal.

— Basta que nunca mais o faças.

Ficaram assim algum tempo, até que Jane disse:

— Estou pronta.

— Ótimo. Vamos embora.

Saíram e começaram a subir a encosta, pela vegetação cada vez mais escassa. Halam levava a lanterna, mas a lua ia alta e podiam ver o caminho claramente. O ar estava tão frio que doía respirar. Jane preocupava-se com Chantal. A bebé estava mais uma vez dentro do casaco forrado a pele de Jane, e ela esperava que o seu corpo aquecesse o ar que a filha respirava. Faria mal a uma criança pequena respirar um ar tão frio? Jane não tinha a menor ideia.

Diante deles ficava o desfiladeiro de Kantiwar, a quatro mil e quinhentos metros, muito mais alto do que o desfiladeiro anterior, o Aryu. Jane sabia que sentiria ainda mais frio e que estaria mais cansada do que em qualquer outra ocasião anterior, e talvez mais amedrontada também; apesar de tudo, porém, estava animada. Sentia que resolvera alguma coisa dentro de si. *Se eu sobreviver, pensou, quero viver com o Ellis. E um dia destes digo-lhe que foi porque ele lavou uma fralda suja.*

Em breve saíram das árvores e começaram a percorrer um planalto que parecia uma paisagem lunar, com pedregulhos e crateras, e algumas zonas com neve. Seguiram uma linha de enormes pedras achatadas, como as pegadas de um gigante. Ainda estavam a subir, embora de momento o terreno fosse menos íngreme. A temperatura foi descendo, as zonas com neve a aumentar, até o solo parecer um tabuleiro de xadrez.

A energia nervosa manteve Jane em movimento durante a primeira hora, mas depois, à medida que se habituou à marcha interminável, o cansaço voltou a dominá-la. Queria perguntar «Falta muito?» e «Quando é que chegamos?», como fazia quando era criança, no banco de trás do carro do pai, durante as longas viagens pela Rodésia.

A certa altura cruzaram a linha do gelo. Jane apercebeu-se do novo perigo quando a égua escorregou, resfolegou de medo, quase caiu, e recuperou o equilíbrio. Reparou então que o luar se refletia nos rochedos como se eles fossem vitrificados: pareciam diamantes, frios, duros, faiscantes. As botas de Jane tinham uma aderência maior do que os cascos de *Maggie*, mas mesmo assim, pouco depois, ela também escorregou e quase caiu. Daí em diante sentiu pavor de cair e esmagar Chantal e começou a avançar com extremo cuidado, muito tensa.

Depois de pouco mais de duas horas, chegaram ao outro lado do planalto e descobriram-se diante de um trilho íngreme por uma encosta coberta de neve. Ellis seguiu à frente, puxando *Maggie*. Jane foi atrás, a uma distância segura, com receio de que a égua pudesse escorregar para trás. Subiram em ziguezague.

O trilho não era muito bem assinalado. Calculavam que passava por onde o terreno era mais baixo do que as áreas circundantes. Jane ansiava por um sinal mais definido de que estavam mesmo no caminho certo: os restos de uma fogueira, a carcaça de uma galinha, até uma caixa de fósforos vazia, qualquer coisa que indicasse que outros seres humanos já tinham passado por ali. Começou a pensar, de maneira obsessiva, que estavam completamente perdidos, vagueando a esmo pela neve interminável; e assim continuariam durante dias e dias, até ficarem sem comida, energia e força de vontade, deitando-se então na neve, os três, para juntos morrerem congelados.

Sentia uma dor atroz nas costas. Com muita relutância, entregou Chantal a Ellis e pegou nas rédeas da égua, transferindo o esforço para outros músculos. Agora a maldita égua passava o tempo a tropeçar. A determinado momento, escorregou numa rocha coberta de gelo e caiu. Jane teve de a puxar implacavelmente pelas rédeas para a fazer levantar-se. Quando *Maggie* finalmente ficou em pé, viu uma mancha escura na neve, no lugar onde o corpo estivera: sangue. Examinando a égua, Jane encontrou um ferimento no jarrete esquerdo. O ferimento não parecia grave, e ela obrigou *Maggie* a continuar a andar.



Agora que ia à frente, tinha de decidir para que lado seguia o trilho, e o pesadelo de se perder de forma irremediável tornava cada hesitação angustiante. Havia ocasiões em que o caminho parecia bifurcar-se, e tinha de decidir se seguiam pela esquerda ou pela direita. Muitas vezes, o terreno era mais ou menos uniforme, e seguia o seu instinto, até que uma espécie de caminho reaparecia. Houve uma ocasião em que se enterrou num monte de neve e teve de ser retirada por Ellis, com a ajuda da égua.

O trilho acabou por levá-la a um rebordo que subia pela encosta da montanha. Encontravam-se a grande altitude: olhar para trás, para o planalto lá em baixo, deixava-a tonta. Será que ainda estavam muito longe do desfiladeiro?

O rebordo era íngreme, coberto de gelo, apenas alguns palmos de largura, com um precipício ao lado. Jane avançava com extremo cuidado, mas mesmo assim tropeçou várias vezes e chegou a cair de joelhos, magoando-se. Tinha o corpo tão dorido que mal dava pelas novas dores. *Maggie* escorregava constantemente, até que Jane deixou de se voltar para trás ao ouvir os cascos deslizarem, limitando-se a puxar as rédeas com mais força. Gostaria de reajustar a carga, para que os sacos pesados ficassem mais à frente, o que proporcionaria melhor estabilidade a *Maggie* na subida, mas não havia espaço suficiente no rebordo e receava não poder recomeçar a andar se parasse.

O rebordo estreitou-se ainda mais e contornou uma saliência na encosta. Jane passou pelo ponto mais estreito com passos cautelosos. Apesar da cautela, no entanto — ou talvez porque estivesse tão nervosa —, acabou por escorregar. Por um momento angustiante pensou que escorregaria pelo precipício, mas caiu de joelhos e firmou-se com as mãos. Pelo canto do olho viu, dezenas de metros abaixo, as encostas cobertas de neve. Começou a tremer, mas controlou-se com um grande esforço.

Levantou-se devagar e virou-se. Largara as rédeas, que agora pendiam sobre o precipício. A égua estava parada, observando-a, as pernas rígidas e trémulas, obviamente apavorada. Quando Jane estendeu a mão para pegar nas rédeas, *Maggie* deu um passo para trás, em pânico.

— Para! — gritou Jane. Controlando-se, acrescentou, em tom mais suave: — Não faças isso. Vem ter comigo. Vais ficar bem.

Ellis gritou do outro lado da saliência:

— O que se passa?

— Chiu — respondeu Jane, em voz baixa. — A *Maggie* está apavorada. Não te aproximes.

Estava terrivelmente consciente de que Ellis levava Chantal. Continuou a murmurar palavras tranquilizadoras à égua, enquanto avançava, devagar. *Maggie* não desviava os olhos dela, a respiração a sair como fumo pelas narinas trémulas. Jane chegou a meio metro e estendeu um braço para pegar nas rédeas.

*Maggie* abanou a cabeça, desviando-se, recuou, escorregou e perdeu o equilíbrio.

Quando a égua inclinou a cabeça para trás, Jane pegou nas rédeas, mas as pernas da égua não aguentaram e ela caiu para a direita. As rédeas escaparam da mão de Jane e, para seu horror indescritível, viu *Maggie* deslizar lentamente para o precipício e cair, relinchando de terror.

Ellis apareceu nesse momento.

— Cala-te! — gritou ele.

Jane compreendeu então que estava aos gritos. Fechou a boca bruscamente. Ellis ajoelhou-se e espreitou pelo rebordo, ainda a segurar Chantal contra o peito, por baixo do casaco. Jane controlou a sua histeria e ajoelhou-se ao lado.

Esperava ver o corpo da égua na neve, dezenas de metros abaixo, mas *Maggie* caíra numa espécie de terraço apenas dois ou três metros abaixo, e estava estendida de lado, as patas suspensas no vazio.

— Ainda está viva! — gritou Jane. — Graças a Deus!

— E os nossos mantimentos estão intactos — comentou Ellis, com sentido prático.

— Mas como podemos trazer a *Maggie* para cima?

Ellis fitou-a, sem dizer nada.

Jane compreendeu que não poderiam trazer a égua de volta ao trilho.

— Não podemos deixá-la aqui para morrer no frio!

— Lamento muito — murmurou Ellis.

— Meu Deus, isto é insuportável!

Ellis abriu o casaco e soltou Chantal. Jane pegou na filha e acomodou-a dentro do seu.

— Vou buscar primeiro a comida — disse Ellis.

Estendeu-se de barriga no rebordo rochoso e virou os pés para o precipício. Alguma neve solta espalhou-se sobre a égua. Ellis desceu

devagar, os pés à procura de apoio. Quando tocaram num ponto firme, tirou os cotovelos do rebordo e virou-se com extremo cuidado.

Jane observava-o, paralisada. Entre a garupa da égua e a encosta do penhasco não havia espaço suficiente para que os pés de Ellis ficassem lado a lado: ele tinha de manter um pé atrás do outro, como uma figura nas antigas pinturas egípcias. Dobrou os joelhos, agachou-se lentamente, e estendeu a mão para a teia de tiras de couro que seguravam o saco de lona das rações de emergência.

Nesse momento, a égua resolveu levantar-se.

Dobrou as pernas dianteiras e conseguiu metê-las por baixo do corpo; depois, com a contorção familiar de um cavalo a levantar-se, ergueu a frente do corpo e tentou pôr as pernas traseiras na plataforma.

Quase conseguiu.

No entanto, as patas traseiras escorregaram, ela perdeu o equilíbrio, e a parte de trás do corpo caiu de lado. Ellis agarrou no saco com a comida. Pouco a pouco, a égua foi deslizando, escoiceando e debatendo-se. Jane estava apavorada com a possibilidade de Ellis ser atingido. Inexoravelmente, *Maggie* foi escorregando pelo rebordo. Ellis puxou o saco, já não tentando salvar a égua, mas esperando rebentar as tiras de couro e ficar com a comida. Estava tão determinado que Jane temeu que pudesse deixar *Maggie* arrastá-lo para o precipício. A égua deslizou mais depressa, aproximando Ellis da extremidade. No último segundo, ele largou o saco com um grito de frustração. *Maggie* fez um barulho que parecia um grito e caiu no vazio, rolando repetidas vezes, levando consigo toda a comida, os medicamentos, o saco-cama e a fralda de reserva de Chantal.

Jane desatou a chorar.

Poucos minutos depois, Ellis subiu para junto dela. Abraçou-a e ficou ajoelhado ao seu lado algum tempo, enquanto Jane chorava pela égua, pelas provisões, pelas suas pernas doridas, pelos seus pés gelados. Depois levantou-se, puxando-a gentilmente.

— Não podemos parar.

— Mas como vamos continuar? — gritou Jane. — Não temos nada que comer, não podemos ferver água, não temos sacos-cama nem medicamentos...

— Temo-nos um ao outro.

Ela abraçou-o com força, lembrando de como ele estivera perto do precipício. *Se sobrevivermos*, pensou Jane, *se conseguirmos escapar aos russos e voltarmos à Europa, juro que nunca mais o perderei de vista.*

— Vais à frente — disse Ellis, desvencilhando-se do abraço. — Quero poder ver-te.

Empurrou-a delicadamente, e, como um autómato, Jane recomeçou a subir a montanha. Pouco a pouco, o seu desespero voltou. Resolveu que o seu objetivo seria simplesmente continuar a andar até cair morta. Depois de algum tempo, Chantal começou a chorar. Jane ignorou-a e ela acabou por se calar.

Mais tarde — podiam ter sido minutos ou horas, pois perdera a noção do tempo —, quando Jane contornava uma curva, Ellis alcançou-a e deteve-a, pondo uma mão no seu braço.

— Olha — disse ele, apontando para a frente.

O trilho descia para um vasto círculo de colinas, rodeado por montanhas de picos brancos. A princípio, Jane não compreendeu por que motivo Ellis dissera «Olha», mas depois percebeu; o trilho estava a descer.

— Este é o ponto mais alto? — perguntou, apaticamente.

— Sim. Estamos no desfiladeiro de Kantiwar. Já percorremos a parte mais difícil desta etapa. O percurso será em descida durante os dois próximos dias, e a temperatura vai aumentar.

Jane sentou-se numa pedra gelada. *Conseguí*, pensou. *Conseguí.*

Enquanto os dois contemplavam as colinas pretas, o céu além dos picos das montanhas passou de cinzento a rosado. O dia estava a nascer. Quando a luz tingiu lentamente o céu, um pouco de esperança voltou ao coração de Jane. *Para baixo*, pensou. *Mais calor. Talvez possamos escapar.*

Chantal voltou a chorar. Bem, a comida *dela* não desaparecera com *Maggie*. Jane amamentou-a, sentada naquela pedra gelada no teto do mundo, enquanto Ellis derretia neve nas mãos para que ela bebesse.

A descida para o vale de Kantiwar foi relativamente suave, mas muito gelada a princípio. No entanto, não era tão angustiante agora que não tinham de se preocupar com a égua. Ellis, que não escorregara uma só vez durante a subida, levava Chantal.

À frente, o céu da manhã tornou-se vermelho, como se o mundo além das montanhas estivesse a arder. Os pés de Jane ainda se encontravam entorpecidos pelo frio, mas o nariz descongelara. De repente descobriu que estava esfomeada. Teriam de continuar a andar até encontrar pessoas. Tudo

o que tinham agora para trocar era o TNT nos bolsos de Ellis. Depois disso, teriam de contar com a tradicional hospitalidade afegã.

Também não tinham onde se deitar. Teriam de dormir com os casacos e as botas, mas Jane sentia que poderiam resolver todos os problemas. Até encontrar o trilho era agora fácil, pois as paredes do vale, nos dois lados, proporcionavam uma orientação permanente e limitavam a distância em que poderiam perder-se. Não demorou muito para que encontrassem um pequeno regato a correr ao lado do caminho: estavam de novo abaixo da linha do gelo. O terreno era bastante regular, e se ainda tivessem a égua, poderiam até montá-la.

Depois de mais duas horas, pararam para descansar à entrada de uma garganta e Jane tirou Chantal a Ellis. À frente, a descida tornava-se irregular e íngreme, mas as pedras não eram escorregadias, porque estavam abaixo da linha do gelo. A garganta era bastante estreita e podia facilmente ficar bloqueada.

— Espero que não haja deslizamentos lá em baixo — comentou Jane.

Ellis olhava para o outro lado, vale acima. Teve um súbito sobressalto e exclamou:

— Santo Deus!

— O que foi?

Jane virou-se e acompanhou o seu olhar, sentindo um aperto no coração. Lá atrás, cerca de um quilómetro e meio acima, havia meia dúzia de homens de uniforme e um cavalo: o grupo de busca.

*Depois de tudo isto, pensou Jane, depois de tudo o que passámos, acabaram por nos alcançar.* Sentiu-se demasiado desesperada até para chorar.

Ellis segurou-a pelo braço.

— Vamos embora, depressa!

Começou a descer pela garganta, puxando-a.

— De que adianta? — perguntou Jane, cansada. — Vão alcançar-nos, com toda a certeza.

— Ainda temos uma hipótese.

Enquanto andavam, Ellis observava atentamente as íngremes encostas rochosas da garganta.

— Qual?

— Um desprendimento de rochas.

— Eles encontrarão uma passagem ou darão a volta.

— Não se ficarem todos soterrados.

Ele parou num ponto em que o fundo da garganta tinha apenas alguns palmos de largura e uma parede muito inclinada e alta.

— Aqui é perfeito.

Tirou dos bolsos um bloco de TNT, um rolo de cabo *Primacord*, um pequeno objeto de metal mais ou menos do tamanho de uma tampa de caneta de tinta permanente e algo que parecia uma seringa de metal, só que a ponta tinha uma argola para puxar, em vez de um êmbolo para empurrar. Pôs tudo no chão.

Jane observava-o aturdida. Não se atrevia a acalentar qualquer esperança.

Ele amarrou o pequeno objeto de metal numa extremidade do *Primacord*, apertando-o com os dentes; depois, fixou o objeto de metal na extremidade afiada da seringa. Entregou o conjunto a Jane.

— Vou explicar-te o que tens de fazer — disse ele. — Desce pela garganta, esticando o fio. Tenta escondê-lo. Não faz mal se o puseres junto ao riacho... isto queima até debaixo de água. Quando chegares à extremidade do fio, puxas estas cavilhas de segurança, assim. — Mostrou-lhas, enfiadas no tubo da seringa, e tornou a colocá-las no lugar. — Depois fica de olho em mim. Espera até que eu acene com os braços por cima da cabeça, assim. — Mostrou-lhe a que se referia. — Depois puxa a argola. Se fizermos isto no momento certo, podemos matá-los a todos. Vai!

Jane seguiu as ordens como um robô, sem pensar. Desceu pela garganta, estendendo o fio. A princípio escondeu-o por trás de arbustos baixos, depois estendeu-o pelo leito do regato. Chantal dormia, balançando gentilmente enquanto Jane andava.

Depois de um minuto, ela olhou para trás. Ellis enfiava o TNT numa fenda na rocha. Jane sempre acreditara que os explosivos podiam rebentar espontaneamente se manipulados com brusquidão: era evidente que se tratava de um equívoco.

Continuou a andar, até o fio na sua mão estar esticado. Tornou a virar-se. Ellis escalava a parede da garganta, à procura da melhor posição para observar os russos aproximarem-se da armadilha.

Ela sentou-se ao lado do regato. O corpinho de Chantal repousava no seu colo, aliviando a pressão do peso das costas de Jane. As palavras de Ellis repetiam-se com insistência na mente: «Se fizermos isto no momento

certo, podemos matá-los a todos.» *Resultaria?*, interrogou-se ela. *Morreriam todos?*

O que fariam depois os outros russos? A sua cabeça começava a desanuviar, e refletiu sobre a provável sequência de acontecimentos. Dali a uma ou duas horas, alguém repararia que o grupo não estabelecia contacto há algum tempo e tentaria chamá-lo pelo rádio. Descobrendo ser impossível, presumiriam que o grupo se encontrava numa garganta profunda ou que o rádio se avariara. Depois de mais duas horas sem contacto, mandariam um helicóptero à procura do grupo, presumindo que o oficial no comando teria o bom senso de acender uma fogueira ou de fazer qualquer outra coisa que tornasse a sua posição visível do ar. Depois de isso falhar, os homens no quartel-general começariam a preocupar-se. Em algum momento enviariam outro grupo de busca para procurar o que desaparecera. O novo grupo teria de percorrer o mesmo terreno. Não poderiam concluir a viagem naquele dia, e seria impossível procurar à noite. Quando encontrassem os corpos, Ellis e Jane já teriam pelo menos dia e meio de vantagem, talvez mais. Poderia ser suficiente, pensou Jane: por essa altura, ela e Ellis já teriam passado por tantas bifurcações, vales laterais e rotas alternativas que encontrar a sua pista poderia ser impossível. *Mas tenho as minhas dúvidas*, pensou, cansada. *Talvez isto seja o fim. Gostaria que os soldados se apressassem. Não aguento a espera. Tenho tanto medo!*

Podia ver Ellis claramente, a rastejar pelo cimo do penhasco. Podia ver também o grupo de busca, que descia pelo vale. Mesmo à distância, pareciam sujos, e os ombros curvados e os pés a arrastar mostravam que estavam cansados e desanimados. Ainda não a tinham visto, pois ela confundia-se com a paisagem.

Ellis agachou-se por trás de um afloramento na rocha e observou pelo lado os soldados que se aproximavam. Ele era visível para Jane, mas os russos não podiam vê-lo, e tinha uma visão desimpedida do sítio onde pusera os explosivos.

Os soldados chegaram à entrada da garganta e começaram a descer. Um deles, de bigode, montava o cavalo: devia ser o oficial. Outro usava um chapéu *chitrali*. *Aquele é o Halam, o traidor*, pensou Jane. Depois do que Jean-Pierre fizera, a traição parecia-lhe um crime imperdoável. Havia outros cinco homens, todos de cabelo curto, boinas militares, rostos jovens e barbeados. *Dois homens e cinco rapazes*, pensou Jane.

Observou Ellis. Ele daria o sinal a qualquer momento. Jane sentiu o pescoço começar a doer devido à tensão de o observar. Os soldados ainda não a tinham visto: concentravam-se em encontrar o caminho pelo terreno rochoso. Ellis finalmente virou-se para ela e agitou os braços por cima da cabeça, num movimento lento, determinado.

Jane tornou a olhar para os soldados. Um deles estendeu a mão e pegou nas rédeas do cavalo, a fim de o ajudar a transpor o terreno irregular. Jane segurava o objeto parecido com uma seringa na mão esquerda, o indicador da mão direita enganchado na argola. Um puxão acenderia o rastilho e detonaria o TNT, fazendo o penhasco desabar sobre os seus perseguidores. *Cinco rapazes, pensou ela. Juntaram-se ao exército porque são pobres ou tolos, talvez as duas coisas, ou então porque foram recrutados.* Estavam num país frio e inóspito, onde o povo os odiava. Marchavam por um terreno montanhoso e gelado, e seriam enterrados sob um desprendimento de rochas, as cabeças esmagadas, os pulmões sufocados pela terra, as costas e peitos partidos, gritando e sufocando e sangrando até à morte, em agonia e terror. Cinco cartas a serem escritas a pais orgulhosos e mães ansiosas: lamentamos informar, morreu em combate, luta histórica contra as forças da reação, ato de heroísmo, condecoração póstuma, sinceras condolências. Sinceras condolências. O desdém da mãe por aquelas palavras, enquanto recordava como dera à luz com dores e medo, alimentara o filho nos momentos difíceis e fáceis, o ensinara a andar, a lavar as mãos e a soletrar o nome, o mandara para a escola; o vira crescer e crescer, até ficar quase tão alto como ela, depois ainda mais alto, até estar pronto a ganhar o próprio sustento e se casar com uma rapariga saudável, iniciar a sua família, dar-lhe netos. O desespero da mãe ao compreender que tudo isso, as coisas que fizera, o sofrimento, o trabalho e a preocupação, tudo fora para nada: aquele milagre, o seu filho homem, fora destruído por homens arrogantes, numa guerra estúpida e inútil. A sensação de perda. A sensação de perda.

Jane ouviu Ellis gritar. Levantou os olhos. Ele estava de pé, sem se importar agora que o vissem, a agitar vigorosamente com os braços e a gritar:

— Agora! Agora!

Com todo o cuidado, ela pousou a seringa de metal no chão, junto ao riacho.



Os soldados já os tinham visto. Dois homens começaram a subir pela encosta da garganta, até onde Ellis estava. Os outros cercaram Jane, apontando-lhe e à criança as espingardas, parecendo atrapalhados e envergonhados. Ela ignorou-os e observou Ellis. Ele desceu pelo lado da garganta. Os homens que subiam no seu encalço pararam e esperaram para ver o que ele faria.

Ellis chegou ao fundo e avançou devagar na direção de Jane, parando à sua frente.

— Porquê? — perguntou. — Porque não o fizeste?

*Porque eles são tão jovens, pensou Jane, porque são jovens e inocentes, e não querem matar-me. Porque seria assassinio. Mas, acima de tudo...*

— Porque eles têm mães — murmurou ela.

Jean-Pierre abriu os olhos. O vulto corpulento de Anatoly estava agachado ao lado da cama de campanha. Atrás de Anatoly, os raios de sol entravam pela abertura da tenda. Jean-Pierre experimentou um momento de pânico, sem saber porque dormira até tão tarde ou o que perdera; depois, num relance, recordou os acontecimentos da noite.

Ele e Anatoly estavam acampados no acesso ao desfiladeiro de Kantiwar. Havia sido despertados por volta das duas e meia da manhã pelo capitão que comandava o grupo de busca, que por sua vez fora despertado pelo soldado de sentinela. Um jovem afegão chamado Halam aparecera no acampamento, explicara o capitão. Usando uma mistura de inglês, francês e russo, Halam informara-os de que era o guia dos americanos fugitivos, mas que os abandonara por ter sido insultado. Quando lhe perguntaram onde estavam os «americanos», ele oferecera-se para levar os russos à cabana de pedra onde os dois fugitivos dormiam naquele momento, sem suspeitarem de nada.

Jean-Pierre quisera entrar imediatamente no helicóptero e seguir para o local.

Anatoly mostrara-se mais comedido.

— Temos um ditado na Mongólia: não fiques de pau feito até a puta abrir as pernas. O Halam pode estar a mentir. Se diz a verdade, ainda assim pode não encontrar a cabana de pedra, especialmente à noite, e do ar. Mesmo que encontre, é possível que o Ellis e a Jane já tenham partido.

— Então o que acha que devemos fazer?

— Vamos enviar uma patrulha... um capitão, cinco soldados e um cavalo, acompanhados por esse Halam. Podem partir agora.

Descansaremos até eles encontrarem os fugitivos.

A cautela de Anatoly justificara-se. O grupo informara pelo rádio, às três e meia da manhã, que a cabana estava vazia, mas a fogueira ainda estava acesa, o que significava que Halam provavelmente dissera a verdade.

Anatoly e Jean-Pierre concluíram que Ellis e Jane tinham acordado durante a noite, descoberto que o guia desaparecera e resolvido fugir. Anatoly ordenara que o grupo avançado fosse atrás deles, confiando em Halam para indicar o percurso mais provável.

Nessa altura, Jean-Pierre fora deitar-se e mergulhara num sono pesado, sendo esse o motivo pelo qual não acordara ao amanhecer. Fitou ensonado o vulto de Anatoly.

— Que horas são? — perguntou.

— Oito. E já os apanhámos.

O coração de Jean-Pierre disparou... e no instante seguinte lembrou-se de que já se sentira assim antes e acabara dececionado.

— Tem a certeza?

— Podemos ir verificar assim que você vestir as calças.

Tudo aconteceu muito depressa. Um helicóptero de reabastecimento chegou no momento em que estavam prontos para partir e Anatoly achou que era mais sensato esperar alguns minutos, enquanto os tanques eram atestados. Jean-Pierre foi obrigado a conter a sua enorme impaciência mais algum tempo.

Partiram poucos minutos depois. Jean-Pierre contemplava a paisagem pela porta aberta. Enquanto subiam pelas montanhas, compreendeu que era o território mais desolado e inóspito que já conhecera no Afeganistão. Jane teria mesmo atravessado aquela paisagem lunar, coberta de gelo, brutal, com uma criança nos braços? *Ela deve mesmo odiar-me*, pensou Jean-Pierre, *para enfrentar tudo isto a fim de me escapar. Descobrirá agora que foi tudo em vão. É minha para sempre.*

Mas Jane teria sido mesmo capturada? Ficou apavorado com a possibilidade de outro desapontamento. Quando pousasse, descobriria que os russos haviam capturado outro casal de *hippies*, ou dois alpinistas fanáticos ou até um par de nómadas que pareciam vagamente europeus?

Anatoly apontou para o desfiladeiro de Kantiwar ao sobrevoarem-no.

— Parece que perderam o cavalo — gritou ao ouvido de Jean-Pierre, por cima do barulho dos motores e do vento.

Jean-Pierre viu os contornos de um cavalo morto na neve. Perguntou-se se seria *Maggie*. Esperava que fosse aquela égua teimosa.

Desceram para o vale de Kantiwar, examinando o terreno à procura do grupo avançado. Acabaram por ver fumo: alguém acendera uma fogueira para os orientar. Desceram para uma zona plana, perto da entrada de uma garganta. Jean-Pierre observou atentamente enquanto baixavam: viu três ou quatro homens em uniformes russos, mas não viu Jane.

O helicóptero aterrou. O coração de Jean-Pierre ameaçava sair pela boca. Saltou para o solo, sentindo-se nauseado devido à tensão. Anatoly parou ao seu lado. O capitão levou-os para longe dos helicópteros, garganta abaixo.

E lá estavam eles.

Jean-Pierre sentiu-se como alguém que fora torturado e agora tinha o torturador em seu poder. Jane estava sentada no chão, ao lado de um riacho, com Chantal ao colo. Ellis estava de pé atrás dela. Os dois pareciam exaustos, derrotados, desmoralizados.

Jean-Pierre parou.

— Anda cá — disse ele a Jane.

Ela levantou-se e veio na sua direção. Jean-Pierre reparou que ela carregava Chantal numa espécie de lenço pendurado ao pescoço, o que lhe deixava as mãos livres. Ellis fez menção de a seguir.

— Tu não — disse Jean-Pierre.

Ellis parou.

Jane deteve-se diante de Jean-Pierre e fitou-o. Ele levantou a mão direita e esbofeteou-a com toda a força. Foi o golpe mais gratificante que já desferira em toda a sua vida. Jane cambaleou para trás e Jean-Pierre pensou que ela cairia, mas conseguiu manter o equilíbrio e fitou-o fixamente, com uma expressão de desafio, as lágrimas a escorrer pelo rosto. Por cima do ombro de Jane, Jean-Pierre viu Ellis dar um passo súbito para a frente e depois conter-se. O francês ficou um pouco desapontado: se Ellis tentasse fazer alguma coisa, os soldados espancá-lo-iam. Não importava: ele receberia a tarefa em breve.

Levantou a mão para esbofetear Jane outra vez. Ela encolheu-se e cobriu Chantal com os braços, num gesto protetor. Jean-Pierre mudou de ideias.

— Haverá bastante tempo para isso depois — disse ele, baixando a mão.  
— Bastante tempo.

Jean-Pierre virou-se e voltou ao helicóptero. Jane olhou para Chantal. A menina parecia fitá-la também, desperta, mas não com fome. Jane abraçou-a, como se fosse a filha que precisasse de consolo. De certa forma, sentia-se contente por Jean-Pierre tê-la agredido, embora o rosto ainda ardesse com a dor e a humilhação. O golpe fora como o decretar do divórcio: significava que o casamento estava encerrado, finalmente, oficialmente, definitivamente, e ela não tinha mais qualquer responsabilidade. Se ele chorasse, lhe pedisse perdão ou suplicasse que ela não o odiasse pelo que fizera, Jane ter-se-ia sentido culpada, mas a bofetada acabara com tudo isso. Não lhe restava mais nenhum sentimento por Jean-Pierre, nenhum amor, respeito ou mesmo compaixão. Era irônico, pensou, sentir-se completamente livre de Jean-Pierre no instante em que ele a capturara.

Até àquele momento, um capitão estivera no comando, o que montava o cavalo, mas quem assumira o controlo fora Anatoly, o contacto de aparência oriental de Jean-Pierre. Enquanto ele dava ordens, Jane descobriu que entendia as suas palavras. Havia mais de um ano que não ouvia falar russo, e a princípio soou como uma algaraviada ininteligível, mas começou a compreender cada palavra depois de os ouvidos se adaptarem. Naquele momento, mandava um soldado prender as mãos de Ellis. O soldado, aparentemente preparado para isso, tirou do bolso um par de algemas. Ellis estendeu as mãos à frente, cooperante, e o soldado algemou-o.

Ellis parecia intimidado e abatido. Vendo-o algemado, derrotado, Jane sentiu compaixão e desespero, e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

O soldado perguntou se deveria também algemar Jane.

— Não — respondeu Anatoly. — Ela tem a criança.

Os dois foram conduzidos ao helicóptero.

— Sinto muito — murmurou Ellis. — Pelo Jean-Pierre. Não consegui chegar-lhe...

Jane abanou a cabeça para indicar que não havia necessidade de desculpa, mas não foi capaz de falar. A submissão total de Ellis deixava-a furiosa, não com ele, mas com todos os outros, por terem-no posto naquela situação: Jean-Pierre, Anatoly, Halam e todos os russos. Quase desejou ter detonado os explosivos.

Ellis embarcou no helicóptero, depois estendeu a mão para a ajudar a subir. Jane segurou Chantal com o braço esquerdo, a fim de não balançar o

lenço, e deu-lhe a mão. Ele puxou-a.

— Assim que descolarmos, dá uma bofetada no Jean-Pierre — murmurou Ellis quando ela se aproximou.

Jane ficou demasiado chocada para reagir, o que provavelmente foi uma sorte. Ninguém parecia ter ouvido Ellis e de qualquer forma nenhum dos outros entendia muito o inglês. Ela concentrou-se em tentar parecer normal.

A cabina de passageiros era pequena e despojada, com um teto baixo que obrigava os homens a inclinarem-se. Não havia mais nada além de um banco preso na fuselagem, em frente da porta. Jane sentou-se, agradecida. Podia ver o banco do piloto, a cerca de um metro do chão, com um degrau ao lado para o acesso. O piloto ainda estava ali — a tripulação não desembarcara — e os rotores giravam. O barulho era muito intenso.

Ellis agachou-se no chão, ao lado de Jane, entre o banco e o assento do piloto.

Anatoly embarcou, acompanhado por um soldado. Falou com o soldado, apontando para Ellis. Jane não pôde ouvir, mas era evidente, pela reação do soldado, que fora uma ordem para vigiar Ellis: o soldado tirou a espingarda do ombro e empunhou-a com as duas mãos.

Jean-Pierre embarcou por último. Ficou junto à porta aberta, a olhar para fora, enquanto o helicóptero subia. Jane entrou em pânico. Ellis podia dizer-lhe para esbofetear Jean-Pierre na descolagem, mas como iria fazer isso? Jean-Pierre estava agora virado para o outro lado, junto à porta aberta; se ela tentasse agredi-lo, talvez perdesse o equilíbrio e caísse do helicóptero. Ela olhou para Ellis, esperando uma orientação. Tinha uma expressão tensa no rosto, mas não a fitou.

O helicóptero subiu dois ou três metros, e parou por um momento, depois oscilou, ganhando velocidade e recomeçando a subir.

Jean-Pierre virou-se, avançou pela cabina, verificou que não tinha onde se sentar. Hesitou por um instante. Jane sabia que devia levantar-se e esbofeteá-lo — embora não tivesse a menor ideia do motivo —, mas estava paralisada no banco, imobilizada pelo pânico. Foi nesse instante que Jean-Pierre lhe fez sinal com o polegar, indicando que ela deveria levantar-se.

E Jane explodiu.

Estava exausta e angustiada, dorida, faminta, desesperada, e Jean-Pierre queria que se levantasse, ficasse de pé com a filha nos braços, para que ele

pudesse sentar-se. O gesto desdenhoso com o polegar parecia resumir toda a sua crueldade, maldade e traição, e deixou-a furiosa. Ela levantou-se, com Chantal a balançar no pescoço, e avançou para Jean-Pierre, gritando:

— Estupor! Estupor! — As suas palavras perderam-se no barulho dos motores e do vento, mas a expressão provavelmente chocou Jean-Pierre, porque ele deu um passo para trás, surpreendido. — Odeio-te! — gritou Jane, e correu para Jean-Pierre, as mãos estendidas, empurrando-o violentamente pela porta aberta.

Os russos tinham cometido um erro. Bastante pequeno, mas era tudo aquilo de que Ellis dispunha, e ele estava disposto a tirar o máximo proveito disso. O erro fora algemar as suas mãos à frente, e não atrás das costas.

Esperara que não o manietassem, e fora por isso que não fizera coisa alguma, com um esforço sobre-humano, quando Jean-Pierre agredira Jane. Houvera a possibilidade de que não o algemassem: afinal, estava desarmado e em inferioridade numérica, mas Anatoly, ao que tudo indicava, era um homem cauteloso.

Felizmente, não fora Anatoly quem lhe pusera as algemas, e sim um soldado. Os soldados sabiam que era mais fácil lidar com um prisioneiro que tivesse as mãos manietadas à frente: havia menos possibilidade de ele cair e podia entrar e sair de camiões e helicópteros sem ajuda. Quando Ellis estendera as mãos à frente, submisso, o soldado não hesitara.

Sem ajuda, Ellis não podia dominar três homens, especialmente quando pelo menos um deles estava armado. As suas hipóteses numa luta direta eram inexistentes. A sua única esperança era derrubar o helicóptero.

Houve um instante em que o tempo pareceu parar, com Jane de pé junto à porta aberta, imóvel, a filha a balançar no pescoço, a olhar com uma expressão horrorizada para Jean-Pierre, que caía pelo espaço. Ellis pensou: *Estamos a apenas quatro ou cinco metros de altura, o filho da mãe deve sobreviver, o que é uma pena.* No instante seguinte, Anatoly levantou-se de um pulo e agarrou nos braços de Jane por trás, imobilizando-a. Agora, Anatoly e Jane estavam entre Ellis e o soldado, no outro lado da cabina.

Ellis virou-se, subiu para o degrau ao lado do assento do piloto, passou os braços algemados pela cabeça do homem e puxou a corrente para a carne da garganta, com toda a força.

O piloto não entrou em pânico.

Mantendo os pés nos pedais e a mão esquerda na alavanca de comando, levantou a mão direita e agarrou os pulsos de Ellis.

Ellis experimentou um momento de pavor. Era a sua última oportunidade e só dispunha de um ou dois segundos. O soldado na cabina teria receio a princípio de usar a espingarda, com medo de acertar no piloto; e Anatoly, se estivesse armado, partilharia o temor; mas ao fim de um momento, um deles compreenderia que nada tinham a perder, já que se não disparassem sobre Ellis o aparelho cairia de qualquer maneira, e então arriscariam.

Os ombros de Ellis foram agarrados por trás. Um vislumbre de uma manga cinzento-escura revelou-lhe que era Anatoly. Na frente do helicóptero, o artilheiro virou-se, viu o que estava a acontecer e começou a levantar-se.

Ellis pressionou a corrente contra o pescoço do homem. A dor foi de mais para o piloto, que ergueu também a outra mão e se levantou do banco.

Assim que as mãos e os pés do piloto deixaram os comandos, o helicóptero começou a balançar ao vento. Ellis estava preparado para isso e manteve o equilíbrio, encostando-se ao assento do piloto; mas Anatoly, atrás de si, desequilibrou-se e largou-o.

Ellis arrancou o piloto do banco e deitou-o no chão, depois inclinou-se e empurrou para baixo a alavanca.

O helicóptero caiu como uma pedra.

Ellis virou-se, preparando-se para o impacto.

O piloto estava no chão da cabina, a seus pés, as mãos na garganta. Anatoly caíra no meio da cabina. Jane estava agachada num canto, os braços a envolverem Chantal, num gesto protetor. O soldado também caíra, mas recuperara o equilíbrio e estava agora apoiado num joelho, levantando a arma na direção de Ellis.

No instante em que ele puxava o gatilho, as rodas do helicóptero bateram no chão.

O impacto fez Ellis cair de joelhos, mas ele estava preparado e não se desequilibrou. O soldado cambaleou para o lado, os tiros a acertarem na fuselagem a um metro da cabeça de Ellis, e depois tombou para a frente, largando a arma e estendendo as mãos para amortecer a queda.

Ellis inclinou-se, pegou na *Kalashnikov*, segurando-a desajeitado com as mãos algemadas.

Foi um momento de pura alegria.

Estava a reagir. Fugira, fora capturado e humilhado, tivera frio, fome e medo, ficara impotente enquanto Jane era esbofeteada, mas agora, finalmente, tinha a oportunidade de lutar.

Pôs o dedo no gatilho. As mãos estavam algemadas muito perto para conseguir segurar a *Kalashnikov* na posição normal, mas conseguiu sustentar o cano de forma pouco convencional, usando a mão esquerda para agarrar o pente curvo que se projetava logo à frente da proteção do gatilho.

O motor do helicóptero foi-se abaixo e os rotores começaram a girar mais devagar. Ellis olhou para a frente do aparelho e viu o artilheiro a sair pela porta lateral do piloto. Precisava de controlar a situação o mais depressa possível, antes que os russos lá fora entrassem em ação.

Aproximou-se de Anatoly, que estava estendido no chão, perto da porta; encostou o cano da arma ao seu rosto.

O soldado fitava-o com uma expressão apavorada.

— Sai — ordenou Ellis, com um aceno de cabeça.

O soldado compreendeu e saltou pela porta.

O piloto ainda estava caído, dando a impressão de que tinha dificuldade em respirar. Ellis pontapeou-o para atrair a sua atenção e ordenou-lhe também que saísse. O homem levantou-se a custo, ainda a segurar a garganta, e saiu pelo mesmo caminho.

— Diz a este tipo para sair do helicóptero e se levantar, bem perto, de costas para mim. Depressa! — pediu a Jane.

Jane gritou uma série de palavras em russo para Anatoly. O homem levantou-se, lançou um olhar de intenso ódio a Ellis e depois saiu do helicóptero, devagar.

Ellis encostou o cano da arma ao pescoço de Anatoly.

— Diz-lhe que mande os outros ficarem quietos — pediu a Jane.

Jane tornou a falar e Anatoly gritou uma ordem. Ellis olhou em volta. O piloto, o artilheiro e o soldado que estivera no helicóptero continuavam perto. Um pouco além estava Jean-Pierre, sentado no chão, agarrado ao tornozelo. *Deve ter caído bem*, pensou Ellis, *não sofreu qualquer ferimento grave*. Mais além estavam três soldados, o capitão, o cavalo e Halam.

— Manda o Anatoly desabotoar o casaco, tirar a pistola devagar e entregar-ta.



Jane traduziu. Ellis comprimiu o cano da arma com mais força na nuca de Anatoly, enquanto o russo tirava a arma do coldre e a estendia para trás.

Jane pegou-lhe.

— É uma *Makarov*? — perguntou Ellis. — Ótimo. Tem uma patilha de segurança no lado esquerdo. Empurra-a até tapar o ponto vermelho. Para disparar, puxa para trás a culatra, para cima do punho, e depois aperta o gatilho. Entendido?

— Entendido.

Jane estava pálida e trémula, mas a boca contraía-se numa expressão de determinação.

— Diz-lhe para mandar os soldados trazerem as suas armas até aqui, um a um, e atirá-las para o helicóptero.

Jane traduziu e Anatoly deu a ordem.

— Aponta a pistola a cada um no momento em que se aproximar — acrescentou Ellis.

Um a um, os soldados aproximaram-se e desfizeram-se das suas armas.

— Cinco rapazes — murmurou Jane.

— Como?

— Havia o capitão, Halam e cinco rapazes. Só estou a ver quatro.

— Diz a Anatoly que tem de descobrir o outro, se quer viver.

Jane gritou para Anatoly, e Ellis ficou admirado com a veemência da sua voz. Anatoly parecia assustado ao dar a ordem. Um momento depois, o quinto soldado contornou a traseira do helicóptero e entregou a sua espingarda, como os outros.

— Muito bem — disse Ellis a Jane. — Ele podia ter estragado tudo. Agora faz todos deitarem-se.

No minuto seguinte, todos estavam deitados no chão, os rostos virados para baixo.

— Tens de dar um tiro nas minhas algemas — instruiu Ellis.

Ele baixou a espingarda e estendeu os braços para a porta. Jane puxou a culatra da pistola e encostou o cano à corrente. Posicionaram-se de modo que a bala saísse pela porta aberta.

— Espero que isto não me parta os pulsos — murmurou Ellis.

Jane fechou os olhos e puxou o gatilho.

— Foda-se! — gritou ele.

De início, os pulsos doíam-lhe muito. Depois percebeu que não estavam partidos, mas a corrente estava. Pegou na arma.

— Agora quero o rádio deles.

Por ordem de Anatoly, o capitão começou a desamarrar uma caixa grande do dorso do cavalo. Ellis perguntou-se se o helicóptero tornaria a voar. O trem de aterragem estava destruído e podia haver muitos outros danos por baixo, mas o motor e os principais cabos de controlo ficavam em cima. Lembrou-se de que na batalha de Darg fizera um *Hind* como aquele cair uns oito ou nove metros e depois tornar a descolar. Se o outro voara, aquele também tinha de voar, pensou Ellis. Caso contrário...

Não sabia o que faria nesse caso.

O capitão trouxe o rádio, colocou-o no helicóptero e afastou-se em seguida.

Ellis permitiu-se um momento de alívio. Com o rádio em seu poder, os russos não poderiam contactar a base. Isso significava que não receberiam reforços nem poderiam alertar ninguém para o que acontecera. Se conseguisse levantar voo com o helicóptero, estaria a salvo da perseguição.

— Mantém a pistola apontada ao Anatoly — disse ele a Jane. — Vou descobrir se esta coisa ainda voa.

Jane achou a arma surpreendentemente pesada. Apontando-a para Anatoly, manteve o braço estendido algum tempo, mas em breve teve de o baixar para descansar. Afagou as costas de Chantal com a mão esquerda. Chantal chorara de forma intermitente durante os últimos minutos, mas agora parara.

O motor do helicóptero engasgou-se, hesitou. *Oh, por favor, pega lá,* rezou Jane. *Por favor!*

O motor pegou com um rugido, as pás começaram a girar.

Jean-Pierre levantou os olhos.

*Não te atrevas,* pensou Jane. *Não te mexas!*

Jean-Pierre sentou-se direito, fitou-a e levantou-se com evidente dificuldade.

Jane apontou-lhe a pistola.

Ele começou a avançar.

— Não me obrigues a dar-te um tiro! — gritou ela, mas a sua voz foi abafada pelo crescente rugido do helicóptero.

Anatoly devia ter visto Jean-Pierre, pois rolou no chão e sentou-se. Jane apontou-lhe a pistola. Ele levantou as mãos, em rendição. Jane virou a arma para Jean-Pierre, que continuava a aproximar-se.

Ela sentiu o helicóptero estremecer e tentar levantar voo.

Jean-Pierre estava perto agora. Jane podia ver claramente o seu rosto. Tinha as mãos abertas, num gesto de súplica, mas havia um brilho de loucura nos seus olhos. *Ele perdeu o juízo*, pensou Jane, *mas talvez isso já tenha acontecido há muito tempo*.

— Juro que disparo! — gritou Jane, mesmo sabendo que ele não podia ouvi-la. — Dou-te um tiro!

O helicóptero elevou-se do solo.

Jean-Pierre desatou a correr.

Enquanto o aparelho subia, Jean-Pierre deu um salto e aterrou na cabina. Jane esperou que ele tornasse a cair, mas Jean-Pierre conseguiu equilibrar-se. Fitou-a com ódio nos olhos, preparou-se para saltar sobre ela.

Jane fechou os olhos e puxou o gatilho.

A arma disparou com um forte coice.

Ela tornou a abrir os olhos. Jean-Pierre ainda estava em pé, com uma expressão de espanto. Uma mancha escura espalhava-se pelo peito do casaco. Em pânico, Jane puxou o gatilho outra vez e mais outra e mais outra. Errou os dois primeiros tiros, mas o terceiro pareceu atingi-lo no ombro. Jean-Pierre virou-se e depois caiu pela porta aberta.

E desapareceu.

*Matei-o*, pensou Jane.

A princípio, sentiu um júbilo incontável. Ele tentara capturá-la, aprisioná-la, queria transformá-la em escrava. Caçara-a como a um animal. Além de a trair, também a agredira. Agora ela matara-o.

Depois, foi dominada pelo desespero. Sentou-se no chão, a soluçar. Chantal também se pôs a chorar e Jane embalou-a, enquanto choravam juntas.

Não soube quanto tempo ficou assim. Acabou por se levantar e ir para junto do banco do piloto.

— Estás bem? — gritou Ellis.

Ela assentiu e tentou exibir um sorriso fraco. Ellis também sorriu, apontou para um dos mostradores e gritou:

— Olha! Os tanques estão cheios!

Jane beijou-o no rosto. Um dia contar-lhe-ia que matara Jean-Pierre, mas não agora.

— Falta muito para a fronteira?

— Menos de uma hora. Não podem enviar ninguém no nosso encalço porque trouxemos o rádio.

Jane olhou pelo vidro. Podia ver à frente as montanhas de picos nevados que teria sido forçada a escalar. *Acho que não conseguiria*, disse a si mesma. *Acho que me teria deitado na neve e morrido*.

Ellis tinha uma expressão nostálgica.

— No que estás a pensar? — perguntou ela.

— Que adoraria comer uma sanduíche de rosbife, alface, salada e maionese, em pão de trigo integral.

Jane sorriu. Chantal mexeu-se e chorou. Ellis tirou uma das mãos dos controlos e acariciou a sua face rosada.

— Ela tem fome.

— Vou tratar dela lá atrás.

Jane voltou à cabina e sentou-se no banco. Desabotoou o casaco e a blusa, e amamentou a filha enquanto o helicóptero voava para o sol nascente.

# TERCEIRA PARTE

1983

## CAPÍTULO 20

Jane sentia-se satisfeita ao sair pela porta da sua casa nos subúrbios e ao sentar-se no banco de passageiro do carro de Ellis. Fora uma tarde perfeita. As pizzas estavam ótimas, e Petal adorara *Flashdance*. Ellis mostrara-se muito tenso ao apresentar a filha à namorada, mas Petal ficara encantada com Chantal e tudo fora fácil. Ellis sentia-se tão bem que sugerira, quando foram levar Petal a casa, que Jane entrasse para conhecer Gill. Gill convidara-os a entrar e brincara com Chantal. Assim, Jane conhecera a sua ex-mulher, assim como a filha, numa só tarde.

Ellis — Jane não se habituara ao facto de o seu nome verdadeiro ser John e decidira chamar-lhe sempre Ellis — pôs Chantal no banco de trás e foi sentar-se ao volante, ao lado de Jane.

— Então o que achaste? — perguntou ele, enquanto partiam.

— Não me disseste que ela era bonita — respondeu Jane.

— A Petal é bonita?

— Estava a falar da Gill — explicou Jane, rindo.

— Sim, ela é bonita.

— São ótimas pessoas e não merecem estar envolvidas com alguém como tu.

Ela brincava, mas Ellis assentiu com uma expressão sombria.

Jane inclinou-se e pôs a mão na sua coxa.

— Eu não estava a falar a sério.

— Mas é verdade.

Seguiram em silêncio durante algum tempo. Já tinham passado seis meses desde a fuga do Afeganistão. De vez em quando, Jane desatava a chorar, sem qualquer motivo aparente, mas já não tinha pesadelos em que disparava sobre Jean-Pierre repetidamente. Só ela e Ellis sabiam o que acontecera — Ellis até mentira aos seus superiores sobre a morte de Jean-Pierre — e Jane decidira que contaria a Chantal que o pai morrera na guerra do Afeganistão: só isso.

Em vez de voltarem logo para a cidade, Ellis seguiu por uma série de ruas secundárias e estacionou junto a um terreno baldio, à beira da água.

— O que viemos aqui fazer? — indagou Jane. — Curtir?

— Se quiseres, mas quero falar contigo.

— Muito bem.

— Foi um ótimo dia.

— Sim.

— A Petal esteve mais descontraída comigo hoje do que em qualquer outra ocasião anterior.

— Porquê?

— Tenho uma teoria. Foi por tua causa e da Chantal. Agora que faço parte de uma família, já não represento uma ameaça para o seu lar e para a sua estabilidade. Acho que é isso, pelo menos.

— Creio que faz sentido. É sobre isso que querias falar?

— Não. — Ellis hesitou. — Vou deixar a agência.

Jane anuiu.

— Fico muito contente — declarou, com veemência. Estivera à espera de algo do género. Ellis andava a saldar as suas contas e dívidas.

— A missão afegã encontra-se praticamente concluída — continuou ele.

— O programa de treino do Masud está em andamento e já receberam a primeira remessa. Ele está tão forte que até já negociou uma trégua de inverno com os russos.

— Isso é ótimo. Sou a favor de qualquer coisa que leve a um cessar-fogo.

— Quando eu estava em Washington e tu em Londres, ofereceram-me outro cargo. É uma coisa que quero fazer e ainda por cima pagam bem.

— O que é?

— Trabalhar numa nova força de intervenção, presidencial, contra o crime organizado.

Jane sentiu uma pontada de medo no coração.

— É perigoso?

— Não para mim. Estou demasiado velho para trabalhar como infiltrado. O meu trabalho será orientar os agentes.

Jane percebeu que ele não estava a ser absolutamente sincero.

— Conta-me a verdade, seu desgraçado.

— Bom, é muito menos perigoso do que o trabalho que eu estava a fazer, mas não é tão seguro como ser professor num jardim de infância.

Ela sorriu. Sabia para onde a conversa estava a ir e isso deixava-a feliz.

— E também ficarei aqui em Nova Iorque.

Aquilo apanhou-a de surpresa.

— A sério?

— Porque estás tão espantada?

— Porque me candidatei a um emprego na ONU. Aqui em Nova Iorque.

— Não me disseste que ias fazer isso! — protestou Ellis, parecendo magoado.

— E tu não me falaste dos *teus* planos — declarou ela, indignada.

— Estou a falar agora.

— E eu estou a falar agora.

— Mas... ter-me-ias deixado?

— Porque temos de viver onde tu trabalhas? Porque não podemos viver onde eu trabalho?

— No mês em que estivemos separados, esqueci-me completamente de como és sensível.

— Tens razão.

Houve um instante de silêncio.

— Seja como for, vamos os dois viver em Nova Iorque... — acabou Ellis por dizer.

— Poderíamos partilhar as despesas da casa?

— Acho que sim — respondeu ele, hesitante.

Jane arrependeu-se de perder a calma. Ellis não era realmente pouco atencioso, apenas tolo. Ela quase o perdera no Afeganistão e agora não conseguia manter-se zangada com ele por muito tempo, porque se lembraria sempre de como ficara assustada com a possibilidade de se separarem para sempre e de como se sentira radiante por terem permanecido juntos e sobrevivido.

— Está bem — disse ela, a voz mais suave. — Vamos partilhar as despesas da casa.

— Para ser franco... estava a pensar tornar a coisa oficial. Se quiseses. Estivera à espera daquilo.

— Oficial? — repetiu, como se não entendesse.

— Isso mesmo — balbuciou ele, contrafeito. — Pensei que podíamos casar-nos. Se quiseses.

Jane riu de satisfação.

— Faz isso como deve ser, Ellis! Pede-me em casamento!

Ele pegou-lhe na mão.

— Jane, minha querida, amo-te. Queres casar-te comigo?

— Quero! Quero! O mais depressa possível! Amanhã! Hoje!

— Obrigado.

Ela inclinou-se e beijou-o.

— Também te amo.



Ficaram sentados em silêncio, de mãos dadas, a ver o pôr do Sol. Era estranho, pensou Jane, mas o Afeganistão parecia irreal agora, como um pesadelo, nítido, porém já não assustador. Lembrava-se bem das pessoas — Abdullah, o mulá, Rabia, a parteira, o belo Mohammed, a sensual Zahara e a leal Fara —, mas as bombas e os helicópteros, o medo e o sofrimento estavam a desvanecer-se na sua memória. Sentia que aquela era a verdadeira aventura: casar-se e criar Chantal, tornar o mundo um lugar melhor para a filha viver.

— Vamos embora? — disse Ellis.

— Vamos. — Jane apertou-lhe a mão mais uma vez e depois soltou-a.

— Temos muito que fazer.

Ele ligou a ignição do carro e seguiu para a cidade.

# BIBLIOGRAFIA

Os livros a seguir mencionados são sobre o Afeganistão e foram escritos por autores que visitaram o país após a invasão soviética em 1979: CHALIAND, Gerard, *Report from Afghanistan*, Nova Iorque, Penguin, 1982.

FULLERTON, John, *The Soviet Occupation of Afghanistan*, Londres, Methuen, 1984.

GALL, Sandy, *Behind Russian Lines*, Londres, Sidgwick & Jackson, 1983.

MARTIN, Mike, *Afghanistan: Inside a Rebel Stronghold*, Poole, Blandford Press, 1984.

RYAN, Nigel, *A Hitch or Two in Afghanistan*, Londres, Weidenfeld & Nicolson, 1983.

VAN DYK, Jere, *In Afghanistan*, Nova Iorque, Coward-McCann, 1983.

O livro de referência sobre o Afeganistão é: DUPREE, Louis, *Afghanistan*, Princeton, Princeton University Press, 1980.

Sobre as mulheres e crianças, recomendo as seguintes obras: BAILLEAU LAJOINIE, Simone, *Conditions de Femmes en Afghanistan*, Paris, Editions Sociales, 1980.

HUNTE, Pamela Anne, *The Sociocultural Context of Perinatality in Afghanistan*, Ann Arbor, University Microfilms International, 1984.

VAN OUDENHOVEN, Nico J.A., *Common Afghan Street Games*, Lisse, Swets & Zeitlinger, 1979.

Um clássico de viagens sobre o vale de Panisher e o Nuristão é: NEWBY, Eric, *A Short Walk in the Hindu Kush*, Londres, Seeker & Warburg, 1958.

# Table of Contents

[FICHA TÉCNICA](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[MAPA](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[1981](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[1982](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[1983](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[BIBLIOGRAFIA](#)